

20951

Boletim da  
Comissão  
Catarinense

de

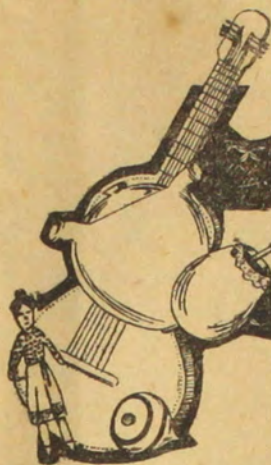
Biblioteca Pública do Estado  
Setor de Santa Catarina

f  
folclore

ANO: 1957 a 1958 - nº 23 e 24

64  
b

Clas.: —  
Reg.: 073  
Data: 11.06.96



IBECC  
COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE  
*Boletim*

Florianópolis — Sta. Catarina — Brasil

Direção: Walter F. Piazza

Ano VIII

Janeiro, 1957/Janeiro 1958

N. 23/24

## ÍNDICE

	Páginas
Editorial .....	3
<b>NOSSO FOLCLORE</b>	
Da cebola e do alho, Carlos da Costa Pereira .....	4
Circos de cavalinhos, O. Silveira .....	10
Notas folclóricas, Carlos George du Pasquier .....	13
<b>FOLCLORE NACIONAL</b>	
Gestos, Victor B. Caminha .....	26
Poesia popular e tradicional americana, S. Suannes .....	32
Tipos populares de Alagoas, Felix Lima Júnior .....	37
O sal no populário gaúcho, Walter Spalding .....	60
<b>FOLCLORE DE OUTRAS TERRAS</b>	
Zembas e Quicumbi, Oscar Ribas .....	73
Folklore minuano, Paulo de Carvalho Neto .....	78
NOTICIÁRIO .....	130
O QUE DIZEM DE NÓS .....	160

1850

1850

1850

1850

1850

1850

1850

1850

1850

1850

\* \* Após a publicação do nosso último número foram tantas as manifestações de encorajamento recebidas, que muito contribuíram para o revigoração da nossa ação.

Assim, prosseguindo em nossa trajetória damos aos que nos têm honrado com a solidariedade, mais este número, dedicado à memória de um diligente e ilustre colaborador: MANOEL DA SILVA GREAVES, beletrista açoreano, que nos honrou com a sua colaboração e amizade.

Entretanto, as dificuldades para a execução deste Boletim têm crescido, dia a dia.

Não nos tem faltado o apóio moral de alguns amigos, quer do País, quer do Estrangeiro.

Mas, devemos deixar claro e bem patente que a Comissão Nacional de Folclore, afora o apóio moral e o incentivo que, telegraficamente, nos envia após a publicação de cada número, nada mais nos tem facultado, quer para a execução deste Boletim, quer para as necessárias pesquisas no nosso Estado.

Desta forma, esperando que Deus ilumine os mentores da Comissão Nacional de Folclore, colocamo-nos, onde sempre estivemos — neste baluarte —, lutando pela melhor divulgação do folclore catarinense.

WALTER F. PIAZZA  
Diretor



## Da cebola e do alho

Carlos da Costa Pereira

Originária do Paquistão, conforme uns, ou da vasta região situada entre a Palestina e a Índia, segundo outros, era a cebola cultivada pelos egípcios desde épocas remotas, tendo sido encontrados em seus antigos monumentos desenhos da planta cujos bolbos o povo da terra dos faraós tanto apreciava. A Bíblia faz-lhe alusão, concluindo-se que os hebreus, durante o seu cativeiro no Egito, também não a dispensavam em seus repastos, a ponto de suspirarem por ela na longa caminhada em busca da Terra da Promissão.

Ao parecer de João Ribeiro (1), o provérbio — voltar às antigas cebolas do Egito, é a forma que tomara a verdadeira expressão — voltar à carne ou à panela (ôlha) do Egito, isto é, retornar à vida regalada, como era desejo dos hebreus já afadigados de andarem pelo deserto sem terem o que comer, murmurando contra Moisés, como vem no Êxodo, XVI, 3: “Provera a Deus que nós fôssemos mortos no Egito pela mão do Senhor, quando lá estávamos assentados junto às panelas das carnes e comíamos pão com fartura.” — “Ou — diz o citado autor — conforme o texto: *super OLLAS carnium et comedebamus panem (in saturitate)*”. E continuando a explicação: “Tinham pois saudades da ôlha do Egito. E ôlha é panela e cozido de carne e hortaliça”. Vai João Ribeiro buscar argumento em apóio de sua conjectura na variante espanhola encontrada em Cervantes, no *Dom Quixote*: *bolver a las ollas de Egito*. Em conclusão: “de ôlhas fizeram cebolas”. E como adinículo, cita este passo do jesuíta Alexandre de Gusmão, em seu romance *Predestinado Peregrino*: “Ó se gostásseis o mel e manteiga desta terra da Promissão, como vos enfatiaram as cebolas e alhos do Egito!”

(1) Frases feitas, 2ª e última série, Rio, 1909, ps. 133-134.

Mas existe no quarto livro do Pentateuco outra versão dos reclamos que os israelitas dirigiram a Moisés. Acha-se ela nos Números, XI, 5, com a diferença de que no Êxodo os hebreus, famintos, se lembravam das panelas das carnes a cujo redor se assentavam na terra do cativo, tendo, então, o Senhor feito chover maná. E no livro agora citado, os israelitas, enfiados de tanto maná, recordavam-se do peixe que comiam no Egito, gratuitamente, e acudiam-lhes à memória os pepinos, os porros, as cebolas e os alhos: "... in mentem nobis veniunt cucumeres, et pepones, porrique, et cepe et allia."

Parece que aí se inspirou o jesuita na passagem citada pelo autor de Frases feitas. E de como também o provérbio português teve a sua origem nesse versículo dos Números, onde vem narrado que o clamor dos israelitas ocorrera depois que eles se vinham alimentando de maná, encontra-se a prova neste passo de Manoel Bernardes (2): "Quem tem os olhos em Sião, pátria sua, junto aos rios de Babilônia faz dos seus olhos rios; quem se não lembra de Sião, como há-de chorar em Babilônia? E, se tem o sentido vivo para as cebolas do Egito, como o não terá bôto para o maná do deserto?"

A mesma origem prende-se a locução francesa — *regretter les oignons d'Egypte*, equivalente à variante em nossa língua — chorar pelas cebolas do Egito, tendo uma e outra o mesmo significado, isto é, sentir saudades do passado, a despeito de não haver sido este muito feliz.

Tem a expressão um sentido irônico, desde que por muito pouco preferissem os israelitas a escravidão à liberdade. Devemos, entretanto, levar em conta que a cebola, como o pepino, o porro e o alho, para egípcios e judeus, tinha a mesma importância da carne e do pão.

Conta Heródoto em suas Histórias (3), referindo-se à construção da pirâmide de Quéope, que nela se encontravam anotados os gastos feitos na alimentação dos operários, com rãbanos, cebolas e alhos, atinando eles a soma de 1.600 talentos. Acrescenta o Pai da História que, a ser assim, a quanto não teriam chegado as despesas com ferramentas para o trabalho, e outros víveres e roupas para os mesmos obreiros.

Os egípcios não só apreciavam enormemente a cebola e o alho como os consideravam coisa sagrada, segundo se deduz do que diz Juvenal, quando profliga as superstições (4).

Os romanos também cultivavam a cebola e os seus soldados consumiam-na em grande quantidade, a fim de adquirirem vigor e coragem.

Tinha ela em latim a denominação de *cepa*. E pertencendo a uma subfamília das Liliáceas — as Alióideas, que têm como tipo o alho (*Allium sativum*) — recebeu em botânica o nome científico de *Allium cepa*. A outra alióidea, a ascalônia ou cebola de Ascalão (*Allium ascalonicum*), os romanos deram a designação de *cepulla*, diminutivo de *cepa*, e daí *cipolla*, *ciboule*, *cebolla* e *cebola*, em italiano, francês, espanhol e português, respectivamente, com a diferença, porém, de que em francês *ciboule* é o designativo do *Allium fistulosum* dos botânicos, conhecido entre nós por *cebola de todo ano* ou *cebolinha* (5).

De *cepa* originaram-se o adj. *cepáceo*, que tem a forma de *cebola*, que cheira a *cebola*, e o subst. *cipolino*, através do it. *cipollino*, "már-

(2) Nova Floresta, Pôrto, 1949, vol. I, p. 24.

(3) Histórias, livro 2o, CXXV.

(4) Sátiras, XV.

(5) A cebola comum tem em francês o nome de *oignon*, forma divergente de *union* (união), pois o bolbo dessa planta, ao contrário do alho, "n'a qu'une gousse" (Cledat).

more cujos veios lembram as fôlhas de cebola”, conforme nos explica o p. Augusto Magne (6).

O termo *cebola* entrou na formação de nomes de diversas plantas da nossa flora (*cebola-cecém*, *cebola-grande-da-mata*, *cebola-brava*, etc.), e deu, em português, origem a outras palavras (*cebolada*, *cebolal*, *cebolão*, *ceboleira*, *ceboleiro*, *cebolinha*, *cebolinho*, *cebolo*, etc.). Dão-se também os nomes de *cebola* e *cebolão* ao relógio de algibeira, grande e ordinário, e empregam-se na linguagem popular os termos *cebolos* e *cebolório*, como interjeições, exprimindo desprezo ou descontentamento, equivalentes a — ora bolas! ora pilulas! *Cebolão* é ainda a designação da “árvore-padrão de terras próprias para a cultura do café”.

Diz-se de quem usa muita roupa que se parece com uma *cebola*, em alusão às pelúcias e às camadas que envolvem e de que se compõe o bulbo dessa liliácea, e dá-se o designativo de *cebola* à “pessoa muito fraca, indolente, fatigada”, e ao “cavalo mole, que não é sensível à espora”.

*Cebola* é o nome de uma serra no Estado de Minas e *Cebolas* era ou ainda é topônimo existente no município da Paraíba do Sul, Estado do Rio.

Finalmente, tem a designação de *cebola* o bolbo de plantas como a *dália*, a *tulipa*, etc.

*Esperar pelas cebolas do Egipto*, é outra variante das expressões citadas de início, esta com o sentido de contar alguém com coisa imaginária ou impossível de obter-se, e à falta de *capão*, *cebola* e *pão*, é um provérbio português correspondente ao conhecido e muito empregado — “quem não tem cão, caça com gato”.

Registra Leite de Vasconcelos, em *Tradições Populares de Portugal*, a seguinte adivinha referente à *cebola*:

Chapéu sôbre chapéu,  
Chapéu do mais fino pano;  
Não adivinhas êste ano,  
Nem p'ra o outro que vier,  
Se não se t'o eu disser,

Existem no Brasil diversas variantes, inclusive esta, citada por José Maria de Melo, em *Enigmas Populares*:

Capinha sôbre capinha,  
Capinhas do mesmo pano;  
Se tu não adivinhar  
Não acertas nem pro ano.

## II

Quanto ao *alho*, foi êle encontrado em estado selvagem no deserto do Kirghistão, na Ásia Central, e desde muito cedo foi cultivado por antigos habitantes de outras regiões. Os povos do norte da Europa detestavam-no, ao passo que os do sul o consideravam delicioso condimento.

Os lutadores gregos costumavam comer *alho*, a fim de adquirirem valor combativo.

Houve tempo em Roma em que o *alho* passara a simbolizar a vida militar. Nero, em determinados dias do ano, só se alimentava de *alho*

(6) Dic. Etim. da Língua Latina, Rio, vol. III, v. cepa.

porro, certamente para adquirir boa voz, pois atribuíam tal propriedade ao bolbo dessa planta, e Vespasiano preferia que certo cortezão, em vez de recender a perfume, cheirasse a alho (7).

Por outro lado, na mesma Roma, quem houvesse comido alho não podia entrar no templo de Cibele, e em Castela, o rei Afonso, fundador de uma ordem de cavalaria, estabeleceu que os seus membros ficavam proibidos de comer alho e cebola, sob pena de serem afastados da côrte pelo espaço de trinta dias.

Horácio, porque, segundo se presume (8), apanhara violentíssima indigestão, após haver tomado parte, em casa de Mecenas, num festim cujas iguarias se achavam excessivamente temperadas com alho, — escreveu e dedicou ao seu amigo e protetor o *Epodo III*, que transcrevemos aqui na tradução de José Agostinho de Macedo (9):

Se há parricida que do pai caduco  
O sangue derramasse,  
Alhos coma sòmente, que a cicuta  
É menos venenosa.  
Ó cegadores rústicos, vós tendes  
Estômagos de ferro.  
Que veneno cruel me despedaça  
As torradas entranhas.  
Atroz peçonha, víbora cruenta  
Lançou nestes manjares  
Ou dêles foi maldita cozinheira  
A pérfida Canídia,  
Quando o belo Jasão, dos argonautas  
O condutor valente,  
Foi subjugar os indomáveis touros,  
Sob ignorado jugo,  
Medéia os membros lhe banhou com o sumo  
Dos alhos espremido  
Antes que as rédeas aos dragões sanhudos  
Batesse sôbre os ares,  
Fugindo de Corinto, com tal sumo  
Os vestidos molhava  
Com que do leite seu vingava a afronta  
Na rival inocente.  
Jamais nos campos de Calábria, Sírio  
Vomitou tanto fogo,  
Jamais nas veias do valente Alcides  
De Neso as vestiduras  
Tantos accesos turbilhões lançaram

---

(7) Esse imperador muito se preocupava com o que dizia respeito às coisas relacionadas com o olfato. Em outra ocasião, admirando-se seu filho Tito houvesse sido criado um imposto sôbre as latrinas de Roma, respondeu Vespasiano estendendo-lhe uma moeda à altura do nariz: *Meu filho, o dinheiro não tem cheiro.*

(8) *Les Auteurs Latins, par une Société de Professeurs et de Latinistes — Horace, Odes et Épodes, tome deuxième — L. Hachette et Cie., Paris, 1847, p. 298, note 2.*

(9) Horácio — *Epodos*, Lisboa, 1806, in Horácio — *Obras Completas*, Edições Cultura, S. Paulo, 1941, p. 126.



De chama abrasadora,  
E se veneno tal, teu gosto prende,  
Verás, caro Mecenas,  
Como de ti fugindo a terna moça  
Teus ósculos rejeita.

É crença muito difundida na Europa e na África, e também no Brasil, de que o cheiro do alho afugenta os malefícios da bruxaria; os marinheiros gregos costumavam pendurar nos mastros de seus navios uma réstea de alho, a fim de escaparem às tempestades; e as raparigas da ilha de Lesbos, para se verem a coberto do mau olhado, suspendiam alho à janela, juntamente com outras plantas (10). Em Portugal, "o alho é cousa de feitiço", segundo se deduz de uma referência de Camilo Castelo Branco (11).

São vários os provérbios em que entra o alho: Falo em alhos, responde-me em bugalhos; alho e pimenta o fastio ausenta; em tempo nevado o alho vale um cavalo; o que mendiga tem fome e o que arrota alhos come; muitos alhos num gral se pisam mal; onde alhos há, vinho haverá; com alhos e pão vive o homem são; quem se pica, alhos come; se queres ser bom alheiro, planta os alhos em janeiro.

E entre as adivinhas, registra-se a seguinte:

Não come mas tem dente,  
Tem barba e não é gente,

ou a variante:

Tem dente mas não come,  
Tem barba mas não é homem.

Existem na Espanha e na França adivinhas mais ou menos idênticas a essa variante, e quanto ao que respeita aos países hispano-americanos, Cecília Meireles cita a seguinte colhida por B. Martinez, na República Argentina (12):

Tengo cabeza redonda,  
Sin nariz, ojos ni frente,  
Y me cuerpo se compone  
Tan solo de blancos dientes.

Segundo João Ribeiro (13), "o alho é símbolo de ironia e desdém". E acrescenta: "Alhos e bugalhos são cousas de nonada. Em outro tempo na Itália, nas corridas que se faziam por desporto, cabiam aos vencedores dous prêmios o pallio e a leitoa (unam porchettam), o que chegava por último ganhava um alho e assim é que Bartolomeu Veratti explica a ironia que se apegou à palavra e que se traduz em várias locuções."

Mas devemos acrescentar que o alho também significa vivacidade, esperteza, como se vê desta passagem de Camilo Castelo Branco (14): "Cresceu (Manuelzinho), desenvolveu-se, e encantou seus pais com

(10) Luís da Câmara Cascudo, Dicionário de Folclore Brasileiro, Rio, 1954, v. alho.

(11) Anátema, Lisboa, 8ª ed., p. 13.

(12) Apud José Maria de Melo, Enigmas populares, Rio, 1950, p. 44.

(13) Frases feitas, 1ª. série, Rio, 1908, p. 53.

(14) Op cit, p. 13

a viveza prematura. Era esperto como um alho — dizia a criada da cozinha, a boa Micaela, muito contra o melindre de D. Custódia, que não consentia fôsse o filho das suas entranhas comparado a um alho...

Derivados do termo alho existem os seguintes vocábulos: alhada, quantidade de alho, e também guisado preparado com muito alho; alhal, plantio de alho; alhas, adj., fôlhas alhas, fôlhas sêcas de alho; alheira, planta cujo cheiro se assemelha ao do alho, e também chouriço temperado com muito alho; alheiro, o que vende e também o que planta alhos. E de formação erudita temos as palavras aliáceas ou alióidias, subfamília das liliáceas, e aliáceo, adj., próprio do alho, semelhante ao alho.

Alhada tem ainda o sentido figurado de enrêdo, embrulhada, citando o velho Moraes o exemplo extraído de *Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos: "meu pecado me meteu nesta alhada". E não indo tão longe, poderemos encontrar o mencionado termo neste passo de uma das obras de *Ciro dos Anjos* (15): "Continuei dizendo-lhe que, se me visse envolvido em semelhante alhada e quisesse sair dela, mandaria um bilhete à pequena comunicando-lhe que fôra chamado à Grécia..."

O termo alho entra na formação dos nomes compostos — vinho-d'alhos, ou vinha-d'alhos, vinha-d'alho, vinadalho, môlho para conservar carne, em que entram vinagre, alho e outros condimentos, e pau-d'alho. fitônimo também aproveitado como topônimo em Pernambuco, onde existe a cidade de Pau-d'Alhos, e no Distrito Federal e São Paulo designando um morro e dois rios. Em Portugal encontram-se os topônimos Alhos, Alhos-Vedras e Carnache-dos-Alhos, bem como Alhadas, Alhadas-de-Baixo e Alhadas-de-Cima.

---

(15) O Amanuense Belmiro, Belo Horizonte, 1937, p. 204.

# Circos de cavalinhos

O. Silveira

Dos circos de cavalinhos ou de bulantins, dos sempre lembrados tempos da nossa quadra infantil, um personagem, por sinal, muito popular e admirado, e porque não dizer, querido mesmo, ficou indelevelmente gravado no fundo do nosso coração e dele, francamente, temos saudades.

Referimo-nos ao palhaço.

Aquela figura burlesca de cara pintada que à tarde, montado a cavalo, andava pelas ruas anunciando o espetáculo e à noite, no picadeiro, nos fazia rir à vontade com seus ditos e momices.

Em dias de função, ao cair da tarde, trajando espalhafatosa indumentaria e cavalgando às avessas, isto é, de costas voltadas para a frente da montaria, saía o palhaço para cumprir sua missão.

Como por encanto, de todos os lados surgiam crianças e às vezes, taludos mesmos, que a cada instante engrossavam o barulhento e heterogêneo cortejo.

O préstito bufo, cada vez mais numeroso, percorria quasi toda a cidade, alertando e animando-a para a função.

Umaz vezes cantando, outras não, ao que a turma em coro respondia, o palhaço ia fazendo o seu anúncio.

São do nosso tempo, o que vamos recordar.

- Hoje tem espetáculo? Tem sim senhor.
- Às oito horas da noite? É sim senhor.
- Hoje tem marmelada? Tem sim senhor.
- Hoje tem goiabada? Tem sim senhor.
- É de noite e de dia? É sim senhor.
- Aproveita moçada Dez tostões não é nada.
- Sentadinho na bancada Para ver a namorada.
- O palhaço o que é? É ladrão de mulher.
- E a moça na janela? Tem cara de panela.
- E a negra no portão? Tem cara de tição.
- A criança que chora? Quer mamar.
- E a moça que namora? Quer casar.
- Hoje tem forrobodó? Tem sim senhor.
- É na casa da tua avó? É sim senhor.
- Hoje tem arrelia? Tem sim senhor.
- É na casa da tua tia? É sim senhor.
- É de perna de pau? É de blau-blau-blau.
- O batuque na cosinha A sinhá não quer.
- E por causa do batuque? Eu queimei meu pé.
- (cantando) — Papai, mamãe venham ver titia Tomando banho de agua fria.
- " — Papai, mamãe venham ver vovó Tomando banho de água só.
- " — Papai, mamãe venham ver Loló Tomando vinho com pão de ló
- " — O raio do sol suspende a lua Por causa do palhaço que saiu à rua.
- " — O sino da matriz já bateu seis horas Coitado do palhaço que já vai embora.
- Viva a rapaziada sem ceroulas Vivaaaaaaa.....

Quando regressavam, nos fundos do circo havia um "peludo", assim crismados pelo vulgo, os empregados, o qual era encarregado de marcar os acompanhantes do palhaço.

Consistia esta marcação, em fazer na testa de cada, determinado sinal com tinta preta ou branca. Servia esta marca. para à noite, dar ao seu portador, livre ingresso ao espetáculo.

Radianτες voltavam todos para casa, conservando religiosamente a marquinha, bem no centro da testa. Quando tentavam apagá-la ou o faziam, era motivo de demorado choro ou solenes taponas.

Verdadeiro ato de heroísmo praticavam os que tinham a ousadia de penetrar no recinto do circo, entrando por debaixo do pano.

Além de alta cerca de arame, tinham os penetras que enfrentar, às vezes, cachorros e quasi sempre, as alentadas varadas dos encarregados da vigilância externa.

Inesquecíveis tempos aqueles, em que crendice generalizada entre o povo era, que a chegada do circo de bulantins, representava sinal certo de mau tempo e chuvas...

São Francisco do Sul. julho de 1956.

# Notas folclóricas sôbre o Município de Biguaçu

CARLOS GEORGE DU PASQUIER

## I N T R O D U Ç Ã O

No tempo em que o rio Biguaçu era um grande rio, no tempo em que os **biguás-açús** que lhe deram o nome enegreciam-lhe as margens por densas florestas cobertas, quando as lanchas e lanchões navegavam desde a sua foz até as proximidades de sua nascente, no tempo em que os costumes da sociedade eram patriarcais e as ordens do velho pai eram acatadas com o mais profundo respeito, naquele tempo em que o rio Biguaçu era um rio novo, as lendas que por estes sítios campeavam eram narradas não sômente nos casebres humildes, mas também nas casas grandes do senhor branco, descendente direto dos antigos açoreanos que, em épocas há muito já idas, nestas plagas iniciaram a colonização.

Mas o tempo foi passando: os dias se somaram em semanas, as semanas juntaram-se em meses, os meses se escoaram para o oceano do passado, e, em sua marcha inexorável, os costumes se modernizaram e o rio envelheceu; há muito que os biguás bateram asas de suas margens levando consigo o açú tupí guarani do agora velho rio Biguaçu.

Procurando fugir à sanha sem freio dos caçadores, foram-se as aves, foram-se os animais de pêlo, refugiaram-se no mais profundo das matas.

Tangidas pelo inclemente agulhão da civilização, as lendas, imitando o seu exemplo, também se foram, seguidas por suas personagens principais: seguidas por um “boitatá” substituído pela luz das lanternas de pilha; em suas pegadas trota um lobisomem com os olhos ofuscados pelo clarão das lâmpadas elétricas, com uma pata estropiada pela pedrada de algum moleque que tem visto outras espécies de lobisomens com muito mais “it” do que o nosso “pelo duro” nacional, lobisomens românticos que dão — beijos adocicados em vez de rasgarem com os dentes aguçados saias de baeta vermelha, lobisomens que somente se desencantam quando uma bala de prata — se não é de prata não vale — lhes fura o delicado pêlo de “argentée”, enfim lobisomens “made in Hollywood”.

Acompanhando-as seguem também as singelas modinhas de antanho, substituídas pelos gritos alucinados de uma cantora que guincha alto a **Nêga Maluca**, em um rádio de botequim.

Das visões do além-túmulo, que tanto apreciavam fazer o “footing” da meia-noite até a hora em que o galo canta pela terceira vez, então, quase nem mais se fala, pois não se atrevem mais a cruzar os portões do Campo-Santo, com o temor de serem atropeladas por automóveis que voam a cento e vinte à hora.

As lendas sobre visões, lobisomens, boitatás e bruxas, há muito que já teriam desaparecido se não tivesse como guardiães de sua existência, a tradição, a superstição, o gosto pelo maravilhoso e por tudo o que é trágico, ou que tal parece sê-lo, e a distância que as separa dos centros maiores, onde a civilização quebra o seu encanto e as torna ridículas.

Mas lá, bem lá ao longe, nos morros distantes encimados por casas simples, onde a luz elétrica tem como substituta a placa de querosene e a luz bruxoleante da vela de sêbo, que criam figuras de fantasmas estranhos no teto esburacado e nas paredes cheias de frestas por onde o vento sul penetra gemendo, fazendo tiritar homens e mulheres de faces sulcadas pela charrúa da miséria e crianças com pernas de aranha, amarelas e barrigudinhas, com os olhos sempre desmesuradamente abertos, com a eterna expressão de quem nunca encheu suficientemente o estômago; casinhas pobres que têm como únicos enfeites nas paredes de tábuas carunchosas, a imagem de um santo comprado no gringo da cidade, pintado sem dúvida por um pintor modernista sem o saber, servindo ao mesmo tempo de adorno e de fraca escora contra os vendavais, e um canarinho da telha, que dobra para afugentar a tristeza, prisioneiro perpétuo numa pequena cela de taquarí...

... É lá, bem lá onde o horizonte encontra os morros coroados de nuvenzinhas brancas e “sempre à tarde depois que o sol se esconde e da noite se ouve o triste lamento”, quando o silêncio só é cortado pelo pio lúgubre do corujão ou pelo uivar triste e desesperançado de um cãozinho cujas vértebras teimam insistentemente em furar-lhe o couro, dando-lhe ao tórax um formato de colete elegante; quando êstes dois gritos muita vez são os únicos sons discordantes no monótono concerto dos sapos; lá onde uma cruz singela assinala o local onde um valente foi morto à falsa fé, onde o pequeno cemitério é tão sossegado “que a gente até é capaz de se enamorar da morte, se for

enterrado em lugar tão suave", é lá, sim, quando as vozes da noite se fundem em um único som melancólico, que as aparições deixam suas furnas sombrias e vão fazer sua secular ronda noturna.

## PRIMEIRA PARTE

### LENDAS E SUPERSTIÇÕES

Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha a tua vã filosofia.

Shakespeare.

### V I S Ã O

Na antiga estrada de Guiomar, existe uma cruz que assinala o local onde jazem os sonhos e as ambições de moço que, em tempos há muito já passados, fôra muito rico, proprietario de escravos e de engenhos, de paióis abarrotados de cereais, de pastagens tão grandes que a vista não alcançava o fim, cheias de uma gadaria de boa qualidade, gorda e luzidia que pastava indolentemente, lançando, de quando em quando, um olhar de severa censura à terneirada nova que, retouçava nas manhãs de primavera.

Ela recorda a história dêsse moço muito rico e muito valente, mas tão sovina, tão sovina que nunca sua mão avara tocou na guaiaca de couro lavrado para dar um único vintém de cobre a um mísero faminto, nunca abriu sua burra de ferro, prenhe de onças de ouro velho, para socorrer a um vizinho sitiante em necessidade. E não havia, dentre seus inúmeros escravos, desde o mais moço até o mais velho, quem não tivesse experimentado, nas costas encurvadas pelo trabalho de sol a sol, a água de sal sôbre as chagas abertas pela "çoiteira" terminada em três pelotas de chumbo graúdo.

Mas o espirito maligno parecia dar ajuda a êste moço muito rico e muito valente, mas muito mau e muito sovina, pois quando Deus Nosso Senhor, para castigar os pecados do povo, lá do céu não mandava chuva, e a sêca, ajudada pelo fôgo que os "amarelos" faziam para se divertir, ia tudo destruindo; quando por falta d'água o gado ia morrendo mirrado, consumido pela febre aftosa que lhe rachava os cascos, fazendo pender da bôca semi-cerrada, por onde a baba sanguinolenta escorria sem cessar, a língua inchada e cheia de feridas; quando a geada branqueava nas plantações de cana e de banana, deixando tudo queimado, esturricado, e a fome se fazia sentir com tôda a sua crueldade; nas terras do moço fazendeiro os únicos entes que mostravam sinais de penúria em meio das lavouras que cresciam como nunca e em meio do gado que cada vez ficava mais lindo, eram os escravos velhos que não podiam mais trabalhar no pesado e por isto pouco ou nada lhes era dado para comer.

Foi por isto que o povo não se admirou quando o **tinioso**, utilizando-se da faca lambedeira de um preto escravo, tirou-lhe a vida e o levou para penar em um fogo muito mais quente do que aquele que os "amarelinhos" faziam na chapada da morraria.

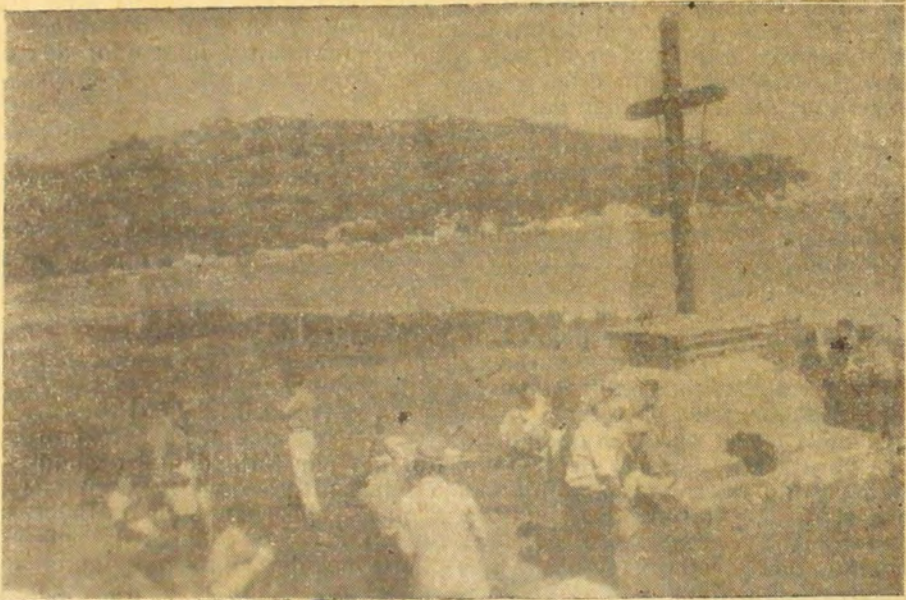
O seu corpo mutilado, que ficou sem sepultura, foi disputado e devorado pelos urubus de cabeça preta, e quando êstes, já fartos, levantaram vôo, vieram arrastando-se os tatús de rabo mole, desentocados das pedreiras, acabar com o que dêle restava, espalhando depois pelas cercanias cobertas de mato rasteiro seus ossos que branqueavam, de tôda a carne já "alimpados".



E desde aquela data, tôdas as noites, bem tarde, sem faltar uma sequer, quando uma vela ilumina alguma pobre criatura que ainda tem alguma cousa a confiar a Deus, que ainda invoca seu poderoso auxílio nalgum infortúnio, que ainda implora a paz para o angustiado coração, a alma do pobre moço rico vagueia penando no local da cruz de madeira, gemendo e implorando a Deus que faça com que alguma pessoa caridosa se apiede dêle, pois para seus sofrimentos chegarem ao fim é necessário que todos os seus ossos, espalhados pelos bichos do mato, sejam reunidos até formarem o esqueleto completo, ou então que sejam mandadas rezar tantas missas quantos são os ossos que uma criatura tem no corpo.

Mas, até hoje, êle continua penando, pois ninguém sente dó quando o escutam chorar suas maldades passadas, arrastando as esporas de prata, de grandes rosetas que tinem na quietude das noites calmas.

Ninguém se apieda da alma do moço que foi muito rico e muito valente, mas que era muito sovina e muito mau.



### DINHEIRO ENTERRADO

São comuns nas localidades mais antigas dêste município as histórias de dinheiro enterrado, as quais, embora baseadas, como tôda lenda, no sobrenatural, têm razão de ser, devido principalmente aos costumes de nossos antepassados.

Distâncias longas, estradas que eram simples picadas na mata, revoluções freqüentes, com as conhecidas consequências para os derrotados, a desconfiança inata existente no homem do interior por tudo o que não está completamente sob o domínio de seus poucos conhecimentos, faziam com que êle evitasse depositar suas economias nas casas bancárias dos centros maiores.

Arranjavam meios para esconder o dinheiro, e o processo mais em voga era o de enterrá-lo em painéis de barro ou de ferro, sítios previamente escolhidos: nas paredes e pisos das casas ou bem disfarçado no fundo falso das arcas então usadas.

Para dar trabalho até após a morte, por vingança ou impossibilidade de falar na arrancada final, iam-se desta para a dita melhor sem comunicar onde estava enterrado o rico dinheirinho.

Daí a azáfama dos herdeiros em procurá-lo.

Às vêzes era descoberto o tão cobiçado tesouro, outras não o era, embora dentro das casas dos falecidos não ficasse intacta uma mísera cadeira.

O tempo não deixava de passar por isto. As buscas, de início frenéticas iam diminuindo com o passar dêle. Entregavam-se ao ditado fatalista: "O que há de ser meu, a mim há de vir".

Vinha ou não...

Como forçosamente teria que suceder, os herdeiros não poderiam ficar para semente, se bem que o desejassem: iam reunir-se ao antepassado sovina já ido para o além.

O fato ia sendo alterado com o passar do tempo, e se tornava numa lenda de mais um tesouro enterrado, Deus sabe em que lugar.

Mas um belo dia um descendente do finado ou um estranho tem um sonho: o defunto lhe apareceu e afiançou que se êle fôsse em tal dia e em tal hora, e cavasse em tal local, encontraria a cobiçada panela cheia de onças de ouro.

Aí tem começo o martírio do desgraçado sonhador.

Tem medo de ir à noite, sabe que o dinheiro enterrado é dinheiro amaldiçoado, tem medo de comunicar o segredo a outro e ter de repartir o botim.

Debate-se entre a tentação e o medo; se o medo vence a tentação de uma fortuna fácil, espalha o sonho que teve, e a história se vê aumentada com mais êste fato: "**O finado Sebastião Olaria apareceu pru Zé Miguéli, em sonho, e disse prê êle dereitinho onde ficava o lugar do dinheiro**".

Mas se o inverso sucede, cria coragem e vai tarde da noite, temendo as assombrações e, sem querer, assombrando com seu jeito furtivo, alguém que o avista.

Chega ao local, começa a escavação, súa, e não é só do esforço gasto que súa; treme, e não é só de frio que treme, pois êle sabe que a alma do finado anda pelas proximidades rondando o local.

Quando a pá faz um ruído diferente, mas conhecido, de metal contra metal, o coração lhe bate apressado, e êle se curva para ver se é o que espera.

Desta curvatura cheia de curiosidade ansiosa, três fatos podem ter origem: surgir no lugarejo uma venda nova, bem sortida, relata o achado ao comerciante já estabelecido com quem o descobridor ingênuo e sem prática tem débito dificilmente saldável, mudar-se para um centro maior, ou o povo do lugar ficar intrigado e assombrado por um buraco que ninguém sabe quem fêz, mas que calcula ter sido a alma do defunto, que não tem descanso enquanto não fôr achado o ouro por êle enterrado, e por via das dúvidas acendem uma vela no local, pela alma do morto.

J. V. teve um sonho; nêle apareceu-lhe um compadre há muito falecido e assim falou: "Cumpadre, vai à Armação da Piedade, nas proximidades da cruz que fica diante da Igreja, debaixo de três lages, cava e encontrarás dinheiro ouro enterrado por mim".

J. V., que não é ambicioso, comunicou o fato a alguns amigos e foram, de dia mesmo.

Lá chegando, apontou o local aos outros e, com tôda a certeza, disse: "**É aqui, podem cavar**".

Cavaram, cavaram e... nada.

Já cansados, por fim, resolveram desistir.

J. V. não desanimou: "**Continuem, o espírito do cumpadre não me ia empulhar**".

Eles continuaram, mas o resultado foi o mesmo.

Desistiram de vez, convictos de que a dinheirama já havia sido por outros desenterrada...

Mas J. V. não se conformou com tal embuste.

"**Puxa!... até o cumpadre!**"

### O LOBISOMEM

Sai para cumprir sua triste sina de sempre: andar correndo, perseguido, sem encontrar descanso, tôdas as sextas-feiras à meia-noite.

Fica-se sabendo que um lobisomem anda a sôlta, pela algazarra dos cachorros que o perseguem latindo, uivando e mordendo; o gado quando sôlto nos pastos corre como louco e quando prêso se torna inquieto, inquietação que aumenta quando mais o bicho se aproxima, tornando-se tão desesperado que tenta romper a mangueira onde se acha recolhido para passar a noite.

É difícil saber-se ao certo quando se encontra um lobisomem, pois nem sempre êle toma a forma de um porco preto: dizem que a forma do primeiro animal em cuja cama ainda quente se rebola.

Alguns afirmam que para mordida de lobisomem não há cura, e na primeira sexta-feira de lua cheia, nas proximidades do anoitecer, a pessoa que foi mordida principia a mostrar-se inquieta até sair em desabalada carreira rumo ao mato onde se embrenha para tomar a forma do maldito.

Outros afiançam que basta fazer-lhe sangue para que o encantamento seja quebrado, e sôbre isto contam que há muitos anos atrás existia no Alto-Biguaçu uma família vinda da Alemanha, composta do casal, já de meia idade, e de sete filhos homens.

Mas uma paz completa não reinava naquela casa, pois para os pais não era segredo o destino maldito que pesava sôbre o caçulinha.

Certa noite estava a família reunida ao redor da mesa grande, tomando a última refeição, enquanto o pequenito no seu berço dormia.

Fatigados pelo longo dia de trabalho que haviam tido, cortando cana nas encostas dos morros, comiam calados, concentrados em si mesmos, sendo o silêncio sômente quebrado pelo ruído da mastigação e pelos longos sorvos dados no canecão de café quente.

Mas de súbito aquela calma foi interrompida pelos latidos estridentes de um pequeno cão que, como alucinado, a todos tentava morder.

A pobre mãe, que vivia obcecada por aquela idéia fixa, correu agoniada para a caminha do filho e não o encontrou.

Logo compreendeu o que se estava passando e, num gesto rápido, apanhou o cãozinho e picou-o na patinha com a ponta de um alfinete.

Algumas gotas de sangue rubro começaram a brotar, contorceu-se todo o animalzinho, ganiu alto e logo depois retornou à forma primitiva, que era a do caçula da família.

Se, para muitos, não há cura para a mordida de lobisomem, pelo menos existe um preventivo, e este é o alho.

### VERSOS

- 1  
O povo do lugá  
por valente cunhecido,  
tem medo que se pela  
do bicho descunhecido.
- 2  
É sempre ao meio dia  
que falam no danado;  
quando anoitecer principia  
fica tudo bem calado.
- 3  
Pois não é brincadeira  
encontrar um lobisome,  
o bicho que morde gente  
e inté criança come.
- 4  
O bicho se despenca  
do alto da morraria  
perseguido pelos cachorros  
em terrível gritaria.
- 5  
Correndo como doido,  
se cortando nos espinho,  
êle não respeita nada  
que encontra no caminho.
- 6  
Na sua triste sina  
do correr a noite inteira,  
Deus livre quem o encontra  
numa escura sexta-feira.
- 7  
Mordido vira logo  
lobisomem também  
e na outra sexta-feira  
é um outro que o mundo tem.

### AS BRUXAS

Quando o amigo, no sossego de sua casa, acontecer ser despertado altas horas da noite pelo bufar assustado dos cavalos no pasto, e quando ouvir, após os bufidos e os corcovos vão para alijar algum cavaleiro de cima do lombo, a galopada bem conhecida do cavalo que encontrou um domador de fibra, do cavalo que não se pôde livrar da carga incômoda; quando você de manhãzinha encontrá-los cansados e abatidos, com as crinas cheias de trancinhas e pelo encrespado ao suor que já secou, com a tábua do pescoço tôda manchada de sangue ressequido; você poderá pensar que foram os morcegos que deles judiaram durante a noite, mas é engano: não foram êles, foram as bruxas feiticeiras que lhes sugaram o sangue e os deixaram estafados de tanto cavalgar.

Muita cousa pior elas faziam no tempo em que as fechaduras das casas eram enormes, iguais às da velha Igreja de São Miguel, com um buraco tão grande que sômente uma chave que se assemelhe à usada pelo Porteiro do Céu servia para abrí-las. Naquele tempo elas tomavam a forma de uma mariposa preta e entravam pelo buraco das fechaduras.

Entravam nas casas grandes do senhor rico e nos casebres dos pobres pescadores, para sugar o sangue das criancinhas que dormiam seus sonos de anjinhos ainda limpos de pecado.

Os infelizes pais amedrontados com a morte horrorosa que tôdas as noites rondava a bêrço de seus filhinhos, armavam arapucas com balaios de meio alqueire e para engôdo, dentro, punham sangue fresco de cabrito novo.

E muitas e muitas vezes, pela manhã, moças lindas que eram um encanto, nuazinhas em pêlo, chorando que fazia dó, foram encontradas debaixo da arapuça, já desencantadas, já livres da sina maldita.

Mas o tempo passou, nas fechaduras de hoje em dia nem pernilongo entra, a maioria do povo desconhece que bruxa só se agarra com balaies de meio alqueire, e por isto nunca mais nenhuma delas foi presa...

### BOITATÁ

Noite parada, calma e quieta, com estrêlas de brilho fixo em um céu sem um farrapo de nuvem, relâmpagos de calmaria ao longe.

É nestas noites, nas proximidades das vinte e quatro horas, que se vê o BOITATÁ, por vezes parado, bem quieto, outras vezes voando sem descaño pelo alto dos morros.

Assemelha-se a uma ave, o corpo é todo de fogo e quando vóa deixa cair de sob as azas fagulhas incandescentes.

Dizem que é gerado pelo amor pecaminoso de dois compadres, que depois da morte têm esta sina.

Onde pousa mais frequentemente existe um tesouro enterrado, de quem êle é o guardião, mas não é possível verificar, pois a pessoa que tenta dêle se aproximar é logo perseguida pelo mesmo, que se precipita do alto morro onde está pousado e só abandona o seu provocador quando o vê desacordado.

### SÉXTA-FEIRA SANTA

Tôdas as sextas-feiras santas, à meia noite, a longa procissão das almas sai do cemitério e entra na velha Igreja de São Miguel que lhe fica ao lado.

A quem tem coragem pode se aproximar, um dos acompanhantes dará uma comprida vela.

No dia seguinte o participante da sinistra procissão verá que é uma canela de defunto.

Muita cousa é proibida em sexta-feira santa, e entre estas proibições está a pesca.

Muita gente nisto não crê, mas há um ambicioso descrente que certa noite de sexta-feira santa foi tarrafiar no rio Biguaçu, sucedeu o seguinte fato:

Atirou a tarrafa e começou a puxar.

Foi puxando, o pêso era grande, uma pesca gorda êle já antecipava.

Fazendo um grande esforço pôs a tarrafa dentro da bateira, abriu-a, dentro dela não havia um só peixe, somente cabelos, dentes e ossos de defunto...

### OS DIABINHOS

Antigamente, quando a sede dêste município se achava instalada na vila de São Miguel, era para ela que tôda a população do interior afluía para assistir aos ofícios divinos, resolver suas querelas, fazer compras e procurar naquela vila, então relativamente desenvolvida, com os charlatães e farmacêuticos práticos, cura para seus males.

E foi para procurar alívio para sua família, que se achava atacada por u'a "malina" braba, que aquele morador do Alto dos Três Riachos de lá se botou rumo à vila de São Miguel.

Seu cavalo, um pobre changueiro esquelético, a custo vencia a estrada empoeirada.

Ao passar por perto de um marmeleiro, o ginete se deteve. O viajor estendeu o braço e quebrou uma vara fina e flexível que desempenharia a contento o papel de açoite.

Fustigado com força, o rocim sacudiu a cabeça, balançou a cola em sinal de protesto, trocando o passo descançado em que vinha por um trotão sacolejado, até se imobilizar diante do palanque da botica, e ficar quieto, semi-adormecido, beijo pendente, sem se importar com as moscas e mosquitos que, em enxames, passeavam e lhe alfinetavam a quase carcaça.

Conseguida a tisana, seu dono rumou à próxima venda, para escutar as últimas novidades, ouvir as misérias alheias, contar as próprias e tomar um "mata-bicho".

Ao primeiro cálice fêz uma careta de repugnância, sentiu uma dorzinha no fundo do "estamo" e depois um calorzinho gostoso.

Seguiram-se outros que lhe anestesiaram os músculos, fizeram com que se sentisse otimista, rico e ágil; as dificuldades foram pouco a pouco desaparecendo, como também desaparecendo foi a luz do dia.

Despertado de seus devaneios, reparou que já se fazia tarde, montou no cavalo que, pressentindo que voltava à querência, partiu de boa vontade, com a fresquinha do anoitecer.

Assim se foi solitário pela estrada afora.

Já ia bem distante, quando ao passar por debaixo de uma copada figueira sentiu que sua montaria sucumbia sob um pêso que ultrapassava de muito suas poucas forças.

Fustigou-a com raiva, bem na verilha, mas o animal não erguia os quartos trazeiros. Olhou para trás, pois parecia-lhe que algo estava montado em sua garupa; horrorizado viu um negrinho nú, tendo como único adorno uma carapuça vermelha no alto da cabeça.

Cheio de pavor, ensurdecido pelas gargalhadas estridentes de centenas de diabinhos, semelhantes ao da garupa, a fazer-lhe caretas e a atirar-lhe galhos secos, criou novas forças, açoitou o cavalo e o pretinho, que lépido saltava gargalhando e esquivando-se de suas varadas, até que o animal se ergueu a custo e saiu do local enfeitado.

Mas o cavaleiro ainda ouviu, no meio da algazarra, uma voz que parecia ser a do chefe: "A tua valência foi teres quebrado a vara, houvera que a tivesse cortado, não terias saído deste lugar".

**Observação:** Nesta história, o travesso Sací, talvez por mudança de habitat perdeu o vício do cachimbo e se transformou num pequeno diabo, sem contudo perder sua inseparável carapuça vermelha e o gosto de pregar peças aos incautos viandantes.

## PAI ZÉ

Pai Zé era um preto velho, canoeiro no rio Biguaçu; por sua fama de feiticeiro passou a ser respeitado e temido em toda aquela redondeza.

Certa vez, vinha calmamente em sua canoa esguia, de tronco de ipê, quando, passando por uma mulher que na margem do rio consertava uns budiões, com sua voz de cana rachada pediu: "B'dia dona, mi dá um budiãozinho prá jantá?"

A mulher que naquela manhã estava com os "bodes", imitando-lhe a voz repetiu: "B'dia dona, mi dá um budiãozinho prá jantá?"

Pai Zé ficou fulo de raiva, e para que ela o escutasse gritou alto: "— Tu há di criá budião na barriga, sua saracura".

A mulher não gostou, dando-lhe em seguida a resposta: "— Praga de urubú não mata cavalo gordo, seu negro rampeiro.

O tempo foi passando, a mulher nem mais se recordava da praga do preto velho quando começou a sentir umas dores esquisitas, como se uma porção de lambarizinhos lhe vivessem beliscando as entranhas.

Foi-se-lhe inchando a barriga; alguns moradores do povoado diziam que era barriga d'água outros, porém, em vista do marido se achar fora de casa ha mais de um ano, já comentavam que a coitada andava pulando cêrca...

Até que, aconselhada por alguns vizinhos, foi a São Miguel consultar um afamado curandeiro que lá existia. Relatou-lhe o que sofria; o curandeiro logo descobriu a causa, acostumado como estava em desfazer "coisa feita":

" — Isto é coisa ruim que lhe fizeram dona, tá entendendo, eu lhe dou um remedinho e a senhora fica ligeirinho boa, tá entendendo? "

Dito e feito, pouco depois a pobre mulher botava uma infinidade de pequeninos peixes.

Mas Pai Zé foi abusando de seu poder. Com a idade, seu gênio foi ficando mais e mais irascível, e sua malvadez já era sem limite.

E por isto, dois rapazes "quebras" resolveram roubar-lhe a balaia do "gongá" (feitiço).

Num dia de frio que cortava, aproveitaram a ocasião em que o preto dormitava ao pé do grande fogão e lhe carregaram a balaia.

O coitado, quando despertou, ficou desesperado. Sabedor, em seguida, de quem havia feito o serviço, praguejou, excomungou, mas de nada isto lhe valeu, tinha perdido o poder.

Começou uma busca, mas os rapazes, embora assustados, sabiam que se a entregassem estariam perdidos. Ansiosos, aguardavam a volta do pai, que andava em viagem, para que êle lhes desse algum conselho para se livrarem da balaia maldita.

Chegando o pai, mandou que a enterrassem no lugar onde o primeiro cavalo baio se rebolesse.

Casualmente, naquele mesmo dia chegou um tropeiro montado em um cavalo do pêlo indicado, e depois de o desencilhar, largou-o no pasto.

O animal, antes de começar a pastar, rebolou-se. Os rapazes aproveitaram a oportunidade e se livraram da balaia amaldiçoada.

Desde aquele dia, Pai Zé não foi mais o mesmo, começou a entristecer, ficando horas e horas ao pé do fogão, empongado, sem falar com ninguém. Interrogado, respondia com uns resmungos ininteligíveis.

E naquele cantinho mesmo se finou, botando uma aguaceira branca pela bôca, tentando fazer certos sinais com os dedos que não mais lhe obedeciam.

## DESPACHOS

"Isto foi coisa feita, isto foi coisa que fizeram". É o que comumente se ouve dizer quando uma pessoa que goza perfeita saúde, vê-se de súbito atacada por ú'a malina desconhecida ou quando uma outra que vivia na abastança, o mais próximo possível da felicidade, sem doenças na família, vendo as roças vicejar, vendo o gadinho gordo, lindo, começa a dar para trás, mais e mais, até ficar de "celoras", até se tornar semelhante ao pobre Job bíblico.

Os efeitos são sentidos, mas as causas não são conhecidas.

Êste desconhecimento da origem do mal, faz com que seja despertada no sub-consciente, a superstição levemente adormecida.

Desperta de repente, com tôda a sua intensidade primitiva, obscurecendo o raciocínio do indivíduo que por vezes ainda resiste, mas já

de antemão crendo ser inútil, mais propenso ao conformismo, ao qual no fim quase sempre se entrega.

O medo supersticioso exerce um grande domínio sobre as almas simples, e os "preparadores de despachos", tendo ou não fé no que fazem, não ignoram contudo este fato, não ignoram o temor que a pessoa que se julga rodeada de amigos sentirá ao descobrir que é odiada, que no meio daqueles que a cercam, um é inimigo, um lhe deseja a morte. Mas qual dêles será?

Conhecidos, amigos e compadres, começam a ser olhados com o rabo dos olhos, com desconfiança.

Será que foi a antiga amante, abandonada com uma ninhada de filhos pequenos, ou quem sabe se não foi algum amigo, invejoso de sua situação financeira relativamente boa, ou mesmo o compadre, amarelo, sempre empalorado, que vivia "gavando" sua côr vermelha, suas roças e seu gado gordo?

Perde-se em conjecturas, enquanto o medo e o mal, correndo emparelhados, vão crescendo.

Chega, afinal, a conclusão de que mordida de cobra só se cura com o mesmo veneno.

Procura-se um curandeiro para que êle desfaça o que foi feito, e êste, muitas vezes, empregando como antídoto os mesmos processos de sugestão de seu colega desconhecido, dá-lhe novas forças, renova-lhe a confiança perdida, salva-o enfim da crise que atravessa.

#### TIPOS DE DESPACHOS

Os despachos podem ser de uso externo e de uso interno; afirmam alguns que são promessas pagas ao diabo, por favores recebidos; creio que, por via das dúvidas, são elas pagas, às vezes, antecipadamente.

Os primeiros são postos nas encruzilhadas dos caminhos e estradas, em frente das casas ou enterrados diante das soleiras das portas.

Diferem das macumbas, que também nos mesmos locais são postas, por serem de preparo simples, ao contrário das outras, que são artisticamente — para o gênero — preparadas e enfeitadas com velas e fitas.

Quando se trata de u'a macumba forte, é costume sempre ter no centro uma galinha preta morta, com penas, acompanhada por uma garrafa de bebida, e às vezes por mais de uma.

Se não fôsse pelo poder de sugestão que possui, se não fossem um produto da inveja aliada ao ódio, nenhum mal causariam.

Os segundos são postos nos poços de água em que a pessoa se serve, na alimentação, e, por vezes, nas vestimentas.

São os mais perigosos, levam à loucura e, muitas vezes a uma morte lenta, pois não há estômago que resista a uma contínua ingestão de unhas moidas, pele de cobras, cabelos, ossos moidos e areia de cemitério.

As pessoas que os enviam, crêm ingenuamente que o despacho somente fará mal àquela para a qual foi destinado, as outras podem pisá-lo, tocá-lo, ou mesmo comê-lo, que nenhum dano causará.

#### EXEMPLOS

1º

Dos antigos é bem conhecida a história de certa moça que vivia assediada pelas propostas amorosas de um rapaz.

Como sua aparência e seus hábitos depravados não a seduzissem, repelia-o sempre.



Ele insistia, mas vendo que por bons meios nada conseguia, idealizou outros.

Certa feita, em uma festa, presenteou-a com um pacote de doces.

Para não desfeiteá-lo à vista de tanta gente, ela o aceitou, mas nem sequer o tocou.

Chegando em casa, jogou-o no terreiro cheio de criação.

Uma porca foi a primeira que dele se apoderou, devorando-o de uma bocada só.

Embora não estivesse na época, poucos dias depois começou a mostrar sinais de um cio violento.

Começou a andar atrás da moça, não mais a deixava, grunhindo, batendo a queixada, perseguiu-a sempre onde quer que ela fôsse. A pobre nem mais na rua podia sair.

Sua fúria era tanta que chegou a arrombar as tábuas do quarto onde a desditosa dormia.

Para pôr cõbro a isto, tiveram que matá-la.

Contam os antigos que nos doces havia sido posto cantarida, como afrodisíaco, e se acaso a moça os houvesse comido, o mesmo iria fazer ao rapaz.

2º

Por causa de um chãozinho de casa, Zé Camilo vivia às turras com a preta Eusébia, que tinha um rancho "babema" (mambembe, quasi ruindo) em seu pasto, e que cruzava sempre por um caminho por ela já muito caminhado, desde o tempo de sua meninice, também na propriedade dele.

A preta velha perdeu a questão sem saber o que era uma questão e se viu enxotada, como buçica papa ôvo, do cantinho que a viu nascer e a viu crescer.

Jurou vingança, jurou e cumpriu.

Envenenou uma perna de grilo e pôs no caminho por onde seu desafeto sempre passava rumo à roça.

Não se sabe se por artes do "unha comprida", ou por acaso, o fato é que ele se espetou.

Dali em diante lhe apareceu uma cocceirinha no dedão do pé, que se transformou em uma feridinha menor que a cabeça de um alfinete, mais foi "guentando, guentando", até se tornar uma ferida de mau aspecto, uma ferida braba.

Principiou a doer, doer, cada vez mais, até que ele não suportava mais a dor, dava berros, urrava que nem touro na capa... Parecia a Zé Camilo que um bicho lhe fincava o esporão e lhe subia desde a ponta do dedo até a virilha.

Quando a ferida já estava à meia canéla, e a perna ia tomando uma côr arroxeadada, ele resolveu ir à freguezia de São Miguel, consultar com o curandeiro Antônio Geraldo.

Antônio Geraldo, conhecido fazedor e desfazedor de "moambas" e "mandados", disse-lhe o que devia fazer: pegar um sapo leiteiro, vivo, e colocá-lo dentro de uma panela de água fervente.

Depois que estivesse bem cozido, devia molhar a ferida com aquela água e também bebê-la.

Assim fez.

Passados três dias, já apresentava melhoras e ao cabo de um mês estava curado.

3º

O povo embaralhava o pensamento, pensando; comentava, mas nunca chegou a saber ao certo como a Fininha, tão "cheia de cousas", bo-

nita como ela só, tão prosa, que só namorava moços da cidade — diziam que certa vez, em um baile, até o Dr. Juiz de "Dereito", andara arrastando a asa para ela — de uma hora para outra começou a andar atrás do preto Nicácio, indivíduo perdido por uma cachaça. Diziam, embora ninguém pudesse afirmar, que até ladrão de galinhas ele era, "malandra", mas tão "malandra" — e isto todo o mundo sabia — que não podia ver uma enxada sem que começasse a suar, a sentir dor nas costas.

Pois parece mentira, mas foi com ele que a Fininha se emparelhou. O povo não descobriu, chegou porém à conclusão que era "cousa feita", só poderia ser isto. De fato, foi.

A história teve início quando ela, certa vez, vinha com as amiguinhas para a reza e, ao passar por perto do preto Nicácio, disse-lhe ele uma graça.

A Fininha não gostou do "ditado", com raiva chamou-o logo de "tição", e de outras cousas mais.

Aquilo caiu fundo no negro, que era de poucas falas, mas venenoso que nem esporão de bagre.

Naquele mesmo dia jurou se vingar, tirar-lhe a prôa; começou a preparar a moamba: cortou a cabeça de uma andorinha, deixou que apodrecesse e após torrou-a, socou bem até que se tornasse um pózinho, e, na primeira oportunidade que teve, ao passar pela moça, atirou-lhe o "mandado" no vestido.

Ela nem reparou, mas de alegre que era principiou a entristecer, começou a cabrestear atrás do preto, e hoje estão juntos, não havendo mais tratos que a faça deixar o Nicácio.

4º

Existe a crença de que quando uma pessoa deseja fazer mal a quem odeia, quando deseja fazê-la sofrer, expirar no meio dos mais atrozes sofrimentos, amarra pela cintura um sapo e espeta em lugares que não lhe sejam vitais, geralmente ao redor da boca ou na pele da barriga, alfinetes que o façam penar bastante, sem contudo matá-lo, deixando-o em seguida em local isolado, somente dela conhecido.

Por falta de alimentação o animal vai secando aos poucos. Quando já se encontra agonizante, põe-se-lhe na boca algumas gotas de água, isto renova-lhe um pouco a vitalidade, dá-lhe um pequeno alce, depois, com o ódio já acalmado, abandona-o à própria sorte.

Os que tal fazem, acreditam que a dor que o animal preso vai sentindo, a pessoa odiada também irá experimentando, até se finar em meio de sofrimentos semelhantes.

5º

Não há muito tempo, nos arredores desta cidade, foi colocado em um poço de água potável, um sapo amarrado pela cintura, com a boca toda espetada com alfinetes, tendo na outra extremidade da corda que o prendia, um molho de cabelos.

Contam que quando o sapo mergulhava o molho de cabelos boiava, e assim vice-versa.

A "porcaria" foi descoberta a tempo, o poço foi esvasiado e limpo, e além do medo e da conseqüente desconfiança, nada de mais veio a suceder.

A desconfiança desta vez caiu sobre uma preta, suposta preparadora do despacho, que foi metida no xadrez, castigo este que, comparado às fogueiras de antanho, é dos mais suaves.



## Gestos

(Mímica)

por Victor B. Caminha

O excelente Dicionário de Folclore do Brasil, de Câmara Cascudo, sob o verbete — Gestos — aponta no assunto autorias de estudos mormente estrangeiros, que devem conter extensão e originalidades sem conta, o que seria de difícil síntese e que nos embarça e até impede a consulta.

Entretanto, ocorre-me, em ensaio, fazer um apanhado do que, entre nós, presenciamos, mais seguidamente, como gestos, alguns com (mão fechada, mesmo em gestos transportadas também a objetos representativos), em forma de cruz, monstruosas outras, em madeira, vistas nas casas comerciais, a chamada “isola” ou “mão cornuda”, atributo de potência viril, nas referências do autor, sob o verbete “Figa”, em que aparecem alguns curiosos detalhes de bibliografia e concepções das côres propiciatórias.

Em geral, o gesto correspondente é, mais ou menos, tido como banal e para alguns é chulo, tudo dependendo, em certos casos, como e quando são empregados, admitidos este ou outros em ribalta, etc.

De bem longe, do oriente, teria vindo em épocas imemoriais, como símbolo dos cultos orgíacos (a “figa”) e passaram para os usos dos povos do Mediterrâneo.

A “banana” é sinal de desdém e não consta em dicionário lusitano e, normalmente, é “feita” em gesto do braço esquerdo em

ângulo sobre a junta do direito, fazendo-se com a mão dêste, fechada (sem ser o modo de figa), certo movimento.

Sem dúvida, o último gesto referido, seria típico do Brasil; se a musásea daqui fôsse originária mais razão haveria; contestável, no que poderia dar lugar à dúvidas, pela transmissão de usos pelos lusos, perguntamos: vindo então de onde?

O que, também, é difícil de verificar-se a comparação do fruto em cacho, que seja, com o fim em vista, a menos que apareça o fator macaco (subjetivamente), no caso. De onde nasceria, ainda, a expressão não eselarecida “armas de São Francisco”, em sinonímia? Lembra-se, também, que o gesto é denominado “adeus de mão fechada”.

Afora os lembretes do dito folclorista quanto ao cunho romano, alusivo às típicas orelhas de asno, mais ainda o que faz referências ao dedo médio e à língua de fora (êste motivo com contradição estranha e edificante no Tibé), vamos alinhar uma série de gestos que, aqui, no Brasil, têm curso, sem deduzirmos dos trâmites de uso e que não figuram em qualquer referência no monumental livro básico do esforçado potiguara, atraindo adicionais progressivos a uma objetividade brasileira, de desmedido efeito.

Na tradição, por séculos, das religiões e até mesmo nos sincretismos vigoram “sinais” (alguns gestos são litúrgicos) atribuídos aos fundadores e sacerdotes, assim, também, resumindo-se em muitos a interferência popular com irradiações: “Dominus tecum”, “Dominus vobiscum”; pelo sinal da Cruz; glória a Deus nas alturas (hosanah); de joelhos (orando); “toque maçônico”; valha-me Deus!; banzai (no Japão); beija-mão; etc.

Os gestos ou sinais têm uma tradicional compreensão para os namorados, hoje já em virtual desuso e de que se desconhece claramente as origens; podem ser acompanhados com lenços e flôres; há manuais curiosos desta natureza, cujo conteúdo pode dar lugar à considerações folclóricas.

Algumas expressões não têm identificação em gestos equivalentes ao falar, mas, sim, outros mais fáceis de representar: de pés atados, com o corpo em arco, etc; o sentido relativo pode, também, ser o dominante, como: de pernas quebradas, etc.

\*  
\* \*

Desta forma, pode-se, pois, lembrar: “da pontinha” (expressão com gesto, pegando a ponta do lóbulo da orelha direita); o levar a mão ao gogó (identificando descrédito a um locutor de bazófias e inverdades, na correlação à expressão “garganta”, para um indivíduo da espécie); o movimento do segundo e terceiro dedos da mão direita (até mesmo os canhotos talvez assim façam), denotando referência a algo de “tesoura” ou “cortar na pele de alguém” (confronte-se no que possa haver de lusitanismo ou mais longe...); o “biquinho” ou “boquinha”, como momice alusiva a beijo; a mão levada a certo ponto do lado esquerdo e com curiosa observação: “é do peito”, atinente a “de coração”; dedo levado debaixo do olho direito valendo por “tenha cuidado”, “bem, sei que...”, bater de leve na barriga do interlocutor, como quem dissesse serem os dois da mesma gamela, entendidos; a mão em “fura bolo”, prosaíco e recurso de oratória (só entre nós ou latinismo em geral?), para convencer; o movimento de como o cutelo vai e vem como quem diz: “espera, que verás!”, a mão levada aberta ao cocuruto para “estou cheio até aqui...”; o abanar para baixo uma ou duas vêzes, com a mão direita, em relação à “bah!”

ou "isto é demais..." (bem visto tal, entre os saxões); o anular e o indicador levados às narinas, como quem diz "isto é fétido" (mesmo para um motivo subjetivo).

E, continuando:

Quando a mão espalmada à frente, em nível do rosto, tem o significado de "pare!", que hoje desejaríamos tivesse efeito pelos desenhos de propaganda contra a alta de preços, já que, anteriormente, não serviu para outras paradas...

Um murro à mesa é expletivo para a irritação. Os dois punhos apertados, um sobreposto ao outro, denotando "hei de espremer o tal..."; o estalar ou fingir tal, com o polegar e o médio, acompanhando ou alusivo ao dizer "é verdade", "ocorre-me", "tenho um recurso" etc.; a mão direita retesada naturalmente e mais ou menos à frente do corpo, em movimento convulsivo para "hás de ter arrendimentos", "hei de corrigir-te" (é caso mais ou menos igual do gesto "pare!", já referido); a mão levada em dorso dos dedos aos lábios e lançada em circular, para a frente significa "babáú!" (se foi! perdemos a chance...); pegar na frente do paletó ou da camisa fechando a mão, relaciona-se a "hei de pegá-lo pela botoeira"; atravessar o lábio com o indicador, diz respeito ao "psiu!" "caluda!". E, tem mais...

Se uma pessoa fizer o gesto de degolar com a mão espalmada, significa "há de ser liquidado o caso ou a pessoa"; o indicador qual seta é, também, usado para confirmação acusativa ou diretiva; dois dedos indicadores em cruzamento, valem por "juro" ou "esconjuro!"; dedos mindinhos em posição de ganchos, ligados, são alusão a "vamos trocar de mal"; o ianquismo de fazer um "o" com os dois primeiros dedos, da direita é abreviativo de OK (de acôrdo, ótimo); o movimento como se fôsse de aparar lápis, figurando os dois dedos indicadores e que vemos, também, em cinematografia, talvez seja do U. S. A. e o significado é de rodas modernistas, como o cavalgar o indicador sôbre o anular.

Agora, vejamos alguns gestos com as pernas.

O gesto, posição de perna dobrada em forma de quatro que se propõe, a um bêbado, como mofa ao seu estado de desequilíbrio.

Mas, voltando às mãos...

O instintivo gesto da mão em afunilamento, ao ouvido, é sempre auxiliar dos de deficiência auditiva; o passar os dedos indicadores em direções opostas, debaixo do nariz, é correlativo a "ficou a ver navios" "ludibriado", "bigodeado"; o "V", da Vitória Churchill, tornou-se famoso; quanto ao designativo para auxiliar referências de coisas pequeníssimas e assáz conhecidas; o figurativo de medida para dois dedos de pinga, que muitos alteram com dois dedos afastados, para aumento, é um eufemismo, valendo por quatro dedos, da apetecida; sôbre o gesto de um poético adeus com a mão em movimento, tão sutil às vêzes, mesmo com acréscimo de lenço, é bem internacional. De muita coisa aquí não temos pontos históricos de como nasceram estas usanças:

As ocupações nos seus significados maiores de gesto, qual seja o de montaria (guiar o animal), boxear, o pescar, etc., dispensam considerações.

Ainda atinente a "pirar", safar-se, penejar (fugir) é costumeiro o gesto com a mão, como a pedir esmola, mas em movimento realmente de peneira (aí estaria a explicação dêste vocábulo?); o "acabou-se!", com mãos espalmadas em brusco movimento para os lados; "nem me incomode!", força na mímica o bater o dorso duma das mãos na

palma da outra; aludindo-se a um deficit cerebral, vem o assinalamento, mesmo sem frase, do dedo indicador (do julgador) sôbre a caraminhola, em movimentos giratórios; a contração com aproximação de palmas de mãos, às vêzes mesmo com invocações sinceras; etc., etc.

Há gestos, tiques, sinas, reflexos, etc., inumeráveis, ora difíceis no esclarecer, sendo contudo típicos, como adjutórios do falar, sejam: quebrando um ângulo; deslizar; por um óculo (hipotético); assim, assim...; descabelado; “de catrambias”; saracoteado; bojudo; enquadrando; de estalar (ou lambar os beijos; segurando êstes); no apêrto de rosca; mendigando; batendo a porta; de fio a pavio; justo no ponto; esfregando; alisando; arranhando; coiceando; com um so-cavão ou repudiando; num só conjunto; tim-tim por tim-tim; a passo (com uma ou duas mãos, à alusão); cortando pela raiz; vamos devagar; nem carne, nem peixe (o que é indeterminável); é de coçar a cabeça; é de amargar (pes. me a cabeça) enho vomitos ao lembrar; “de tapar os olhos” (com duas mãos); façamos separados; em sobreposições, tudo espalhado; estourou!; (todo quebrado; esfomeado; nesta não caio! é aceitável; dum só trago; serve!; de enfiada...; ativamente; a sono solto; façam reunidos; “na cabeça” (ou na nuca); rasgando a papelada; num rodopio; flutuando; não... não (com a direita aberta em agitação rápida); zás-trás!; em sinuosas; constrange-me (com os lábios); severidade! (sobrecenho cerrado e carranca); em picadinhos; belo! (com a direita em forma eclosiva); desabrochando; “mas... como é possível?” (cinco pontas de dedos em aproximação); dó-ré-mi-fá-sol (referido a roubo e sair de mansinho); escapuliu!; e mais:

Arrebanhou ou coletou; pé por pé (gesto com as mãos ou com o pé); caiu!; segure firme!; “e agora?”; o fazer como imitando castanholar (com dois dedos = recorde-me, chamando pensamento; e, em caso continuado, serviria para chamar um cão...); um depois do outro; “todo arreado” (aí o rosto colabora com as mãos para figurar); o que dirão?; largue isto!; segure aquilo!; elástico ou esticando; em um nó; delicioso (com dedos contraídos nos lábios); fale baixo!; “tanto se me dá!”; de meia cara; correndo ou pedalando; assuste-se!; aos boléus; todo de lado; meus senhores!...; garbosamente; caia fora!; com muito dinheiro (dois gestos usuais); espanto-me; será verdade?; fio-me; faremos o possível; vejam só! (com dedos e olhos); vamos aos poucos; flanando no auto; nada? (aquí, também, manecendo a cabeça); muito mais do que isto!; “de gatinhas” (mão em concha para baixo); de rasteira (significando: enganando, etc.); “venha a mim!”; está difícil! (com as duas mãos apertadas); “de bracos abertos”; abraçando; ninando; subserviente; nada tenho a dizer; “foi de barbada”; como poderia esperar?; muito por baixo!; bambolean-do; caindo em flocos; vai-te! (com braço direito e retorcendo o corpo); “dei uma bombada” ou um retrocesso em alguém (mão fechada, como expelindo); “de tapar a boca”: é como uma admoestação (ao que se vae dizendo, ou não se dirá, mas, há vontade ou também um espanto); o arrebitar o nariz: é uma suposição de assim o fazer, mas difícil de executar materialmente (qualificação de esnobismo).

Mais predominantes: esquartejando; rapapé; ademanes; ameaçando; índices cruzados aos lábios; cumprimentando (como tirando o chapéu); júbilo de riso (rasgado); escárneo; chamada com a mão; des-rolhando; e agora?

Sacudir em chicotadas (estalando os dedos polegar e indicador, em movimento = lepe!); pode ser sinônimo de surra ou corrida;

“mastigando em sêco”; fiáu! (mão aberta ao nariz, nêste pousando o polegar); é de se chorar!; é de se cuspir!; malhar em ferro frio!; psiu!; cisca!; chegue mais perto!; contornando; em zig-zag; quebrado em dois; aos borbotões!...; esfaquear ou cutucar; continência; dureza (severidade); regendo a orquestra; chapar; com todo carinho (movimento típico com duas mãos).

Em muita desta mímica, instintiva ou imitativa, há, sempre, para certo motivo, um gesto generalizado, ou mais preferido, nas frases interjetivas ou expansões de objetivos, o que é tradicional, folclórica, às vêzes teatral ou corriqueiro.

Há gestos que valeriam por semáfora: mais à direita; para o fundo; ao alto; etc...; outros poderão ser históricos, em relação à alguma passagem bem rememorada, como o “Fico!”, com a espada desembainhada...

Ainda, sem comentários, relacionamos, para considerações, da mímica evidenciada com braços, dedos, boca, etc.: esbravejando; qual rolo compressor; em pontaria; tiro e queda; serrando; chutando; escrevendo; voando; de roldão; de meia cara; em gorgoleios; de mergulho; em cheira-cheira; afinando o ouvido; aos bofetões; eriçado; flexando ao alvo; harpejando; dedilhando ao violão; saltitando; qual realejo; bufando (sem fôlego); sussurando; de matraca; magnetizando (com os olhos); fluídos magnéticos (com os dedos); riscar ou cancelar em cruz; arredondando; fluídos magnéticos (ão ao queixo); cabisbaixo; ombro a ombro; de arremesso; num pé só; implorando; piscando (malicioso); interrogativo (com indicador em dois volteios); misturando; paralelamente; saltando; espremendo; a braço dado; ca-beceando (embriagado); cadenciado; com estouro; sabe quando?

Ou, ainda:

Agradecendo (aã duas mãos ligadas, como é visto entre os boxistas, etc.); gesto maçônico (cuja explicação os adeptos que o demonstrem); vamos ver (como amassando, mão contra mão); cuspir fora (ato ou gesto anti-sujeição: vide pág. 440 do Dicionário Folclórico da Câmara Cascudo); posição de pé sôbre pé (acompando de “oração forte”, alhures no mesmo livro; pé ante pé (justificando com movimento das mãos espalmadas); etc.

A respeito de nomes próprios assimilados em vocábulos de uso transladado: “gari” (limpador de rua, no Rio; dos tempos de um concessionário de nome Gary); toque de Aragão (toque de recolhida, às nove da noite, por imposição de um chefe de Polícia, do Rio, nos tempos coloniais).

Nota-se que as sensações, as posições, são motivos preponderantes dos gestos correspondentes a êstes registros.

Recolhendo, ainda, mais alguns gestos usuais pelas respectivas expressões: à mão cheia; é no braço! (batendo no “muque” ou aproximadamente); vejamos o que fazer (cinco pontas de dedos aproximadas das outras cinco); vá indo ou dê o fora!; pronto ou sem dinheiro (puxando os bolsos para fora); pesando o assunto (quatro dedos sôbre outros tantos, palma contra palma); chuchando no dedo; de rota batida; aos pulos; virando a folha; daqui; para alí; de bambas; ligados os dois; aplaudindo; pega ladrão (uma das mãos recurvada de encontro ao lábio superior); coçando a cabeça; não quero nada!; eu?!; de vagar!; na “batata” (com substância); segurar firme; tudo esplanado; de alto a baixo; uma coisa ou outra...; remexendo tudo (mais de um gesto: vide baralhada); o quê dizer (com as duas mãos, palmas

ao alto, em movimento lateral); fazendo trancinha; entrem... entrem; delimitando; em divergências; tudo esplanado...; agitando...; vá... vá...; cortar (objetiva ou subjetivamente); "arreganhar os dentes" (é usado apesar de falsa expressão); arrancar de algo; fervendo; numa lambada; bimbalhando; valseando; entrou por um ouvido e saiu por outro; à tôda brida; etc.

Sem dúvida haverá maneira de conduzir, a classificações e outros estudos, a imensidade de gestos encontrados.



# Poesia popular e tradicional americana

S. Suannes

Faz diversos meses que velho amigo e eminente patricio, ora funcionário da Embaixada Brasileira sediada em Buenos Aires, me brindou com um elegante volume intitulado POESIA POPULAR Y TRADICIONAL AMERICANA, de autoria de Lidia Rosalia de Jijena Sánchez. A obra, que fôra editada em 1952 pela Espasa-Calpe Argentina S. A. (Coleção Austral), traz interessante prefácio subscrito por Juan Alfonso Carrizo, autor de CANCIONEIRO POPULAR DE SALTA e FLORILEGIO e que desfruta da fama de ser uma das mais prestigiosas autoridades rioplatenses em folclore.

A respeito da intellectuál sabe-se que a mesma é Professora Nacional de Declamação e Arte Cênica e Diretora do Instituto de Cultura Estética, da Capital portenha; que deu à estampa há alguns anos o excelente e assaz conhecido CANCIONEIRO DEL LIBERTADOR e que é espôsa do festejado poeta e ilustre estudioso do folclore argentino Rafael de Jijena Sánchez. Como se vê, sobravam-lhe credenciais para tão meritório empreendimento.

Segundo Ekermann — “O mundo é tão rico e a vida tão variada que nunca faltarão assuntos poéticos”. A obra traz nada menos de 124 cantares populares sôbre diversos temas e indica as fontes de onde os mesmos foram compilados. São versos compostos por autores

anônimos de todos os povos americanos de língua espanhola e do Brasil. A ilustre e criteriosa autora, ao tratar da parte alusiva ao nosso país, que aí figura com sete composições, serviu-se dos soberbos trabalhos CANTOS POPULARES DO BRASIL, de Sílvio Romero e VAQUEIROS E CANTADORES, de Luis da Câmara Cascudo. Estava, pois, bem servida. No tocante à inclusão das rimas dos nossos bardos populares, escreve o erudito prefaciador:

“Una prueba del espíritu científico y amplio de la autora de esta Antología es el hecho de incluir a Brasil en su selección: Brasil, siempre olvidado en los tratados de literatura americana, está tan cerca de nosotros que nada justifica su exclusión; su pueblo conserva en su memoria cantares medievales y del renacimiento como el nuestro, y sus cantadores componen también sobre los mismos temas de los trovadores nuestros; y así, sus cancioneros de poesía tradicional como sus colecciones de cuentos y leyendas se confundirían con los argentinos y mexicanos, por ejemplo, si no fuera por el idioma, lo único que los separa”.

A leitura de tão magnífica coletânea poética sugeriu-me desde logo a transladação de algumas composições líricas para o português, onde naturalmente se impregnariam do suave e inebriante perfume da “última flor do Lácio”. Estavam nesse número as atribuídas a autores indígenas, as quais se me afiguravam dignas de serem devidamente conhecidas dos nossos folcloristas, tão ávidos das cousas relacionadas com a poética América.

Em paciente tradução feita por mim em horas de lazer, aqui vão as mimosas e encantadoras rimas dos nossos irmãos ameríndios com a indicação precisa das publicações onde elas foram encontradas pela senhora Jijena Sánchez. Releva notar que, antes e acima de tudo, são versos repletos de ternura, melancolia e sentimento vindos do âmago do coração e que se destinam a corações. É que no misterioso recesso das densas matas, como nos povoados, há, também, **odor de femina** e amor aos pais. Evidentemente, o Novo Mundo é a pátria dos poetas líricos.

### A MOÇA DO FUNDO DO RIBEIRO

Poesia guarani. Cuaderno Del Taller de San Lucas, n 5, Manágua, 1951

1

Costumo sempre réver,  
Pela saudade levado,  
Lindo bosque, onde um ribeiro  
Recorda nosso passado.

2

Parece-me que te vejo,  
Se a linfa estou contemplando  
Ou se vejo as duras pedras  
Onde estivemos amando.

3

Inclinado para ouvir  
O que o ribeiro dizia,  
Surpreendi, lá no seu álveo,  
Minha imagem que tremia.

4

Cuidei que na água corrente  
A tua voz me falasse  
Para que, indo aos meus ouvidos,  
Eu de saudades chorasse.

5

Toimei alguns goles da água  
Que comigo palestrava,  
Julgando que ao coração  
Dêsse modo eu te levava.

### E L E G I A

(Wanca)

— Poesia quíchua da Bolívia. LA POESIA KECHUA, de Jesus Lara, Cochabamba, 1947.

1

Sombra de árvore querida,  
Nívio cristal de cascata,  
Senda que conduz à vida  
Foste tu, ingrata.

2

Em teus ramos se aninhava  
Meu coração.  
À tua sombra eu cantava  
Uma canção.

3

Irás ter a estranhas terras  
Sózinha, assim?  
Teus formosos olhos cerras  
Sem dó de mim?

4

Teus pés pequenos  
Que caminho irão seguir  
Que nem tua boca, ao menos,  
Queres abrir?

5

De que árvore a sombra amiga  
Encontrarei?  
De que cascata a cantiga  
Escutarei?

6

Vivendo de ti tão perto  
Ficarei só?  
O mundo será um deserto...  
Mulher, tem dó!

### MÃEZINHA

— Poesia dos indígenas mexicanos. POESIA INDÍGENA, Universidad Nacional Autónoma, México, 1940.

Se acaso eu morrer, mãezinha;  
Enterra-me na cozinha  
Sob o fogão.

Ao fazeres a comida  
Me falará — voz querida —  
Teu coração.

Se um dia alguém saber venha  
Do teu penar,  
Dize-lhe que é verde a lenha  
E faz chorar.

\*  
\* \* \*

O leitor certamente não me censurará por incluir aqui uma famosa súplica atribuída aos ameríndios da orla do Pacífico. Lendo essa jóia mística na monumental A AMÉRICA ANTES DOS EUROPEUS, de Luis Amaral, não pude resistir ao desejo de pô-la em versos. Trata-se, pois, de mais um trabalho de minha lavra.

### HINO A VIRACOCHA

— Prece dos selvícolas de Cusco, no Peru. Época pré-colombiana —

Viracocha, arquiteto do Universo,  
Quer sejas masculino,  
Quer sejas feminino,  
És deus da procriação.  
Sejas o que quiseres,  
Deus da adivinhação,  
Onde se encontra tua habitação ?

Podes estar no céu profundo,  
Podes estar aqui no mundo  
Ou no teu belo e refulgente trono;  
Ouve-me do alto, onde talvez te encontres,  
Ó tu que do universo és dono !

Tu transformaste os homens  
Em incas (1) da criação.  
Outra cousa meus olhos não pleiteiam  
Se não te conhecer;  
Ver-te é a minha suprema aspiração.  
Possas eu te contemplar !  
Possas eu te compreender !  
Oh ! baixa sôbre mim teu doce olhar !  
Tu me conheces bem  
E como tu ninguém.

(1) No idioma peruviano inca significa rei.

O sol e a lua,  
O dia e a noite  
Andam de acôrdo com a vontade tua,  
Ó Viracocha!  
Todos os sêres cumprem seu destino,  
Segundo tua sábia prescrição.

Escuta minhas súplicas!  
Distingue-me com tua santa bênção!  
Não permitas jamais  
Que as fadigas me vençam  
E que a terrível morte me domine,  
Me mate, me assassine!

# Tipos populares de Alagoas

Félix Lima Júnior

**OLÔ, VIVA DEUS!** — Era um preto, antigo escravo, que vivia pelas ruas pedindo esmolas e cantando: “Olô, viva Deus!” Já não é dêste mundo. Uma vez por outra arranjava um cabo de vassoura, que promovia a fuzil, punha-o no ombro e marchando, passava a dar guarda à casa do coronel Aragão, Tesoureiro da Secretaria da Fazenda. N’ “A Festa dos Martírios”, à página 16, Virgílio Guedes lembrou o preto Olô, que eu não conheci:

Olô... e com seus poderes...  
cantando,  
rodando,  
dançando,  
fazendo piruêta...  
Olô... e com seus poderes...  
Olô, da soletração...  
E da pimenta malaguêta...  
Olô!...”

Cantava êle, ao mesmo tempo que esmolava para poder se sustentar:

Olô viva Deus,  
Olô assoletração,  
Olô viva Deus,  
Farinha pura  
E meu pirão primeiro!

Visitando Maceió, em fins de setembro de 1952, Tadeu Rocha, intelectual conterrâneo, contou-me que, visitando, dias antes, no Recife, onde mora o funcionário que é da Justiça do Trabalho — o sr. Crolisário Medeiros, alagoano, residente naquela capital, onde é gráfico do Diário de Pernambuco — declarou êle ter lido, no referido jornal, de 31 de agosto daquêlê ano, o meu trabalho. “Tipos populares de Maceió”, onde citei o Olô Viva Deus. Acrescentou que, menino, conheceu, nesta capital, o negro velho, no meio da molecada, nas ruas principais, dançando e cantando:

Olô, viva Deus!  
Eu não vim brincar,  
Sim vim vadiar,  
Soletração,  
Maria Verdête,  
Esse côco é bom,  
Maria Dondon!

**JOÃO FIRMINO DE ASSUNÇÃO** — Conheci-o carteiro dos Correios, residindo em Bebedouro, onde faleceu. Creio que jamais safu daquêlê bairro. Era muito gordo, moreno, usava bigode e seu estômago parecia não ter fundo... Estava conversando no oitão dos Correios, certo dia, depois de ter almoçado — isso em 1909 — e, tendo feito uma aposta, comeu uma jaca inteira e 2\$000 de cocada, bebendo uma quartinha d'água, “de quebra”... É que alguém duvidara de que êle realizaria a proeza e se prontificara a pagar a despesa. Dois mil réis de cocada, naquêlê tempo, davam para um farto “lunch” aos rapazes do Liceu Alagoano. A Câmara Municipal de Maceió deu o seu nome a uma das ruas de Bebedouro, merecida homenagem a um homem de bem, embora pobre e humilde. Antes de ser carteiro fôra êle empregado da Cia. das Águas.

**JOSUÉ E JOCINA** — Creio que eram irmãos. Josué já faleceu. Jocina ainda vive e reside nesta Capital. Josué, de côr preta, zangava-se quando alguém perguntava: Josué, cadê o Hortêncio? Hortêncio Correia da Silva, era um barbeiro estabelecido no Comércio, esquina com o bêco São José, afamado na cidade pela língua que possuía, mais **afiada** do que a tesoura... Não sei o gráu de amizade que havia entre êles...

**BRAZ PROSPERO HEHOVAH DA SILVA CAROATÁ** — Mulato alto, magro, faleceu há uns trinta anos passados, na rua Oswaldo Sarmiento (antiga de São Gonçalo) perto da igreja onde se venera aquele santo, da qual era zelador e devoto, promovendo, quasi todos os anos, festas populares na praça em frente ao templo, onde está hoje a estátua do pintor Rosalvo Ribeiro. Geralmente estimado, foi sub-delegado do Farol, prestando relevantes serviços que não devem ficar no olvido, inclusive casando muito cabrocha atrevido e metido a conquistador. Disseram-me que êle era auxiliar de um dos cartórios desta cidade. Na casa em que residiu, por mais de 40 anos, vive ainda sua viúva, Dona Maria Caroatá, que se casou, em segundas núpcias, com o célebre Joaquim da Palmeira, sentenciado liberado. Êsse bandido foi morto pela Polícia, em 1947 ou 1948, pois assassinara e enterrara, no fundo do quintal de uma casa, em Jaraguá, uma senhora e uma menina, tendo já preparado a cova na qual colocaria oportunamente a viúva do Braz.

Segundo me informou o sr. Manoel Eustáquio Filho (Telmo Eustáquio, 1.º tabelião público de Maceió), seu pai, o falecido sr. Manoel Eustáquio da Silva, musicista, compôs, entre outras músicas, nos primeiros anos deste século, um tango com o título — “Lá vem o Braz”, com o seguinte estribilho ou coisa que o valha:

Lá vem o Braz,  
Dobrando a esquina,  
Com uma mentina,  
Para casar...

**MAJOR BONIFÁCIO** — Quem não conheceu, nesta Capital, o major Bonifácio Magalhães da Silveira? Foi Major do Tiro Alagoano, 28.º da Confederação, e administrador das Capatasias da Alfândega, cargo em que se aposentou. Foi Intendente (Prefeito) municipal de Maceió, nos primeiros anos da República, exerceu outros cargos, como o de Administrador da Recebedoria Central (do Estado) e comandou a Polícia Militar do Estado no Governo do Cel. Clodoaldo da Fonseca. Negociou, há mais de 60 anos, nesta cidade, vendendo tecidos na loja “A Democrata”.

Foi republicano antes de 15 de novembro, deputado estadual em vários legislaturas, organizador do clube carnavalesco “Ciganinhas do Major”, de Bebedouro, bairro no qual construiu o prédio para o Teatro Santo Antônio, que manteve, funcionando, muito tempo, à rua Passos de Miranda.

A êle se devem, desde os últimos anos do século XIX até depois de 1930, as festas de Natal em Bebedouro, que se tornaram conhecidas e faladas em todo o Brasil. Naquele bairro residia êle e organizava, não somente pelo Natal, como durante o São João, pelo Carnaval, etc., festejos populares que davam invulgar animação a Bebedouro. Daí ter sido “aclamado” Presidente Perpétuo da chamada “República da Alegria”, cargo que resignou, mais ou menos em 1935, doente, velho e cansado, sem perder, porém, aquele espírito alegre e brincalhão que o distinguia até dos irmãos.

Publicou na Gazeta de Alagoas, de propriedade de seu irmão Luiz Magalhães da Silveira, enorme série de documentos antigos e valiosos, retirados de um cartório da cidade de Marechal Deodoro, e que iam ser queimados pelo respectivo tabelião, dando-lhes o título de “Velharias”.

Filho de José Luiz da Silveira, Tenente Coronel da Guarda Nacional e negociante, e de Dona Henriqueta Francisca de Souza Magalhães da Silveira, ambos pernambucanos, nasceu no Recife, em 14 de maio de 1887. Casou-se, nesta Capital, com Dona Eulália Teresa da Silveira, que faleceu, há poucos anos, em Belo Horizonte, Minas Gerais, não deixando filhos.

Era Tenente Honorário do Exército Nacional, nomeado pelo Marechal Floriano Peixoto, major da Guarda Nacional e do Tiro Alagoano.

Republicano histórico e abolicionista, coube-lhe transmitir, em primeira mão, ao povo, reunido, em 13 de maio de 1888, no Teatro Maceioense, na rua do Sol, num festival de propaganda abolicionista, a notícia de que a Princesa Imperial Regente, Dona Izabel, havia assinado a lei que libertava os cativos. Em pleno festival, Bonifácio apareceu no palco, de repente, pediu licença para interromper a solenidade e leu, entusiasmado, o telegrama que o sr. Pedro Rodrigues



Soares, chefe da Estação dos Telégrafos, havia recebido, momentos antes.

De idade avançada, sentindo-se cansado, aposentou-se e foi residir em Manechal Deodoro, onde faleceu em 11 de agosto de 1945.

**HORTÊNCIO BARBEIRO** — Estabelecido à rua do Comércio, esquina com a Tibúrcio Valeriano, nos baixos de um sobrado pertencente aos drs. Oscar e José Januário de Carvalho, era apontado como a pior língua da cidade... Quando se falava em escândalos nos quais figuravam senhoras casadas, êle, creio que por pilheria, dizia, clinicamente:

— Graças a Deus, estou completamente descansado! Minha mulher é feia como o diabo e capaz até de fazer calar menino chorão!

Chamava-se Hortêncio Correia da Silva e faleceu há mais de trinta anos.

**O EMILIANO** — Dêle escreveu, no Jornal de Alagoas, de 1º de abril de 1951, o estimado padre Júlio de Albuquerque, que o conheceu quando menino de escola: — “Havia, finalmente, um terceiro, o Emiliano. Bêbado bêsta, sem graça, joquête dos meninos, que implicava com os busca-pés de S. João, tentando apanhá-los quando partiam serpeando pelas ruas e acabava abrindo o vocabulário fescenino ao ser fustigado pela pequenada irrequieta”. Dêle, que não foi do meu tempo, não obteve outra informação.

**O PRISCO** — Chamava-se João Prisco do Rêgo e exercia as funções de estafeta do Telégrafo Nacional nesta Capital, onde morreu, aposentado, há mais de 20 anos passados. (Estou escrevendo em 1956). Era o indivíduo mais magro da cidade. Fazia lembrar Korrisosso, o triste poeta lírico, grego, de Atenas, que Eça de Queiroz conheceu, como garçon, num hotel de Charing-Cross, em Londres, numa madrugada frigidíssima.

“Como um palito fardado  
ou grande ponto de admiração,  
transita o Prisco apressado...  
— Que telegrama será?...”

Lê-se no livro de versos de Virgílio Guedes — “A festa dos martírios”.

**JAPIASSÚ** — Foi fiscal da Intendência Municipal do Pilar, vivendo naquela cidade com os bolsos cheios de bolas para matar cachorro.

Rogaram-lhe tantas pragas que ficou muito maluco. Aposentou-se, vindo residir em Maceió, onde o conheci em 1910. Era dos maiores **chaleiras** (não se falava ainda em gafanhoto) do governador Euclides Malta. Não largava um porrête e vivia repetindo: **Deus**, dr. Euclides e minha filha Mariêta. Faleceu logo depois da queda da chamada oligarquia maltina. Certamente de desgosto...

Certa ocasião andou pelas ruas vendendo bilhêtes de uma rifa cujo prêmio era uma guariba. No mesmo dia em que **correu** a rifa, êle foi procurado, nas proximidades do Palácio, onde estava, pela pessoa premiada, desejosa de receber o prêmio. Japiassú, muito calmo, olhou o bilhête e disse: Vá lá em casa, amanhã cêdo, buscar o prêmio. É minha sogra. Leve uma corda boa pois ela morde como o diabo...

O “Correio de Maceió”, jornal oposicionista dirigido pelo dr. Fernandes Lima, publicou, em 1910, a seguinte quadrinha pilheriando com o Japiassú, que vendera uma perúa, “cevada” para o Natal, afim de jogar no perú, animal com que sonhára:

Tendo vendido a perúa,  
Para jogar no perú,  
Chóra hoje o dia inteiro  
O pobre Japiassú...

O bicho do dia tinha sido outro e êle perdera a perúa e o di-nheiro...

Chamava-se Francisco Salustiano de Almeida Japiassú e durante a **soberania popular**, em 1911, quando tentaram depor o governador Euclides Malta, não se acovardou e nem abandonou seu amigo nos dias trágicos que Maceió viveu, quando foi assaltado, em 28 de dezembro daquêlê ano, o palácio dos Martírios; lá permaneceu, rifle em punho, tendo sido ferido a bala numa das pernas.

Japiassú foi marchante, no Pilar, antes de ser nomeado Fiscal Geral da municipalidade daquela cidade.

Na série de folhêtos que publicou em Maceió, quando “a soberania” tomou conta das ruas, em fins de dezembro de 1911 e princípios de 1912, — com o título “O tiroteio de Maceió” e do qual um exemplar está em poder do dr. Théo Brandão, (vide *Jornal de Alagoas* de 28 de setembro de 1952) — na primeira parte “Zé povo e os maltinos — o poeta popular Pacífico Pacato Cordeiro Manso, não esqueceu Japiassú:

Palavras não eram ditas  
Estrondou o bacamarte.  
Lá na guarda do Palácio  
Tiros por toda parte  
Zé povo gritou: marchemos,  
Avante nosso estandarte!

Num dos lados do Palácio  
Estourou o tiroteio  
Viu-se soldados cairem  
Rolados de meio a meio  
De cadáveres de soldado  
O Palácio ficou cheio.

De longe se ouviu os gritos  
Do grande Japiassú  
Dizendo: estou baleado  
Quasi que me comem crú,  
Isso porque eu bebi  
O suor da cabaú.

**FAUSTO FEITOSA** — Apontado como a única pessoa que conseguiu enganar o Policarpo Pinho, negociante em Jaraguá, falecido em Pilar, no engenho “Graussú”, em 17 de novembro de 1948, Fausto era um homem de alta estatura, gôrdo, forte, **compleição atlética**, de fala grossa e ignorância de pasmar. Procurava adquirir para seu uso animais e objetos de tamanho fóra do comum. Possuía um cavalo enorme, conhecido em tôda a cidade como o “cavalo do Fausto”,

sendo o título aproveitado como apelido; o relógio que Fausto usava era muito grande e rasgava os bolsos; e assim por diante. Quando apareceram em Maceió os primeiros rádios êle afirmava que êsses aparelhos poderiam ser ouvidos até a Paraíba; para lá, não!...

Certa ocasião, conversando com o sr. José Magalhães da Silveira, informou que ia fornecer à Great Western um milhão de dormentes. Como ficasse espantado e achasse muito grande a quantidade, o sr. Silveira, perguntou ao Fausto:

— O sr. sabe quanto é um milhão ?

Êle não se atrapalhou e respondeu imediatamente:

— Si sei, "seu" Zeca ! É dez mil multiplicado por dez...

**PACÍFICO PACATO CORDEIRO MANSO** — Poeta popular, pelo nome não se perdia...

Escrevia uma versalhada incrível, comentando os acontecimentos da cidade, principalmente os que se relacionavam com a política. Mandava imprimir e vender os folhêtos pelas ruas e no Mercado Municipal, aos domingos, que naquela época não havia ainda a feira de passarinhos... Cordeiro Manso morava no Prado e há muito está no cemitério da Piedade.

No Gutenberg, de 21 de julho de 1910, Cordeiro Manso publicou a biografia de Pelado, isto é, do afamado curandeiro e cantor Raimundo Pelado, de Viçosa. Aqui vão os versos:

Preciso narrar ao público  
Quem é Raimundo Pelado,  
Este gigante poeta  
Que floresce em nosso Estado.  
Possue um mar de improviso.  
Faz do mundo um paraíso,  
A tempos fez-se preciso  
Seu nome imortalizado.

N'O Combatente, terrível pasquim que circulou em Maceió, nos anos de 1914 e 1915, publicou Cordeiro Manso, em 3 de dezembro de 1914, os seguintes versos:

#### COISINHAS QUE DÃO NA MINHA TETE

Um banho pela manhã,  
Um sonho de madrugada,  
Uma quadrilha animada,  
Uma mulher folgazã,  
Um cortinado de lã,  
Uma ropagem de côr,  
Uma viagem a vapor,  
Uma mobília decente,  
Uma dormida no quente,  
Uma palestra de amor.

Um cortinado de lã,  
Uma quadrilha animada,  
Um sonho de madrugada,  
Um bando pela manhã,

Uma mulher folgazã,  
Uma viagem a vapor,  
Um vestuário de côr,  
Uma mobília decente,  
Uma dormida no quente,  
Uma palestra de amor.

Tendo enviuvado em Viçosa, onde residia, “de Dona Sinhá”, gentil moça inteligente, como êle mesmo escreveu, e com quem se consorciara na cidade de Quebrangulo, neste Estado, em 1890, mudou-se para Maceió, onde exerceu modesto emprego no Asilo de Santa Leopoldina, sendo transferido, posteriormente, para a Saúde Pública. Noivou com moça debil mental, de distinta família, tendo com ela se consorciado, â revelia da família aludida, isso na igreja de Nossa Senhora das Graças, na Levada. Êsse casamento, comentadíssimo em todos os círculos sociais, foi presenciado por muita gente. Distinta senhora contou-me:

“Assisti, da janela de minha residência, o cortejo sair da igreja de Nossa Senhora das Graças: a noiva em traje nupcial e o noivo exibindo cerimoniosa sobrecasaca prêta e calças de listras. Foi um acontecimento que despertou geral curiosidade e muito falatório. Poucos dias depois, em plena lua de mel, separaram-se para sempre, apesar do “per omnia secula seculorum” do padre que os uniu”.

Cordeiro Manso nasceu na fazenda Pimenteira, em Quebrangulo, em 17 de junho de 1865, filho de José da Silva, pernambucano radicado em Alagoas.

Atacado de congestão, seguiu, a conselho médico, segundo êle mesmo informou, para o sul do país e do continente, tendo visitado Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Voltou à capital alagoana em novembro de 1927, mais velho, mais doente, mais cansado. Faleceu dois anos depois.

**LÚCIO SUTERIANO** — Homem de idade avançada, veterano do Paraguai, onde combatera como Voluntário da Pátria, era monarquista de quatro costados e pau d'água habitual. Faleceu na primeira década dêste século. Quando estava de veneta, parava numa esquina qualquer e pronunciava, sem que ninguém pedisse ou esperasse, violentos discursos defendendo a Monarquia e atacando a República. Terminava gritando: “Sou liberal! No Brasil não há soldados suficientes para prender todos os ladrões. Viva o Imperador!” No seu entusiasmo por Pedro II, parecia um daqueles veteranos da Velha Guarda, morrendo, em Waterloo, debaixo do fogo dos granadeiros de Wellington e Blucher, vivendo, porém, o **pequeno caporal**.

**ANTÔNIO ALVES CARNEIRO** — Explorou, muitos anos, um compartimento de verduras no Mercado municipal de Maceió. Ficou amalucado, tendo ido para o Rio de Janeiro, onde o internaram no Hospício Nacional de Alienados. Melhorando, regressou a Maceió onde se arvorou a **dono** do Banco do Brasil... Antes de abrirem a porta da agência do velho instituto de crédito, lá estava o Carneiro. Só saía quando terminava o expediente. Dizia ser “o dono” do Banco, onde tinha em depósito mais de oitenta mil contos, herança de sua mãe. Prestava pequenos serviços aos funcionários, recebendo um

níquel de um e de outro. Com os níqueis e as **facadas** que applicava ia vivendo... Uma vez por outra, quando bebia demais, ou na lua nova, exaltava-se e pintava o diabo. Terminada a carraspana, ou passada a fase da lua, voltava a viver calmamente, atencioso para com todos, exhibindo velhas cadernetas e **fac-similes** de cheques que lhe davam e êle considerava parte de sua fortuna. Faleceu há uns dez anos passados, sendo o seu enterro custeado pelos funcionários daquele estabelecimento. Num retrato tirado propositadamente por um dos funcionários, vê-se o Carneiro à porta da agência local do Banco do Brasil S. A., com a mão ao peito, dizendo significativamente: — "O Banco é meu"...

**SINHÁ COLÓ** — Chamava-se Clodomira Silva. Segundo me informaram, residia na Av. Santos Pacheco, e faleceu nesta cidade em 24 de março de 1932. Não era curandeira, nem macumbeira, nem resadeira, dessas tão comuns entre nós. Não sei se por intuição ou pela longa prática, o fato é que curou muita gente com os seus remédios preparados com raízes, suas "garrafadas", seus clisteres de bucha (cabacinha), de gitó, seus purgantes de gendiroba, suas misturas de leite com mastrunço para doentes do peito. Ainda vivem muitas pessoas que atestam a eficácia de seus métodos de curar e de fazer concorrência aos médicos. Disse-nos José Faria Almeida, meu colega do Banco do Brasil S. A., que o dr. Afrânio Jorge, quando clinicava, há alguns anos passados, muitas vêzes recomendou a certos doentes procurassem Sinhá Coló... Êle mesmo, Faria, muito doente, certa ocasião curou-se com um dos afamados preparados da velha senhora, o mesmo acontecendo com o seu irmão Luiz. Era figura popular e estimada. Com suas afamadas applicações de batata de purga, óleo de gendiroba, chá de cabelo de milho, de quebra-pedra e pega-pinto, operou verdadeiros milagres...

**ELIAS** — Morava na rua do Açougue, hoje avenida Moreira Lima, costumando tomar sua "caninha" na mercearia que o sr. Honório de Albuquerque, pai do padre Júlio de Albuquerque — por quem me foram fornecidas notas a respeito — mantinha na aludida artéria, esquina com a da Boa Vista, onde está hoje a Casa das Linhas. Muito malcriado, quando estava "quente", só temia e obedecia à sua velha genitora. Reunidos os moleques, fazia um discurso e terminava dizendo: "Todos os anos entram em Maceió cem pipas de cachaça. Eu bebo uma. Eu bebo uma. Quem bebe as noventa e nove? E ainda dizem que sou cachaceiro..."

**ANATÓLIO DE OLIVEIRA** — Era irmão do dentista Esmaragdo Oliveira. Se não estou enganado, residia na rua Cincinato Pinto (antiga do Macena), em frente à maternidade Lessa de Azevedo. Era moreno, baixo, usava barba inteira, trajando sempre, inverno ou verão, um **croisé** preto, colete da mesma côr e cartola de pêlo. Com essa indumentária ia às missas de 7<sup>o</sup>. dia, às festas, ao mercado fazer compras, ao teatro, ao palácio para um dedo de prosa com o governador Euclides Malta e, de canoa, a um sítio de fruteiras que possuía à margem do canal... Dêle se dizia, quando eu era menino, que, em 1893, por questões de política, subira num coqueiro, de tamancos, perseguido pela célebre cavalaria do governador Gabino Besouro, capitão de engenharia. Quando a **soberania** tomou conta das ruas, em 1911, êle, todo paramentado, com cartola de pêlo, colete e **croisé**, armado com um talo de cacho de bananas na mão,

andou aos empurrões com populares, em frente ao mercado municipal, em defesa da situação política dominante.

**ALBERTO LORFF** — Viveu muitos anos em Maceió — mais de 35 — na gerência do escritório de Borstelmann & Cia., em Jaraguá, à rua Sá e Albuquerque. Era alemão e, como bom patrício de Goethe, amigo íntimo de uma cervejinha bem gelada... De uma garrafa, não; de uma caixa...

Estimadíssimo nas rodas comerciais de Jaraguá, faleceu nesta cidade.

Residiu muitos anos nas Mangabeiras, num sítio vizinho ao "Britânia" de Mr. Kenneth Macray. Morreu dando vivas ao Brasil, sua segunda pátria.

**KENNETH MACRAY** — Era o vice-consul de S. Magestade Britânia e viveu em Maceió quase que tôda a sua vida. Aqui chegou rapasola e saiu somente para morrer. Foi um dos fundadores da Fenix Alagoana, cujo cinquentenário, creio, foi o único sócio fundador a assistir, tendo dançado uma valsa, no baile comemorativo, apesar da idade avançada. Ele e o Lorff eram os dois estrangeiros mais estimados em Maceió. Foi procurador de Leão & Cia., durante muitos anos, prôbo, dedicado, trabalhador, tipo do negociante honesto e criterioso. Apesar de ter aqui residido mais de cinquenta anos, falava admiravelmente mal a língua portuguesa, bom sudito britânico que era...

**MARIA DAS DORES** — Figura muito conhecida, andava pelas ruas pedindo, nas casas de família, vestidos usados, meias, bolsas e, especialmente, chapéus já a caminho da lata do lixo. Por um chapéu velho dava um quarto ao diabo...

Feia como ela só, magra, quase esquelética, tipo estranho, esquecido, Maria das Dôres era uma criatura calma, suave, bondosa, não se zangando quando a aperriavam. Havia quem, propositadamente, lhe contasse histórias escabrosas, inconvenientes, que ela ouvia com paciência, pedindo, ao terminar, que a respeitassem, pois era donzela... Quando pedia um níquel e não lhe davam, respondia calmamente: — "Deus o proteja. Logo tem".

Quem a focalizou magistralmente foi Paulino Santiago, no número de maio de 1953, da revista "Casa Ramalho", de Maceió:

— Oh! Maria. Você está tão bonita hoje!...

— Apois, meu fio; eu não tenho pra quem deixá... Só trabaio pro meu luxo.

Às sextas-feiras e aos sábados, Maria Enfeitada pintava as faces e metia-se na sua melhor indumentária — um vestido de sêda se desmilinguindo, um chapéu escandaloso do tempo em que o diabo era menino, umas meias crivadas de dias-santos, sapatos de tênis, rôtos e acalcanhados e, indispensavel complemento a êsse chiquismo, uma bolsa a tiracolo. Tudo isso e mais, pelo inverno, uma sombrinha condizendo com tamanha elegância, Maria arranjava na casa de algumas famílias que lhe davam esmolos, mas, para se divertirem, estimulavam as maluquices da pobre doente.

Morava sozinha lá para as bandas do Prado, num caritô coberto de latas velhas, abertas e estendidas sôbre caibros, e em dois dias da semana fazia a sua peregrinação pelas ruas onde havia comércio e que eram o campo preferido para sua atividade. Entra aqui, entra acolá, ia andando, hemiplégica e deformada, inofensiva e risonha.

níquel de um e de outro. Com os níqueis e as **facadas** que aplicava ia vivendo... Uma vez por outra, quando bebia demais, ou na lua nova, exaltava-se e pintava o diabo. Terminada a carraspana, ou passada a fase da lua, voltava a viver calmamente, atencioso para com todos, exibindo velhas cadernetas e **fac-similes** de cheques que lhe davam e êle considerava parte de sua fortuna. Faleceu há uns dez anos passados, sendo o seu enterro custeado pelos funcionários daquele estabelecimento. Num retrato tirado propositadamente por um dos funcionários, vê-se o Carneiro à porta da agência local do Banco do Brasil S. A., com a mão ao peito, dizendo significativamente: — "O Banco é meu"...

**SINHÁ COLÓ** — Chamava-se Clodomira Silva. Segundo me informaram, residia na Av. Santos Pacheco, e faleceu nesta cidade em 24 de março de 1932. Não era curandeira, nem macumbeira, nem resadeira, dessas tão comuns entre nós. Não sei se por intuição ou pela longa prática, o fato é que curou muita gente com os seus remédios preparados com raízes, suas "garrafadas", seus clisteres de bucha (cabacinha), de gitó, seus purgantes de gendiroba, suas misturas de leite com mastrunço para doentes do peito. Ainda vivem muitas pessoas que atestam a eficácia de seus métodos de curar e de fazer concorrência aos médicos. Disse-nos José Faria Almeida, meu colega do Banco do Brasil S. A., que o dr. Afrânio Jorge, quando clinicava, há alguns anos passados, muitas vezes recomendou a certos doentes procurassem Sinhá Coló... Êle mesmo, Faria, muito doente, certa ocasião curou-se com um dos afamados preparados da velha senhora, o mesmo acontecendo com o seu irmão Luiz. Era figura popular e estimada. Com suas afamadas aplicações de batata de purga, óleo de gendiroba, chá de cabelo de milho, de quebra-pedra e pega-pinto, operou verdadeiros milagres...

**ELIAS** — Morava na rua do Açogue, hoje avenida Moreira Lima, costumando tomar sua "caninha" na mercearia que o sr. Honório de Albuquerque, pai do padre Júlio de Albuquerque — por quem me foram fornecidas notas a respeito — mantinha na aludida artéria, esquina com a da Boa Vista, onde está hoje a Casa das Linhas. Muito malcriado, quando estava "quente", só temia e obedecia à sua velha genitora. Reunidos os moleques, fazia um discurso e terminava dizendo: "Todos os anos entram em Maceió cem pipas de cachaça. Eu bebo uma. Eu bebo uma. Quem bebe as noventa e nove? E ainda dizem que sou cachaceiro..."

**ANATÓLIO DE OLIVEIRA** — Era irmão do dentista Esmaragdo Oliveira. Se não estou enganado, residia na rua Cincinato Pinto (antiga do Macena), em frente à maternidade Lessa de Azevedo. Era moreno, baixo, usava barba inteira, trajando sempre, inverno ou verão, um **croisé** preto, colete da mesma côr e cartola de pêlo. Com essa indumentária ia às missas de 7º. dia, às festas, ao mercado fazer compras, ao teatro, ao palácio para um dedo de prosa com o governador Euclides Malta e, de canoa, a um sítio de fruteiras que possuía à margem do canal... Dêle se dizia, quando eu era menino, que, em 1893, por questões de política, subira num coqueiro, de tamancos, perseguido pela célebre cavalaria do governador Gabino Besouro, capitão de engenharia. Quando a **soberania** tomou conta das ruas, em 1911, êle, todo paramentado, com cartola de pêlo, colete e **croisé**, armado com um talo de cacho de bananas na mão,

andou aos empurrões com populares, em frente ao mercado municipal, em defesa da situação política dominante.

**ALBERTO LORFF** — Viveu muitos anos em Maceió — mais de 35 — na gerência do escritório de Borstelmann & Cia., em Jaraguá, à rua Sá e Albuquerque. Era alemão e, como bom patrício de Goethe, amigo íntimo de uma cervejinha bem gelada... De uma garrafa, não; de uma caixa...

Estimadíssimo nas rodas comerciais de Jaraguá, faleceu nesta cidade.

Residiu muitos anos nas Mangabeiras, num sítio vizinho ao "Britânia" de Mr. Kenneth Macray. Morreu dando vivas ao Brasil, sua segunda pátria.

**KENNETH MACRAY** — Era o vice-consultor de S. Magestade Britânia e viveu em Maceió quase que tôda a sua vida. Aqui chegou rapasola e saiu somente para morrer. Foi um dos fundadores da Fenix Alagoana, cujo cinquentenário, creio, foi o único sócio fundador a assistir, tendo dançado uma valsa, no baile comemorativo, apesar da idade avançada. Ele e o Lorff eram os dois estrangeiros mais estimados em Maceió. Foi procurador de Leão & Cia., durante muitos anos, próbo, dedicado, trabalhador, tipo do negociante honesto e criterioso. Apesar de ter aqui residido mais de cinquenta anos, falava admiravelmente mal a língua portuguesa, bom sudio britânico que era...

**MARIA DAS DORES** — Figura muito conhecida, andava pelas ruas pedindo, nas casas de família, vestidos usados, meias, bolsas e, especialmente, chapéus já a caminho da lata do lixo. Por um chapéu velho dava um quarto ao diabo...

Feia como ela só, magra, quase esquelética, tipo estranho, esquecido, Maria das Dôres era uma criatura calma, suave, bondosa, não se zangando quando a aperriavam. Havia quem, propositadamente, lhe contasse histórias escabrosas, inconvenientes, que ela ouvia com paciência, pedindo, ao terminar, que a respeitassem, pois era donzela... Quando pedia um níquel e não lhe davam, respondia calmamente: — "Deus o proteja. Logo tem".

Quem a focalizou magistralmente foi Paulino Santiago, no número de maio de 1953, da revista "Casa Ramalho", de Maceió:

— "Oh! Maria. Você está tão bonita hoje!..."

— Depois, meu fio; eu não tenho pra quem deixá... Só trabalho pro meu luxo.

As sextas-feiras e aos sábados, Maria Enfeitada pintava as faces e metia-se na sua melhor indumentária — um vestido de sêda se desmilinguindo, um chapéu escandaloso do tempo em que o diabo era menino, umas meias crivadas de dias-santos, sapatos de tênis, rôtos e acalanhados e, indispensável complemento a êsse chiquismo, uma bolsa a tiracolo. Tudo isso e mais, pelo inverno, uma sombrinha condizendo com tamanha elegância, Maria arranjava na casa de algumas famílias que lhe davam esmolas, mas, para se divertirem, estimulavam as maluquices da pobre doente.

Morava sozinha lá para as bandas do Prado, num caritô coberto de latas velhas, abertas e estendidas sôbre caibros, e em dois dias da semana fazia a sua peregrinação pelas ruas onde havia comércio e que eram o campo preferido para sua atividade. Entra aqui, entra acolá, ia andando, hemiplégica e deformada, inofensiva e risonha.



— Bom dia, meu nêgo. Tem uma coisinha para mim hoje? Desapareceu da circulação há uns quinze anos, levada pela Morte”.

**VELHA BRAGA** — Chamava-se Maria Braga e adquiriu a alcunha de certo por ser tão velha como a Sé de... Braga! Residia na rua dr. Miguel Omena, antiga do Sopapo, na Levada, onde explorava pequena quitanda, um dos mais modestos estabelecimentos no gênero. Já faleceu há muito. Popularizou-se porque, no seu pequeno negócio, não somente vendia mais barato do que os outros como em porções que os outros quitandeiros e bodegueiros não vendiam: metade de um côco, de um tomate, um tostão de azeite e vinagre, etc.

**CABO PIRES** — Morava na rua do Cravo, em Jaraguá, e faleceu há muitos anos. Era mentiroso célebre, formando, na rua em que residia, uma dupla notável com outro loroteiro famoso — Chico Variedade — carpinteiro de profissão. Cabo Pires era asilado da Marinha de Guerra.

**CHICO VARIEDADE** — Residia na rua do Cravo, em Pajussára, sendo carpinteiro de profissão. Com o cabo Pires formava notável dupla de mentirosos, ambos residentes na mesma rua, sendo lembrados ainda hoje... Disse-me Paulino Santiago que Variedade era mentiroso como êle, cuja autonomia passou a ser, naquela artéria, sinônimo dêsse adjetivo. Há muito repousa no cemitério de Jaraguá. Foi antecessor do João.

**MAJOR ACIOLI** — Foi um dos tipos populares desta capital o sr. José Pereira Acioli, Major Fiscal, reformado, da Polícia do Estado. Nos bons tempos da oligarquia maltina quem dirigia, na realidade, o ajuntamento de soldados mal pagos, sem disciplina, sem ordem, sem instrução, sem conforto, sem coisa alguma, pomposamente denominado Batalhão de Polícia do Estado, era o major Acioli, pois o cargo de comandante, em geral, era ocupado por políticos que só iam ao quartel, no fim do mês, receber os vencimentos...

Fazia gosto ver o major Acioli, a cavalo, na frente dos pobres milicianos, nas raras vezes que a tropa saía à rua, num feriado ou coisa que o valha.

Reformou-se em 1911, antes do sr. Euclides Malta renunciar, e com êle, reformaram-se os capitães Pinheiro, José Marinho Falcão e Severino Rodrigues Lins de Albuquerque.

Como os vencimentos de reformados mal davam para viver, passou a ser angariador de negócios e assim passou muitos anos, mais de 20, quando assassinou, em plena rua do Comércio, às 4 da tarde, o esposo de uma de suas netas, isso por questões de família.

Daf por diante, embora tivesse sido absolvido, o velho Acioli viveu melancolicamente os restos de dias que Deus lhe concedeu, esquecido de tudo que lhe fôra antes motivo de alegria, inclusive das cavalhadas, em que era figura de destaque, num cavalo branco, bem tratado, ao lado do Camêlo, João Inglês e outras figuras.

**SANTOS DA LIVRARIA** — Chamava-se Augusto Vaz da Silva. Depois de ter sido empregado da padaria Capricho e da livraria Francino, no prédio à rua do Comércio, onde está presentemente a Junta Comercial, montou à mesma rua, n. 138, antigo, prédio onde funcionou o Diário do Povo, a Livraria Santos, casa comercial que encerrou

suas transações m/m em 1942. O velho Santos faleceu, nesta cidade, em 4 de novembro de 1937.

Comerciante dos tempos antigos, tipo quase desaparecido, era geralmente estimado e apontado como homem probo, trabalhador, criterioso, um homem de bem, no sentido exato da palavra, tanto que morreu pobre, depois de ter lutado mais de 40 anos no comércio e vivido modestamente. O velho Santos era dos mais dedicados "mãos de couro", isso porque comparecia a quase todos os enterros em Maceió. "Mãos de couro" foram chamados os homens que, com luvas de sola, encarregaram-se de enterrar as vítimas da epidemia de colera-morbus em janeiro de 1865.

Dizia-se que o seu entêrro seria dos mais concorridos da cidade. Entretanto, quando a morte o levou, só acompanharam seus restos mortais umas 30 pessoas... E à missa de 7º dia, celebrada na igreja de Nossa Senhora do Rosário, compareceu menor número de amigos e conhecidos...

**O FILÓSOFO AMAVEL DA TRANSPARÊNCIA** — É também conhecido como o interventor vidraceiro. Chama-se Paulo Dias da Silva, deve ter uns 40 anos de idade e explora uma casa de vidros à Avenida Moreira Lima, 239. Baixo, forte, moreno, claro, anda sempre com um chapéu de cortiça, tipo colonial, sendo um dos tipos populares em nossos dias. Bom profissional, trabalhador e honesto, andou distribuindo pela cidade um cartão com o seu retrato, depois de ter publicado, nos jornais da terra, outra fotografia sua, dizendo-se o "filósofo amável da transparência", original reclame de sua casa comercial...

Quando em fins de 1952, tratou-se, em Maceió, de escolher candidato à Prefeitura da cidade, vaga com a renúncia do sr. Joaquim Leão, surgiram dois candidatos: o próprio Leão e o Cel. José Lucena Maranhão.

Paulo Dias aproveitou a oportunidade e publicou, nos jornais, uma fotografia sua, fardado não sei de que, pois a Guarda Nacional já não existe, e as cheganças não estavam funcionando, — com os seguintes dizeres:

"Interventor Paulo Dias, candidato único de Maceió a governador da cidade dos vidros".

**DOMINGUINHOS** — Domingos Moraes faleceu em Maceió em 14 de março de 1948, tendo entêrro muito concorrido, o mesmo acontecendo com a missa de 7º dia que um grupo de moças mandou celebrar na capela do cemitério de Nossa Senhora da Piedade, com convites pelos jornais, etc. Era um débil mental absolutamente inofensivo que sabia na ponta da língua o nome de quasi todas as pessoas que tinham morrido nos últimos meses e das que iam casar. Dominguinhas, quem morreu? — indagavam. Ele informava e acrescentava: Meu padrinho (chamava todos os homens "meu padrinho" e todas as senhoras "minha madrinha"... ) morreram Fulano e Dona Sicrana; os entêrros sairão às 4 1/2 da tarde. Acrescentava: — Na semana que vem vai casar aquela moça da rua do Sol, filha do coronel Sicrano; os cravos já estão encomendados na Ponta Grossa; a filha da viúva daquele homem da padaria, na rua do Alecrim, foi pedida por um Tenente do Exército. E assim por diante...

Possuidor de uma memória assombrosa, perguntava a um cidadão: — Meu padrinho, sua irmã morreu no dia 23 de março, não foi? A catacumba dela, no cemitério, é número 238, não é? E era mesmo...

Não faltava a um entêrro, casamento, batizado ou festa de aniversário. Ia à missa quase diariamente conduzindo, além do terço, fitas de irmandades, santos, bentinhos, medalhas e seu livro de missa, já muito velho e ensebado, que lia ou fingia ler, pois a cada momento interrompia a oração para olhar para um lado e para outro, vendo quem entrava ou saía... Estava sempre passando em frente às casas mortuárias... Quando sabia que uma pessoa estava muito doente permanecia nas proximidades, rondando, e, quando a morte chegava, ãle saía, muito apressado, avisando a todos, conhecidos, que "ainda agorinha", na rua tal, falecera uma pessoa. Se tivesse juízo teria dado ótimo repórter, pois conseguiria sempre magníficos **furos**. Na hora do entêrro voltava à residência do morto, ajudando a carregar as grinaldas, acendendo as velas, prestando outros pequenos serviços e acompanhando o féretro até o cemitério.

Era auxiliado por pessoas caridosas, que lhe davam roupas usadas, comida e dormida.

**CAPITÃO PINHEIRO** — José Pinheiro da Silva, capitão da Polícia do Estado, reformou-se nos primeiros meses de 1912, com o major José Pereira Acioli, capitães José Marinho Falcão, Severino Rodrigues Lins de Albuquerque e outros, isso antes que o dr. Euclides Malta deixasse, por bem ou por mal, o govêrno do Estado. Dos acima citados, vive apenas o capitão Pinheiro, já bem **quebrado**, mas ainda relativamente forte para sua idade. De compleição robusta, fala macia, passos miudinhos, é figura estimada e popular nesta Capital. Possui muitas casas de aluguel, que lhe dão boa renda, e explora, com um filho, um negócio de móveis usados à Avenida Moreira Lima. Ninguém o encontra sem uma flor à lapela. Anda sempre enfeitado como festa de escola pública antigamente... Era figura obrigatória do grupo que tôdas as tardes acompanhava, mais ou menos entre 1908 e 1911, o governador Euclides Malta quando saía do Palácio para um passeio pela rua do Comércio, a pé, parando para conversar na porta da Padaria Maceioense, do velho Chico Ribeiro (Francisco Lins). Esse grupo criou fama e figurou na revista "Maceió na rua", de costumes locais, escrita pelo dr. Manoel Rodrigues de Melo e musicada pelo professor Benedito Raimundo da Silva, o Benedito Piston, que musicou, como se sabe, o Hino do Estado. Foi representada, com enorme sucesso, no Teatro Maceioense, à rua do Sol, prédio já demolido há alguns anos. Num dos quadros surgia a atriz Cândida Palácio cantando:

Iaiá me deixe  
subir nesta ladeira,  
que sou do grupo  
dos que pegam na chaleira!

**PEROBINHA** — É débil mental absolutamente inofensivo, que não liga à meninada, que muito o aperreia. Costumam os garotos tirar e esconder o chapéu do pau d'água, sem que ãle se zangue, limitando-se a pedir que o devolvam. Quem o sustenta, presentemente, é o Assunção, conhecido chofer de praça, em cuja casa, à avenida dr. Pedro Monteiro, ãle faz as refeições e pernoita. É de baixa estatura, magro, preto retinto, beicudo, anda de pés descalços, camisa de esporte, chapéu de cortica, colonial, enfiado numa velha roupa de casimira já muito batida, presente de alguma alma caridosa. Frequenta assiduamente a rua do Comércio, na maioria das vêzes **puxando fogo, muito chumbado, devoto que é do Deus Baco**...

**SIBAUMA** — Tipo popular, vive ainda nesta Capital. Dêle não consegui obter o nome de batismo. Todos o conhecem por Sibauma. Tipo forte, muito forte mesmo, “dobrado”, como diz o povo, moreno, de estatura regular, anda de pés descalços, muito sujo, roupa esfarrapada, verdadeiro maltrapilho. Apesar de não usar camisa, vestindo apenas calça e palitô, traz amarradas ao pescoço quantidade enorme de gravatas, talvez mais de vinte. Vendia pão antes de ficar amalucado. Agora pede um níquel a um e a outro, um pouco de comida aqui e ali. Come muito, parecendo que seu estômago não tem fundo. Todo dinheiro que pega transforma logo em aguardente, legítimo “pau d’água” que é. Não tem residência certa. Ainda fala em matar Hitler e os alemães, bem como em bombas, não sei se atômicas. Encosta-se, vez por outra, junto a um dos postes dos bondes e avisa a quem passa: “Americano disse: pegou no fio morreu. O fio está aí. Quem quiser que pegue”...

**CALADO** — Chamava-se Severiano Santos Calado e era porteiro da Secretaria da Fazenda. Tornou-se figura popularíssima em Maceió pelas mentiras que contava, só conseguindo ser ultrapassado, depois de morto, pelo nosso João... Era magro, alto e tinha pouca barba. Contava histórias incríveis... Dizia possuir um jumento que comia vidro... Das histórias que sua fértil imaginação engendrou a melhor é a que êle contou, muito sério, no meio de numeroso grupo de colegas de repartição, depois de um café com bolos, fornecido, às 3 da tarde, pela preta Margarida, que residia na Ladeira da Catedral: — “Dois meses depois de ter-me casado, tive necessidade de viajar e passei um ano em Mata Grande, licenciado. Ora quando montei casa para me “enforçar” mandei fazer uma mobília para a sala de visitas e o marceneiro, que tinha oficina na velha cidade de Alagoas, fez as cadeiras de um velha jaqueira que o vento derrubara nos fundos da casa dêle. Fechei a casa e fui para o sertão. Meninos, vocês nem podem imaginar o que aconteceu! Quando voltei e botei a chave na fechadura senti logo um cheiro de jacas maduras... Abri a porta e em cada móvel havia uma jaca...”

Enquanto os presentes riam da história o velho Calado, muito sério, disse:

— E que jacas boas!...

Contava êle que possuía, no quintal de sua residência, um cajueiro, muito velho, quasi centenário. Tão velho que estava caducando. E além de cajús, aparecia, em dezembro de todos os anos, carregado de mangas, goiabas, sapotis, pitangas, genipapos, o diabo...

Creio que foi êle quem dizia ter descoberto uma mina de tachos, na qual encontrara daqueles utensílios de cosinha, pequenos, médios e grandes, de todos os tamanhos e para qualquer serviço...

**“SEU” JAMBEIRO** — O velho Jambreiro (chamavam-no “seu” Jambreiro) vivia ainda em 1920, quando o conheci residindo, se não estou enganado, com uma sobrinha, a distinta senhorita Flora Jambreiro Gomes, na rua Augusta, esquina com a do Alecrim. Era débil mental, inofensivo. Meteu-se-lhe na cabeça que sabia onde havia botijas enterradas e oferecia-se para cavá-las. Chegava em uma casa e, depois de assinalar o local onde estava o dinheiro enterrado, punha-se a pular.

— Para que faz isso, “seu” Jambreiro? — perguntava alguém.

— É para a botija ir subindo. — respondia, convencido.

Tudo correu bem até que certo dia, um tipo descarado, sapateiro de profissão, com oficina à rua do Capim, encheu uma lata vazia de azeitonas com certa matéria pouco cheirosa, fechou-a, soldou-a ou mandou soldá-la, enterrou-a no fundo do quintal e ficou aguardando a presença de “seu” Jambeiro, que não tardou a aparecer, dias depois.

— “Seu” Jambeiro, informou o rapaz, sonhei que aqui nesta casa, no fundo do quintal, há uma botija enterrada.

— Sonhou? Prestou bem atenção ao local?

— Prestei e vou lhe mostrar.

Levou o velho ao quintal e indicou o ponto. **Jambeiro, entusiasmado**, pulou muito e terminou se oferecendo para cavar a botija.

— Perfeitamente, concordou o sapateiro. Vou aqui junto pedir emprestado um enxadeco para o sr. cavar a botija.

Saiu, trouxe o enxadeco, avisou a vizinhança, a casa se encheu de gente... Todos queriam ver “seu” Jambeiro cavando botija...

Ele não hesitou. Meteu a enxada e quando bateu num objeto de metal gritou, triunfante:

— Achei! Achei a botija!

Poz as mãos no buraco e tirou a lata. Quando, muito alegre, quis abrí-la com a faca velha, espirrou-lhe na cara a tal “matéria”, isso no meio de geral gargalhada...

Dêsse dia em diante quando chamavam “seu” Jambeiro para ver alguma botija êle, ia, pulava para ela subir, mas não cavava...

— “Seu” Jambeiro, vamos cavar a botija?

— Não! Não posso! Estou proibido por Deus...

**GIOVANNI PUZZI** — Era um engraxate italiano que viveu em Maceió no fim do século passado, mais ou menos. Naquela época muitos engraxates e a maioria dos sapateiros eram patrícios de Vittorio Emanuele. Dominavam o comércio de calçados, sendo o grupo principal o da família Gazzaneo, da qual resta ainda o Luizinho, gordo como êle só. Giovanni era pau d’água de primeira classe, bebendo sem conta, vivendo sempre embriagado, dando de quando em quando formidáveis surras na espôsa, que gritava como uma desesperada, forçando a intervenção dos vizinhos. Certo dia ouviram gritos na casa, que estava trancada. Era o sapateiro:

— Eu mato! Mato esta danada!

Juntou gente. Os vizinhos correram. De certo o italiano, que bebera demais alguma “azuladinha” especial, fabricada em Coruripe, tinha batido na mulher e estava se preparando para matá-la. Uns queriam ir chamar a Polícia; outros, cétricos, diziam que a polícia não chegaria e se chegasse, demorando mais do que os carabineiros de Offenbach, a pobre senhora já estaria prestando contas a Deus dos seus pecados na terra.

E enquanto discutiam o Giovanni, dentro do casebre, gritava cada vez mais forte:

— Mato! Mato esta danada!

Resolveram, afinal, arrombar a porta. Dois ou três homens, dos mais fortes e dispostos, jogaram a porta para dentro, porta que, felizmente, era velha e mal pregada. Entraram mas na sala de visitas, nos dois quartos e na sala de jantar, nada encontraram. **Na cozinha**, afinal, deram com o italiano, bêbedo como êle só, de pé, grande e afiada faca de sapateiro na mão direita, enquanto a esquerda mantinha presa, pela cauda, na parede, uma enorme lagartixa. E gritava:

— Mato esta danada! Mato!

Sairam todos às gargalhadas... Não encontraram a espôsa do ébrio. Ela, ao ver o marido bêbedo, já muito "tocado", pegar numa faca e gritar que matava, não quiz saber de quem se tratava e deu às de villa Diogo, por segurança... Só apareceu no outro dia, depois de ter êle curtido a carraspana.

Sôbre o Giovanni o padre Júlio de Albuquerque, vigário de São Miguel dos Campos e meu distinto amigo, escreveu-me carta datada de 22 de outubro de 1953 (eu incluirei o engraxate italiano entre os tipos focalizados num artigo publicado, no Jornal de Alagoas, de 18 daquêle mês), contando o seguinte episódio:

Giovanni, **irmão da opa**, de longa data, tomou um dia uma das suas formidáveis carraspanas e caiu no largo dos Martírios, em frente à igreja, entre as jurubebas e mussambês que o **enfeitavam**. Caiu perto de um mastro que fôra colocado para se hastear a bandeira da festa de Bom Jesus dos Martírios, ainda hoje falada. No largo, além de galinhas e porcos à solta, muito mato e muita lama. Por ocasião da festa é que o limpavam, cobriam a lama com areia da praia, enfeitavam com bandeiras. Armavam-se os palanques onde iriam tocar as músicas dos Artistas e da Minerva, numa rivalidade sômente depois sobrepujada pelo foot-ball, quando CRB e CSA jogavam na atual praça General Goes Monteiro. Nessa ocasião viam-se o Cosmorama, o cavalinho do Petronilo, tomava-se gengibirra da "Casa Inglesa".

Giovanni, depois de ter curtido a carraspana, despertou ainda meio desorientado, julgou estar perdido numa selva selvagem, na "jungle", e apavorado, gritou chamando o velho Martins Ferreira, português que explorava uma padaria no princípio da rua do Comércio, bem perto do templo:

— Martin, me cuda ! Me cuda, Martin, que eu tá perdita !

Pessoas que iam passando tiveram pena do devoto de Baco e o levantaram conduzindo-o, enlameado, ainda gigando por efeito da caninha, até sua residência. No largo ficaram, porém, a caixa de engraxar, as escovas, o pano de lustrar...

**CHICO BARBEIRO** — Faleceu no Recife, onde residia, terminando pobre e melancolicamente os seus dias, Francisco da Cunha Lima, o Chico Barbeiro, tipo popular e conhecidíssimo em Maceió, nos últimos anos do século passado e nas duas primeiras décadas dêste século. Ótimo profissional, ganhou a alcunha, com que só se incomodou muito tarde, em 1916 mais ou menos, isso por injunções de família, pois duas suas filhas solteiras ficavam irritadas quando eram apontadas como as "filhas do Chico Barbeiro". Deixou a profissão, passando a fabricar gravatas e bonés, fez uma **fôrça danada**, queixou-se amargamente, pediu aos amigos e conhecidos **para chamá-lo** Francisco Lima, "que êle tinha nome", mas tudo inútilmente. Ficou sendo mesmo o Chico Barbeiro... E por ironia da sorte, por uma dessas coisas do Destino, tendo se mudado para a Capital pernambucana, onde seus negócios fracassaram, voltou, cheio de amargura, certamente, a cortar cabelo e a fazer barba, confirmando o rifão de que, quem nasce para cangalha...

Uma de suas filhas, Maura, foi, no seu tempo, uma das moças mais bonitas de Maceió, sem favor algum.

Homem pobre e modesto, muito bom e trabalhador, era uma das mais alegres, pilhéricas e engraçadas criaturas que conheci, sendo muito estimado e das mais populares figuras da cidade no começo do século. Contava uma história a um, uma anedota a outro, ridi-

cularizava tôda gente, e vivia bem, satisfeito, sem que pessoa alguma se lembrasse de zangar-se com êle. E se zangasse só teria a perder...

A primeira vez que vi Chico Barbeiro — lembro-me! — foi numa das noites da inesquecível festa do Natal, em Bebedouro, em 1910, mais ou menos. Estava vestido de mouro, com blusa vermelha, calças brancas, gôro azul, botas pretas, de cavalaria, e trazia na mão direita um espadagão. Comandava, por obra e graça do Major Bonifácio, um fortim turco, erguido na praça de Santo Antônio, no oitão da casa do velho Olímpio Ether, para combater os marujos da nau Catarinêta, que ancorara um pouco adiante.

No fim do ano, em novembro, mandava êle imprimir e vender suas célebres emboladas. Era um sucesso, só ultrapassado, muitos anos depois, pelo "O Bacuráo", jornal humorístico de que todos se lembram e que circulou nesta cidade em 1924 a 1928. Manoel Diéguas Júnior, "O banguê nas Alagoas", escreveu, à página 256:

"Dentro do mesmo assunto são os versos que apareceram numa das célebres emboladas do Chico Barbeiro, de edições anuais, nos primeiros anos do século atual. Estes folhetos que alcançaram grande sucesso nas Alagoas, constituem um dos mais vivos documentários para a reconstituição da vida social e política do Estado no começo do século XX. Aproveitando o motivo musical do "Tatu no mato", figuram os seguintes versos de emboladas, referentes a propriedades, em particular do vale do Mundaú, e circunvizinhanças, inclusive parte do vale do Parafba:

Rêgo da Mata, Fernão Velho, Carrapato,  
Santa Cruz, engenho Gato, Burarema, Conceição,  
Ponta Grossa, São Miguel, Paripueira,  
No engenho das Frecheiras seu Aguiar é o bichão.

Páo Amarelo, Cachoeira, Grujaú,  
Engenho Urucú, Mataraca, Gavião.  
Dr. Alfredo é quem manda na Satuba,  
No engenho da Uruba Tiburcinho dá lição.

Mais restrito a engenhos do vale do Mundaú, inclusive o Riachão, da família Oiticica, e o Utinga, da família Leão, hoje Usina Central, é esta quadra também do Chico Barbeiro, nas suas emboladas do Natal de 1903:

Na Satuba quem governa é seu Mendonça.  
Na Utinga quem governa é seu Leão,  
Ah! seu Abas, ah! seu Hermes, ah! seu Ulf!  
Dona Santa é quem governa o Riachão!

Aparecem nestas quadras alguns nomes conhecidos da vida alagoana, Dr. Alfredo é o dr. Alfredo Rêgo, ilustre higienista e educador, que durante algum tempo foi gerente da usina Wanderley, de propriedade do Estado; Tiburcinho é o comendador Tibúrcio de Carvalho, proprietário da então usina Santa Ismenia, hoje usina Uruba, primitivamente engenho Uruba; Leão é o comendador Leão, proprietário da usina Leão".

E eu acrescento mais umas informações às do Diégues: Dona Santa, que mandava no Riachão (aliás Riachão do Pitanga, engenho banguê, de fogo morto, há muitos anos) era dona Francisca Oiticica da Rosa Calheiros, genitora do dr. Alfredo Elias da Rosa Oiticica, que ainda reside na propriedade aludida. Mataraca é um engenho em Atalaia, hoje pertencente aos herdeiros do coronel Nonô — José Tomaz da Silva Nonô, falecido mais ou menos em 1948; Conceição era outro banguê, no então município de Santa Luzia do Norte, hoje Rio Largo, pertencente ao dr. Antônio Gomes Nogueira; Páo Amarelo, engenho no aludido município, pertencente a Manoel Rodrigues Calheiros Lins. Nêle vem de ser montada a usina Santa Clotilde, da família Oiticica (oficialmente da Cooperativa dos plantadores de cana do vale do Mundaú). Gurjaú de baixo e Gurjaú de cima (não sei a qual dois dois se referia Chico Barbeiro) eram dois engenhos no Pilar, pertencentes o primeiro ao major João Pedro de Moraes e o segundo ao dr. Joaquim Ayres da Silva Costa.

Chico Barbeiro, em 1901, ao iniciar-se o século XX, tinha seu estabelecimento à rua do Livramento. Transferiu-o depois para a rua do Comércio onde está hoje a Casa Edson, e, posteriormente, em 1917, para os baixos de um velho sobrado na mesma rua, onde está presentemente a Casa Lages. Aí estêve até 1923 quando se mudou para o Recife.

Era também conhecido por Sururú de botinas, por não usar outra espécie de calçado.

Em 8 de outubro de 1952, Durval Coelho Normande, chefe da firma Normande & Cia., de Maceió, que residiu, menino, em União dos Palmares, deu-me cópia de parte de uma das emoladas do Chico Barbeiro e que conservava de memória:

#### Crise política — Suspensão do Secretário

O Secretário se zangou com seu Paes Pinto  
oh lelê mas eu não minto, foi pro mode a oposição!  
O pinto novo já cantava como galo  
por via do regalo levou sua suspensão!

Eita! Lá de riba o Lelê vem me dizer:  
fala caboclo para saber dessa questão.  
Coronel velho, Senador do nosso Estado,  
É o homem abalisado que governa a União.

Eita! Disse Euclides na chegada,  
eu não quero embrulhada com o Lelê da União.  
Ai meus amigos vocês tenham paciência,  
com meu chefe de influência ninguém faz oposição!

Paes Pinto era o coronel Jacintho Paes Pinto da Silva, Inspetor do Tesouro do Estado e coronel comandante superior da Guarda Nacional do Estado de Alagoas. Era uma espécie de Pinheiro Machado mirim, dominando completamente a política local, de 1900 a 1912 mais ou menos. O Secretário da Fazenda era o engenheiro Antônio Guedes Nogueira, de destacada família alagoana. Já faleceu.

Lelê era o coronel Presciliano Sarmento, grande proprietário agrícola e influente político em União, neste Estado. O Secretário era, como escrevi, o dr. Antônio Guedes Nogueira. Governava o Estado o Bacharel Joaquim Paulo Vieira Malta, que sucedera seu



irmão, dr. Euclides Vieira Malta. Além dos versos que registrei, Chico Barbeiro improvisou outros, ainda a propósito da desinteligência referida:

Suspende, mano, suspende,  
Suspende essa suspensão!  
Suspende o pinto e o galo,  
Capote, Perú e pavão!

É que o Cel. Paes Pinto, com seu imenso prestígio, conseguira, afinal, fôsse tornada sem efeito a suspensão...

Disseram-se que Chico Barbeiro era analfabeto. Seus primeiros versos êle os ditava a uma pessoa, que ia escrevendo. Já maior de 20 anos é que aprendeu a ler, por sugestão do grande saudoso poeta conterrâneo Aristheu de Andrade, que muito o apreciava e talvez fôsse seu freguês na barbearia.

Imitando Pierre Loti, brilhante oficial da marinha de guerra francesa e renomado escritor, que no estio de 1876, deixando a câmara do "La Courrone", navio em que servia, foi trabalhar, certa noite, como palhaço do circo Etrusco, em Toulon, sendo muito aplaudido, Chico Barbeiro também se fez palhaço de um circo, nesta capital, armado na praça da Cadeia, no princípio dêste século.

Reconhecido pelo público, que o aplaudiu entusiasticamente, cantou êle, ao violão, uma quadrinha, pilheriando com o seu colega de ofício, José Ponciano dos Santos, barbeiro conhecido e estimado:

O Ponciano barbeiro  
Toca flauta em si-bemol.  
Tem muita fôrça no peito  
Pois tomou Humanitol!

Humanitol era uma fórmula do farmacêutico Antônio José Duarte, proprietário da Farmácia Fidelidade, à rua do Comércio, recomendado para gripe, tuberculose e doenças do peito.

Muitas outras emboladas pilheriando com o comerciante Antônio Brasileiro, Major Acioli, Capitão Pinheiro, ambos da Polícia do Estado, Dr. Sampaio Marques, médico que foi Prefeito de Maceió, e outras figuras de destaque da Capital alagoana, poderão ser lidas no meu trabalho "Presente do Natal", publicado em Maceió, em 21 e 28 de dezembro de 1952, no Jornal de Alagoas.

Mais baixo do que alto, de côr clara, forte, gordo, muito alegre e brincalhão, andava gingando e era geralmente estimado.

Leobino Silva explorava uma tabacaria na rua do Comércio e resolveu mudar de ramo, montando um caldo de cana, onde vendia também especial "caninha" fabricada em alambique de barro, que era servida com cajús e tira-gôsto. Chico Barbeiro, no fim do ano, não o esqueceu:

Seu Leobino que montou sua engenhoca,  
De beijú de tapioca, caldo de cana e cajú,  
Tem certa droga que queima a bôca da gente;  
Quem a bebe de repente faz mais roda que Perú!

Era Intendente (Prefeito) municipal de Maceió, na primeira década dêste século, o dr. Manoel Sampaio Marques, que faleceu em 1951. Foi focalizado numa das emboladas:

O Intendente "seu" Doutô Sampaio Marques  
Só dá vinho Labarraque prá tomá nas refeição  
Passa receita, toma nota no caderno  
Cura todo mal interno sem fazer operação...

Os três primeiros fonógrafos que apareceram na Capital alagoana, logo depois da proclamação da República causaram sensação e foram colocados nos cafés Suisso, Colombo e High-life. Juntava gente ansiosa de conhecer a novidade. Chico Barbeiro comentou-a:

Lá no Colombo, no High-life, no Suisso,  
Diz o povo tem feitiço, tem um bicho de falar.  
Me disse um moço que se chama gramofone,  
Só parece um lobis-home lá nas matas do Pilar!

**PROFESSOR ANTÔNIO DUARTE** — De destacada família alagoana, que nos deu homens ilustres na política, na sociedade, nas ciências, o professor Duarte, foi casado com Dona Iaiá (Generosa) Duarte, que morreu em 1955. Explorou, muitos anos, a Farmácia Fidelidade, à rua do Comércio, junto à Despensa Familiar. Vendeu o estabelecimento e mudou-se para o engenho Gurganema, em Alagoas (atual Marechal Deodoro), voltando, depois, a residir na Capital, onde faleceu, em 1931.

Celebrizou-se pelos epigramas, sendo o mais notável e lembrado o seguinte:

"Maceió é uma praia de naufragos. Mal chegam, com as roupas ainda molhadas, vão logo assaltando as posições".

Tinha razão e muita razão o velho professor, pois ainda em nossos dias as melhores posições, principalmente as da representação federal, são tomadas de assalto por adventícios, em geral da pior espécie...

Alto, magro, forte, apesar da idade, pisando como se fôra um moço de trinta anos, parecia, pelo físico, Dom Quixote ou um velho mosqueteiro desgarrado em Alagoas.

O professor tinha a fórmula de um remédio, fórmula sua, e à droga deu o nome de Humanitol. Era um preparado para constipações, bronquite, tuberculose, e fez sucesso. Tendo se instalado um circo na praça da Cadeia, nos primeiros anos deste século, Chico Barbeiro, que não era gente, trabalhou de palhaço certa noite, no que seria imitado, anos depois, pelo oficial de marinha de guerra e escritor francês Pierre Loti. Vestido de palhaço, sob estrondosos aplausos do público, que o reconhecera, cantou ao violão, uma quadrinha bolindo com seu colega de ofício, o barbeiro José Ponciano, muito conhecido e estimado:

O Ponciano barbeiro  
Toca flauta em si-bemol,  
Tem muita força no peito,  
Pois tomou Humanitol!

Outro dos epigramas do prof. Duarte ainda hoje é lembrado: "A lagôa é um banco, cujos cheques são os sururus e as carapebas".

Referia-se êle a lagôa do Norte ou Mundaú, localizada nesta Capital.

Nos primeiros anos da República, quando seu irmão, Dr. Manoel Duarte, gosava de grande e merecido prestígio político, foi o professor Duarte eleito Intendente (Prefeito) municipal de Maceió, que era então, como se sabe, uma aldeia grande, de compadres e comadres. Procurando melhorar a cidade, urbanizá-la, saneá-la, e tentando acabar com certos abusos, inclusive com a criação de porcos, à solta, nas ruas de alguns bairros, tomou medidas rigorosas e necessárias que teve, entretanto, de relaxar a pedido de amigos e devido às injunções de políticos influentes que não queriam desgostar os seus eleitores.

Irritado, uma vez por outra dizia o professor Duarte, descobrindo-se respeitosamente:

— Tiro o chapéu aos porcos de Maceió!

Na sessão do Instituto Histórico de Alagoas, de 24 de julho de 1931, propôs o dr. José Guedes Ribeiro Lins que constasse da ata um voto de profundo pesar “pelo falecimento do venerando alagoano professor Antônio Duarte, que fôra um dos mais dignos, capazes e esforçados membros do nosso magistério secundário, reunindo a uma notável cultura intelectual as virtudes de verdadeiro cidadão”.

**NEGRA INÁCIA** — Nascida na Costa do Ouro, África, em 1844, foi conduzida escrava para o Brasil. Residia no Félix Bandeira — Ponta Grossa — nesta Capital, onde faleceu no dia 8 de junho de 1950, mais que centenária. Tendo encontrado, certa ocasião, dentro do mato, um esqueleto de criança, levou-o para casa, enterrou-o no quintal. Ergueu depois uma capelinha onde rezava, todos os anos, o exercício do mês de Maio. Muito conhecida e estimada em todo o bairro da Levada, era uma espécie de Sinhá Coló e curou muita gente com os seus afamados clisteres de bucha, camará e garrafadas diversas, algumas capazes de debelar tôdas as doenças conhecidas e desconhecidas...

**PROFESSOR AGNELO** — Agnelo Marques Barbosa — o professor Agnelo, como era conhecido, diretor do Colégio 15 de Março, localizado à antiga rua do Açougue, — atual Avenida Moreira Lima — esquina com a da Alegria — hoje Joaquim Távora — foi o terror da meninada vadia durante muitos anos. Educador competente, severo disciplinador, não dava folga aos que fugiam das aulas para remar em jangadas de bananeira e tomar banho no Salgadinho, do oitão da Enfermaria Militar até a praia do Sobral. Pelo carnaval, Agnelo, folião dos mais destacados, pintava o diabo. Já no fim da vida, aposentado, ainda escandalizou o governador Álvaro Paes, no carnaval de 1930, aparecendo, fantasiado de índio, num banho de mar, na Avenida Duque de Caxias.

Quando, nos célebres exames de propedêuticos, em 1908, mais ou menos, no Liceu Alagoano — verdadeiro escândalo de que se falou no Brasil inteiro — estudantes vadios e ignorantes vieram de todos os quadrantes fazer provas na Capital alagoana, um moço nordestino — segundo narra Aminadab Valente — encontrou-se, numa prova, frente a frente, com o velho professor de grego. Agnelo fez-lhe algumas perguntas e êle nada respondeu. Irritado olhou severo, fixou a vista no examinando que, com presença de espírito incrível, improvisou e recitou, em voz alta, a seguinte quadrinha:

Ai! não me olhes com êsse olhar tão terno,  
Ai! não me fites dêsse modo assim,  
Se eu não mereço teu amor, Agnelo,  
Contudo espero tua compaixão por mim...

Agnelo, ante tanta presença de espírito e... falta de vergonha, riu, discretamente, respondendo: Estou satisfeito. Pode retirar-se.

Num domingo de carnaval, como fazia anualmente, Agnelo apareceu mascarado como matuto, com um saco às costas, e entrou na confeitaria A Helvética, dizendo aos que o rodeavam estar vendendo "trapaçada"... Alguns dos presentes o reconheceram mas nenhum ousou perguntar o que era "trapaçada"... O Cel. Antônio Maurício da Rocha, rico comerciante de tecidos, caiu na asneira de interrogá-lo.

Abrindo o saco que estava cheio de chifres de boi, de cabra, de carneiro, de bode, deu Agnelo uma explicação que não pode ser aqui reproduzida...

**ROMÃO ALVES DE OLIVEIRA** — Trata-se de um débil mental, residente em São Miguel dos Campos, que apareceu em Maceió nos meados de outubro de 1955, dizendo-se "Vereador e Deputado Federal de São Miguel dos Campos a Maceió e Rio de Janeiro"

De tanto ouvir falar em eleições, em Vereadores, etc., resolveu deixar sua terra e veio para a Capital alagoana, onde apareceu enfiado numa roupa velha, sujo, imundo, de tamancos, conduzindo uma enorme papelada. Foi à Câmara dos Vereadores tomar posse do seu "alto" cargo e receber milhares de cruzeiros de "sôldo" e de "sídio", como diz...

Sua presença na Câmara gerou ridículo incidente. Tornou-se, o pobre matutu, figura popular, alcançando inesperada notoriedade e obtendo ampla publicidade dos jornais.

Não lhe tendo sido os "sídios" pagos, na Câmara dos Vereadores — e naturalmente orientado por gaiatos que queriam se divertir à sua custa — dirigiu-se êle à Delegacia Fiscal, do Tesouro Nacional, ao Palácio do Governo, à agência do Banco do Brasil, ao Tesouro do Estado, etc. Não sendo atendido, perdia as estribeiras e fazia um barulho dos diabos. Convenceram-no então que Gregório Fortunato, ex-chefe da Guarda do sr. Getúlio Vargas, procurava-o, armado, para matá-lo. Resolveu voltar para São Miguel dos Campos em meados de novembro.

**PELÁGIO** — Nas três primeiras décadas dêste século foi dos mais populares tipos de Maceió. Chamava-se Manoel Pelágio e tinha a alcunha de Paes Pinto Segundo, devido à sua amizade ao Cel. (da Guarda Nacional) Jacintho Paes Pinto da Silva, não somente nos bons tempos em que dominou Alagoas, politicamente, aquele saudoso político como quando, em 1911 e 1912 "a soberania" tomou conta das ruas, pintando o diabo com "os lebas", isto é, com os políticos do Partido Republicano Conservador.

Chamava-se também Paes Pinto Preto devido a côr.

Garçon de profissão, conhecido e estimado, fez época na Capital alagoana como o célebre Sacramento, *maitre d'hotel* em Recife. Já faleceu.

Figura obrigatória de todo casamento, festa ou dança elegante, não somente em residências particulares como na Fenix Alagoana e no Palácio do Governo, sabia servir uma mesa com elegância e

distinção raras. Trajava impecavelmente a sua casaca nessas ocasiões e dava lições de etiqueta a muita gente boa... Pelágio parecia um daqueles criados negros que servem, ainda hoje, de casaca, as mesas das casas ricas do Sul dos Estados Unidos. Dêle talvez dissesse o Cel. Paes Pinto: "Era um preto de alma branca". E era mesmo!

**ROSA DO LEÃO** — Informa Jaime de Altavila, no suplemento literário do Jornal de Alagoas, de 18 de dezembro de 1955: — "Rosa era uma preta moça, companheira do carvoeiro Leão, de Jacarecica, a qual passava, quando em quando, uma semana bebendo e cantando no oitão da igreja (do Senhor do Bonfim, no Poço). Certa vez a Rosa do Leão estava numa das suas semanas de cantoria, no oitão da igreja, bebendo, cantando e fazendo rodas, cercada pela meninada. Recordo-me de sua voz afinada e das canções do nosso tempo, especialmente de uma cujo refrão ela mesma engendrava, dessa forma:

— Seu Baltazar, eu sei que não vadeio mais...

Referia-se ela ao nosso saudoso Baltazar Mendonça, que havia chegado para o nosso arrabalde com a cabeleira negra e a cabeça repleta de ilusões civilistas.

O Leandro, que teria de fazer uma exibição em frente da igreja, mandou chamar o saudoso Luiz Chaves e exigiu que a negra fôsse dali retirada, para não perturbar a retrêta. O Luiz coçou o queixo, convocando uma idéia, e sorriu:

— Qual, maestro! Se a Leandrina tem uma peça com o nome da Rosa, como é que nós iremos desprestigiar uma "consócia"? É caso até de se prestar uma homenagem à negra.

E tomando o apito imitou a voz autoritária do Leandro:

— Banda em forma! Samba Rosa do Leão! Práa!"

A banda referida era um afamado "esquenta mulher", do Poço, a "Leandrina", organizada pelo sr. Luiz Chaves, e cujas músicas deu êle nomes de tipos populares naquele arrabalde, inclusive a Rosa do Leão.

**O VELHO BERNARDO** — Chamava-se Bernardo quando deveria ter sido batizado com o nome de Benedito, não somente por ser de côr preta como pela futura devoção ao Glorioso São Benedito, que se venerava e ainda se venera em sua igreja à Praça Tavares Bastos, ainda hoje conhecida como Praça de São Benedito.

No fim da vida, sem família, residiu, alguns anos, nos fundos do templo daquele Santo, do qual fôra sócio sem capital...

Bernardo era homem de idade avançada, gordo, baixote, calvo, vestia roupa de brim ordinário, já batida, calçava velhas chinelas e, enfiado numa opa rôxa, com pala preta, já muito desbotada, da Irmandade de São Benedito, conduzia, pelas ruas, sob o guarda-sol aberto, uma bolsa de pano rôxo, com placa de metal com a imagem do santo, rodeada de flôres murchas, pedindo espórtulas.

Esse era o meio de vida do negro velho que, dizia-se, "comprava" à Irmandade, diáriamente, por 800 réis, o direito de solicitar espórtulas para o Santo. O que apurava era dêle... Afinal o velhinho era preto também e tinha ou devia ter os seus direitos adquiridos... Era irmão de opa!

Contam que êle, de 1915 a 1930, mais ou menos, antes de ter feito tal arranjo com a Irmandade, saía a solicitar esmolos e às 10 da manhã, quando cessavam suas atividades, ia separando, em frente ao altar, as moedas de cobre para o Senhor São Benedito; as de níquel e de prata para êle, dizendo:

— Branco, meu; preto, seu...

Quando isso ocorreu, nos primeiros anos dêste século, circulavam ainda, em quantidade, moedas de cobre, de níquel e de prata. Dessa maneira São Benedito era roubado... Daí ter surgido a idéia, entre os dirigentes da Irmandade, de lhe venderem, por 800 réis, diários, o direito de pedir esmolas.

Entre outras, do preto Bernardo, contam que, certo dia, chegando em casa, cansado, suado, tirou logo a opa e foi descansar um pouco, antes do almoço. Quando já estava à mesa a modesta refeição, sua espôsa disse-lhe que faltava farinha. Ele, muito aborrecido, levantou-se e gritou:

— Você porque não me disse logo? Traga a opa!

Enfiou-a e saiu, imediatamente, para pedir mais esmolas a fim de adquirir o alimento que faltava...

Há mais de trinta anos repousa o negro velho na vala comum do cemitério de Nossa Senhora da Piedade.

Maceió, maio de 1956

# O sal no populário Gaúcho

por Walter Spalding

O sal é conhecido desde a mais remota antiguidade. Não se sabe, entretanto, como foi descoberto.

Conta uma lenda incáica — “Irmãos Ayar” — relatada por L. Valcárcel, citada por Maria Teresa Villafañe Casal (Salinas y Lluvia), que “quatro irmãos com suas respectivas esposas saíram certo dia de uma cova onde residiam, próxima do rio Apurimaj, com intenção de mudarem de situação. Um dêles, Ayar Cachi irmão Sal, por sua fortaleza e beleza física, por isso sempre vencedor em tôdas as lutas e contendias, despertou invejas e feroz ciumeira entre os outros três. Pensaram que, dadas as excepcionais qualidades de Ayar Cachi e suas não menos excepcionais condições físicas, em breve estariam sob o domínio exclusivo do irmão. Maneirosamente, pretextando terem esquecido na caverna os vasos sagrados de ouro que utilizavam nos ritos religiosos, fizeram-no voltar. Confiante, sem nada suspeitar, entrou Ayar Cachi no covil e, quando quis sair, encontrou a boca da furna fechada com enormes rochas. Apesar de sua força hercúlea, não conseguiu movê-las sequer. O cêrro, porém, tremeu com os golpes que dera na tentativa de arrebentar as pedras da entrada. Mas tudo foi inútil: não conseguiu sair. E ali morreu convertido em pedra de sal. Seu espírito,

contudo, poude atravessar as rochas e, em contacto com o ar puro, transformou-se em ave vistosa, de belas côres, que, em seguida, foi procurar os irmãos. Logo que os encontrou, contou-lhes quem era na realidade. E, em vez de recriminar o mau procedimento e a deslealdade com que o trataram, perdoou-os e, diante dêles, transformou-se em duro penhasco”.

Foi assim, dizem os incas, que nasceram as jazidas de sal que, por isso, se tornou sagrado.

Há, nesta lenda incáica, qualquer cousa que nos faz lembrar a mulher de Loth, conforme o antigo testamento:

— Deus condenara Sodoma e Gomorra à destruição pelo fogo, devido seus crimes sensuais, aberrantes da própria natureza. Loth e Abraão, entretanto, prevenidos peio Senhor, procuraram retirar-se. Loth levava consigo a mulher e os filhos. Mas nenhuma delas deveria olhar para traz, enquanto fugissem da chuva de fogo, cinza e enxofre que caía sôbre as cidades. Mas a mulher de Loth, curiosa, apesar da proibição divina, parou em meio do caminho e olhou para traz. Como castigo, alí mesmo ficou convertida em estátua de sal.

Vemos, assim, que já nos mais antigos documentos o sal era conhecido, como na referida passagem do “Antigo Testamento”. Mas há, aí, outras referências ainda, encarecendo o valor do sal quando declara que êle, nos sacrifícios, não pode faltar porque é sinal da presença e da inviolabilidade de Deus com seu povo. Era, portanto, verdadeiro sêlo sagrado. Aliás, entre os persas, no período dos Sássanidas, “todo documento que continha alguma obrigação para com outro Estado, independente ou vassalo, era acompanhado de um saquinho de sal, ornado do sêlo real, como que significando a imutabilidade do juramento” (Conf. Maria Teresa Vilafañe Casal).

Ainda na Bíblia fala-se do sal com o mais variado simbolismo, culminando com as palavras de Cristo aos Apóstolos denominando-os — “Sal da terra” — que, segundo os teólogos, significa — “princípio da conservação espiritual”, — porque o sal tem o poder de conservar os alimentos em perfeito estado.

O sal, aliás, é de uso desde os tempos imemoriais, certamente contemporâneo do primeiro homem. Seu papel na vida humana foi — e é — tão importante que os próprios árias, já nos seus primórdios tinham uma palavra especial para designá-lo: — “Sara”, — enquanto o restante dos corpos sólidos eram conhecidos por alguma de suas características exteriores, — dureza, por exemplo, era a pedra; brilho, alguns dos metais conhecidos, e assim por diante.

De “Sara” nasceu a palavra “Sal” que, na maioria das linguas vivas tem como radical sa e se. Ainda, da palavra “sal” saiu “salário”, oriunda da Abissínia onde, entre os indígenas, o sal era a moeda com que pagavam os trabalhadores. Também na Costa do Ouro um punhado de sal valia ouro de verdade em igual proporção. E era com sal que compravam escravos aos chefes nativos!



Em Portugal, onde as salinas são abundantes desde épocas remotas, dizia a Musa popular:

“Ó ondas do mar salgado,  
donde vos vem tanto “sal”?  
— Vem das lágrimas choradas  
nas práias de Portugal”,

como alusão às grandes emprêsas marítimas desde meados do século XV, ou talvez antes.

Também na grande terra de Pedro Álvares Cabral costumam dizer que “O sal e o saleiro a entrar em casa, devem ser os primeiros”, para significar que sem sal não se constitui o lar com o necessário, pelo menos para viver.

Na Grécia, segundo Homero e Platão, — “era presságio funesto qualquer transtórno que houvesse no serviço do sal”, mesmo porque o sal êles o consagravam aos Deuses.

Por isso tudo, não pode faltar sal em parte alguma. E para que sempre estivesse presente, para depositá-lo e guardá-lo, foram criados já na antigüidade mais remota, recipientes especiais com as mais variadas formas e símbolos. Na Idade Média verdadeiras obras de arte se fizeram para guardar o sal e para apresentá-lo na mesa, principalmente nas mesas aristocráticas onde jamais faltava o saleiro, desde o mais simples ao mais trabalhado.

Entre os saleiros famosos figura, por sua expressão artística, o que Benevenuto Cellini (1500-1671) criou para o cardial Hipólito d'Este, mas que ficou em poder do rei Francisco I, da França. O maravilhoso saleiro está assente sobre base de ébano adornada de frisos. Formam-no duas figuras de ouro que representam a terra e o mar. É eloquente a postura da figura feminina que leva a mão esquerda ao seio, símbolo da terra substanciosa e fértil. A figura masculina representa Netuno, o barbudo deus do mar, com seu tridente. As cabeças de cavalos accentuam sua caracterização. À direita de Netuno está engastado o recipiente para o sal e sobre as coxas da mulher repousa outra mulher em miniatura”.

Para os mediterrâneos a representação está perfeita, pois é do mar e, justamente, do Mediterrâneo, que tiram o sal para seu uso. Portugal, por exemplo, tem, no sul, as suas maiores salinas.

Nas Américas o uso do sal estava mais ou menos difundido entre os silvícolas, sendo que os araucanos, que costumam fazer intercâmbio de produtos, tinham, no sal, uma das mais estimadas e procuradas mercadorias. O sal êles o denominavam “Chadi”, de modo geral. O que extraíam do mar era “Chadipeum” e o sal gema “Lilcochadi”.

Outras tribos do interior, que não conheciam o sal em si, obtinham seus efeitos na alimentação com a cinza de certas plantas.

No Brasil existem salinas marinhas em diversos pontos do litoral nordeste e leste. No Rio Grande do Sul, entretanto, não há salinas de

espécie alguma. A maioria do sal, senão a totalidade gasta neste extremo sul brasileiro, vinha do estrangeiro, de Portugal especialmente, e da Inglaterra. Durante a colônia só de Portugal que mantinha, entre nós, o privilégio exclusivo do sal. Depois da abertura dos portos (1808) começaram a entrar outros países, sobretudo a Inglaterra. Meu Pai, que foi comerciante de fins do século passado até 1936, tendo falecido em 1945 com 80 (oitenta) anos de idade, falava muito em sal inglês e dizia que importava êsse produto por intermédio de firmas da capital, até 1913 mais ou menos. De 1917 a 1936 viajou por todo o interior do Rio Grande do Sul e foi somente nêsse período de sua vida que o ouvimos falar em “sal de Mossoró” e “sal de Macáu”, sal grosso para o gado, que era então importado em grande escala, e sal das mesmas procedências, fino, para uso doméstico e um tipo intermédio para as charqueadas.

Na obra “Herman Lundgren” — “Pioneiro do Progresso Industrial do Nordeste”, do senhor Raul de Goes, lemos:

—“As charqueadas e as fábricas de conservas do sul não utilizavam o sal nacional, e ninguém acreditava em sua existência e em suas qualidades de pureza, sendo, por isso mesmo, intensa a importação do sal de Cádiz e Cabo Verde. Os govêrnos não tomavam nenhuma providência que visasse a valorização do nosso produto, e nem ao menos existia uma legislação que limitasse a importação, passando-se os anos sem que fôsse possível qualquer mudança nêsse critério prejudicial aos interesses nacionais. Diante dêsse quadro por assim dizer histórico de centenas de veleiros procedentes da Europa que abarrotavam com a sua carga o nosso mercado, trazendo imensos prejuizos para a secular indústria brasileira do sal, Herman Lundgren resolveu intervir, reagindo simultâneamente contra a incompreensão das autoridades e dos salineiros, pois êstes viviam conformados com a sua sorte e o estado de penúria a que estavam submetidos”.

E depois de falar nos trabalhos de Lundgren para a verificação da qualidade do sal nordestino, em especial de Macáu e Mossoró, e verificada a ótima qualidade daquele produto, ficou “aparelhado para entrar no mercado sem receio de qualquer insucesso. As suas vistas voltaram-se logo para os industriais do Rio Grande do Sul; era preciso convencê-los, antes, de que não havia mais necessidade de importar sal de outros países; poderiam êles mesmos aplicar nas suas indústrias, com plena confiança, o produto indígena. Foi êste o ponto mais difficil a vencer. A campanha durou vários meses, tendo Herman encontrado no sr. José Rodrigues Meira, seu agente em Porto Alegre, um colaborador tenaz e inteligente”.

E assim começou a ser vendido e usado no Rio Grande do Sul, o sal nacional. E seu maior consumo, queremos crer, se estabeleceu durante o período da guerra de 1914-18, devido as grandes dificuldades na importação. Aquela guerra, portanto, parece-nos, devemos o maior consumo e a valorização definitiva do sal brasileiro.

Aliás, Saint-Hilaire, Arsène Isabelle e Nicolau Dreys se referem ao sal, no século passado, como raridade no Rio Grande do Sul.

Diz, por exemplo, Arsène Isabelle: — “Não podem criar muitos animais pela dificuldade que têm de encontrarem o sal necessário para a sua nutrição. Êste inconveniente, devido inteiramente às qualidades da pastagem, é geral em tôda a alta região do Brasil, como numa grande parte da Banda Oriental; mas nesta Província do Rio Grande do Sul é apenas na serra e, sobretudo, entre o Jaguari e o Guairacá que a necessidade do sal se faz sentir, porque existem em outros lugares uma argila lodosa, salitrada, chamada barro, que os animais comem com a mesma avidez que o sal”.

Arsène Isabelle esteve no Rio Grande do Sul de 1833 a 1834.

Nicolau Dreys que aqui esteve até 1838, escreveu em sua obra clássica — “Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul” — : — “Uma cousa digna de se notar, é que no interior da província pouco sal se come, pela dificuldade de o transportar; nota-se mesmo que, nos lugares onde penetra com mais facilidade, não se faz maior empenho em procurá-lo: parece que, pela falta de costume, se perde o apetite de tão usual condimento, e talvez mesmo a necessidade dêle; o que vem a ser uma refutação completa do sistema de alguns doutores estrangeiros que pretendem que sem sal o estômago perde a faculdade de trabalhar e desenvolve uma geração de vermes que matam o homem. — Na falta do sal, o habitante do centro do Rio Grande facilita a digestão com a erva-mate de que usa incessantemente. Porém não é sempre o mate-congonha, infusão theiforme tão agradável como salutar, mas muitas vêzes a caúna, fôlha talvez inocente, mas sumamente amarga e mesmo nauseabunda para as pessoas que não estão muito acostumadas com ela; e como o açúcar é tão raro como o sal no interior da província, acresce que o mate se toma como a natureza o produz, sem receber mistura alguma que altere a energia do seu amargo originário”.

Saint-Hilaire que esteve no Rio Grande do Sul de 1820 a 1821, também se referiu à falta do sal e os “barreiros” salitrados.

O comércio do sal no Brasil colônia era exclusivo de Portugal, como já dissemos. A Prof.<sup>a</sup> Myriam Ellis, no seu excelente livro “O Monopólio do sal no Estado do Brasil”. estudando o estanque do sal, tem dois capítulos dedicados ao Rio Grande do Sul: — “O Comércio do Rio Grande do Sul e a abolição do estanque do sal” e “A instalação da indústria do charque no Rio Grande do Sul e o Comércio do sal e da Carne Sêca”. Nêles, documentadamente, mostra as dificuldades da entrada do sal, mormente para as zonas afastadas dos portos de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, e diz:

— “As embarcações que levavam o sal dos estanques da Bahia ou de Pernambuco, transportavam na viagem de regresso o charque feito com carne do gado sulino, beneficiada com sal português do contrato, adquirido em Recife ou na Bahia”.

Acontecia, porém, surgirem dificuldades as mais variadas para o transporte dêsse sal, em especial quanto ao transporte de volta, o que obrigou os carregadores a cobrarem preços elevados pelo sal. E a prof<sup>a</sup> Myriam Ellis, a respeito, informa: — 640 réis custava o alqueire de sal na cidade do Salvador e 540 réis no Recife. No Rio de Janeiro custava 720 réis e em Santos a bagatela de 1.280 réis, — preço do aluguel mensal de uma boa casa naqueles tempos! E note-se que o sal era trazido de Portugal diretamente para o Brasil! Mas é que, no geral, as embarcações salineiras tinham que voltar... vazias. Diante disso, portanto, não restava senão o que se verifica: a falta de sal em todo o interior brasileiro e, em especial, no Rio Grande do Sul, demasiadamente distante além do mais.

Vemos, assim, que o sal, no *hinterland* gaúcho era mais ou menos raro, o que se confirma não só pelo que disseram os cronistas e viajantes de idos tempos, como pelo costume que havia e ainda há, — costume, aliás, bastante selvagem, — de salgar a carne para o churrasco, quando em vigaem, em grandes tropeadas, colocando a “manta de carne”debaixo dos arreios, salgando-a, dessarte, o suor do animal.

Assim, após grandes caminhadas, quando paravam para descanso e alimentação, tiravam a carne de sob os arreios e a preparavam para pôr nos braseados. Muitos, antes de a colocar nas brasas como o manda a técnica do bom churrasco, passavam-na pelo fogo vivo, rapidamente, para matar algum *micróbio* e queimar os pêlos do cavalo que a ela ficavam aderindo. — “O fogo purifica”, costumam dizer. E, assim, ficava a carne purificada e, assada nos tradicionais espetos, era gostosamente saboreada. Depois, para arrematar, o chimarrão e um “trago de branquinha” para completar a digestão e completar a ação bemfezja do fogo e das brasas.

Aliás, ainda nas revoluções de 1893, 1923, 1924 e 1926, era comum churrasco assim salgado. Em tropeadas verificamos pessoalmente tal cousa por mais de uma vez, entre 1915 e 1923 inclusive.

Usavam, também, queimar capim e, com as cinzas dêste, salgar a carne, reminiscência provável de costume indígena.

No folclore do Rio Grande do Sul, entretanto, o sal figura com alguma freqüência, mas cremos que na maioria dos casos trata-se, apenas, de transplantações de usos e costumes portugueses, quiçá açorianos, que se perpetuaram em nosso meio.

Nas viajadas que fizemos por êste Rio Grande afora, muita cousa verificamos e anotamos. Assim, nos nossos apontamentos figura uma série de referências ao sal na poesia popular, e em comparações, superstições e medicina.

Na poesia folclórica, de verdade, mui pouca cousa encontramos. Duas quadrinhas apenas, o que prova a pouca freqüência do sal no interior gaúcho:

Ontem falei com teu pái  
e êle me disse que não.  
Me respondeu com sal grosso  
charqueando meu coração.

Tu sabes ler e escrever,  
somar e multiplicar;  
mas quando vais pra cozinha  
nem o sal sabes usar!

Já o mesmo não acontece no rifoneiro, superstições e medicina popular, embora não sejam, os ditos, muito abundantes.

Assim, no linguajar do povo, aparece o sal nas comparações e rí-fões:

— Com mel (ou açúcar), não com sal, é que se pegam moscas. — O emprêgo dêste rifão é claro: é preciso geito e bondade para chegar ao fim colimado.

— Estar que nem pilha de sal (ou como pilha de sal) — significa não sòmente estar o alimento salgado, mas também estar a pessoa um tanto violenta, braba, de mau humor. Seu uso, quer parecer-nos, com o último significado, não é muito comum, pois encontrâmo-lo apenas duas vêzes.

— Salgar a conversa — mais do que dizer as cousas com graça, significa falar imoralidades ou fazer descrições pouco decentes:

— Conversa ocm gôsto de sal — é o mesmo que conversa azêda, que se vai encaminhando para briga. Conversa pouco agradável.

— Estar com sal e pimenta — estar grisalho. “Sal e pimenta”: preto e branco. — Também ouvimos, recentemente, com o significado de violento e, em matéria de conversa ou leitura, — pouco decente.

— Sal grosso — ser como sal grosso: — ser malcriado e abrutalhado.

— Aplicar sal grosso — dizer cousas com brutalidade. Também já ouvimos a frase significando falar imoralidades e empregar palavões.

— Pessoa insossa — ou sem sal — que não tem graça, acanhada, desemchabida. Dizem igualmente “água mórna”.

— Pôr sal na moleira — fazer perder a paciência. — Também com o significado de amolecer, abrandar a pessoa visada. — Ouvímo-la significando igualmente pessoa de pouco juízo — Fulano tem sal na moleira... — Certa vez, um cidadão contando a outro a discussão entre dois gaúchos a respeito de política, disse a certa altura do relato: — A resposta de A poz sal na moleira de B, — para significar que o havia des-norteado por completo, que deixara o contendor sem poder retrucar.

O poeta João Palma da Silva, também dedicado aos estudos folclóricos, forneceu-nos mais esta interpretação de “pôr sal na moleira” (ou botar sal na moleira): — Quando um homem está muito enredado

em saías, principalmente de mulheres de má reputação, é que lhe “botaram sal na moleira” as tais donas...

— **O sal tira tudo** — **O sal limpa tudo** — costumam dizer os charqueadores, referindo-se aos micróbios (do pó, terra, mãos sujas, etc.) se depositam na carne durante a salga e secagem nos varais. É velha crendice de que o sal limpa tudo, até mesmo moralmente.

— **Sal de churrasco** (salmoura) — denominam as pessoas, especialmente do sexo feminino que começam gritando, esbravejando e terminam chorando derretidas como o sal na água.

— **Isto é sal da terra** — dizem referindo-se a uma pessoa muito boa, dedicada, prestativa e, por isso, querida de todos. Ouvimos esta expressão mui poucas vezes. Aliás, a frase é bíblica. Está no Novo Testamento.

Nas “adivinhas” encontramos esta que, parece-nos, é universal, ou quase:

— O que é — o que é? — Nasce na água e na água morre?... — O sal extraído das águas do mar. Sólido após a evaporação, posto nágua dissolve-se novamente.

Nas superstições, usos e costumes populares:

— **Água e sal não se nega a ninguém** — Ouvimos a respeito de tal costume curiosas histórias como esta, por exemplo: — Certo sujeito, rico e convencido, não admitia ninguém à porta de sua casa, quer para pedir esmola, quer para cobrar conta. Um dia apareceu um pobre justamente quando o rico estava em casa, pedindo esmola. Foi corrido, asperamente. O pobre, entretanto, pediu-lhe, pelo menos, uma caneca com água e uma pitada de sal. Negou-lhe tudo o rico homem redobrando de violência na despedida do infeliz. Meses mais tarde era o rico violentamente atacado pela “doença do sal”, conforme diziam, morrendo em poucos dias. — Conclusão: Castigo por ter negado sal a um pobre.

Entretanto — que “doença do sal” seria essa, Uremia? ... Desmineralização? ... — Não o sabemos e ... deixamos o caso aos médicos.

— **Pôr sal no fogo** — afugenta visitas. — Entretanto, quando há seca para atrair a chuva põe um punhado de sal num formigueiro, conforme nos comunicou o folclorista e poeta João Palma da Silva.

— **Derramar sal involuntariamente** — é agouro: traz azar. Atrapalha a vida do dono da casa.

A respeito desta superstição, existem subdivisões. Uma dessas é **derramar sal no chão** — que traz, na certa, briga na família. Mas esse malefício pode ser esconjurado jogando-se três pitadinhas do sal derramado por cima do ombro esquerdo, para traz, sem olhar. O mesmo acontece se **fôr derramado sobre a mesa** devendo-se, por isso, empregar o mesmo expediente para esconjurar o mal. Outra mais é **derramá-lo, sem querer, no fogo** Também traz malefícios, inclusive o de que poderá faltar fogo no lar. Dizem outros que o sal ao cair nas brasas dando pequenos estalos, atrai as bruxas, ou o diabo. Entretanto, o sal que cai da carne assada em espêto não produz malefício algum. Dizem que

é porque o sal, nesse caso, já foi dissolvido na água e, além disso, cai misturado com gordura.

A superstição de derramar sal sobre a mesa é, ao que parece, muito antiga e Leonardo da Vinci (1452-1519) já a conhecia e tanto assim que em sua famosa tela "A Ceia", Judas figura com o saquinho de dinheiro na mão direita e, com o mesmo braço, ao levantar-se, derrama o saleiro espalhando seu conteúdo sobre a mesa. — Briga em família... Traição... Judas que se enforca... Pedro que nega a Cristo... — Derramar sal sobre a Mesa é, na verdade, perigoso... Mas há o esconjuro, felizmente.

Ainda a respeito de derramar sal na mesa encontramos outra versão que, aliás, se esconjura do mesmo modo anterior, — e que diz ser o acontecido sinal de que irá faltar o pão no lar, ou melhor explicado: anuncia à família próxima pobreza, se o prenúncio não fôr esconjurado logo.

— Não se deve desperdiçar sal — Consequência provável da escassez de sal no Rio Grande do Sul. — Quem sal desperdiça, dizem, desperdiça a vida e se encaminha para a miséria. O sal é sagrado e deve, como tal, ser usado e tratado.

— Sempre que se precise pedir sal emprestado a alguém (é coisa muito comum entre vizinhos...), deve-se mandar alguma coisa em troca, pois sal não se devolve, e pedi-lo sem mandar a troca, é perigoso: pode tornar infeliz a família que o cedeu. — Sal só se compra nas vendas (mercearias, armazéns, botequins e semelhantes). Quem não tem negócio não deve vender sal: traz infelicidade. Quando a pessoa que o precise nada tem para mandar em troca, deve pedi-lo "por graça de Deus". E nem que seja um grão deve ser dado: — "água e sal não se nega a ninguém".

Na medicina caseira:

— Compressas de salmoura forte são muito usadas em choques traumáticos, esmagamentos, contusões, sem ferimentos abertos: não deixa inchar e alivia a dor.

— Gargarejos de salmoura — usam para ardências na garganta, consequência de resfriados, ou princípio de angina. Cura. Não deixa o mal progredir. — O sal mata os micróbios, como nas charqueadas...

— Para dor de dente — bochechar com salmoura forte, de preferência feita com água morna. Alivia a dor. Principalmente se o dente estiver furado. — Há, até, quem escove os dentes com salmoura! Dizem que faz bem pras gengivas e... mata os micróbios, os bichinhos que estragam os dentes...

— Não se deve pôr sal em ferida aberta — por que nunca mais fecha. Torna-se incurável.

Aviso aos caçadores: — Não deixe derramar sal no cano da espingarda por que ela ficará inutilizada: ficará sempre "chorando" e... o cano reventará em pouco tempo. Quase o mesmo acontece ao caçador que der tiro em urubú: a arma chorará sempre até um dia reventar!...

O poeta e folclorista João Palma da Silva forneceu-nos mais as seguintes superstições, ditos e usos do sal no Rio Grande do Sul:

— Não se deve ao mudar-se de uma casa para outra, utilizar o sal que por ventura encontrar na nova residência, porque, usando-o seja para o que fôr, atraem os moradores novos todos os azares da família que a precedeu. Para evitar o mal, deve-se, logo, despejar o sal bem nos fundos do quintal para que a primeira chuva o dissolva e carregue.

— Crianças nunca devem brincar com sal — porque o sal é sagrado e não serve para brinquedos. Entretanto, podem brincar com açúcar, chás, erva mate, farinha e outros...

— Para "matar" berrugas deve jogar-se um punhadinho de sal no fogo — (Confronte-se com as anteriormente mencionadas — "pôr sal no fogo" e "derramá-lo no fogo sem querer") — Cumpre, porém, afastar-se rapidamente afim de não ouvir seus estalidos, o que tiraria o efeito da simpatia.

— O gaúcho nunca deve sair de viagem sem levar consigo um punhado de sal — para não perder o amor à querência, seduzido por novidades...

— Para que um cachorro cresça fiel ao dono e à casa, deve ser pesado com sal — O produto dessa pesagem, porém, devem ser conservado à parte e somente empregado, ou consumido, na alimentação da família e do cão. Se houver visita para o almoço ou jantar condimentados com o sal da pesagem, já a cousa não dará certo!...

— Há quem utilize a simpatia acima para evitar que o animal cresça em demasia.

— Para aquerenciar animal cavalariço ou vacum, dá-se-lhe sal — Vem daí, certamente, a expressão — "Comer sal nesta querência" — aplicada a indivíduo que amiuda demais suas visitas... muitas vezes atraído por uns belos olhos de chinoca, na verdade excelente sal das querências que as têm...

— Quando um gaúcho novo deixa a querência para visitar pela primeira vez a cidade, deve levar um punhadinho de sal para não andar de boca aberta — Mas para que a ação seja verdadeiramente eficaz, é preciso que o gaúcho novato na cidade de quando em quando chupe uma pedrinha do sal que carrega, para ficar alerta.

Também para evitar pragas em casa ou nas plantações, empregam o sal bruto, ou moído, ou em salmoura forte. À propósito deu-nos João Palma da Silva, estas duas receitas das quais, aliás, conhecíamos a segunda:

— Para afugentar as formigas de correição de dentro de casa, deve-se pôr um pouco de sal fino, de preferência, no seu carreiro.

— Para acabar com a praga das lesmas e caracóis nas hortas e jardins, deve-se pôr uma pitada de sal no animal que morre em seguida, virando água.

— Para o mesmo fim também serve salmoura forte.

— Para acabar com gramíneas violentas nos jardins, deve-se mo-



lhá-las com salmoura forte durante vários dias. Depois virar a terra e deixá-la descansar pelo menos um ano. A gramínea-praga terminará e a terra ficará fértil... Esta "receita" nos foi fornecida por um chareiro português.

Na Economia Doméstica, principalmente entre descendentes de alemães, o sal é muito usado para a conservação de certos legumes, sem vinagre, e "picles" em salmoura em lugar de vinagre. É muito comum entre eles, — e hoje em toda parte, — o pepino em salmoura, na realidade mais saboroso e menos prejudicial à saúde do que o envinagrado. O uso do sal em forma de salmoura, para conservas, vem de data remota, sendo que no Rio Grande do Sul, ao que parece, teve seus primórdios com a imigração alemã, em 1824. Não sabemos ao certo se o português também usava conservas em salmoura afora a sardinha salgada, o peixe salgado e a carne de "encharqua" usada desde os primeiros tempos de suas viagens marítimas pela costa d'Africa, carne essa que, a nosso ver, deu origem ao charque riograndense, e à carne seca salgada, em geral, no Brasil. Há, até, um regimento real que ensina o modo de preparar a "carne de encharqua à bordo" afim de evitar o escorbuto.

Devemos, entretanto, frisar, segundo Mário Vieira de Sá, que foi Phidippus, na antiga Grécia, o inventor do uso do sal na conservação dos alimentos, pelo menos historicamente comprovado.

O maior emprêgo do sal no Rio Grande do Sul foi para o charque, cujos primeiros estabelecimentos datam de fins do século XVIII, os maiores, sendo que, menores, já anteriormente haviam se estabelecido em diversos pontos da então Capitania. Grande era, já em princípios do século XIX, a produção do charque e o consumo também, porque era enorme sua exportação para outros pontos do Brasil.

Em 1805 slicitavam os estancieiros e charqueadores da então vila do Rio Grande fôsse regulada a época "para se principiar a charquear", porque a produção era demasiada e a exportação pequena por falta de embarcações. Em 1808 Manuel Antônio de Magalhães, em seu "Almanaque da Vila de Pôrto Alegre", explica a má situação dos charqueadores porque os impostos eram tão elevados para o produto nacional que o estrangeiro, de Montevidéu, era vendido mais barato no Rio de Janeiro! Em 1822 Francisco Xavier Ferreira na "Representação" que, em nome do povo sul-riograndense levou à presença de S. A. R. o sr. D. Pedro com o apóio gaúcho na sua defesa dos interesses do Brasil e, consequentemente, na proclamação da independência do Brasil, dizia:

— "O charque é um dos gêneros de maior exportação da Província; os estrangeiros vinham em grande número de embarcações buscá-lo, e para sua compra traziam dinheiro e algum sal. Nunca a Província floresceu tanto como nos poucos anos que durou êste comércio; o qual acabou logo pelo grande imposto de seiscentos réis que se pôs em cada arroba de carne que se exportasse em navio estrangeiro, cujo imposto naquele tempo excedia o valor da carne".

Confirma, aí, o delegado sul-riograndense junto ao Príncipe Regente do Brasil, S. A. R. o Sr. D. Pedro, as queixas anteriormente citadas e, também, que trocavam charque por sal, o que é importante anotar.

Como se verifica por estas rápidas notas, o sal foi, sempre, de suma importância na economia do Rio Grande do Sul, sobretudo depois da criação da primeira charqueada praticamente conhecida, (pois é certo que outras existiram pouco antes), que foi a de José Pinto Martins, fundada em 1780 junto ao arrôio Pelotas, nas proximidades da atual cidade de Pelotas.

É provável, certo quase, que ainda muita coisa exista sôbre o sal ou relativo ao sal por êste Rio Grande afora, no que respeita aos usos, costumes e superstições. Cremos, porém, que o apresentado representa a maioria e o que de mais popular há nêsse sentido e no de seu emprêgo na conservação da carne.

É bem verdade que muitas das modalidades de sua aplicação popular, bem como muitos ditos, superstições e uso como remédio, não sejam comuns a todo o território gaúcho, bem como muitas, talvez, nem sejam de pura cepa riograndense, mas importadas, transplantadas, transformadas, ou simplesmente aclimatadas no meio gauchesco. Mas, em todo o caso, de uso corrente entre nós e, por isso, dignos de figurar em nosso populário que sômente agora está merecendo a devida atenção graças, sobretudo, à Comissão Estadual de Folclore que vem incentivando tais estudos e, igualmente, e com grande animação, pelos Centros de Tradições Gaúchas, verdadeiros cadinhos da solidificação dos sentimentos nativos e do amor ao que é nosso ou que está perfeitamente identificado conosco e radicado em nosso meio, nos usos, costumes, lendas, superstições e na vida, em geral, de nosso povo.

**BIBLIOGRAFIA** — Além de notas pessoais, recolhidas em diferentes épocas, utilizamos mais as seguintes obras para diversos aspectos deste modesto ensaio:

DREYS, Nicolau: — Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul — Tipografia Imperial e Constitucional de J. Vileneuve e Comp. — Rio de Janeiro, 1839.

ELLIS, Myriam: — O Monopólio do Sal no Estado do Brasil — (1631-1901). — Contribuição ao estudo do Monopólio comercial português no Brasil, durante o período colonial. — Tese de doutoramento apresentada à Cadeira de História da Civilização Brasileira. — Universidade de São Paulo — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. — Boletim n. 197. — São Paulo, 1955.

FERREIRA, Francisco Xavier: — Representação que Levou à Presença de S. A. R. — in "Almanaque do Rio Grande do Sul", de Alfredo Ferreira Rodrigues, para 1903. — Rio Grande, 1902. — (Esta "Representação", infelizmente, não traz data, mas deve ser de 1822, antes de independência. Parece complemento do "Discurso que a Sua Alteza Real o Príncipe Regente Constitucional e Defensor Perpétuo do Reino do Brasil, dirige o Deputado Francisco Xavier Ferreira pela Província do Rio Grande de S. Pedro do Sul. — Rio de Janeiro — Na Impressão

de Silva Pôrto e C<sup>a</sup>. — 1822. — Este “Discurso” foi por nós reeditado no “Boletim Municipal”, N. 3, Pôrto Alegre, 1939, pág. 213).

GODINHO, Vitorino Magalhães: — O “Mediterrâneo” saariano e as caravanas de ouro — in “Revista de História”, de São Paulo, Ns. 23, 24 e 25. — Julho/Setembro, outubro/dezembro de 1955 e Janeiro/março, 1956.

ISABELE, Arsène — Viagem ao Rio Grande do Sul — (1833-1834). — Trad. e notas de Dante de Laytano. — Edição do Museu Júlio de Castilhos, — Secção do Arquivo Histórico. — Porto Alegre, 1946.

MAGALHÃES, Manuel Antônio de — Almanaque da Vila de Porto Alegre — 1808. — A primeira edição figura na “Revista do Instituto Histórico Brasileiro” Tomo XXX — Parte primeira — Rio de Janeiro, 1867. — Reeditado com anotações de Augusto Porto Alegre, em folheto — Porto Alegre, 1908. — Reeditado de Walter Spalding in “Boletim Municipal” n. 5 — Ano II — Porto Alegre, Maio a agosto de 1940.

SAINT-HILAIRE, Augusto: — Viagem ao Rio Grande do Sul — (1820-1821) — 2<sup>a</sup> edição — Trad. de Leonam de Azeredo Pena. — C. Editora Nacional — Brasileira vol. 167. — São Paulo, 1939.

SÁ, Mário Vieira de: — Sal Comum. — Vol. I. — Sal do mar e sal de mina. — Coleção “A Terra e o Homem”. — Livraria Sá da Costa — Lisboa, s/d. (1946).

SPALDING, Walter: — Pecuária, charque e charqueadores no Rio Grande do Sul. — In: “Revista do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul” — Porto Alegre — III/IV trimestres de 1943.

VILLAFANE CASAL, Maria Teresa: — “Salinas y Lluvia”. — In: “Revista Geográfica Americana” — N. 141. — Ano XII, Vol. 23. — Junio de 1945. — Buenos Aires.



## Zembas

Por Oscar Ribas

No final dessa série de ritos (funções respeitantes à iniciação de xinguilador), o pai-de-umbanda prepara as zembas, que são umas cintas fechadas, umas de baeta azul, outras de baeta encarnada e outra de pano cru, contendo, as duas primeiras, um fragmento de pena de andua, outro de garça, outro de sebo de caça, outro de crina de elefante, uma escama de pangolim, e, resultante da carbonização, cinza dos seguintes materiais: lixo apanhado nas proximidades dum estabelecimento de grande movimento; lixo apanhado nas proximidades dum mercado; e, apanhada em qualquer sítio, uma rodilha desprezada de carregador — materiais estes reservados da colheita efetuada pelos parentes das noivas, quando da feitura dos mazacos.

A terceira — a de pano cru — que, dada a sua característica espiritual, só se manufatura uma, leva, além dos ditos fragmentos de pena de andua, de garça, de sebo de caça e de crina de elefante, os seguintes elementos: serradura de quissécua e de quicongo, e, relativas ao cadáver de que procedem os calundus, aparas de cabelo e de unhas das mãos e dos pés — aparas que, em mística, se denominam “inongo” (1). Se o dito familiar ainda não tiver falecido, esta zemba só se prepara após o seu passamento; e se, por qualquer eventualidade, as citadas aparas se tenham extraviado, “geram-se” outras, isto é, o pai-de-umbanda manipula um preparado que as representa.

Para a elaboração, junta, primeiro, no centro da faixa, todos estes preparos. Dobrando-a longitudinalmente, cose, pelo comprimento e lados, a parte abrangida pelo recheio, formando como que uma almofadinha. Após esta operação, coserá então a faixa toda, unindo os extremos.

(1) Por morte de alguém, é usual cortar-se ao cadáver um pouco de cabelo e de unhas das mãos e pés — aparas que se guardam numa cinta fechada, também denominada “zemba” — zemba dos inongos — quer como lembrança, quer para fins místicos.

Conforme as cores dos tecidos, assim se consagram as zembas: a Quibala-Muiji — divindade fundadora de cada geração — a de baeta azul; aos maculos — antepassados — a de baeta encarnada; e ao familiar de que procedem as calundus — a de pano cru.

Havendo actuado Úii — o deus da caça — mas da geração, também se lhe consagra uma zemba. É igualmente de pano cru. Mas o recheio, em vez das aparas de cadáver, incorpora uma moeda antiga de cobre e folhas pulverizadas referentes a essa divindade. No demais, a mesma coisa.

As zembas são envergadas a tiracolo, mas formando x, mesmo sobre as vestes. Usam-se, de quando em quando, durante oito dias, e, simbolicamente, nos rituais de iniciação e de morte de xinguilador, ou, protelionalmente, em longa viagem pedestre. Nas funções apontadas, usam-se-ão todas, e, nas viagens, apenas as de baeta azul e encarnada. Num caso ou noutro, a xinguiladora besuntará o cabelo com uma mistura de tacula com óleo de palma e ostentará um turbante azul, em xadrez, guarnecido de jimbambas, quatro a quatro, em cruz, em cada um dos seguintes lugares: frente, lados e topo. É o lenço de Suco. Mas igualmente besuntado com o mesmo preparado. Por isso, sobrepõem-lhe um outro vulgar.

Se, por direito de sucessão, se herdar as zembas duma parente, também se exhibirá, juntamente com as suas, as zembas herdadas.

Para se manter em harmonia as divindades, consequentemente para se alcançar a sua graça, quer dando saúde, quer afastando do mal, quer, enfim, velando pela felicidade, as zembas, pela lua nova, devem ser embebidas numa mistura de vinho e mel — acto especificado por "kunui-sa o jinzemba", ou seja, "dar de beber às zembas". Outrossim se procede nos sacrifícios propiciados às divindades, como os do noviciado, não com a mistura de vinho e mel, mas sim com o sangue que escorre dos animais imolados. Mas a parte que se banha, é a do recheio.

Cada inicianda recebe dois destes paramentos — o de baeta encarnada e o de baeta azul. O de pano cru só toca à mais velha, por representar a cabeça do noviciado, igualmente lhe cabendo o consagrado a Úii, caso essa divindade tenha actuado. Só por herança se aumenta o número das zembas.

#### Vocabulário:

**Calundu** — Divindade justiceira e medícante.

De "kulundula": herdar. Alusão à possessão, ocasionada por transmissão de parente.

**Jimba** — Búzio pequenino, muito empregado em mística.

Pl. de "mbamba", abrv. de "kimbamba": coisa. Alusão ao seu emprego, como simples objecto de ornamentação litúrgica.

**Mazacos** — Mealheiros místicos, constituídos por um retalho novo, ordinariamente de pano cru, sacramentados com pemba ou cinza pelo ocultista.

De "kuzakula": economizar.

**Pai-de-umbanda** — Qualificação que o quimbanda assume, quando tratando alguém ou dirigindo um ritual. Representa um tratamento afectivo. Quem dizer: na subordinação do rito, o paciente contrai um laço moral para com o seu mentor. Portanto, quimbanda é o indivíduo físico, estranho a qualquer influência psíquica.

**Quicongo** — Árvore, de madeira aromática e medicinal.

De "kukonga": dizimar. O seu emprêgo, contudo, destina-se a anular esse mal.

Quissécua — Grande árvore, de madeira aromática e resistente.

De "kuseka": tentar. O seu emprêgo, contudo, destina-se a anular esse mal.

Suco — Deusa da Quissama.

Tacula — Árvore, de madeira rija e vermelha.

Do port. "taco" (pedaço de madeira, por alusão ao pedaço usado em determinados ritos) + "ula" (o termo vernáculo da árvore), resultante de "kusula" (exercer uma actividade, por alusão ao seu friccionamento num tijolo, para obtenção da serradura — friccionamento esse destinado a reverenciar as divindades).

Xinguilador — Médio, em relação aos viventes.

Opõe-se a catulo, que o é em relação ao espírito actuante.

Aportg. de "xingile".

## QUICÚMBI

(Primeira regra)

Quando uma mulher surpreende a primeira regra duma jovem, deve guardar continência durante o período que durar essa manifestação. A quebra dêste preceito — kubala o kikumbi — atrai os deuses Hito e Solongongo, os quais prejudicam a moça na sua procriação, pois os filhos, ou morrem de tenra idade, ou nascem já mortos.

No caso de transgressão, para se obstar mais mortalidade, a vítima sofre tratamento especial. Adivinhada a causa por quimbanda, posto que ela, frequentemente, sonha que está apanhando na água bastante peixe com as mãos, ou que os filhos lhe desaparecem, é a paciente encerrada num quarto, para "kukoza", ou seja, para homenagear as divindades.

Aí, acomodada numa esteira, sobreposta a um luando, friccionará num tejo, durante nove dias, um pedaço de tacula, outro de quissécua e outro de quicongo, facilitando a tarefa com água, que vai deitando na pedra. O produto — espécie de papa — deposita numa casca de coco. Diariamente, e isto umas duas vezes, besunta as articulações e o baixo ventre. Como não pode lavar as mãos, limpa-as ao corpo e à roupa. E' nesse aposento, não entra mulher casada, nem solteira com namôro, e, muito menos, homem.

Ao nono dia, a mãe-de-umbanda autoriza-a a sair e prepara-lhe então quatro trouxinhas profitálicas. Cada uma contém uma bolinha da massa referida, um pedaço de crina de elefante, outro de pena de andua (1) e de garça (2), um caurim, ou jimbo em quimbundo, e sebo de carne de caça. As trouxinhas — duas do tamanho da cabeça dum dedo, e outras duas um pouco maiores — são cosidas e amarradas com linha.

Numa lixeira, é levada no dicosso — preparado de água, vinho, quitoto-e-maluvo, farelo de milho, pemba e ucusso — que se derrama sobre a cabeça. Antes dessa lavagem, a mãe-de-umbanda parte-lhe um ovo na cabeça, recitando um esconjuro. Se a paciente cozinhar em trempe de pedra — masuika — esta operação efectua-se na sua residência, junto desses utensílios.

Entretanto, em casa, a mãe ou a parenta mais próxima fica a pre-

(1) A pena desta ave, mas da cauda e asa, é muito utilizada em tratamentos místicos. É vendida aos bocadinhos, custando cada um uns 5\$00.

(2) Idem.

Conforme as cores dos tecidos, assim se consagram as zembas: a Quibala-Muíji — divindade fundadora de cada geração — a de baeta azul; aos maculos — antepassados — a de baeta encarnada; e ao familiar de que procedem as calundus — a de pano cru.

Havendo actuado Úii — o deus da caça — mas da geração, também se lhe consagra uma zemba. É igualmente de pano cru. Mas o recheio, em vez das aparas de cadáver, incorpora uma moeda antiga de cobre e folhas pulverizadas referentes a essa divindade. No demais, a mesma coisa.

As zembas são envergadas a tiracolo, mas formando x, mesmo sobre as vestes. Usam-se, de quando em quando, durante oito dias, e, simbolicamente, nos rituais de iniciação e de morte de xinguilador, ou, proteccionalmente, em longa viagem pedestre. Nas funções apontadas, usam-se-ão todas, e, nas viagens, apenas as de baeta azul e encarnada. Num caso ou noutro, a xinguiladora besuntará o cabelo com uma mistura de tacula com óleo de palma e ostentará um turbante azul, em xadrez, guarnecido de jimbambas, quatro a quatro, em cruz, em cada um dos seguintes lugares: frente, lados e topo. É o lenço de Suco. Mas igualmente besuntado com o mesmo preparado. Por isso, sobrepõem-lhe um outro vulgar.

Se, por direito de sucessão, se herdar as zembas duma parente, também se exhibirá, juntamente com as suas, as zembas herdadas.

Para se manter em harmonia as divindades, consequentemente para se alcançar a sua graça, quer dando saúde, quer afastando do mal, quer, enfim, velando pela felicidade, as zembas, pela lua nova, devem ser embebidas numa mistura de vinho e mel — acto especificado por "kunuisa o jinzemba", ou seja, "dar de beber às zembas". Outrossim se procede nos sacrificios propiciados às divindades, como os do noviciado, não com a mistura de vinho e mel, mas sim com o sangue que escorre dos animais imolados. Mas a parte que se banha, é a do recheio.

Cada inicianda recebe dois destes paramentos — o de baeta encarnada e o de baeta azul. O de pano cru só toca à mais velha, por representar a cabeça do noviciado, igualmente lhe cabendo o consagrado a Úii, caso essa divindade tenha actuado. Só por herança se aumenta o número das zembas.

#### Vocabulário:

**Calundu** — Divindade justiceira e medicante.

De "kulundula": herdar. Alusão à possessão, ocasionada por transmissão de parente.

**Jimba** — Búzio pequenino, muito empregado em mística.

Pl. de "mbamba", abrv. de "kimbamba": coisa. Alusão ao seu emprego, como simples objecto de ornamentação litúrgica.

**Mazacos** — Mealheiros místicos, constituídos por um retalho novo, ordinariamente de pano cru, sacramentados com pemba ou cinza pelo ocultista.

De "kuzakula": economizar.

**Pai-de-umbanda** — Qualificação que o quimbanda assume, quando tratando alguém ou dirigindo um ritual. Representa um tratamento afectivo. Quem dizer: na subordinação do rito, o paciente contrai um laço moral para com o seu mentor. Portanto, quimbanda é o individuo físico, estranho a qualquer influência psíquica.

**Quicongo** — Árvore, de madeira aromática e medicinal.

De "kukonga": dizimar. O seu emprêgo, contudo, destina-se a anular esse mal.

Quissécua — Grande árvore, de madeira aromática e resistente. De "kuseka": tentar. O seu emprêgo, contudo, destina-se a anular esse mal.

Suco — Deusa da Quissama.

Tacula — Árvore, de madeira rija e vermelha.

Do port. "taco" (pedaço de madeira, por alusão ao pedaço usado em determinados ritos) + "ula" (o termo vernáculo da árvore), resultante de "kusula" (exercer uma actividade, por alusão ao seu friccionamento num tijolo, para obtenção da serradura — friccionamento esse destinado a reverenciar as divindades).

Xinguilador — Médio, em relação aos viventes.

Opõe-se a catulo, que o é em relação ao espírito actuante.

Aportg. de "xingile".

## QUICÚMBI

(Primeira regra)

Quando uma mulher surpreende a primeira regra duma jovem, deve guardar continência durante o período que durar essa manifestação. A quebra dêste preceito — kubala o kikumbi — atrai os deuses Hito e Solongongo, os quais prejudicam a moça na sua procriação, pois os filhos, ou morrem de tenra idade, ou nascem já mortos.

No caso de transgressão, para se obstar mais mortalidade, a vítima sofre tratamento especial. Adivinhada a causa por quimbanda, posto que ela, frequentemente, sonha que está apanhando na água bastante peixe com as mãos, ou que os filhos lhe desaparecem, é a paciente encerrada num quarto, para "kukoza", ou seja, para homenagear as divindades.

Aí, acomodada numa esteira, sobreposta a um luando, friccionará num tejolo, durante nove dias, um pedaço de tacula, outro de quissécua e outro de quicongo, facilitando a tarefa com água, que vai deitando na pedra. O produto — espécie de papa — deposita numa casca de coco. Diariamente, e isto umas duas vezes, besunta as articulações e o baixo ventre. Como não pode lavar as mãos, limpa-as ao corpo e à roupa. E nesse aposento, não entra mulher casada, nem solteira com namôro, e, muito menos, homem.

Ao nono dia, a mãe-de-umbanda autoriza-a a sair e prepara-lhe então quatro trouxinhas profitálicas. Cada uma contém uma bolinha da massa referida, um pedaço de crina de elefante, outro de pena de andua (1) e de garça (2), um caurim, ou jimbo em quimbundo, e sebo de carne de caça. As trouxinhas — duas do tamanho da cabeça dum dedo, e outras duas um pouco maiores — são cosidas e amarradas com linha.

Numa lixeira, é levada no dicosso — preparado de água, vinho, quitoto-e-maluvo, farelo de milho, pemba eucusso — que se derrama sôbre a cabeça. Antes dessa lavagem, a mãe-de-umbanda parte-lhe um ovo na cabeça, recitando um esconjuro. Se a paciente cozinhar em trempe de pedra — masuika — esta operação efectua-se na sua residência, junto desses utensílios.

Entretanto, em casa, a mãe ou a parenta mais próxima fica a pre-

(1) A pena desta ave, mas da cauda e asa, é muito utilizada em tratamentos místicos. É vendida aos bocadinhos, custando cada um uns 5\$00.

(2) Idem.



parar os alimentos para serem propiciados aos deuses — iguarias idênticas às do festim da iniciação de xinguilador.

De volta, ao pé duma celha com água, onde também se deitou um peixe vivo (3), ou, na falta, capim do mar ou de rio, a paciente, com uma franga n'ua mão e um frango na outra, vai mergulhando as aves, ao cântico da mãe-de-umbanda, palmejado pelas circunstantes:

Ê, aiué,  
acreditaram na esterilidade!  
Um dia surgiria,  
viria Jila!  
Ê, aiué,  
eis a alma de Calombo!  
Sologongo provoca complicações,  
aumenta o poder (4),  
ê Lemba de Calombo!

Esta invocação destina-se a atrair Sologongo,

Se não actuar, a mãe-de-umbanda aposta pelo debelamento do mal, atando uma moeda num retalho branco, preliminarmente assinado com uma cruz a pomba — penhor denominado “dizaco”, muito usual nos tratamentos. Então, a mãe-de-umbanda consagra quatro panelas com água e ingredientes — uma à alma do vingador do crime outra a Hito, outra a Calombo e outra a Dijila ou Sologongo — preparados que, misturados, servirão para temperar as lavagens da paciente, e, posteriormente, também do filho. Depois, impõe-lhe à cintura, mesmo sobre a pele, as quatro trouxinhas, aplicadas a um cordão, postando-se paciente e ocultista de costas voltadas.

O ritual do banquete não difere da “Iniciação de Xinguilador”. E tal como a prescrição observada para com a inicianda de xinguiladora, com a paciente só come quem passou por idêntico cerimonial.

Como tratamento físico, a paciente toma, frequentemente, pós de banba-udiúdi. Entretanto, são-lhe impostas várias quijilas, ou seja limitações: não comer galinha, nem carne de porco, nem cacusso; não ver cadáver, nem ir a óbito; estando dentro do quarto, não responder a uma chamada exterior; não cortar o cabelo, nem se cobrir com pano preto; não assobiar, nem ninguém entrar assobiando no seu quarto, assim como, também, ninguém lá poderá entrar de chapéu na cabeça ou a correr; quando se cozinha, é ela a ser servida primeiro; não fazer ciúmes, não sair de noite, nem ir a diversões.

No dia do parto, a mãe-de-umbanda tira-lhe as duas trouxinhas mais pequenas e aplica-as à criança. Enquanto isto se não fizer, a mãe não pode ver o filho. E o tratamento, embora menos intensamente, continua até ao segundo ou terceiro filho.

---

(3) No interior de Luanda, é a própria paciente, amarrada a uma corda, que se mete no mar ou rio, para colher o peixe com os dentes, já atraído pela oculista. (Extraído do livro “Missosso”. a sair brevemente).

(4) Talvez das outras entidades, também contrárias à procriação.

**VOCABULÁRIO:**

- Bamba — udiúdi — Planta medicinal.
- Cacusso — peixe.
- Hito — Deus contrário à procriação.
- Jila ou Dijila — Divindade procedente de grande ave de rapina.
- Lemba de calombo — Deusa da felicidade.
- Mãe-de-umbanda — Designação da oculista, quando tratando alguém ou celebrando um ritual.
- Pemba — Argila branca.
- Quicongo — Planta medicinal.
- Quissécua — Árvore de madeira resistente e aromática.
- Quitoto-e-maluvo — Resíduos de bebida fermentada de milho.
- Solongongo — V. Dijila.
- Tacula — Árvore de madeira encarnada.
- Xinguilador — Médico.

# Folklore minuano

(Contribución)

Con la colaboración de  
Ivolina Rosa Carvalho

Prólogo do Editor

A publicação deste trabalho, pela Comissão Catarinense de Folklore, através de seu Boletim, é uma decorrência lógica de um contato com os estudiosos da Ciência do Povo, no Uruguai.

Nasceu a idéia da publicação, no momento em que vimos o esforço e a dedicação de um grupo de abnegados, na árdua tarefa de pesquisa e divulgação dos fatos folclóricos daquele país irmão.

Assim, compreendemos que a melhor homenagem que prestaríamos, a Paulo de Carvalho Neto, ao Centro de Estudos Folclóricos do Uruguai e ao Uruguai mesmo, era patrocinar esta pequena edição.

Aquí está, pois, para os estudiosos do Folklore e para todos aqueles que admiram a Nação Uruguaia, "Folklore Minuano".

Florianópolis, Natal de 1957.

Walter F. Piazza  
Diretor do Boletim

## INTRODUCCION

La realización de este trabajo obedece a mi plan de monografías de campo sobre temas etnográficos y folklóricos del Uruguay. Hasta ahora, con esta predominante preocupación de área, recogimos datos de Montevideo y de Florida.

De Montevideo:

— "Folklore del Carnaval de Montevideo". (Inéd.)

— "Un Vintén P'al Judas". (1)

— "Fichas de Medicina Popular" (2)

De Florida:

— "Folklore de la Ciudad de Florida". (Inéd.)

Con este objeto, el 19 de Abril de 1956, día de la peregrinación al cerro del Verdúm, me trasladé allí, en compañía de Ivolina Rosa, donde permanecemos hasta el 22. Con nuestros cuadernillos de viaje trabajamos infatigablemente desde el momento de partida hasta la hora del regreso. Hicimos cuanto nos fué posible. Creemos que con esta modesta "contribución" quedará abierto el camino a quienes quieran profundizarse en la recolección folklórica minuana. (de Minas), llenando una clamorosa laguna. (3)

Estamos muy agradecidos al matrimonio Cédar Viglietti, que muchas veces nos acompañó, prestándonos múltiples favores. Y también a nuestros informantes, por sus reiteradas pruebas de bondad, paciencia y colaboración.

Paulo de Carvalho Neto

26 de Abril de 1956

Montevideo

## Parte I

### FOLKLORES POÉTICO Y NARRATIVO

Piezas recogidas de Waldemar Cappi de León, Juan Roberto Soares y Julian Washington, bajo la enramada del primero, en Verdúm, la tarde del 21 de abril, sábado. Estábamos todos animados por el vino. En nuestra mesa había más personas, pero que sólo confirmaban o negaban la veracidad y el regionalismo de las mismas. Las carcajadas rasgueadas explotaban a cada rato.

Cappi de León reside en la calle Batlle y Juan Fariña, 897, en Minas. Es mozo de bar y representa unos 30 años de edad. Soares tie-

(1) Véase Emilio Ramón Paradela: "Un Vinten P'al Judas", Centro de Estudios Folklóricos del Uruguay, N.º II, Montevideo, 1955, 14 págs.

(2) Véase Neralda Cosmides: "Fichas de Medicina Popular", Trabajo presentado al Primer Coloquio Uruguayo de Folklore, III.ª. Comisión, N.º 12. 4 págs. mimeogr.

(3) NOTA DO EDITOR: Minuano, termo que se aplica ao que é de Minas, capital do estado de Lavalleja, República do Uruguai."

ne 28 años. Es pardo y en la vida corriente vende lápices, hoja, caña; hace changas. Bebe mucho.

Los cuentos que narraron fueron todos de "relajo", unos muy cortos, "cuentitos verdes" y otros más largos. Entre los cuentitos: "El loro y el cornudo", "La pareja y el loro" y "El hombre con cara de culo". Entre los más largos: "Pedro Malasartes y el adivinito" y "Pedro Malasartes y la vieja". Con admirable respeto, pese a la borrachera reinante, sólo empezaron los cuentos después que las señoras presentes se retiraron.

El único cuento que utilizo en esta colección es "El hombre que fué al cementerio", narrado por José Paes, en otra enramada.

De los casos, utilizo "Aquino y el fósforo" y "Aquino y el turco", también narrado por el referido José Paes. Aquino fué un célebre malhechor, tipo de bandolero, muerto finalmente por las fuerzas policiales. Su memoria aun está viva en la imaginación popular de varias partes del país. Muchos de sus casos ya se habrán folklorizado y es cuestión de recogerlos y estudiarlos.

El informante Waldemar Valin, cuñado de José Paes, narró la leyenda de "Cruz Alta" y unos casos de "Lobizón", pero que no transcribimos aquí por haber declarado conocerlos sólo de Treinta y Tres.

1

REFRANES

C

- 1) "Calavera junta rabia, pero no chilla". A una persona que no protesta.
- 2) Estoy limpio "como camisa pa casamiento. Limpito y planchado". Significa que "está pelao".
- 3) "Habiendo corrales chicos hasta los gringos enlazan". Dice aquél que va a un lugar desconocido y mofa de todos.
- 4) "Bruto como cuero de bota nueva". Se aplica a una persona sin educación, que anda a los empujones.
- 5) Andar "como la culpa". A una persona que nadie la quiere, que la corren porque está reconocida como una mala persona.
- 6) ¿Como andá, vós? "Como cusco encanhetado". Cusco o cusquito es como se designa, en Minas, a un perrito. Encanhetado, es decir, adentro de una cancha donde se esté jugando. El refrán significa que uno anda mal de vida, que lo corren de todos lados.
- 7) ¿Como, como, vos estás en todo lado? Sí, yo soy "como cusco de rico". El cusco de rico está en todos lados en la feria con la dueña, en los parques, en la ventana de la casa, en el coche, etc.

E

- 8) Vos sois "como la etiqueta". Significa que vive pegado a la botella. Se aplica a los borrachos.

G

9) Es "como gato pa l'agua". A una persona muy delicada.

M

10) Andar "como la mugre". A una persona que está en todos lados.

11) "No es mugre que se le pega a cualquiera". Se aplica a una persona que no es capaz de alguna especialidad.

P

12) "Como pescado pa l'agua". Al que no puede salir del agua (está por ahogarse).

R

13) "Cortita como risa de negro". Se aplica a una cosa corta. También cuando pasa una muchacha peticita.

S

14) "Como la sandía, puro corazón". A una persona buena.

15) Es "como sirvienta de rico" ("de doctor"). A una persona muy delicada.

T

16) "Como talón de angelito". Que anda pelao.

17) Es "como el tomate, sin la caña no vive". El tomate sin el sostén de la caña se cae al suelo. Se aplica a un borracho.

18) Vos sois "como la tomatera". La tomatera si no lleva una cañita no se para. Se aplica a los borrachos.

19) ¿Cómo te vá? "Como tronco de parra". Significa que anda torcido, que vá mal.

V

20) ¿Cómo te vá? "Como varanda de billar". Significa que anda derecho, bien.

Z

21) Es "como el zapallo, que no tiene corazón". El zapallo está lleno de semillas.

FRASES PAREMIOLÓGICAS

22) Frase paremiológica regional: "Aquí yacen cinco valientes brasileños muertos por la mano de un cobarde castellano".

23) A los brasileños: "Parate brasileño choto". Choto es el arrojado de la tripa gorda envuelto con tripa de cordero fina.

2

ADIVINANZAS

A

- 1) Brilla como plata  
y plata no es.  
Osa como chancho  
y chancho no es.

Respuesta: Arado.

B

- 2) Adivinanza  
que no tiene tripa  
ni panza.

Respuesta: Balanza.

D

- 3) Iba por un camino.  
encontré una dama,  
le pregunté como se llamaba  
y me contestó: Juana.

Respuesta: Damajuana.

G

- 4) Una viejita muy aseñorada,  
llenita de remiendo  
y ninguna puntada.  
¿Qué es?

Respuesta: Gallina bataraza.

H

- 5) Entre dos paredes blancas  
hay una flor amarilla  
que se puede presentar  
a la reina del castillo.

Respuesta: Huevo.

L

- 6) Una señora muy aseñorada  
Que siempre está dentro  
Y siempre está mojada.

Variante: Una señora muy aseñorada  
Que nunca sale afuera  
Y siempre está mojada.

Respuesta: Lengua.

P

- 7) Pérez anda  
Gil camina.  
Tonto es  
el que no adivina.

Respuesta: Peregil.

- 8) Largo, largo como un lazo,  
redondo como un cedazo.  
¿Qué será?

Respuesta: Pozo.

R

- 9) Una canastita  
con seis embarazos.

La muerte la trae adentro  
y el hombre la lleva en brazos.

Respuesta: Revólver.

T

- 10) Atrás de la puerta estaba,  
estaba porque estaba,  
y estaba porque la ví.

Respuesta: Estaba. Taba es un juego hecho con hueso de la pata del animal. Si cae de un lado, gana: si del otro, pierde. Un lado se llama "cara"; el otro, "culo".

Z

- 11) Planté taba  
y nació piola.  
En la punta,  
carambola.

Respuesta: Zapallo.

#### ADIVINANZAS CON HISTORIAS

- 12) Balcón sobre balcón.  
sobre balcón una dama  
y sobre una dama una flor.  
¿Qué es?

Respuesta: El candelero es el balcón, la dama es la vela y la flor la luz de la vela.

- 13) Tres cazadores salieron cazando,  
Volaron tres palomitas,  
Cada cual cazó la suya  
Y dos salieron volando.  
¿Qué es?

Respuesta: Cada Cual se llamaba el que mató la paloma.

- 14) ¿Cuál es el animal que de mañana camina en cuatro patas, al mediodía en dos y de tarde en tres?

Respuesta: El hombre. Cuando chico camina en cuatro, cuando grande en dos y cuando viejo en tres, por el bastón.

- 15) Vengo en lo que no es nacido  
y en los pies traigo la madre.  
Adivina el Señor Rey  
y si no suelte a mi padre.

Respuesta: Era un individuo que tenía al padre preso. Montó en una yegua que estaba por parir y se fué al palacio. Se le enfermó la yegua en el camino. Entonces la mató y sacó



el potrillo. Con el cuero de la yegua hizo unos maneadores. Llegó al Rey y le hizo la adivinanza.

- 16) Tiré a quien vi,  
maté a quien no vi.  
Con palavras santas  
asé y comí.

Respuesta: Es un cazador que va al campo con un libro de misa en el bolsillo. Salta una perdiz y él levanta la escopeta, pero en vez de pegar a la perdiz que vuela le pegó a una paloma que cruzaba. Entonces, con el libro hace fuego y come la paloma.

- 17) Salí de casa  
con Pita y Maza.  
Maza mató a Pita,  
Pita mató a siete.  
De las siete elegí la mejor.  
Tiré a lo que vi,  
pegué a lo que no vi.  
Vi muerto arrastrando vivo.

Respuesta: Fué un hombre que se iba de casa disgustado con la familia. Entonces, al irse, la familia le dió una torta envenenada. Pita era su perra, que lo acompañó. Pita comió la torta y murió. Él la carneó, la azó y la puso en el fogón de unos monteadores (personas que cortan leña en el monte). Los monteadores murieron. De las siete armas de los monteadores él eligió la mejor. Tiró en lo que veía y le pegó a lo que no veía. El "muerto arrastrando vivo" fué una carni-za flotando con cuervos arriba.

#### OTROS TIPOS DE ADIVINANZA

- 18) ¿En qué se parece un guardia civil a un botón? Resp.: Que los dos prenden.
- 19) ¿Dónde se pone el guarda civil cuando toca el pito? Resp.: Atrás del pito, si no no puede tocarlo.
- 20) ¿Cuál es el colmo del caballo? Es que teniendo cuatro vasos tiene que tomar agua en los arroyos. El vaso es donde él pisa.
- 21) ¿En qué se parecen un borracho a un árbol? En que el borracho comienza en la copa y termina en el suelo. Y el árbol comienza en el suelo y termina en la copa.
- 22) ¿Qué le dijo el cajón a Gardel, cuando lo llevaron muerto? Resp.: Vós cantas muy bien, pero te llevo muerto.

CUENTOS

EL HOMBRE QUE FUÉ AL CEMENTERIO

Había un individuo que queriendo hacerse fuerte dijo a otro que él era capaz de ir al cementerio, a las doce de la noche y clavar una estaca como constancia de que había estado allí. Fué e hizo lo que había dicho. Pero habiendo ido emponchado, junto con la estaca clavó el poncho. Al levantarse, creyó entonces que el muerto lo había tomado.

CASOS

AQUINO Y EL FÓSFORO

Se dió un caso dice que Aquino andaba matreando. Entonces los perseguidores le presentaron un fósforo para probar su puntería. Haciendo el punto, Aquino tira y saca el fósforo de su lugar, causando admiración.

AQUINO Y EL TURCO

Un turco llamado Celino, de los alrededores de Barriga Negra y Cebollati, encontrándose con Aquino le dijo que le acompañara, porque en esos parajes andaba un malhechor. llamado Aquino, teniendo miedo de él. "Ahora", dicho señor lo acompañó hasta el lugar donde quería pasar que pudiera estar el malhechor allí. "Ahora", dicho señor resultó ser el mismo Aquino, informándole a Celino que él era el dicho Aquino y que era incapaz de hacer daño a quien no debiera de hacer. "Recobrando" el turco y sintiendo satisfacción por su actitud, le agradeció y le ofreció dinero.

Parte II  
FOLKLORE MÁGICO

Piezas recogidas de Waldemar Valin, José Paes hijo y otros, reunidos bajo la enramada de Valin, la tarde del 21 de abril, en Verdúm.

Valin narró muchas cosas de Treinta y Tres, donde vivió seis o siete años. Pero aquí sólo utilizamos lo que fué comprobado por él y los demás como siendo propio de Minas.

MAGIA ADIVINATORIA

- 1) Si la novia está probando el vestido de casamiento ante el espejo, y este se rompe: le pasará una desgracia.

- 2) Cuando aumenta el palomar: es suerte; cuando se le mueren los pichones, es desgracia.
- 3) Cuando cantan las lechuzas y alguien murió cerca: significa que el alma del muerto está en pena.
- 4) Caminar hacia atrás: señal de que se ríe el diablo y llora la Virgen.

2

MAGIA MEDICA

B

- 5) Para curar dolor de barriga: té de carqueja.
- 6) Para curar la bichera a los animales: dar vuelta a la pisada y hacer una cruz.

C

- 7) Para curar los calambres: hay que usar un anillo de plata en el dedo.
- 8) Cuando no cortan los dientes: poner un diente de perro en el cuello colgado por una tirita.

E

- 9) Para curar el empacho a los niños: se "fleta" (frota), en cruz la parte del estómago y le van rezando al mismo tiempo. Después lo ponen boca abajo al niño y lo tiran de la parte de los riñones (del pellejo). Si se produce un sonido cuando lo tiran es porque está empachado. Esta cura se tiene que practicar tres días o tres veces de corrido. Si no se cura se tiene que empezar de nuevo. (El informante no sabe el rezo).

M

- 10) Para curar dolor de muela: poner un anillo de cobre al dedo.
- 11) Para curar verdaderamente las muelas: hay que sacar una costilla de zorrillo y usala de escarbadiente. Según el curandero, hay que ir a buscar el zorrillo a las doce de la noche en punto. Tiene que ser un zorrillo macho. Se saca la tercera costilla del izquierdo. Se pica la muella y ella cae a pedazos y no duele.
- 12) Para curar dolor de muelas: se saca los nudos de una tabla y se hace hervir y después se hace buches con el agua.
- 13) Para curar dolor de muelas: se hace hervir un puñado de hormigas y se hace buches después con el agua.

O

- 14) Para curar dolor de oídos: se le echa leche de la madre, o aceite tibio, o el humo de cigarrillo. Se agarran también ratoncitos que todavía no tengan pelo, se fríen en aceite y después que el aceite está frío se echan las gotas en el oído.
- 15) Para curar mejor el dolor de oídos: se hace un embudo con un papel, se mete la parte fina al oído y se le prende fuego en la otra

parte. Entonces, como hace "tiraje", se le saca el aire del oído.

- 16) Para curar el mal orín del caballo: se tiende la enagua de la mujer sobre el anca del caballo.
- 17) Para curar orzuelo hay que passar la punta de la cola de un gato, totalmente negro, tres veces en cruz sobre el ojo del orzuelo.

P

- 18) Para curar "padrastos" (pielsitas levantadas en las uñas), se los tira en sentido contrario.
- 19) Para curar "socaduras" (Secaduras es cuando se tuerce y sale el hueso del lugar): se le mueve violentamente la parte donde se sacó. Se la tira después y se la frota con aceite, con querozén y parece que con gema. Siempre hay un "rezo", pelo que el informante no sabe. A veces se lleva meses a curar.

T

- 20) Para curar la tós convulsa al niño: se saca la medida con una cinta roja al perro y luego enseguida se la ata al niño. Se la deja hasta que el niño cure.

U

- 21) Para curar uñero: se lo mete en agua hirviendo y aguanta lo que aguanta.

V

- 22) Para curar la picadura de víbora: se toma la pieza de ropa que cubre el cuerpo y se la pica con un cuchillo de corte, la fragmentan toda. Después, se la cocina, se la pone a hervir y se la deja enfriar y se le da de tomar al enferme.
- 23) Para curar la picadura de víbora: enseguida practicar dos cortes en la picadura, cubrirlos con tabaco y chuparlos para que salga el veneno.
- 24) Para curar la picadura de víbora a los animales se le ata paja brava y cuando esta se seca es que ya está curado el animal.

3

MAGIA TABU

C

- 25) No se debe casar los martes:  
"Viernes y martes  
no te cases ni te embarques  
ni de tu casa  
te apartes."
- 26) No se debe cortar las uñas en los días que tengan erres — martes, miércoles y viernes — porque salen "padrastos" (pielsitas levantadas en la uña).

D

- 27) No se debe dejar con vida la galina que canta como gallo, hay que matarla enseguida si no sucederá una "fatalidad".
- 28) No hay que dejar el fósforo encendido hasta que termine: se le termina la suerte a la persona.
- 29) La novia antes de casarse no puede dejarse ver de traje blanco al novio, porque se pelean.

M

- 30) El que mata un gato tiene siete años de yeta. Para no tenerlos hay que matar siete gatas "de seguido".
- 31) Textual del informante: "Yo tengo una superstición. Si me voy por un camino y me cruza una víbora, sé que me vá mal todo lo que voy a hacer: si voy con el coche me pincho una goma o se descompone, alguna desgracia se me pasará; si voy por un trabajo, fracaso. Yo la persigo hasta que la puedo matar. Si la mato no me pasa nada, pero si no mato me pasan las desgracias."

P

- 32) No se debe poner la escoba con paja hacia arriba: trae desgracia.

R

- 33) Antes de casarse, no debe regalar pañuelo, porque se pelean y no se casan.

T

- 34) Tener hueso de muerto en la casa: se aparece el alma del muerto.
- 35) Después de la entrada del sol no se puede tirar la yerba fuera, porque anuncia ruina a la casa.

4

INDICE TEMATICO DE LA MAGIA

A) Resultados adivinados:

- Alma en pena — pieza n. 3
- Desgracia — 1,2
- Diablo — 4
- Virgen — 4
- Suerte — 2

B) Sujetos y objetos del hecho adivinatorio:

- Espejo — 1
- Lechuzas — 3
- Novia — 1
- Palomar — 2
- Vestido de casamiento — 1

C) "Enfermedad" de la magia médica:

- Bichera — 6
- Calambre — 7
- Dientes — 8

Dolor de barriga — 5  
Dolor de muela — 10, 11, 12, 13  
Dolor de oídos — 14, 15  
Empacho — 9  
Orín — 16  
Orzuelo — 17  
"Padrastos" — 18  
"Sacaduras" — 19  
Tós convulsa — 20  
Uñero — 21  
Víbora — 22, 23, 24

D) "Medicamentos" de la magia médica:

Aceite tibio — 14  
Agua hirviendo — 21  
Anillo de cobre — 10  
Anillo de plata — 7  
Chupar — 23  
Cortes — 22, 23  
Costilla de zorrillo — 11  
Dar vuelta a la pisada y hacer una cruz — 6  
Diente de perro — 8  
Enagua — 16  
Frotar con aceite, querosen y yema — 19  
Frotar en cruz — 9  
Fuego — 15  
Gato negro — 17  
Hormigas — 13  
Humo de cigarrillo — 14  
Leche materno — 14  
Nudos de tabla hervidos — 12  
Paja brava — 24  
Ratoncitos fritos en aceite — 14  
Ropa — 22  
Sacar medida con cinta roja — 20  
Tabaco — 23  
Té de carqueja — 5  
Tirar en sentido contrario — 18, 19

E) Acciones tabuadas:

Caçar — 25  
Cortar — 26  
Dejar — 28  
Dejar con vida — 27  
Dejarse ver — 29  
Matar — 30, 31  
Poner — 32  
Regalar — 32

Tener, poseer — 34

Tirar — 35

**F) Objetos tabuados:**

Escoba — 32

Fósforo — 28

Gallina — 27

Gato — 30

Hueso de muerto — 34

Martes (los días) — 25

Pañuelo — 33

Sol — 35

Traje blanco — 29

Uñas — 26

Víbora — 31

Yerba — 35

**G) Castigos tabuicos:**

Alma — 34

Desgracia — 31, 32

“Fatalidad” — 27

No casarse — 33

No expresados — 25

“Padrastos” — 26

Pelea — 29, 33

Ruina — 35

Suerte (se termina la) — 28

Yeta — 30

### Parte III

## FOLKLORE ERGOLOGICO

Entre las piezas ergológicas de Minas, señalamos un precioso “telar” rústico, acompañado de la respectiva “máquina”.

La tejedora es Elvia Yanes de Casas, natural de Marmarajá, departamento de Lavalleja. Se casó y vino a vivir en Minas, hace once años. Entonces siguió tejiendo, conforme aprendiera de su mamá y de su tía Alvariza Legrand, de Marmarajá. A su vez, ellas aprendieron de la abuela.

Desde los trece años que sabe tejer. Hace cuarenta años que teje.

En Minas tuvo que pedir a su hermano que le hiciera la “máquina de hilar” y el “telar”. Son aparatos sencillos y pobres. Además, son livianos, razón por la cual se prestan al trabajo en el corredor, en la cocina, en la sala y demás dependencias de la casa. La llamada máquina es una construcción de cuatro patas, con unos ochenta centímetros de altura, un pedal adentro y, arriba, una rueda y un palo corto.

El pedal acciona la rueda y ésta gira el palo, donde la lana va siendo "hilada" para la hechura de la "hebra". (Figura I) (\*)

Las fases del trabajo son muchas y muy lentas.

Primero se tiene que lavar la lana; después abrirla, a mano; luego, hacer la hebra y el devano. El devano es un rollo sencillo. Es necesario transformarlo en madeja y para esto se desenrolla el devano pasándolo de un respaldo a otro de dos sillas separadas a corta distancia (1 m. aproximadamente). A continuación, se lava la lana y se la pone a secar. Luego se deshace la madeja, volviendo a hacerse otra vez el devano. Está lista para ser tejida, es decir, para ser trabajada en el telar.

Pero falta todavía preparar el ordume en la máquina. El ordume es la lana más inferior, que debe ir por adentro del tejido. En la máquina, sufre las mismas fases de tratamiento que la lana buena: es lavada, abierta, torcida en hebra, reunida en devano y hecha madeja.

Al usar el telar es necesario que la tejedora sepa previamente qué pretende tejer, puesto que las dimensiones varían, aunque el procedimiento sea siempre el mismo. Elvia Yanes de Casas acostumbra hacer jergón, jerga  $\frac{3}{4}$ , media jerga y cojinillo (para caballos); cobija (para las camas) y felpudos (para los pisos). Su mamá hasta hacía ponchos. Pasando a diferenciar un jergón de un cojinillo, la informante nos señala que este es más chico que aquél y que además lleva un atado de mecha de lana sobre el ordume cada tres o cuatro centímetros, quedando sobresaliente.

El telar de la informante es un rectángulo de 1.60m. de largo y 1m. de ancho, aproximadamente, construido con tablas viejas, que le fueron regaladas en una obra y que probablemente habían servido de andamios. Tanto en la parte superior como en la inferior hay clavitos semiclavados, a una distancia uno del otro mayor de una pulgada. Son, pues, numerosos clavitos. (Figura II)

La primera fase del trabajo en el telar es la de urdir. Se urde el jergón, la jerga, la media jerga, la cobija o el felpudo. Urdir es tirar el ordume de un clavito a otro, verticalmente. Trabajo paciente y agotador, pues hay que agacharse y levantarse muchas veces. Cuando la pieza está urdida, el telar asemeja un arpa con suyas cuerdas.

A continuación se separan los ordumes, atándolos aquí y allí con piolín. Luego se pesan varitas hacia afuera y hacia adentro de los ordumes, dejándolas apoyadas sobre los nudos.

Las varitas del telar son tres. Cuatro con la aguja, que es una varita plana con un agujero en la punta.

Sólo entonces se empieza a tejer, propiamente. Se teje horizontalmente, de izquierda a derecha, pasándose la aguja por entre los ordumes. A cada rato se aprieta el hilo tejido bajándolo con una peinilla.

---

(\*) Todas las figuras presentadas en este trabajo fueron ejecutadas por Jorge Volonté, en base a croquis del autor.



Sentada en una sillita, la informante va viendo crecer su trabajo, siempre de izquierda a derecha y de abajo hacia arriba.

Cuando el telar está completo, se dá por terminado el tejido. Entonces, con una **aguja chica** semitorcida se sacan los ordumes de los clavitos. A continuación, con una **aguja de crochet** se encadenan las puntas de los ordumes.

Y queda terminado el trabajo. Pronto lo vende a intermediarios que van a las ferias de ganado. Allí, sus jergones "se venden como bizcochos", es decir, vuelan.

Pero Elvia no se siente feliz como tejedora. Es mucho sacrificio. Para hacer un jergón lleva 15 días, una cobija, 1 mes. Y después de todo nunca vió recompensa, nunca pudo descansar. Pasa lo mismo a sus parientes en Marmarajá. Tejen y tejen, día y noche, sin descanso... para nada.

El trabajo encarece cuando hay que teñir la lana. Entonces, compra la anilina del color que se desea, de negro y blanco, por ejemplo. Hierve agua, la pone adentro con 1 kilo de lana en madeja, de cada vez. Se enjuaga y se deja secar. También se tiñe la lana en forma suelta. La pieza hecha también puede teñirse, pero sólo de un color, no pudiéndose en ese caso hacer combinaciones.

Los mismos trabajos que ella hace, su mamá y sus tías lo hacían también en **bastidor**, que es un telar sin clavitos y más ancho que largo.

En este final no podemos dejar de señalar una característica propia de nuestra informante. Es que teje con un pañuelo atado al cuello, pero flojo, donde pueda acomodar su mate a la altura del pecho. Simultáneamente teje y matea, bajando la boca hacia la bombilla. Dijo que aprendió eso de su abuela y que es para aprovechar el tiempo.

\* \* \*

También son dignas de mención, entre las piezas ergológicas de la etnografía minuana, las ligadas a la agricultura.

Podemos señalar, de paso, un tipo de "yugo", muy usado para una "yunta de bueyes". Consta de **anillo** (a), **cuarta** (b), **canga** (c) y **tiénto** (d). (Véase la **Figura n° III**)

El ejemplar que documento estaba en Verdúm, en el suelo, en el "ranchito" de José Paes, que lo había llevado allí con sus bueyes transportando cosas sobre una "rastra". (**Figura n. IV**) (\*)

---

(\*) La "máquina", el telar y la rastra fueron adquiridos para el Museo del Centro de Estudios Folklóricos del Uruguay.

Parte IV

FOLKLORE SOCIAL

LA FIESTA DE VERDUM

1

HISTORIA (\*)

Verdúm es un área de terreno con un total de 18 hectáreas, 4.520 metros y 90cts., a 5 quilómetros de la ciudad de Minas. En ella está el cerro del Verdúm, con 340 metros de altitud. Hacia los lados ha otros cerros.

Originariamente fué propiedad de la Corona, quién en el año 1801 la donó a Juan Bautista Verdúm. A causa de que los hijos de Verdúm pelearon al mando de Artigas, el Virrey lo despojó, donando entonces el terreno a un otro protegido. En consecuencia, el señor Verdúm se fué de Minas. Nadie imaginaría, por supuesto, que su nombre quedaría perpetuado por la popularidad que el cerro vino a adquirir posteriormente.

Hace medio siglo esta localidad carecía de significación sociológica. Es decir, no presentaba el grandioso espectáculo de nuestros días, el 19 de Abril de cada año, con la concentración de miles de peregrinos de varias partes del país.

Todo comenzó a raíz del traslado del presbítero Don José de Luca para Minas, el 5 de noviembre de 1891. Como se comprueba, un sacerdote dinámico, de estos que siempre estan con ideas y acciones en favor de la causa que defienden. En sus idas y venidas a Montevideo solía visitar e su tío cura vicario de la Iglesia del Reducto. Ahí se interesó por una imagen de la Virgen, guardada en la sacristía, porque había sido sustituida en el altar por otra más pequeña y hermosa. Su tío la cedió, de su parte, pero habría que perderia a la dueña, una ilustrada matrona de la época. Esta señora accedió a los deseos del padre De Luca, bajo la condición de que su imagen fuera instalada en la gruta de Arequita, en vez de ser destinada a la Iglesia de Minas como era la primitiva intención del P. De Luca. De esta forma se haría una imitación de la gruta de Lourdes.

De acuerdo, el P. De Luca comenzó las gestiones de permiso religioso junto al Arzobispo. Pero este se negó rotundamente, argumentando que dicho lugar era "visitado por toda clase de turistas" y que por lo tanto "el colocar allí una imagen es exponerla a la profanación".

Entonces el P. De Luca tuvo la feliz idea del Cerro del Verdum. Con unos amigos lo escaló a fin de estudiarlo y se convenció de que era un lugar magnífico para ello. Desde lo alto se divisa el paisaje circundante y, a lo lejos, la pequeña ciudad de Minas.

---

(\*) Estos datos históricos están basados en el folleto de Gonzalo Varela, "Gloria Serrana", Montevideo, 1954.

Esta vez el Arzobispo estuvo conforme, escribiendo al P. De Luca que le era "grato declarar que aplaudo, apruebo y bendigo tan hermoso pensamiento"...

Sin pérdida de tiempo se iniciaron los trabajos. Estos deberían consistir en la apertura de un camino que debiera conducir hacia la cima del cerro y, por fin, en la construcción de un pedestal en ésta, donde se colocaría la imagen.

Con habilidad y entusiasmo el P. De Luca logró regimentar su núcleo de amigos y fieles, consiguiendo el apoyo financiero de particulares e instituciones.

Por fin, vió coronado sus esfuerzos el 19 de abril de 1901, cuando se labró el acta de fundación del monumento dedicado a la Virgen, sobre la cumbre del Cerro, con la presencia de las respectivas autoridades eclesiásticas y civiles comprometidas en la obra. Dos días después, el 21 de abril, ocurría la primera romería, organizada por el Consejo Superior de las Hijas de María de Montevideo.

Pero sólo a lo largo del tiempo, seguramente, estas concentraciones adquirirían tonalidades populares de interés socio-antropológico. Hoy, son observables, al margen de los conocidos rasgos oficiales-católicos de la Iglesia, esos otros rasgos que buscamos siempre para nuestros estudios de ciencias sociales, que, comparativamente, se denominarían "profanos", y que constituyen excelentes caminos que nos llevarán a la comprensión del uruguayo.

A partir de 1901 las romerías se sucederán sin interrupción. En consecuencia, hubo ambiente para que los continuadores del P. De Luca fácilmente introdujeran mejoras. De esa manera, en 1907 se erigió un nuevo monumento; en 1909 se trajo de Francia una nueva Imagen, al precio de siete mil pesos y en 1944 se dispuso, a lo largo del zigzagante camino que lleva a la cumbre del cerro, las estaciones del Vía Crucis, como para recordar el Calvário.

2

#### LA FIESTA. ASPECTO GENERAL

Hoy, la parte de Verdúm que conduce a la cumbre del cerro pertenece a la Iglesia. Está limitada, a la izquierda, por un alambrado sin púas y, a la derecha, por eucálptus. El terreno que queda fuera del alambrado es de particulares.

Hasta hace pocos años, todo se desarrollaba dentro del terreno de los curas. Hoy, no, quizás porque en ese entonces no afluía tanta gente, o no había tanto comercio y escenas "profanas", como las populares de música, canto, vino, borracheras, baraja, anécdotas picantes, ventas de artículos varios, etc., pero envueltos en la más pura y significativa atmósfera folklórica.

Veo esta fiesta, pues, con dos aspectos bien distintos: uno de gente que sube el cerro hacia la Virgen, conversando y orando, a veces descalza sobre las sacrificantes piedras del camino, arrodillándose en las estaciones, ahelante por milagros; es el aspecto propiamente religioso, de los creyentes romeros. El otro aspecto, es el de la gente que generalmente no sube el cerro, que llegó allí primero que todos, muy de madrugada, para instalar sus "puestos" de negocio. Este aspecto es el que imprime colores y personalidad populares a Verdúm; está ubicado fuera del alambrado y vive en función de los romeros.

De esa forma, los romeros cumplen sus creencias y atienden a sus necesidades psicológicas de contacto humano, variado y bullicioso. Ay de ellos si no estuvieran estos "puestos", tan novedosos, acogedores y oportunos!

Pero hay muchos romeros pudientes que van allí en coche, en omnibus, en elegantes camiones, y que, evidentemente, por su calidad distinguida, llevan sus mantenimientos propios, sin compenetrarse con la gente de los puestos. Como no son negociantes, y sí romeros, pueden acampar dentro del terreno de los curas, pagando la entrada de sus vehículos.

Me atrevería a ver en ellos sus diferencias de clase social, aunque con la mayoría de los límites borrados por la mezcla de la peregrinación.

Dentro del terreno de la Iglesia, pues, hay coches, ómnibus y camiones con romeros de mejor condición, algunas carpas con permiso especial y vendedores de artículos religiosos, vendedores de recuerdos de Verdúm y vendedores de cosas no religiosas, pero admitidas, como yuyos y pájaros. Quizá éste fuera el pensamiento inicial del P. De Luca.

Afuera del terreno, en cambio, lindando con el alambrado donde se arriman los balcones de los "puestos", están, como vimos, estos referidos puestos y con ellos lo típico en alimentación, en narraciones y en música y canto, cosas que son del pueblo, que están en ello, y que no se puede quitárselas porque son sus propias vidas.

Esta efervescencia comienza de madrugada y muere al caer de la tarde, pues no hay iluminación eléctrica. En Verdúm, de noche, quedan sólo los puestos, con sus dueños, a la luz de fogatas o de faroles. Es un maravilloso espectáculo de descanso, de fin de fiesta decepcionante y triste para unos, rendidor y alegre para otros. En la noche oscura, pesa el silencio, entrecortado por voces perdidas, de puesteros que desarman sus negocios para marcharse. Pero otros quedán uno o dos días más.

La fiesta a la que asistimos fué un jueves. Muchos puestos quedaron hasta el domingo, cuando llegó una ola más de romeros. En consecuencia, pudimos trabajar del jueves al sábado de noche, en ellos, recolectando material.

A continuación, apreciamos, por separado, los rasgos culturales más sobresalientes de la fiesta de Verdúm.

3

RASGOS RELIGIOSOS POPULARES

Entre los rasgos religiosos populares podemos señalar: la creencia de "las piedritas", el uso de "los bastones" y el comercio de artículos religiosos.

El serpenteante camino que conduce a la cumbre del cerro está colmado de piedras y piedritas que dificultan el ascenso. Pero también en cada "estación" del "Vía Crucis" hay montones de estas piedritas, al pié de las figuras santas o sobre sus cabezas, sus brazos, sus manos, sus hábitos... Es la creencia de las "piedritas". Uno que va por primera vez a Verdúm, si quiere obtener una gracia, cumple la promesa de retirar tres piedritas (una de cada estación) y llevarlas a casa. En el acto repone otras tres piedritas, recogiénolas del camino y besándolas. Vá de vuelta a la casa con las tres que retiró de las estaciones, y que habían sido puestas allí por otros prometientes. Las guarda el año entero, bien guardadas para que no las pierda (en el ropero, en cajones, etc.) y al año siguiente tiene que venir a devolverlas al santo, agradeciendo el milagro que le fué hecho. Perderlas es "pecado". Si quiere, lleva otras tres, cambiándolas por las suyas. Vi a muchas docenas de prometientes arrodillándose en las estaciones, besando piedritas, poniéndolas arriba junto a las imágenes y yéndose con otras.

Uno de mis informantes, labrador, narra por qué tiene fe en ellas. Estaba "pasando una miseria gruesa, estaba atorado". Las fue a buscar en las estaciones y las guardó en su casa, bien guardadas. Entonces, "salió", es decir, consiguió lo que quería. Yo "salí" y como yo "salí", al año siguiente "devolví" las piedritas.

Al pié del cerro están los bastoneros. Niños y viejos cargan haces de bastones de caña para venderlos. La gente los compra y sube apoyándose. Pero no solamente los adultos y ancianos usan el bastón, sino todos. Es costumbre general.

Uno de nuestros informantes, Pedro González, de 64 años, natural de Minas, era la primera vez que vendía bastones. Se pasa el año "haciendo changa". Con los bastones, "me hago un par de pesos". Pero no pide precio por ellos. Es "a la voluntad". Y en su pregón él lo dice:

—¡Bastones a la voluntad".

Casi siempre le dan "de cinco a diez reales".

Primeramente él compra la caña, en Minas, luego las corta y las limpia con un cuchillo para sacarle la cáscara.

Al preguntarle porqué la gente sube el cerro con el bastón, contestó:

—¿Yo que sé? Porque el cerro es brabo."

Y cuenta que la última vez que lo subió fué para prenderle unas velas a la Virgen, después que estuvo enfermo de la vista.

Los vendedores de artículos religiosos, a su vez, son tipos ya conocidos en otras fiestas del país. Los víen la fiesta de San Cono, en Florida, el 3 de junio de 1954. (1) Tienen permiso para “trabajar” dentro del terreno “de los curas”. Sus pregones son típicos, quizás en muchas otras localidades:

—“¡Pasen a ver las lindas medallas ! ¡A treinta las medallas! Las medallitas de Verdúm!”

Y otros por el estilo.

Muchos vienen de Montevideo. Julio Villanueva, por ejemplo, tiene casa establecida en la calle Wáshington, 268, de Montevideo. En Verdúm, tendó sus mercaderías en el suelo, sobre papeles. Eran cuadros, estampas, medallas, rosários, “manitos” equivalentes a las “figas” brasileñas), corazones de Jesús, cadenas, prendedores, etc. Las trae en valijitas de vendedor ambulante y negocia sentado.

Pero otros vendedores de dichos artículos abren sus valijas sobre caballetes o los venden colgados en cartones que llevan en los brazos, pudiendo entonces desplazarse mejor.

Entre sus artículos más populares están las “bombitas”. Las había encontrado en Florida y volví a verlas en Verdúm. Es una auténtica obra de arte popular. Generalmente son hechas por personas de una misma familia.

Con un grupo de informantes niños, puedo señalar las siguientes fases de su construcción: se compra las lamparitas de luz, quemadas, a los basureros, a cinco centésimos cada una. se le corta el bronce por la mitad, después con un alambrecito se rompe la parte de adentro. Se recorta una Virgen de una estampa y se la pega con parafina en un molde. Sobre ella se le pega metal abillantado o “la brillantina” y se le hecha anilina de cualquier color. Con aguja e hilo se ata la Virgen por los pies a un taponcito de corcho. Está lista para ser depositada en la bombita. Entonces se llena la bombita de agua, se pone la Virgen de cabeza abajo y se tapa la bombita con el corcho. Enseguida tiene que ponerse este conjunto sobre una maceta para completar la obra. Entonces adentro de la maceta se echa asfalto líquido y enseguida se le coloca la bombita por la parte del corcho, dejándola sin mover hasta que se enfríe. Después se pinta la maceta “y ya está”. (Figura V)

En un sólo día, con práctica, se pueden hacer 100 bombitas.

Tiene que hacerse mucha cantidad, pues se rompen en el trayecto.

Generalmente, duran pouco, hasta cinco meses, pues el agua echa a perder la Virgen en estampa.

(1) Véase nuestro “Folklore de la Ciudad de Florida”. (Inéd)

## RASGOS NO-RELIGIOSOS

(Vendedores de artículos no-religiosos)

Aun dentro del terreno de los curas, se ubican muchos otros tipos de vendedores, siendo destacables: el pajarero, el yuyero, el matero. Generalmente, provienen de diversos puntos del país.

Juan Almeida y su hermano, por ejemplo, son dos yuyeros que viven en Montevideo, en la calle Rafael 3418 de Camino Maldonado. Hace veintiocho años que son yuyeros. Llegaron a Verdúm en ferrocarril, trayendo la mercadería envuelta en papeles, dentro de bolsas y canastos. Pero si se mezclan, igual las conocen.

Allí forran el suelo con los papeles y exponen los yuyos sobre ellos, más o menos clasificados. No pagan impuesto por el local.

Entre las raíces y maderas, presentan palo santo, lapacho, solta caballo, cipó de la cruz, teta de cadela, tuyuti, arazá, hongo de palo, etc. Lo demás son ramas: yerba del hígado, rola del Peru, etc. Hay también semillas, como la piña.

El palo santo sirve para eliminar el ácido úrico; el lapacho, para el hígado; el cipó de la cruz, para riñones y vejigas; la teta de cadela es diurética y depurativa; el tuyuti, raíz paraguaya, elimina la urea, el hongo de palo es para hemorroides, etc.

La yerba del hígado cura radicalmente la inflamación del hígado, es para billis y estreñimiento, la rola del Peru o "rama amarilla" es para diabetes. La piña es para bronquitis.

Los informantes no paran de vender. Muchos clientes dicen la enfermedad y ellos dan un yuyo, enseñando en pocas palabras la manera de prepararlo.

Dicen tener sólo allí más de cien especies. Pero se rehusan a indicármelas, pues constituyen su sabiduría de **yuyeros profesionales**.

Para obtenerlas cuentan con un socio, un brasileño, que va a los bosques y bañados a recogerlas.

Materos también los hay en Verdúm, en ese día, como dijimos. Belarmino Werner es uno de ellos. Pero vive en Pando, calle Penúltima 1037. Es brasileño de nacimiento.

Su trabajo es una auténtica muestra de arte popular. Al mismo tiempo, posee una función utilitaria. La gente compra sus mates no sólo como "recuerdo de Verdúm", sino también por necesidad.

Las bombitas (lamparitas), en cambio, sólo representan un recuerdo, al igual que muchos artículos religiosos.

Los bastones, a su vez, entrañan una significación tradicional, sin perjuicio de que para algunos sean también un factor de necesidad.

Los yuyos son comprados por necesidad, obvia. Mientras que los pájaros, por adorno.

Werner era albañil, hace muchos años. Vino una huelga. Como

tardaba en solucionarse, él tuvo que ganarse la vida de otra manera. Y pensó, y pensó. Hasta que vió como se trabajaban los mates. Sentía inclinación para el dibujo; entonces resolvió empezar con aquello. Hace 14 años que no conoce otro oficio. Ahora toda su familia le ayuda.

Primeramente hay que recoger la calabaza. É combina con chacareros para que la planten y luego les COMPRA LA COSECHA. La siembra es en setiembre, la cosecha en mayo. Los mates que vende en Verdúm son siempre de la cosecha del año anterior, es decir, tienen un año de cosechados.

Luego de comprar la cosecha, tiene que esperar que la calabaza se ENDUREZCA, pues son verdes como el zapallo.

Cuando ya están duras hay que LIMPIARLAS, después PULIRLAS, después DARLES LOS COLORES, después GRABARLAS. La última fase es SALIR A VENDER, lo que hace cargando con muchos mates adentro de bolsas.

Para pulirlos y grabarlos usa una lima común. Para dar los colores, cierta tinta granulosa alemana. Según el tinte, los mates oscuros o claros y amarillos o verdes.

Los grabados son de FANTASIA o de MOTIVOS. La fantasía es un dibujo de líneas sin figuras, que él llama "dibujo griego". Los motivos pueden ser: motivos camperos, medio camperos y caricaturas. Entre los dos primeros están la doma, la carrera, etc.

Casi siempre deja un espacio para grabar las iniciales de la persona que compra. Lo hace en un segundo, en el acto de la venta. O si no, a gusto del cliente, graba "Verdúm", o el nombre de la fiesta en que esté.

En su pregón trata de inspirar, sugestionar a la gente, haciendo que se acuerde de algo o de alguien. Dice, por ejemplo:

— "¿ Un regalo para la novia, para la esposa, para la suegra, para el amigo!; Paisajes, caricaturas!"

5

RASGOS NO-RELIGIOSOS

(Los puestos)

Los "puestos" son los lugares donde se come y bebe. Están dispuestos uno al lado de otro. Se extienden en una larga hilera que va de la carretera hasta el pie del cerro, paralelos al alambrado que limita el terreno "de los curas". Quedan fuera de este terreno, en otro, propiedad de un particular.

Ese particular tiene alquilada esa franja de terreno a intermediarios, quienes previamente lo dividen en lotes y los subalquilan los días de la fiesta del Verdúm, a precio variado, pero, según el concepto general, elevadísimos.

Cerca de quince a veinte días antes comienzan a aparecer los "puesteros" para lograr buena ubicación. Veen la planta y van al terreno, a comprobar los pormenores.



El día del alquiler es contado de una media noche a otra media noche. Entonces resulta que ya entre la una y dos horas de la madrugada del día 19 hay en Verdúm un mundo de faroles prendidos, de motores de camiones de carga en funcionamiento, de martillazos sobre clavos que levantan puntales y soleras, de vocerío y carcajadas.

Al rayar el sol comienzan a aparecer los primeros romeros. A las once la fiesta está en auge y desde lejos se avista sobre el camino del cerro aquel hormigueo humano que sube y baja.

Cada puesto presenta el aspecto que le permiten la condición económica de su dueño, pero siempre dentro del tipo de construcciones nómades.

Los ranchitos son más complejos y van cubiertos de paja, con techo de dos aguas. (FIGURA VI).

Las enramadas son simple coberturas de ramas de eucaliptus. (FIGURA VII).

Algunas van cubiertas con bolsas, otras con lonas prestadas. Una de ellas tendía hacia adelante una hoja de zinc, para servir de protección contra el sol sobre el balcón de venta. (FIGURA VIII).

Generalmente, hacia adentro, hay, por orden de colocación: balcón y cartel (junto al alambrado, que se afloja un poco para dar paso), cajones de bebidas a consignación, mesa de caballete para preparar comida, cocina a querosén o fuego sobre el suelo con ollas y calderas, y mesitas de fierro con sillas para el público. Atrás de todo el "gabinete", que está hecho con tres "paredes" rectangulares de ramas y una de bolsa ("la puerta"). (FIGURA IX).

Los carteles anuncian qué hay de principal en aquel puesto. Un hecho singular es que la gran mayoría anuncia "agua caliente", entre otras cosas. Esta agua es para el mate, café o té de yuyo. El cliente entrega su termos y lo recibe lleno, a determinado precio. A eso de las cuatro de la tarde me parecía que todo Verdúm tomaba mate.

Los puestos más allegados a la entrada de la fiesta, o sea, en la primera fracción del campo, tienen prohibido levantar "gabinetes", razón por la cual las personas ahí se ven obligadas a usar los de algunos particulares que cobran diez centésimos de cada vez.

En casi todos los gabinetes improvisados no hay techos, sólo las "paredes" y uno u dos pozos de 1 metro con los lados protegidos por tablas para evitar derrumbes. Al cabo de los tres días de fiesta el aire en algunos puntos de Verdúm se vuelve, naturalmente, insoportable.

Una de las ollas de hierro referidas, la vimos en la enramada de José Paes. Era de hierro fundido, comprada hace muchos años en Montevideo. Las hay también de aluminio y esmaltadas.

La olla (a) estaba colgada por el GANCHO (b), del PALO (c). Este, a su vez, se apoyaba sobre dos COLUMNAS (d) enterradas en el suelo. (FIGURA X).

El dueño de un puesto casi no lo deja para nada. Si se propone

quedar también el día siguiente, extiende sobre el suelo su cama de paja y allí duerme, velando.

Casi siempre la familia lo acompaña, incluso porque ayuda en las diferentes tareas. Los niños, por ejemplo, cumplen mandados y la mujer va por leña al bosque y prende el fuego. El referido José Paes, por ejemplo, trajo sus seis hijos, la señora y un sobrino. En la enramada de al lado estaba Valdemar Valin, su cuñado, que en la vida corriente es mecánico. Valin vino con la esposa y sus tres hijas. Hace catorce años que viene a Verdúm. Al comienzo venía con otros puesteros, empleado como mozo. Sólo después empezó a venir por su cuenta, "independiente".

Pero no es fácil estar de "independiente", pues uno se arriesga siempre a tener perjuicios, a quedar "escarmentado", debido a que el puesto acarrea muchos gastos iniciales.

Con el informante Julio Seisdedos, por ejemplo, minuano, residente en la calle Domingo Pérés 525, en Minas, y que hace doce años viene casi sin interrupción a Verdúm, pudimos recomponer la siguiente lista de gastos:

Espécie	Cantidad	Precio \$ m/u
Alquiler		30,00
Camión (traer y llevar)		20,00
Lechón	2	38,00
Borrego (cordero grande)	24 K a 0,75	18,00
Pan	40 K a 0,42	16,80
Ravioles	1 millar a 1,20 el ciento	12,00
Tallarines	6 K	6,00
Chorizos	20 K a 1,10	22,00
Butifarra	5 K	10,00
Gallina	3 con un total de 9 K en	
Mondongo	bruto a 1.40	12,60
Dulce de zapallo (hecho por el informante)	5 K a 0,50	2,50
Verduras (cebolla, papa, zanahoria, etc)		8,00
Kerosén (para la cocina, prestada)	20 litros	10,00
Bebidas (a consignación)		3.06
		<hr/>
		Total: 210.96
		<hr/>

Seisdedos dice: "me gasté ciento y pico de pesos largos", hasta ahora. Tenía "que hacerse doscientos", por lo menos. El almuerzo que ofrece es de 2.50, con buzeca, asado, ravioles, lechón y postre. Calculaba que unas 60 personas iban a comer en su puesto, pero estábamos al final de la fiesta y ni la mitad se presentó.

Sin embargo, aunque pierda, va a venir otra vez el próximo año, con planes de "agarrar" dos puestos a la vez para experimentar. Además, le gusta, pues varía, debido a que en la vida corriente trabaja en una quinta.

Al lado de su puesto está un faquir, en una casilla pintada de rojo y misterio. Este sí, que hace dinero. Seisdedos no le tiene envidia, sino admiración, pues el hombre se atraviesa con estiletos, prueba de que domina el dolor.

6

RASGOS NO-RELIGIOSOS  
(Músicos y Cantores)

Nunca he visto en mi vida una mayor concentración de músicos y cantores verdaderamente folklóricos y populares. Eran cerca de cien puestos, encadenados, y la mayoría admitió un conjunto, de manera que cada cinco metros había música y canto.

Estos conjuntos llegan de lejos y se ofrecen para cantar. Recogen el fruto de su trabajo con donaciones en un platillo o con la venta de las letras.

Fue un magnífico espectáculo de ritmos y melodías. Tuve la seguridad de que el uruguayo de campaña también es un pueblo que canta, aunque siempre con el sentido de la representación, de la teatralización, hecho que habíamos comprobado con el uruguayo urbano del período de carnaval. (1)

Y lo más notorio es que no sólo cantan los adultos. También los niños, dirigidos por aquellos. En el aire queda el entrevero de cantos de niños y adultos, de voces agudas y bajas, de notas de cuerdas y percusión, de aplausos y carcajadas. Es necesario estar en un puesto único para concentrar el oído en una sola ejecución, pese al eco de las demás, que viene de los otros puestos.

Estos conjuntos son variados. Hay desde los de ritmo brasileño, con pandero y saxofón, o con batería y corneta, hasta los de estilo "criollo", con payadores y guitarras, o los de estilo afrouruguayo, con tamboriles. Generalmente usan indumentaria característica.

Un conjunto de payadores frente a un conjunto "brasileño" son como los polos, perfectamente opuestos. El "brasileño" canta moviéndose o casi bailando, con los instrumentos hacia arriba y hacia abajo, en una extroversión eufórica notable y con un final siempre acelerado en ritmo y tonicidad, de casi gritos. Los payadores tienen algo de un ceremonial para cantar. Guardan cierta sobriedad de maneras, miran y observan antes de comenzar. Sus guitarras no se muven en sus brazos, la pierna izquierda generalmente reposa sobre una silla. Son recatados y serios, aun cantando bromas. Calzan botas con espuelas nazarenas, visten "bombacha criolla", torera de gaucho, camisa, golilla blanca, sombrero campero y cinto de rastra, que usan sólo en fiesta.

---

(1) Véase nuestro "Folklore del Carnaval de Montevideo". (Inéd.)

Entrevistamos uno de estos conjuntos de payadores. Estaba integrado por Carmelo Artigas, su mujer, sus dos hijos menores de diez años y dos amigos, Casimiro Martínez, "Guitarrero y poeta" y Mario Piña, "payador y poeta".

Artigas trabaja en el Municipio, en Villa Míguez, novena sección de Canelones; Piña es labrador y Casimiro fue también labrador, pero ahora sólo se ocupa de la guitarra, hace cosa de diez años, siendo que "tiene versos propios".

Hace 6 años que cantan juntos. Van adonde los llaman. Generalmente recorren las fiestas patronales del país, como ésta de Verdúm. La última vez que cantaron en Verdúm fue en 1954.

Su repertorio consta de payadas, contrapuntos, rancheras, cifras, estilo, vidalitas, millonga y vals. Estos son "los motivos". "Las métricas" donde se injerta el motivo son: cuarteta (cuarteta doble y cuarteta redondilla), sextilla, octava, décima, media letra y asonancia.

Haciendo la diferencia entre payada y contrapunto el informante dice que "contrapunto es a jugar la sabiduría, es de tirarse al que sepa más", mientras que "la payada es amistosa, e otra causa".

En la payada y el contrapunto la cuarteta no tiene límites, uno canta cuantos renglones quiere. Al revés de la sextilla, la octava y la décima sencilla, que los obligan a limitarse, cada vez que las cantan, pasándose la voz al parcero.

La lamada "media letra" es la décima no sencilla, es decir, cantada por dos cada dos renglones.

Hay otras formas de "consertarse", nos dijo Piña, pero agregó que "es bravo para explicar momentáneamente".

Pidiéndole su impresión sobre el conjunto "brasileño" de la enramada vecina (un negro alto con saxofón y un mulato petizo, con pandero y voz de venas saltadas entonando "Pernambuco, pernambquinho" con pronunciación de la frontera y vistiendo bolero), conjunto que molestaba porque las guitarras no podían competirle en intensidad, así nos dijo Piña: "Nosotros cultivamos más sentimiento, ellos cultivan más alegría".

Cada nueva pieza de estos payadores era anunciada por Carmelo Artigas. Una de las veces copié lo siguiente:

— "Bueno, señores, yo voy cantar una letra de mi propiedad, porque yo sé que mi querido Uruguay es humano y que Uds. tienen humanidad. Y ALLÁ VA".

Este "y allá va" lo oí de más de un payador.

El público de adentro del terreno de los curas se apiñaba sobre la alambrada hacia adentro del "puesto" (fuera del referido terreno) en que cantaban los músicos. Los que querían oír sentados, pasaban al "puesto" por entre los alambres que se aflojaban un poco con esa finalidad. Entonces se sentaban y pedían algo de comer o beber.

En el intervalo de la pieza la mujer del cantador vendía las letras por allí mismo. Su pregón más insistente era este:

—“Por acá unos versitos en honor de los campeones uruguayos”.  
Si preguntaban cuanto era, respondía:

—“A la voluntad”.

Cantaban casi sin parar; Casimiro Martínez, con la particularidad de que lo hacía con una colilla apagada cuél canto de la boca, lo que seguramente lo obligaba a sólo entreabirla, entrecerrando los ojos para los agudos, inflando el cuello, enrojeciéndose en ciertos instantes.

Una de sus letras es “La Estancia La Embrujada”. Dice así:

“Iba con rumbo a la estancia que a lo lejos se veía  
al trote en un pingo oscuro, orillando un cañadón  
un joven de faz tostada, de lazo vincha y melena  
botas, espuelas nazarenas y en el cinto un buen facón

Era un mozo forastero, venía de un pago lejano  
pero no faltó un paisano que en el camino le habló  
y al saber que iba a la estancia que le llaman la Embrujada  
con frases entrecortadas esta historia le contó

Mire amigo hace 4 años al patrón lo asesinaron  
y todavía no hallaron al maldito criminal  
desde entonces hay luces malas, duendes y aparecidos  
y se oyen tristes gemidos en medio del pajonal

Hay un capataz perverso dicen los que lo han tratado  
y muchos han desconfiado que fué quien mató al patrón  
intervino la justicia, no pudieron comprobarle  
y tuvieron que largarle sin otra resolución

Oyó el joven muy sereno lo que le dijo el paisano  
después de estrechar su mano al trotecito siguió  
y al llegar junto a la estancia sujetó su parejero  
y sacándose el sombrero al capataz saludó

Sus miradas se cruzaron como dos dagas de acero;  
¿que anda haciendo forastero? el capataz preguntó  
Ando buscando trabajo, dijo el joven muy sereno  
y cualquier oficio es bueno pál que de pión se crió

Si entiende todo trabajo puede ir desensillando  
y mañana trabajando usted ya puede quedar  
no son todos los que quieren prenderse a cualquier tarea  
y los peones escasean, aquí por este lugar

Bajó el paisano las garras de su lindo flete oscuro  
y con paso bien seguro pal galpón enderezó  
y al saludar la peonada que allí se hallaba amargueando,  
la mano les iba dando y en la rueda se sentó

Le alcanzaron un amargo que les aceptó gustoso  
¿es de muy lejos el mozo? un paisano preguntó  
él dijo soy del Bragado que de aquí hay larga distancia  
trabajaba en una estancia que hace poco se vendió

Después que hubieron cenado todos fueron acostarse allí había que arreglarse con sus pichas cada cual el jóven tendió el apero bajo un de árbol frondoso y se acostó silencioso pronto para descansar

Como a eso de media noche entre despierto y dormido le pareció haber oído como un llanto de mujer se vistió muy presuroso aquel valiente paisano y pisando muy liviano ya llegó a reconocer

Así llegó hasta una puerta que encontraba entornada vió una señora enlutada sollozando en un sillón que abrazada de una jóven al capataz le decía eso es más que cobardía tener esa pretensión

Querer casarse conmigo un canalla y un cobarde cunado yo sé que es culpable, que a mi esposo asesinó y no contento con eso echó a los mejores peones y ha traído a los ladrones y asesinos que encontró

Y esas luces y esos gritos que se oyen a desoras es la canalla traidora de los peones que hay aquí que usted los tiene pagados para asustar a la gente para que ni el más valiente se pueda acercar a mí

Y aquel hombre tan canalla se sentó tranquilamente y con palabras hirientes así a la viuda le habló haz de casarte conmigo por más que seas altanera aunque quieras o no quieras esto lo garanto yo

Voy a llevarme a tu hija para tenerla encerrada por mais hombres custodiada bien oculta la tendré y si te casás conmigo tendrás a tu hija adorada de esto a nadie digas nada pues si no la mataré

Y aquel hombre tan canalla se paró resueltamente pero siente de repente que la puerta se cerró para ver lo que pasaba dió vuelta más que ligero con el mozo forastero cara a cara se encontró

El capataz muy furioso le habla al joven de este modo si me ayudas tendrás todo el dinero que querrás pero si no te aseguro sos una cosa perdida y te juro que con vida de esta estancia no saldrás

Ya sé que sos un canalla y estás mal acostumbrado y por lo que aquí haz hablado veo que sos un ladrón asustador de mujeres no cuando hay quien las defienda pero para esta contienda está listo mi facón

A más yo venía a peliarte cuando solo te encontrara frente a frente cara a cara, mano a mano a facón pues sabrás que soy el hijo de quel viejito Contreras que de una injusta manera castigaste una ocasión

Vos castigaste a mi padre porque era un viejo indefenso  
porque un reumatismo inmenso sus brazos había embarao  
hacé un año y todavía sobre su espalda encorvada  
están las huellas marcadas que tu látigo ha dejao

El capataz había estado escuchando atentamente  
pegó un salto de repente y el facón desembainó  
le tiró una puñalada de traición al forastero  
pero el mozo era ligero y por eso se salvó

Pegó un brinco para un lado y quedó facón en mano  
la lucha entre esos paisanos de este modo comenzo  
las dos mujeres lloraban rezando con todo esmero  
que venciera el forastero ellas rogaban a Dios

De pronto se siente un grito y un cuerpo se desplomaba  
el jóven en pie quedaba y en la mano su facón  
y el capataz le pedía no me mate forastero  
que antes de morir yo quiero hacer una confesión

Así comenzó diciendo el herido muy ligero  
yo asesiné a el estanciero con la mayor precaución  
pá quedarme con la estancia, casandome con la esposa  
Pero hoy cambiaron las cosas y es otra mi situación

Después vino la justicia con todo lo necesario  
ante el juez y el comisario el herido declaró  
dijo: que era un asesino un canalla y un cuatrero  
y por eso al forastero ninguno lo molestó

Y aquí termina la historia de la estancia La Embrujada  
hoy es buena la pionada solo piensa en trabajar  
el jóven anda en amores con la hija de la viuda  
y aquella gente asegura que pronto se han de casar”

Casimiro Martínez tiene muchas otras letras, “La Horquilla”. etc.  
y algunas no impresas todavía como la que se refiere a la vacunación  
en el Depto. de Canelones, de carácter chistoso, que causó risas y aplau-  
sos sinceros.

Entre las de Carmelo T. Artigas, su “Decían... y era” relata un  
caso de lobizón, que sin duda oyó narrar en sus andanzas y aprovechó  
como motivo:

“Decían ... y era

Sentí como un perro aullar  
Y ya se había obscurecido  
como gaucho precavido  
fuí hasta el palenque a bombiar  
con rumbo hacia un cañadón  
sentí un extraño rumor  
y de la guacha el cencerro  
y ví asustado mi perro  
que me llamó la atención.

Hacia dos noches seguidas  
que mi overo relinchaba  
y mi perro raro aullaba  
en forma desconocida  
tantíe la daga enseguida  
y lento me fuí arrastrando  
iba el diapal arrolando  
y el de vicuña en el brazo  
por si se llegaba el caso  
ya me' estaba preparando.

Me arrimé hasta el matorral  
que a la distancia se hallaba  
pero nada imaginaba  
yo me acerqué pa mirar  
yo no quiero recordar  
lo que aquella noche ví  
que todo me estremecí  
viendo aquel monstruo en la sombra  
tenía la misma forma  
de un gigante camoatí.

En esa forma tan rara  
rodó junto al matorral  
y estuve por disparar  
y le ví como una cara  
algo así que impresionaba  
que casi me destempló  
y rápido me avanzó  
pa llevarme por delante  
ese monstruo impresionante  
que tanto me horrorizó.

Aulló mi perro barcino  
y fué como una señal  
porque antes de terminar  
aquel bulto se me vino  
me impresionó pero el tino  
no lo perdí esa ocasión  
fué como una maldición  
rápida en la atropellada  
manché de sangre mi daga  
con quien era mi pasión.

Fué un ruidaje de cadenas  
mezclada con una voz  
y de una mujer se oyó  
frases tristes y con pena  
yo que fuí con vos tan bueno  
me decía con emoción  
vine a entregarte mi amor  
ante Dios porque es tan bueno  
y me tuviste recelo  
al verme echa un lobizón.



Pasó en mi pecho la frente  
toda llena de emoción  
Bueno te pido perdón  
y acompaña me en la muerte  
no me maldigas Vicente  
te pido con voz postrera  
se va tu gaucha Manuela  
emprendo mi triste vuelo  
pero te espero en el cielo  
pa ser tu fiel compañera.

Se fué su alma rumbo al cielo  
no la pude acompañar  
y volvió el barcino a aullar  
pa acompañarla en su vuelo  
¿qué horrible! ¿qué desconsuelo!  
al verla triste volar  
sola tuvo que marchar tan lejos y eternamente  
yo también me doy la muerte  
y soy doble criminal.

Se hundió la daga de filo  
hallándose el corazón  
y en el rancho de terrón  
quedó tan solo el barcino  
que horrorizó los vecinos  
ante esa triste mansión  
se oyen ayes de emoción  
en ese triste lugar  
cuando se oye el perro aullar  
junto al rancho de terrón".

Anunciando a sus dos hijos, Carmelo Artigas así habló al público:  
— "Bueno, señores, acá estos dos gauchos tienen gana de hacer una  
payada de contrapunto. Son dos gauchitos que se tienen fe para el  
arte de improvisar".

Una de las veces Carmelo Artigas y Casimiro Martínez cantaron  
juntos muchos minutos seguidos. Usaron la quarteta, de ella pasaron  
la quarteta. de ella pasaron a la décima y terminaron "haciendo la me-  
dia letra".

Al concluir, bajo los aplausos, uno de ellos suspiró hondo, exclamando alto:

"¿Fué larga como la esperanza de pobre!"



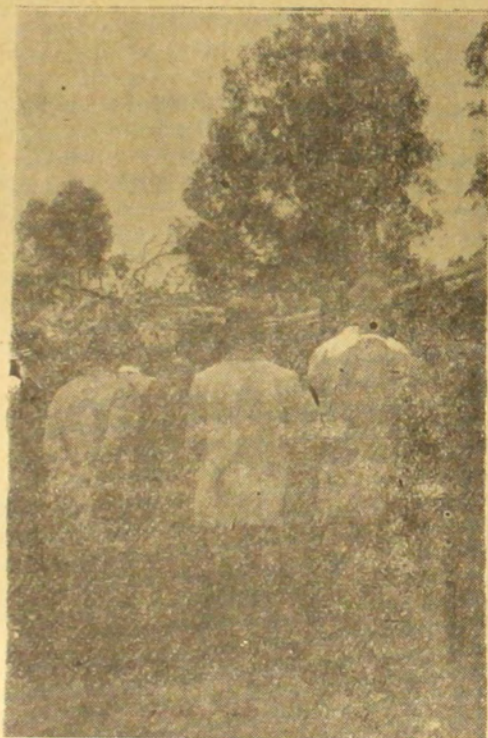
1. Entre los paisajes panorámicos de la fiesta del Verdum se destacan los **puestos**.



2. Un puesto construido en forma de **ranchito**. El cartel anuncia, entre otras cosas, agua "caliente": es para el mate. Véase la figura n. VI.



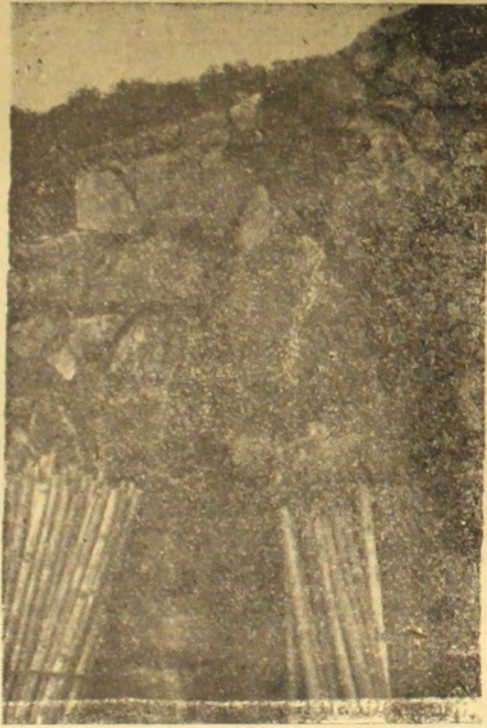
3. Dentro de los puestos, los cantores populares.



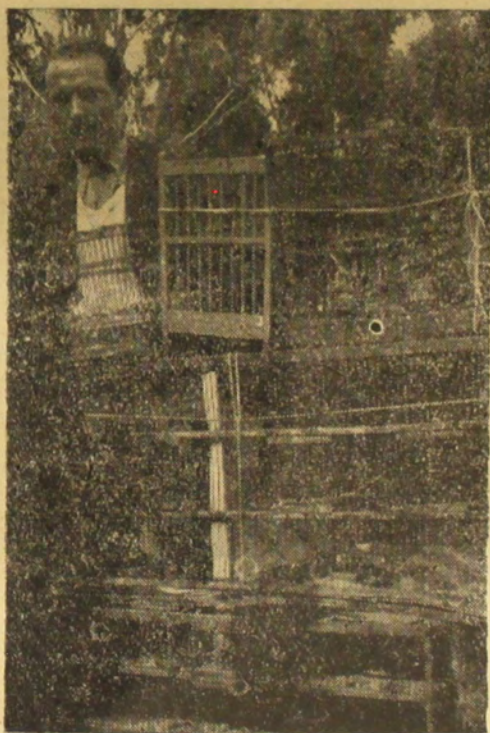
4. Hay un público que queda fuera del puesto, oyendo y aplaudiendo los **cantores**.



5. Aún de algunos puestos, la olla criolla. Véanse las figuras  
ns. IX y X.



6. A la entrada de la fiesta, los vendedores de **bastones**.

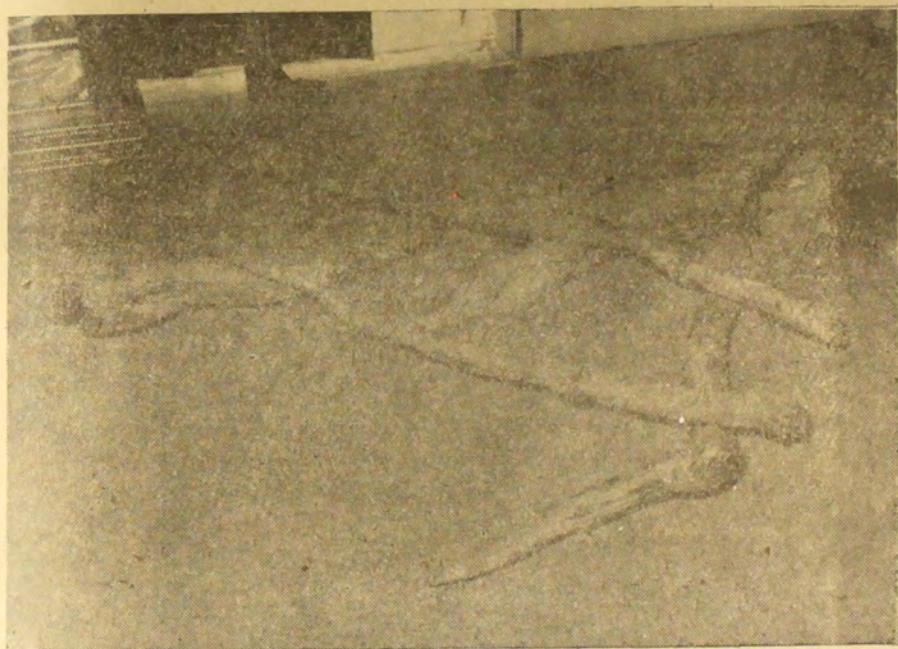


7. Dispersados, aquí y allí, los **pajareros**, con sus **jaulas** de **va-**  
**riados** modelos.





8. Los **yuyeros** tienden sobre el suelo sus bolsas de yuyos medicinales y ofician de médico, recetando y vendiendo según las quejas del cliente.



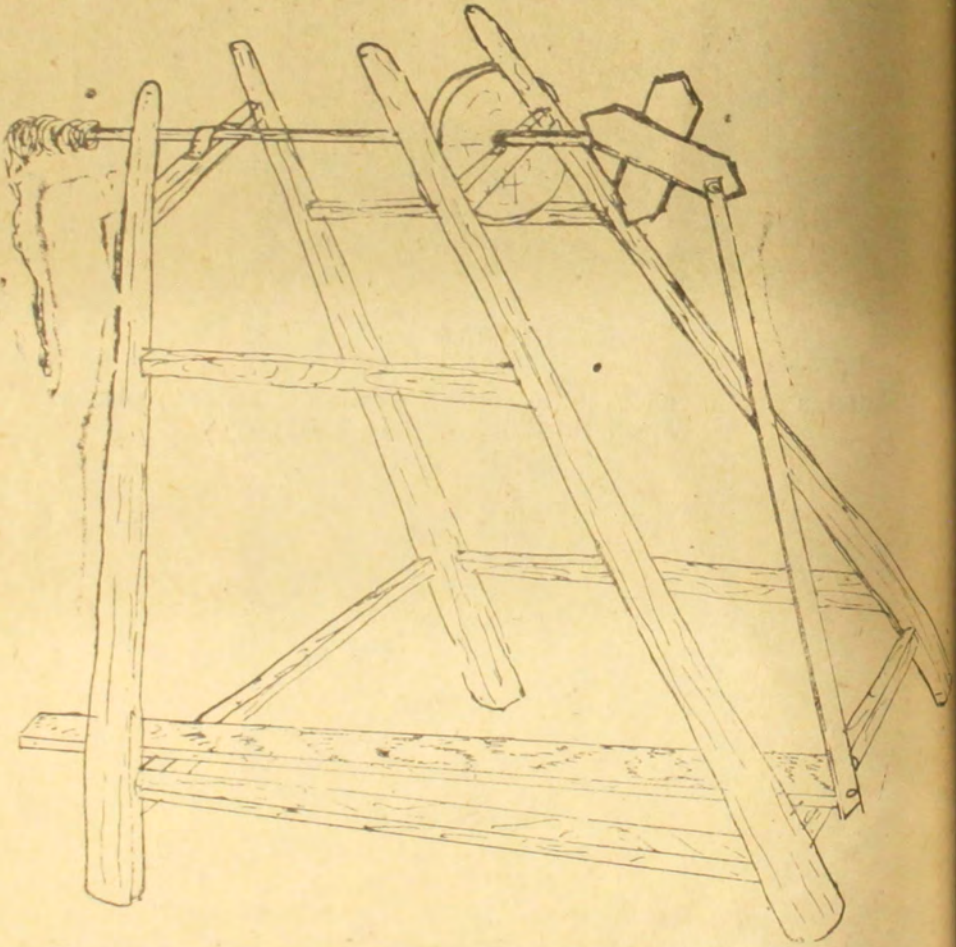
9. La **rastra** sobrevive, aunque raramente, como transporte de objetos hacia Verdum. Es ideal para caminos difíciles y va tirada por bueyes. (Museo de Folklore del CEFU). Véase la figura n. IV.



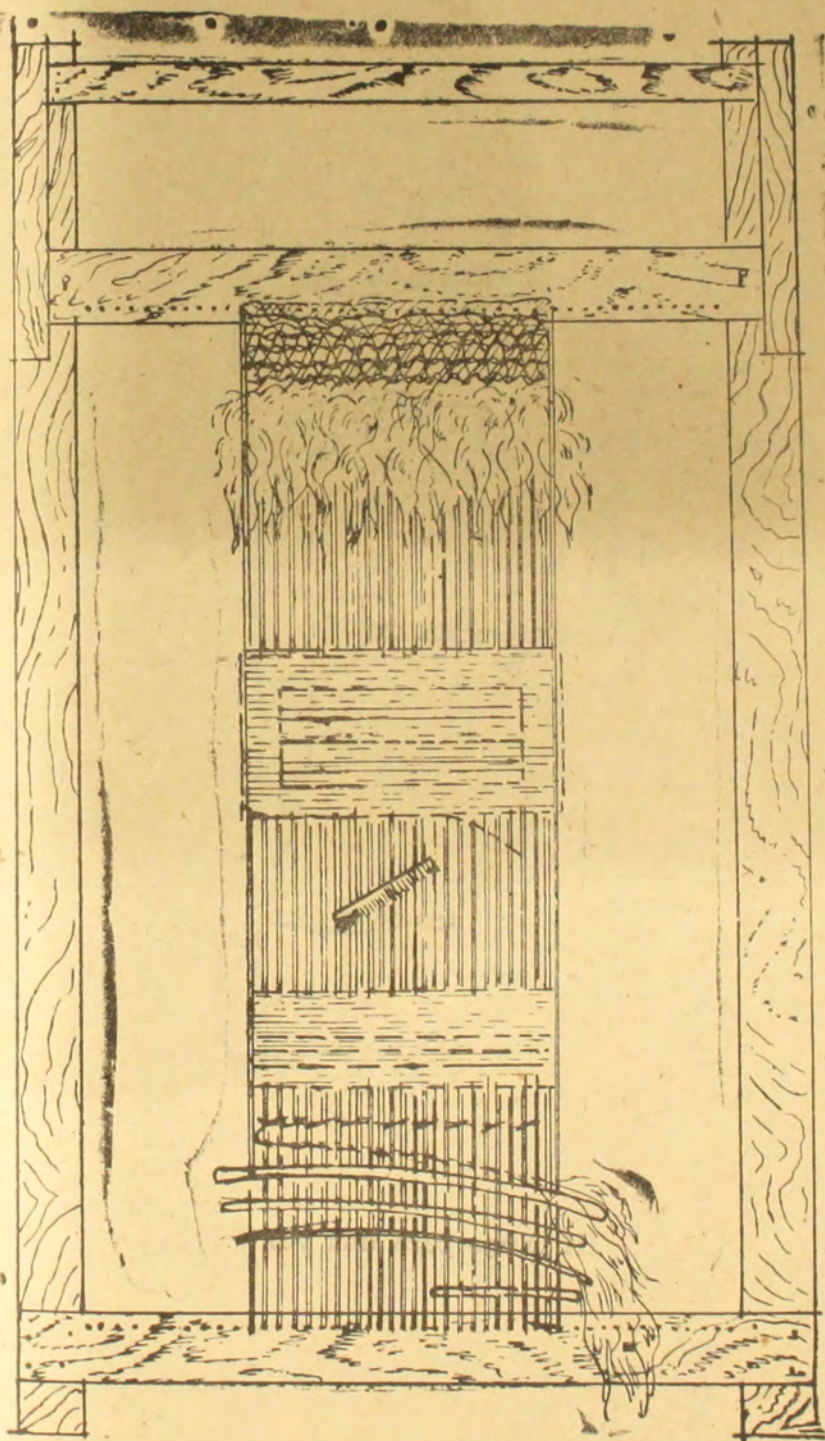
10. No lejos de Verdum, en Minas, propiamente, una tejedora realiza complejos trabajos sobre este **telar** popular que, posiblemente, existe también en la localidad de Marmarajá. (Museo de Folklore del CEFU). Véase la figura n. II.

## FIGURAS

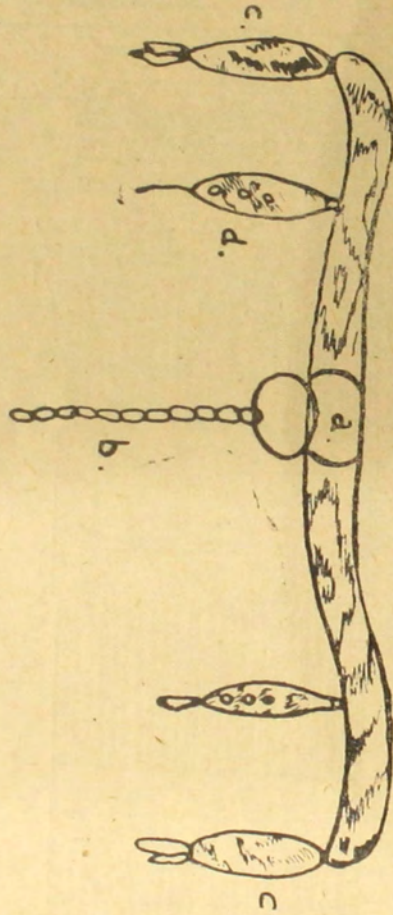
(Dibujadas por Jorge Volonté sobre **croquis** del autor o piezas del Musec de Folklore del CEFU).



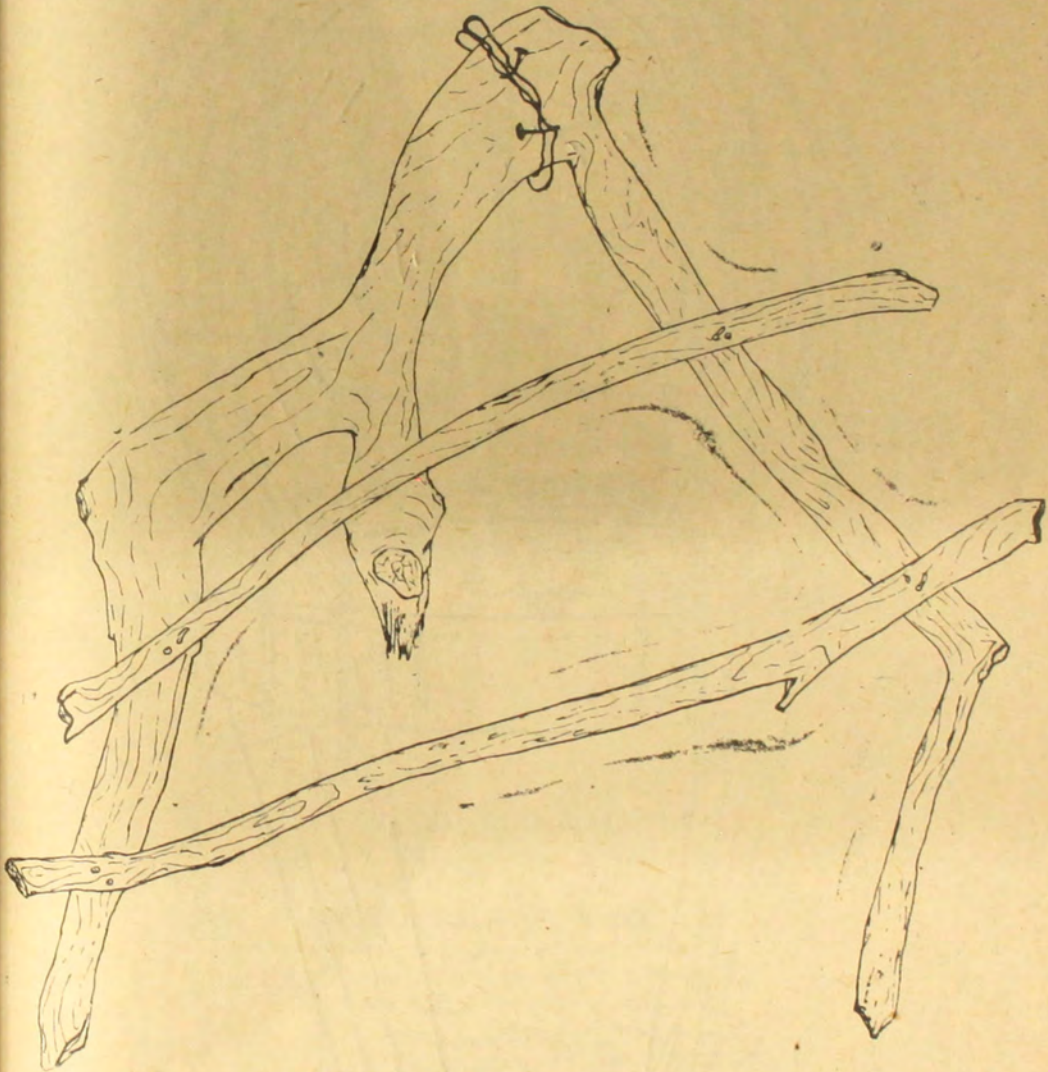
I — "Máquina" de hilar (Museo de Folklore del CEFU)



II. Telar (Museo de Folklore del CEFU). Véase la foto n. 10

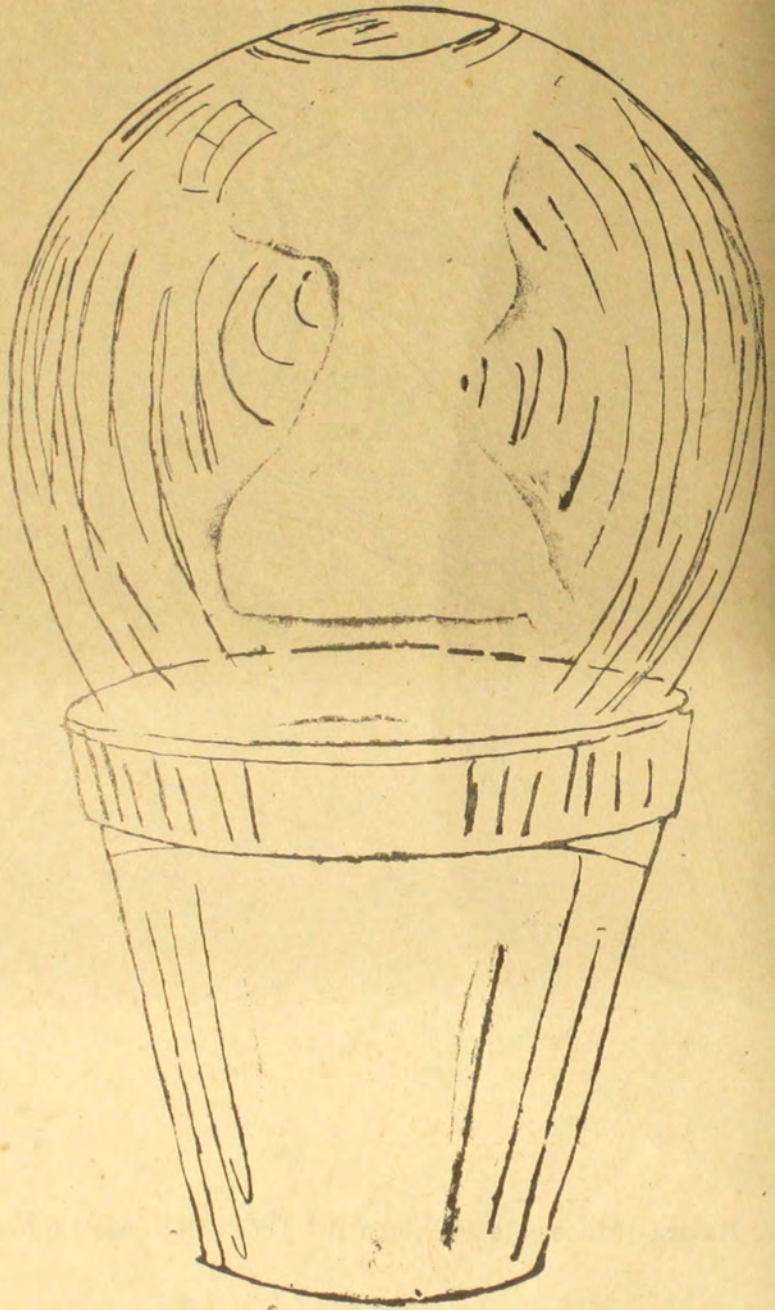


III. Yugo para una yunta.

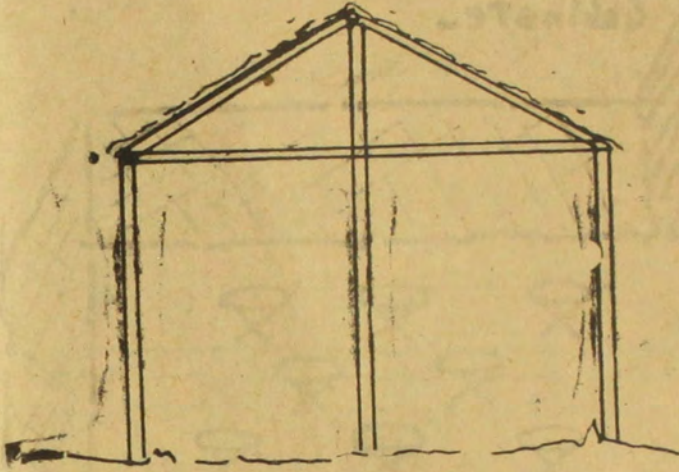


IV. Rastra (Museo de Folklore del CEFU). Véase la foto n. 9.

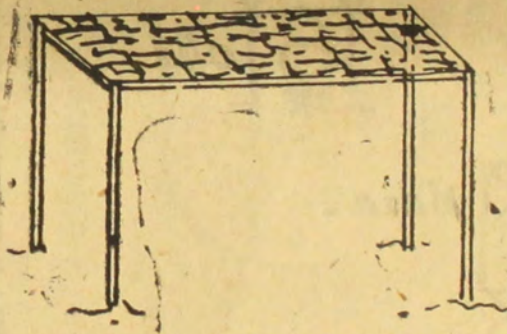




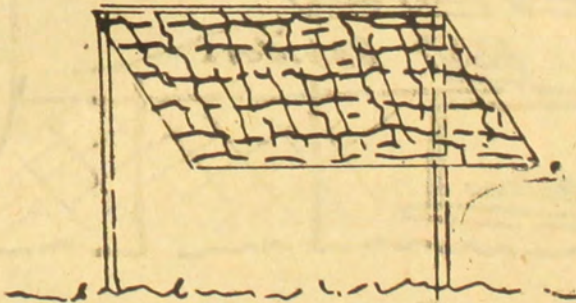
V. Arte Popular: la **bombita**. Muy comun en la fiesta de la  
gen del Verdum (Lavalleja) y en la de San Cono (Florida)



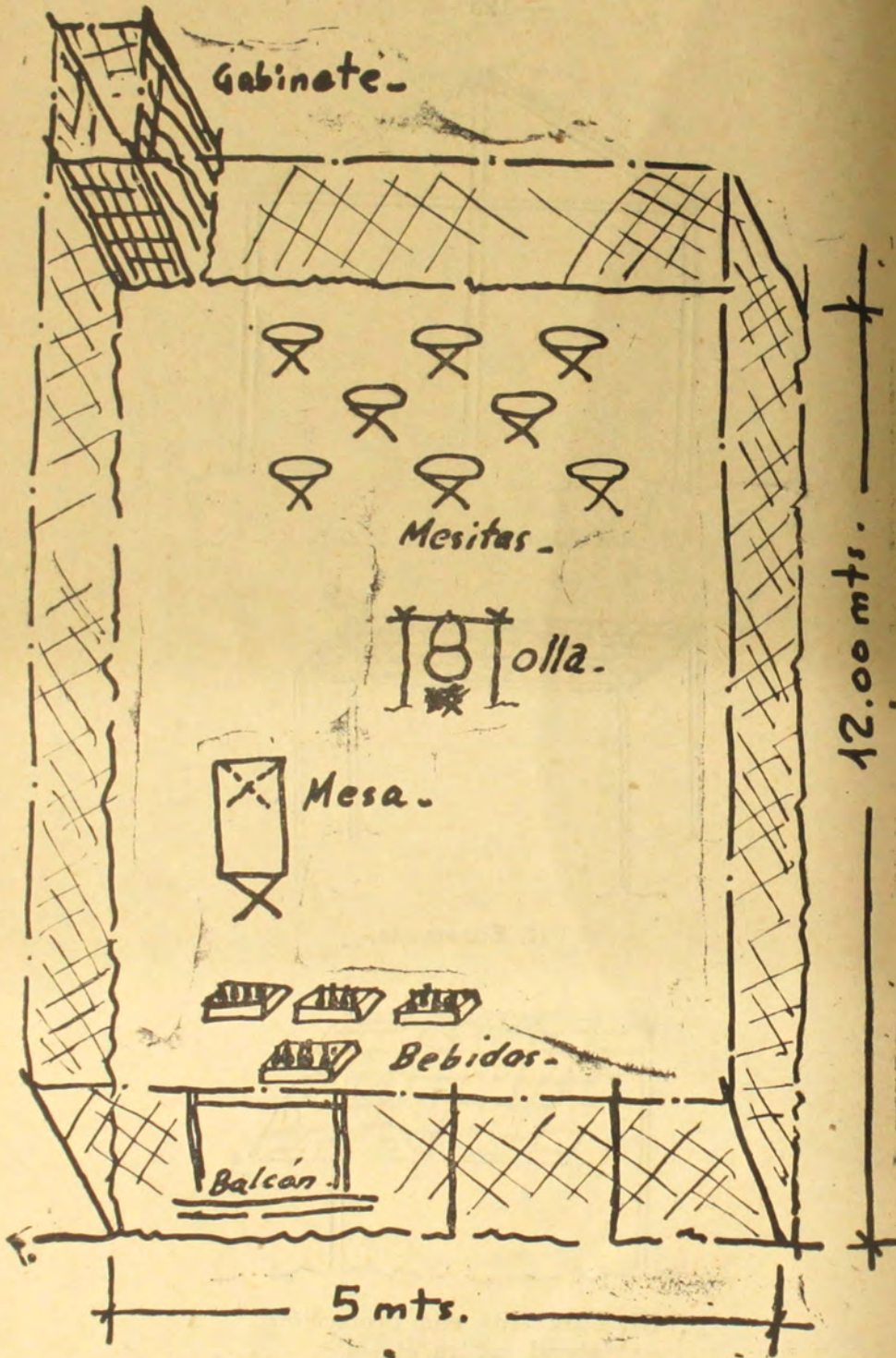
VI. Ranchito. Véase la foto n. 2



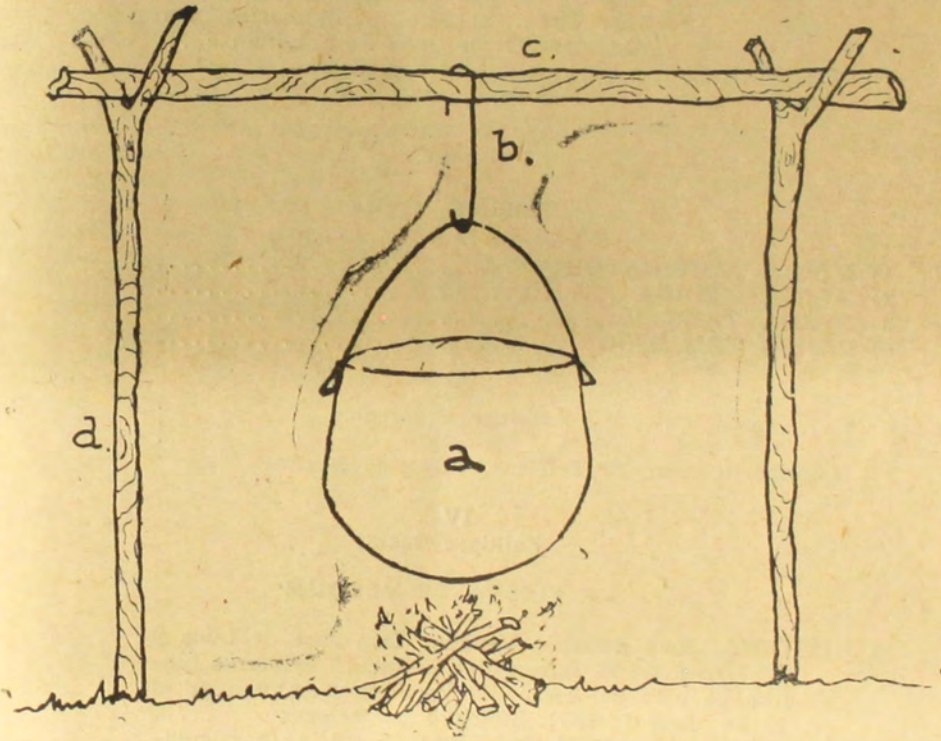
VII. Enramada.



VIII. Enramada con protección lateral contra el sol.



IX. Puesto



X. Olla criolla. Véase la foto n. 5.

SUMARIO

INTRODUCCION

I

Folklores poetico y narrativo

- 1) REFRANES. Clasificados por la palabra llave. Frases paremiológicas .....
- 2) ADIVINANZAS. Arado. Balanza. Damajuana. Gallina bataraza. Huevo. Lengua. Peregil. Pozo, Revolver. Taba. Zapallo. Adivinanzas con historias. Otros tipos de adivinanza ...
- 3) CUENTOS. El hombre que fué al cementerio .....
- 4) CASOS. Aquino y el fósforo. Aquino y el turco .....

II

Folklore Magico

- 1) MAGIA ADIVINATORIA .....
- 2) MAGIA MEDICA .....
- 3) MAGIA TABU .....
- 4) INDICE TEMATICO .....

III

Folklore Ergologico

- 1) Maquina de hilar; 2) Telar; 3) Yugo; 4) Rastra.

IV

Folklore Social

LA FIESTA DE VERDUM

- 1) HISTORIA. Juan Bautista Verdúm. Don José de Luca y la Virgen de la Iglesia del Reducto. Primeros planes. La idea del cerro del Verdúm y su realidad el 19 de abril de 1901. Mejorías posteriores .....
- 2) LA FIESTA. ASPECTO GENERAL. Terrenos particulares y el terreno de los curas: Romeros y puesteros. Romeros pudientes. Comienzo y final de la fiesta ..
- 3) RASGOS RELIGIOSOS POPULARES. La creencia de "las piedritas". Bastones y bastoneros. Comercio de artículos religiosos. Las "bombitas" .....
- 4) VENDEDORES DE ARTICULOS NO-RELIGIOSOS. El pajarero. Yuyos y yuyeros. El matero .....
- 5) LOS PUESTOS. Concepto. ubicación y alquiler. Tipos de construcción (ranchitos, carpas, enramadas). Divisiones y accesorios. Personal. Gastos iniciales ...
- 6) MUSICOS Y CANTORES. Un pueblo que canta. Payadores y conjuntos "brasileros". Motivos y métricas de las payadas. Anuncio del repertorio. El público. La vendedora de letras. Versos de Casimiro Martínez. Versos de Carmelo T. Artigas .....

ILUSTRACIONES

- Figura I : "Máquina" de hilar.  
Figura II : Telar.  
Figura III : Yugo para una yunta.  
Figura IV : Rastra.  
Figura V : Bombita de la Virgen del Verdúm.  
Figura VI : Ranchito.  
Figura VII : Enramada.  
Figura VIII : Enramada con protección lateral contra el sol.  
Figura IX : Puesto.  
Figura X : Olla criolla.

FOTOGRAFÍAS:

- 1) "Maquina" y telar del folklore minuano. Primera Exposición Uruguaya de Folklore. Montevideo, 1956.
- 2) "Rastra". Primeira Exposição Uruguaya de Folklore.
- 3) Bastonero.
- 4) El pajarero.
- 5) Yuyos y yuyeros.
- 6) Puestos.
- 7) Ranchito.
- 8) Payadores.
- 9) Público de los payadores.
- 10) Olla criolla.



## Missão no Uruguai

A 2ª Exposição das Américas

Participação de Santa Catarina e as atividades do seu Delegado, Prof. Walter Piazza

Organizada pelo Centro de Estudos Folklóricos del Uruguay (CEFU) e sob os auspícios da Comissão Nacional de Turismo daquele País irmão, realizou-se de 23 de fevereiro a 3 de março p.p., no Hotel del Cabo, na Cidade Balneária de La Paloma, a 2ª Exposição de Folclore das Américas.

Especialmente convidado pela Entidade organizadora — o CEFU — por officio de 27 de dezembro de 1956, o Prof. Walter F. Piazza, foi designado Delegado da Comissão Catarinense de Folclore àquele Certame.

A Comissão Catarinense de Folclore, nessa representação, contou com o decidido apóio do Excelentíssimo Senhor Governador do Estado, Doutor Jorge Lacerda, que a favoreceu custeando por intermédio da Secretaria de Educação e Cultura, o transporte do seu Delegado e do material destinado à Exposição (cêrca de 20 quilos), para a Capital Uruguaia.

A Comissão Catarinense de Folclore àquela Mostra, onde estiveram representados Uruguai, Guatemala, Paraguai, Perú, México, Argentina, Bolívia, Panamá e Equador, enviou o seguinte material:

Um album de rendas, com 38 folhas destacáveis, contendo: 1 (uma) fôlha com duas fotos (casa de rendeira e rendeira), 30 (trinta) fôlhas com amostras de rendas e 7 (sete) fôlhas com fotografias de rendas (Florianópolis). Uma coleção de 25 (vinte e cinco) objetos de cerâmica popular, sendo: 3 (três) miniaturas de objetos utilitários e 22 (vinte e duas) figuras zoomorfas (Ponte de Baixo, São José). Uma coleção de trançados, em 6 grupos, fixados em madeira e mais 19 (desenove) peças de cestaria, avulsas (São Joaquim, Biguaçu, Florianópolis e São José). Uma coleção de fotografias, sendo: 10 (dez) referentes à cerâmica popular, sua fabricação e comércio; 5 (cinco) referentes ao engenho de farinha de mandioca; 9 (nove) referentes à Folia e Festividades do Divino Espírito Santo; 3 (três) referentes à malhação e queima de Judas; 5 (cinco) referentes aos tapetes de flôres e pós coloridos, usuais na Pro-

cissão de Corpus Christi; e, 11 (onze) referentes aos meios de transportes usados pelo povo, para sua condução e dos produtos do seu labor.

Cabe nesta resenha, uma referência tôda especial ao trabalho desenvolvido pelo Professor Paulo de Carvalho Neto, da Missão Cultural Brasileira em Montevideo, pela direção técnico-científica imprimida àquela Exposição, bem como o esforço, sobremaneira louvável, do CEFU, por um melhor conhecimento da cultura popular dos povos latino-americanos, notadamente seu Presidente, Sr. Emílio Ramon Paradela.

Assim, resta, pois, sucintamente, descrever as atividades do Delegado da Comissão Catarinense de Folclore, Prof. Walter F. Piazza, no visinho País.

No dia 13, às 22,30 horas — Chegada ao Aeroporto Nacional, sendo recepcionado pelos Srs. Professor Paulo de Carvalho Neto, Emílio Ramon Paradela e outros dirigentes do Centro de Estudos Folclóricos del Uruguay — (CEFU).

As 23 horas — Recepção na sede do CEFU, que é um salão graciosamente cedido pela Asociación de Maestros de Montevideo, onde teve a mais cordial acolhida e proferiu, após saudação do Presidente Emílio Ramon Paradela, ligeiras palavras de agradecimento e de estímulo aos estudiosos da Ciência do Povo, no Uruguai.

Dia 14, às 10,30 horas — na Rádio Rural, CX 4, em, cujo microfone, durante a Audição n. 91, mantida pelo CEFU, por nímia gentileza e cativante colaboração da Diretoria daquela Emissora, proferiu uma saudação aos Uruguaios, e, a seguir, disse dos "Estudos folclóricos em Santa Catarina", analisando a obra dos precursores e historiando os trabalhos desenvolvidos após 1948, sob a orientação segura do Prof. Dr. Oswaldo R. Cabral, na Comissão Catarinense de Folclore, bem como os esforços do Dr. Renato Almeida à frente da Comissão Nacional de Folclore. Foi, naquela ocasião, realizado um balanço das atividades da Comissão Catarinense de Folclore, quer sob os aspectos organizacional, no tocante à Administração e às Finanças, quer no aspecto puramente cultural, com os seus sistemas de registro, inquéritos e publicações.

No mesmo dia, em outras horas, visitou o Delegado catarinense entidades culturais e concedeu entrevistas aos jornais "El Dia" e "El Debate".

Nessas entrevistas foi ressaltado o esforço realizado no Brasil, em favor de um amplo censo dos aspectos folclóricos.

No dia 15 — às 11 horas — Palestra no SODRE (Sociedade de Orientação Difusora Rádio Elétrica), entidade governamental, sobre "As raízes do folclore catarinense", onde foram, de maneira sucinta, em quinze minutos, evidenciadas as contribuições várias à cultura popular catarinense, especialmente dos lusos-açorianos, alemães e italianos, não deixando, entretanto, de referir-se às demais contribuições étnicas, apesar de pequenas.

No mesmo dia, às 19 horas, no Auditório da Associação Cristã de Moços, sob o patrocínio do Centro de Estudos Folclóricos del Uruguay, proferiu uma conferência, sob o título "Folguedos populares de Santa Catarina", tendo-a ilustrado com projeção de película cinematográfica, de 45 metros. O assunto dessa conferência foi, inicialmente, para melhor análise, dividido em partes: folguedos religiosos, não religiosos e populares de fundo religioso. Foram descritos e analisados, sociologicamente, os seguintes folguedos: folia e festividades do Divino Espírito Santo, ternos de Reis e de Santo Amaro, O Vilão, Boi-na-Vara, Boi-de-mamão, Cacumbí e Pau-de-Fitas.

Ainda, no mesmo dia, às 22 horas, especialmente convidado, o Delegado Catarinense, compareceu à sede do Grupo "El Cielito", conjunto dedicado ao ensino e à difusão das dansas tradicionais do visinho país.



Naquela ocasião foram bailadas dansas: o "Gato", "Los Amores" ou "Remolino", "Baile dos Lenços", "Chacarera" dupla e simples, "Escondido", "Prado" e "Zamba", por um grupo de gentís senhoritas e cavalheiros.

Nos dias 16 e 17 foram cumpridos programas sociais, como passeios e visitas à diversas instituições de cultura.

No dia 18, às 10 horas, foi entrevistado pela Rádio "Carve", uma das mais lídimas expressões da vanguarda democrática da América Latina, onde teve ocasião de externar sua opinião sôbre as características do Folclore Catarinense, a projeção estética das dansas, trajes e demais costumes regionais e finalizou, exaltando o trabalho realizado, no Brasil, pela comissão Nacional de Folclore, sob a orientação segura de Renato Almeida.

As 18 horas, do mesmo dia, proferiu no Curso de Verão, do Instituto de Estudos Superiores, uma aula sôbre "Folclore Catarinense: suas raízes, seus fatos", durante a qual, ilustrada que foi com projeção de mais de vinte fotografias, explanou o sentido da colonização do atual Estado de Santa Catarina, bem como estudou o contributo de cada grupo emigratório à cultura popular catarinense.

Ainda, no dia 18, às 21 horas, no Centro de Estúdios Folklóricos del Uruguay, tomou parte numa reunião destinada a discutir problemas relacionados com a exposição a inaugurar-se no dia 23.

No dia 19, às 21 horas, foi entrevistado pelo jornal "La Manãna", tendo em suas declarações, mais uma vez, ressaltado o esforço inaudito dos folklorólogos brasileiros, em pról de um melhor conhecimento de sua Gente e, portanto, da Pátria Brasileira.

Tendo seguido, no dia 20 de fevereiro, para a Cidade Balneária de La Paloma, dedicou-se, alí, durante três dias, à montagem dos Stands, juntamente com os representantes do Centro de Estudios Folklóricos del Uruguay.

No dia 23, às 19 horas, presentes as autoridades administrativas e policiais do Departamento de Rocha, o Excelentíssimo Senhor Embaixador Berenguer César, membros da Liga de Fomento do Balneário La Paloma e crescido número de pessoas, abrilhantada pela Banda de música da Municipalidade de Rocha, que executou o Hino Nacional Uruguio e outras composições musicais, foi inaugurada a 2ª Exposição de Folclore das Américas, realizada graças aos louváveis esforços do CEFU.

Naquela ocasião, Sua Excelência o Embaixador Berenguer César proferiu a oração, a seguir transcrita, e cujo texto é digno de reflexão pelos que dirigem, em todos os Estados do Brasil, as Comissões Regionais de Folclore:

"Senhor Presidente do Conselho Departamental de Rocha,  
Senhor Presidente da Liga de Fomento de La Paloma,  
Senhores Membros do Centro de Estudios Folklóricos do Uruguay,  
Senhores e Senhoras.

Com grande prazer estou visitando êste aprazível balneário e, neste momento, é para mim motivo de satisfação assistir a esta cerimônia que, se por um lado assinala uma elevada realização cultural, por outro lado representa mais um elo na sempre crescente aproximação entre o Brasil e o Uruguai, aqui irmanados com diversos países americanos.

As instituições que tão acertadamente contribuíram para a realização desta exposição folclórica estão de parabens pela obra exibida, a qual conquista de fato a atenção de quantos a apreciam e,

ao mesmo tempo, lhes ensina pelo menos um pouco desta ciência ainda nova para muitos, mas de fundamentos irrecusáveis.

Nesse particular, seja-me permitido ressaltar minha admiração pelo trabalho do Centro de Estudos Folklóricos do Uruguay, ao qual o Brasil se compraz em prestar tôda colaboração, seja através de qualquer contribuição que a Embaixada lhe possa dar, seja principalmente através da atuação abalizada que desenvolve o Professor Paulo de Carvalho Neto.

Faço votos que o trabalho já realizado frutifique e se repita e que o exemplo do Estado de Santa Catarina, aqui representado pelo Professor Walter Piazza, que trouxe interessantíssimo material, seja seguido por outros Estados do Brasil, para aumentar o brilho destas Exposições."

O "stand" do Brasil — o que maior área ocupava — cêrca de 50% da superfície destinada à Exposição — dividia-se em três partes: Brasil-Nordeste, Secção Afro-Brasileira e Santa Catarina.

O Local destinado a Santa Catarina, com o material já descrito, representava 30% da área abrangida pela Exposição e se não ocupou maior superfície foi devido, tão sômente, à necessidade de espaço para os demais expositores.

No dia 24, no Salão de refeições do Hotel del Cabo, no Balneário de La Paloma, num almoço de quarenta talheres, o Delegado Catarinense foi homenageado pela Liga de Fomento do Balneário La Paloma e pelo Centro de Estudios Folkloricos del Uruguay.

Por fim, coube, ainda, no dia 24, às 19 horas. ao Delegado da Comissão Catarinense de Folclore, Prof. Walter Piazza, dissertar, diante do "stand" de Santa Catarina, para os integrantes do CEFU e demais presentes, entre os quais se encontrava o Sr. Cônsul do Brasil em Rocha. sôbre o Folclore Catarinense, nos seus aspectos ali exibidos, analisando-os à luz da Antropologia Cultural.

Assim, foi levada a efeito a 2ª Exposição de Folclore das Américas, com a contribuição da Comissão Catarinense de Folclore e participação de seu Delegado, especialmente convidado pelo Comité Organizador daquêle importante certame cultural.



O Delegado Catarinense ao microfone da Rádio Rural, ladeado por membros do CEFU, tendo à sua direita o Presidente do CEFU, Emílio Ramon Paradela



O Delegado Catarinense em companhia do Prof. Paulo de Carvalho Neto, no recinto da II Exposição de Folclore das Américas, em La Paloma



O Folclore do Indio Paraguaio foi, por assim dizer, o assunto do "stand" daquêle país



Visão do "stand" do Uruguay, com uma valiosa mostra fotográfica



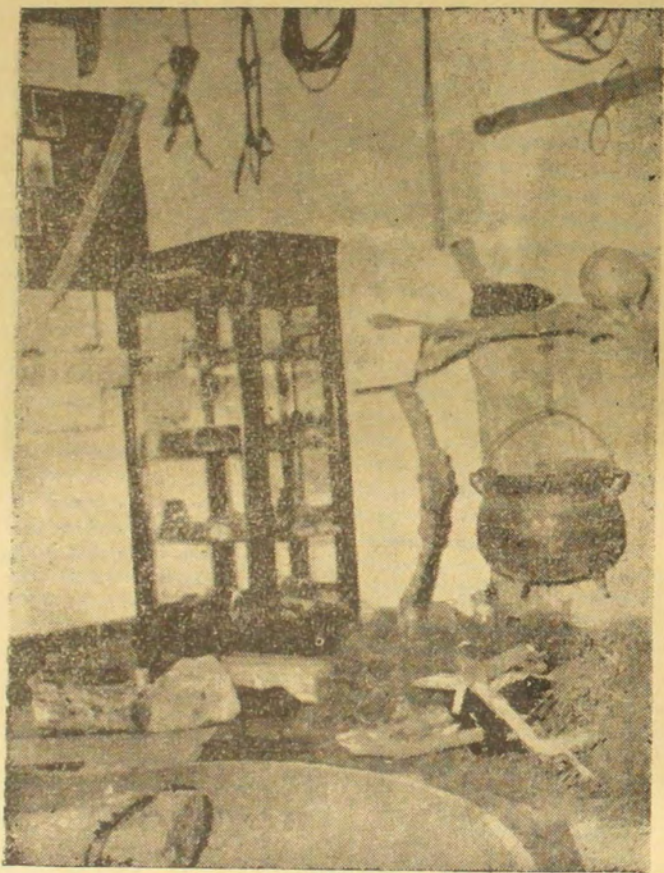
O Nordeste místico e opulento também contribuiu para o brilho do Brasil na II Exposição de Folclore das Américas



Vista do "Stand" do México, organizado graças à colaboração da sra. Rey Alvarez, em especial



Vista parcial do "stand" de Santa Catarina na II Exposição de Folclore das Américas

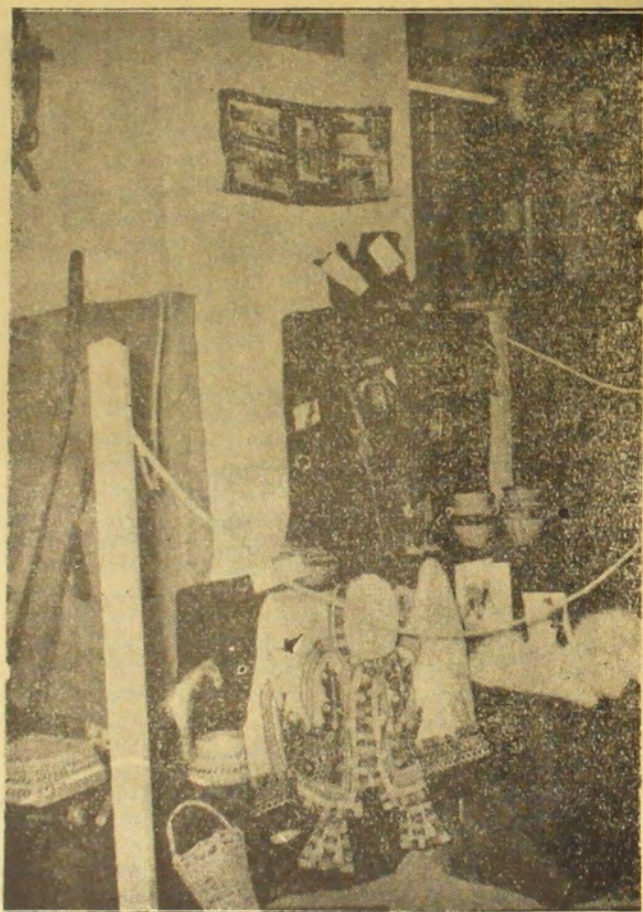


Uma vista parcial do "stand" do Uruguay, onde sobressae um armário com rica coleção de cuias de chimarrão ("mate"), pertencentes à Rádio Rural



Vista lateral do "stand" de Santa Catarina, onde sobressae a Coleção de rendas de bilro, coletada na Ilha de Santa Catarina





Vista de um dos ângulos da II Exposição de Folclore das Américas, organizada pelos abnegados membros do CEFU



O Brasil contribuiu majestosamente para o brilho da II Exposição de Folclore das Américas: aqui o seu "stand" afro-brasileiro

UM BRASILEIRO, ESCRITOR EM LÍNGUA CASTELHANA

por Walter F. Piazza

Numa noite, em agosto de 1954, no Parque Ibirapuera, após o Festival Folclórico do IV Centenário de São Paulo, travamos conhecimento com um homem da nossa geração, a quem já conhecíamos pelos seus méritos intelectuais.

Era um brasileiro que, somente, um Congresso Internacional de Folclore ensinara a sua presença, naquela oportunidade, sob os céus da sua e nossa Pátria.

Aliás, naquela mesma ocasião, deu-se com ele um fato, deveras chocante e que nos faz refletir, ainda hoje. Sendo brasileiro não posou para uma fotografia dos delegados estrangeiros àquela conclave, apesar de assessorar um grupo de folcloristas uruguaios. E, na hora de fotografar os brasileiros, presentes ao certame, quiseram-no deixar de lado, pois, integrava uma delegação estrangeira: não era considerado brasileiro.

Mas, aquela vitória nada mais foi que uma primeira etapa vencida, entre os seus compatriotas, por méritos adquiridos em outras oportunidades, no cenário cultural da América Latina.

A batalha dêsse intelectual de boa cêpa não se escreve em meia e, muito menos, em quarto de página de jornal.

A sua luta transcende os limites que se lhe queira impor, numa rápida crônica. A sua luta é a razão de ser de sua vida: o maior desenvolvimento dos estudos da Antropologia Cultural nas Américas, especialmente na contribuição africana, como o queria Artur Ramos.

Discípulo dileto de Artur Ramos, Paulo de Carvalho Neto, em dois lustros, já firmou, o seu nome, como antropólogo.

A sua abnegada e entusiástica dedicação aos estudos de Antropologia Cultural, cremos, não tem muitos similares.

Veja-se a obra realizada em duas Missões Culturais.

No Paraguai, onde esteve dois anos, fundou, organizou e traçou as diretrizes do Centro de Estudos Antropológicos, que produziu, sob a sua orientação segura, importantes frutos, ainda hoje lembrados.

Agora é o Uruguai que o vê trabalhando rijo. Primeiro, no Instituto Cultural Uruguaio — Brasileiro, de Montevideo, formou, no seu Curso de Folklore Geral e do Brasil, investigadores de Antropologia e com êsses elementos deu forma ao Centro de Estudios Folkloricos del Uruguay — o CEFU —, de que falaremos em outra ocasião.

Mas, não se limitou a fundar, organizar e traçar diretrizes para os Centros fundados, quer em Assunção, quer em Montevideo. Fêz muito mais.

A sua obra espalha-se em revistas especializadas de Antropologia e ciências afins, do México, do Perú, da Argentina e de outros países da América Hispânica.

São artigos técnicos e de divulgação, espalhados, portanto, por todo o continente americano.

Mas, além dos artigos, simples artigos, há uma obra massiça e de irrefutável valor cultural-científico, consubstanciada em livros de méritos realçados, por mestres na matéria. São êles: "Concepto de Folklore" (Editorial Monteiro Lobato, Montevideo, 1956), "La obra afro-uruguaya de Ildelfonso Pereda Valdés" (Edição do CEFU, Montevideo, 1955), "Folklore y Psicoanálisis" (Editorial Psique, Buenos Aires, 1956), e outros mais, como "Folklore del Paraguay", valioso repositório, pacientemente recoletado, urdido e preparado para a divulgação, representando dois anos de trabalhos e canseiras, com mais de quinhentas páginas de texto, mas, infelizmente, até agora sem editor... Êste é o drama do intelectual!!!

Entretanto, Paulo de Carvalho Neto, sergipano que não desmerece a progênie inteligente e audaz, trabalha diuturnamente.

Não é, sòmente, o "Folklore del Paraguay" que aguarda editor. Outros valiosos estudos estão prontos.

Em compensação "El Folklore en el Carnaval de Montevideo" teve, pela sua excelência, a sua edição patrocinada pela SODRE, entidade de difusão cultural do govêrno Uruguaio, que, por todo êste ano, o deve lançar.

Com exceção de poucos, pouquíssimos, artigos em língua portuguêsa, a obra de Paulo de Carvalho Neto está escrita na língua de Cervantes, Rodó e Sarmiento.

E, a sua obra, meritória por várias razões, além do seu cunho científico, e, logicamente, do restrito círculo que a conhece, é desconhecida do grande público brasileiro, pois, afora a sua publicação em outra língua, que não a nossa, foi editada além das fronteiras da Pátria.

Nos círculos culturais da América Latina o seu nome é constantemente citado, como paradigma de investigador probo e cientista de conceito firmado.

Acontece, porém, que o Brasil, ainda, não acertou as suas contas com Paulo de Carvalho Neto.

A Nação Brasileira precisa dar-lhe a merecida recompensa pela sua magnífica obra de difusão da Cultura Brasileira, e, portanto, de propaganda salutar do nosso País, além do estreitamento das relações, num esforço pela melhor compreensão entre os Povos da América, numa empolgante jornada de Panamericanismo, através das pesquisas e escritos de Antropologia Cultural, do que os seus trabalhos são eloquente testemunho.

O Ministério das Relações Exteriores, — a quem Paulo de Carvalho Neto serve, contratado como Antropólogo adido às Missões Culturais — não lhe deu, ainda, cremos nós, o devido valor.

E, precisamos fazer com que, amanhã, êsse escritor brasileiro, por ter escrito e publicado em espanhol, não deixe de ser citado entre os grandes nomes da Antropologia, no Brasil.

Esse brasileiro, patriota como os que mais o sejam, pois, luta denodadamente pelo maior prestígio da sua e nossa Pátria, no estrangeiro, não deve ficar olvidado (sòmente pequeno número de estudiosos da Ciência do Povo, no Brasil, lhe sabe da existência), pelos compatriotas.

Dai a razão destas linhas, de protesto, pelo olvido, até hoje cometido, na imprensa brasileira, com a obra de Paulo de Carvalho Neto, e de homenagem à sua brasilidade e ao seu esforço em prol da Cultura e do Panamericanismo.

### OS ESTUDOS FOLCLÓRICOS URUGUAIOS

Walter F. Piazza

Os estudos folclóricos no Uruguai, pode-se dizer que, têm duas fases: a anterior e a posterior a 1954.

Antes de 1954, significa a pesquisa individual, o trabalho de "cada um por si e Deus por todos".

Dessa fase, pela magnitude de suas obras, ressaltou dois nomes, a quem reverencio e homenageio: Ildefonso Pereda Valdés e Lauro Ayestarán.

O primeiro, herói de uma arrancada, emergiu glorificado, agora, pelo esforço inaudito de quem deu novo sangue à pesquisa antropológica uruguaia: Paulo de Carvalho Neto.

A glorificação referida é um "ensaio de crítica de Antropologia Cultural": "La obra afro-uruguaya de Ildefonso Pereda Valdés" (edição do Centro de Estudios Folclóricos del Uruguay, 1955, 141 págs).

Alí, naquêlê livro, encontra-se não só o estudo de uma obra individual, mas, principalmente, a análise de uma fase dos estudos antropológicos no visinho País.

É a crítica serena e construtiva de quem, nas lições magistrais de Artur Ramos e na labuta prática de dez anos ininterruptos, se convenceu que Antropologia Cultural é trabalho de equipe, cientificamente orientado.

Já Lauro Ayestarán é um completo pesquisador oficial, amparado pelo Governo Uruguaio, na sua tarefa grandiosa de coleta musicológica. Chefiando a Secção de Musicologia, do Museu Histórico Nacional daquêlê País, tem podido realizar uma obra digna de encômios, pois, o seu trabalho é realizado com aparelhagem mecânica e os elementos são sistematizados por processos de grande rendimento.

Entretanto, Lauro Ayestarán apesar de estar, ainda, em plena atividade, pertence à fase anterior a 1954, dos estudos folclóricos uruguaios, mas, do mesmo modo que Ildefonso Pereda Valdés, entrosado no movimento novo.

Ao lado dêstes, outros mais poderiam ser citados.

E, assim, passo a passo, marchou-se, naquela Nação Irmã, apesar de vagarosamente, para a fase atual.

E a fase atual inicia-se quando?

Inicia-se com a organização, por Paulo de Carvalho Neto — licenciado em Ciências Sociais, pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, e membro da Missão Cultural Brasileira no Uruguai —, de um Curso de Folclore Geral e do Brasil, no Instituto Cultural Uruguaio — Brasileiro, de Montevideo, a partir de 1953.

Os alunos desse Curso — 55 receberam, até fins de 1956, o certificado de aproveitamento — têm tido as seguintes disciplinas: "Conceito de Folclore", "A Investigação Folclórica", "Folclore poético", "Folclore narrativo" e "Folclore e psicanálise". E, esses mesmos alunos, formaram, em 1954, o Centro de Estudios Folkloricos del Uruguay — CEFU —, cujo labor desenvolvido tem sido dos mais profícuos.

Além das investigações realizadas pelos seus integrantes, tem procurado fazer uma ampla difusão dos conceitos científicos do Folclore, através de seminários, conferências e, também, exposições, afora um programa de publicações.

Para objetivar os seus fins, desde maio de 1955, tem, semanalmente, um programa de quinze minutos, das 10,45 às 11 horas, na Rádio Rural — CX 4. Nesse programa, por exemplo, já foram difundidas traduções de capítulos dos livros catarinenses: "Cultura e Folclore", de Oswaldo R. Cabral e "Aspectos folclóricos catarinenses", de quem redige as presentes notas.

Por outro lado, patrocinou conferências dos seguintes estudiosos: Professores Sílvio Júlio, da Faculdade Nacional de Filosofia, do Rio de Janeiro, Dante de Laytano, da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, e do autor destas linhas (Brasileiros, portanto); Professores Héctor Hernández, Dr. Efrén C. del Pozo (Secretário-Geral da Universidade Autónoma do México) e Samuel Martí (Mexicanos); Professores Tobias Rosemberg e Felix Coluccio (Argentinos); Oreste Plath (Chileno); e George de Bittencourt (Francês); além dos seguintes uruguaio: Professores Daniel D. Vidart (brilhante sociólogo, autor de importante estudo esquematizando "La vida rural uruguaia"), Washington Vásquez (etnógrafo de valor incontestado, pesquisador e estudioso de um grupo Karajá, de Mato-Grosso, acerca dos quais elabora substancial trabalho, com documentação de grande valia), Dr. Juan Ilaria (estudioso das ciências sociais e jornalista), Lauro Ayestarán (cuja obra fundamental "La música en el Uruguay", por si só, coloca-o em posição de relêvo no meio cultural do seu País e em lugar proeminente entre os musicólogos latino-americanos), Dr. Ignacio Soria Gowland (advogado ativo, sociólogo, a quem Florianópolis já hospedou, há anos, e que ele recorda, com enternecimento, dos momentos literários entretidos com Eliezer dos Santos Saraiva, Maura de Sena Pereira e outros nossos conterrâneos), afora muitos outros que, com a sua inteligência e os seus conhecimentos, abrilhantaram as tertúlias do Centro de Estudios Folkloricos del Uruguay.

Quanto à exposições já realizou duas: a primeira, no Subterrâneo Municipal da Avenida Agraciada, em Montevideo (em 1956), e a se-

gunda, em La Paloma, no saguão do Hotel del Cabo (em fevereiro de 1957), com a participação de várias nações latino-americanas, com valioso material, além daquêles coletado pelo CEFU, em suas investigações pelo território uruguaio.

No ato inaugural, dessa 2ª Exposição, foi proferido, por Sua Excelência o Senhor Embaixador do Brasil, Dr. Berenguer César, o seguinte discurso, que, pelo seu valor documental, transcrevemos:

“Com grande prazer estou visitando êste aprazível balneário e, neste momento, é para mim motivo de satisfação assistir a esta cerimônia que, se por um lado assinala uma elevada realização cultural, por outro lado representa mais um elo na sempre crescente aproximação entre o Brasil e o Uruguai, aqui irmanados com diversos países americanos.

As instituições que tão acertadamente contribuíram para a realização desta exposição folclórica estão de parabéns pela obra exibida, a qual conquista de fato a atenção de quantos a apreciam e, ao mesmo tempo, lhes ensina pelo menos um pouco desta ciência ainda nova para muitos, mas de fundamentos irrecusáveis.

Nêsse particular, seja-me permitido ressaltar minha admiração pelo trabalho do Centro de Estudos Folkloricos do Uruguai, ao qual o Brasil se compraz em prestar tôda colaboração, seja através de qualquer contribuição que a Embaixada lhe possa dar, seja principalmente através da atuação abalizada que desenvolve o Professor Paulo de Carvalho Neto. Faço votos para que o trabalho já realizado frutifique e se repita e que o exemplo do Estado de Santa Catarina, aqui representado pelo Professor Walter Piazza, que trouxe interessantíssimo material, seja seguido por outros estados do Brasil, para aumentar o brilho destas exposições”.

Realizou, ainda, o CEFU, nêsse grande esforço cultural, o Primeiro Colóquio Uruguaio de Folclore, de 19 a 25 de agosto de 1956, contando com a presença dos Professôres Felix Coluccio (Argentina), Dante de Laytano (Brasil) e Oreste Plath (Chile).

A êsse conclave foram presentes trinta trabalhos, mimeografados.

E, por fim, como complemento necessário à tão importante obra, vê-se o setor de publicações: um livro, o de Paulo de Carvalho Neto, já citado, sôbre “La obra afro-uruguayana de Ildefonso Pereda Valdés” e pequenas brochuras, uma das quais de autoria de Emílio Ramon Paradela, o esforçado e incansável Presidente do CEFU — em cuja ação muito confiam os estudiosos do Folclore Americano, — “Un vintén p'al Judas” (Montevideo, 1955, 14 págs.), além de inúmeras edições mimeografadas, para alegria daquêles que se dedicam aos estudos de Antropologia Cultural.

Por todos os motivos evocados, só nos resta, neste ensejo, externar, como o fazemos, sinceramente, a nossa homenagem aos que mou-

rejam no Centro de Estudios Folkloricos del Uruguay, a quem cabe tarefa muito importante no cenário cultural da vizinha e irmã Nação, a qual tudo nos une e nada nos separa.

### FOLGUEDOS POPULARES DE SANTA CATARINA

Esquema da palestra pronunciada, sob o título acima, pelo Prof. Walter F. Piazza, a 15 de fevereiro de 1957, na Associação Cristã de Moços, de Montevideo, sob o alto patrocínio do CENTRO DE ESTUDOS FOLKLORICOS DEL URUGUAY.

1. Festividades de fundo religioso
  - a) Festividades do Divino
    - I. Suas origens;
    - II. As folias;
    - III. O peditório;
    - IV. A festa: os bôdos;
    - V. O Imperador — símbolo da realeza que instituiu a festividade;
    - VI. A coroação — sorte pelo inocente.
  - b) Cacumbí
    - I. O folclore negro em Santa Catarina;
    - II. Congadas: reminiscências do Poder Real;
    - III. Cacumbí: resto de congada?
    - IV. O que é um Cacumbí?
    - V. Análise de um Cacumbí
    - VI. Cacumbí de branco e assimilação cultural.
  - c) Ternos de Reis e de Santo Amaro
    - I. Caráter religioso: homenagem aos Santos Reis Magos e a Santo Amaro;
2. Folguedos sem caráter religioso
  - a) O Vilão
    - I. Sobrevivência em São Francisco do Sul;
    - II. Possível resto da "marujada" ou cena da "Nau Catarineta";
    - III. Em que consiste?
  - b) O Boi-na-vara
    - I. Touradas à corda no Algarve e nos Açores: ponto de origem;
    - II. Como se faz em Santa Catarina?
    - III. Nossa conclusão: o homem agricultor e os animais e o homem pastor e a sua afeição pela criação.
  - c) Boi-de-mamão
    - I. O Boi-de-mamão é o boi-bumbá do Nordeste?
    - II. As origens.
    - III. As figuras.
    - IV. A bernúncia: provável origem do nome.
  - d) O Pau-de-fitas
    - I. A sua difusão: a sua universalidade.
  - e) Outros folguedos.

### AS RAIZES DO FOLCLORE CATARINENSE

Esquema da palestra pronunciada, sob o título acima, em resumo, durante 15 minutos, na Radio SODRE, de Montevideo, a 15-II-1957, às 11 horas, e desenvolvidamente,



com projeções, a 18-II-1957, às 18 horas, no INSTITUTO DE ESTUDIOS SUPERIORES, pelo Prof. Walter Piazza.

1. A situação geográfica de Santa Catarina: divisão geo-morfológica — litoral e planalto.
2. As raízes étnicas:
  - I. A contribuição indígena: métodos na cerâmica.
  - II. A contribuição luso-açoriana
    - a) Núcleos de povoamento — litoral;
  - III. A contribuição alemã:
    - a) Núcleos do litoral-norte;
    - b) Núcleos do Vale do Itajaí.
  - IV. A contribuição italiana:
    - a) Núcleos do Vale do Tubarão;
    - b) Núcleos do Vale do Tijucas;
    - c) Núcleos do Vale do Itajaí;
    - d) Núcleos do Vale do Rio do Peixe.
  - V. Outras contribuições:
    - a) Polonêses;
    - b) Ucranios;
    - c) Russos.
  - VI. O contributo africano:
    - a) Reduzido: litoral — atividades urbanas; planalto — fazendas de criação.
3. As heranças culturais.
  - I. A herança luso-açoriana: a mais expressiva.
    - a) Folclore literário: "pão-por-Deus"
    - b) Folclore ergológico: cerâmica de tórno; fatos da vida do pescador ilhéu
    - c) Folclore religioso: festividades e folias do Divino
    - d) Folclore lúdico: o "Boi-na-vara"
  - II. A herança germânica:
    - a) As Sociedades (Verein): de Atiradores. de Ginástica, de Cartas, de Bolão, etc.
    - b) Tapetes de flôres e pós coloridos.
    - c) As construções.
  - III. A herança itálica: (sem analisar a contribuição do folclore religioso).

#### DOCUMENTOS FINAIS

Montevideo, 9 de Marzo de 1957.

Señor Secretário General de la Comisión Catarinense de Folklore  
Dr. Oswaldo Cabral.

Santa Catarina — Florianópolis.

Brasil.

Señor Secretário:

El Centro de Estudios Folklóricos del Uruguay envia a Ud. muy atentamente el informe del Professor Paulo de Carvalho Neto sobre la Ila. Exposición Nacional de Folklore, realizado en el Balneario La Paloma, del 23 de Febrero al 3 de Marzo del corriente año, a la cual concurre el Professor Walter Piazza, en calidad de representante de la Comisión Catarinense de Folklore, que Ud. tan acertadamente coordina y dirige.

La presencia del Professor Piazza, sus conocimientos y su distinguida personalidad, mucho honraron a la CCF y al CEFU, que por ello recibieron palabras de admiración y estímulo.

Deseamos felicitarlo por la elección de este delegado y, al mismo tiempo, agradecerle infinitamente la donación hecha al Museo del CEFU, constante de piezas de cerámica, trenzados y documentación fotográfica.

Dicho material integrará nuestras nuevas exposiciones circulantes y constituirá futuramente patrimonio del Museo Nacional de Folklore.

Saluda a Ud. muy atentamente

**Emílio Ramón Paradela**  
Presidente

\*

\* \*

Montevideo, 9 de Marzo de 1957.

Señor Director de la Facultad Catarinense de Filosofía

Florianópolis — Santa Catarina

Señor Diretor:

Tenemos el agrado de adjuntarle un capítulo del informe del Professor Paulo de Carvalho Neto respecto a la IIª. Exposición Nacional de Folklore, realizada en este país, del 23 de febrero al 3 de marzo del corriente año.

El referido capítulo trata de la brillante actividad del Professor Walter Piazza como representante de la Comisión Catarinense de Folklore.

Creemos que es nuestro deber llevarlo a su conocimiento, considerando que el Professor integra también el cuerpo docente de la Facultad de Filosofía.

Saludamos a Ud. Muy atentamente

**Emílio Ramón Paradela**  
Presidente

#### WALTER PIAZZA

Para mayor brillo de la IIª Exposición se invitó a delegados extranjeros, como durante la Iª. De esta vez, pudo concurrir solamente el Professor Walter Piazza, representante de la Comisión Catarinense de Folklore.

Walter Piazza es, en la actualidad, el Director del "Boletim da Comissão Catarinense de Folclore", editado en Florianópolis, capital del Estado de Santa Catarina, Brasil. Há publicado numerosas monografías, labor que lo acredita como uno de los más serios investigadores brasileños de la nueva generación.

Llegó el día 13 de Febrero. Al bajar del avión, a las 21,30, fué recibido en el Aeropuerto de Carrasco por el Presidente del CEFU, el Asesor Cultural y otros, quienes lo condujeron directamente hasta el CEFU, en su sala de sesiones de la Asociación de Maestros. Ahí fue calurosamente ovacionado al entrar, por todos los socios. Luego se intercambiaron impresiones y planes de trabajo.

Al día siguiente, representantes del CEFU lo acompañaron a la CX 4 Radio Rural, donde dictó una charla sobre "Os Estudos Folclóricos em Santa Catarina", en el espacio radial del CEFU, que dirige Raul Rey Azopardo, audición n. 91. A las 19 horas concedió una entrevista a *El Día* y a las 20 otra, a *El Debate*.

Viernes, 15, a las 11 horas, grabó un informe sobre "Raízes do Folclore Catarinense", en el SODRE, Serviço Oficial de Radio Difusion Eléctrica y a las 19,30, en el salón auditorio de la Asociación Cristiana de Jóvenes, ante numeroso público, dictó su conferencia sobre "Folguedos Populares de Santa Catarina", con proyecciones de películas sobre el "Boi de mamão" y la danza del "Pau de fita".

Lunes, 18, a las 11 horas, fue entrevistado por la Radio Carve. A las 19 horas dictó nueva conferencia, también ilustrada, sobre "Folclore de Santa Catarina", en el Curso de Verano del Instituto de Estudios Superiores. A las 21 horas dió una entrevista al diario *La Mañana*.

El día 20, miércoles, partió hacia La Paloma, acompañando la Comisión de Montaje de la IIª Exposición.

El día 24, domingo, dictó su conferencia sobre el magnífico stand de Santa Catarina, allí expuesto.

Regresó al Brasil el día 26, martes, dejando en el Uruguay el marco inconfundible de sus enseñanzas, a la vez que numerosos amigos, prueba evidente del pleno éxito de su misión cultural.

Extrato do INFORME DO CENTRO DE ESTUDIOS FOLKLORICOS DEL URUGUAY sobre a IIª. Exposición de Folklore de las Americas.

### COMUNICAÇÃO AOS PREZADOS LEITORES !

O Diretor dêste Boletim, **Walter F. Piazza**, tem o prazer de comunicar aos prezados leitores que, para tôda e qualquer correspondência futura, o seu novo enderêço é:

Rua Frei Evaristo n. 52

Florianópolis — SC

Brasil

## Rapsódia Catarinense

Rapsódia é uma forma de composição que reúne diversos cantos populares nacionais, desenvolvidos artisticamente, formando uma peça homogênea.

De acôrdo com o conceito acima expôsto, o Professor Emanuel Paulo Peluso, Regente da Orquestra Sinfônica de Florianópolis, tentou trazer para uma forma erudita os cinco cantos populares que usou em sua Rapsódia.

O primeiro canto que serve de motivo à primeira parte da composição (Moderato), foi tirado de um assobio muito usado entre os músicos de Florianópolis, para chamar a atenção dos companheiros, que, distraidamente, passam pelos outros. Este motivo é dado inicialmente, pelo clarinete, apoiado pelos pistons e trombones; é em seguida, desenvolvido pelos violinos, reforçado pelas flautas em determinadas ocasiões, até atingir a um fortíssimo no qual participa toda a orquestra. Este andamento é finalizado pelas trompas e cordas, em pianíssimo, executando um pequeno trecho secundário.

O segundo movimento é o Andante, cujo tema é um canto usado em Terno de Reis, colhido pelo Prof. Osvaldo Mello Filho, durante uma pesquisa folclórica realizada no sub-distrito de Coqueiros, e que ilustra o seu trabalho intitulado "O Terno de Reis no Folclore Catarinense". Descrevendo-o, diz o autor: "Em Santa Catarina, chamam-se Ternos de Reis pequenos cortejos tradicionais, que pela época das festas religiosas de fim de ano, faz um grupo de quatro a oito pessoas, de ambos os sexos, entoando loas sentimentais".

A melodia é singela, porém, de grande força expressiva. Depois de exposto o motivo, pelos violinos, as flautas, oboé, clarinetes e fagotes encarregam-se de um pequeno trecho transitório e, voltando ao motivo primitivo deste andamento, com todo o peso orquestral, modula para nova tonalidade. Este movimento é finalizado pelas violas e violoncelo. Neste ponto o Moderato é repetido com uma ligeira modificação, dando introdução a um novo andamento.

O Allegretto Vivace é o novo movimento que segue, e tem como tema o canto da "Bernúncia", dança que integra o "Boi de Mamão". O motivo deste trecho foi desenvolvido com variações, o que apresenta certa dificuldade na execução.

A melodia que serve de motivo ao Allegretto non Troppo, quarto movimento, é de um canto usado na dança "Pau de Fitas", colhida em uma pesquisa efetuada em Laguna. Embora se trate de uma melodia em compasso binário, foi ela introduzida na Rapsódia Catarinense em compassos alternados 3/4 e 2/4. O motivo que o levou a tomar esta decisão, foi o fato de ter a frase melódica apresentado repetições de cinco em cinco compassos. A referida melodia está registrada no Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, n. 15-16, de Julho-Setembro de 1953, página 58. Ligado a este andamento segue um outro canto em 3/4, mantido num Stesso Movimento, cuja melodia foi entregue às palhetas e às flautas. Os violinos em conjunto, imitam o acompanhamento do "cavaquinho", instrumento usado nessas ocasiões. O motivo desta parte é a melodia da dança "Ratoeira".

No Boletim n. 9-10, de Dezembro de 1951, pág. 171, da Comissão acima referida, encontramos referências sobre essa dança. Diz o sr. Walter Piazza, autor do artigo: "Um grande círculo formado por moças e rapazes de mãos dadas. No centro da roda fica um rapaz ou uma moça

que canta uma quadrinha, enquanto os do círculo avançam repetindo a quadrinha”.

“Nessas ocasiões desabafam os corações cantando declarações de amor ou desafios aos rivais”.

A Rapsódia Catarinense tem como motivo final o Allegro Vivo. O motivo é de uma toada tradicional: “Vagalume cai-cai,” registrada no Boletim de Setembro de 1950, n. 5, da mesma Comissão, página 78. A vítima do trote é sempre um cavaleiro que passa montado, distraidamente, que, sentindo-se atingido pelo assobio não se mantém calmo, reage e ameaça à turma, a finalidade do trote foi alcançada: irritar o pacato cavaleiro. Este trecho termina em Piú Mosso, cujo canto foi confiado aos trombones e contrabaixo, enquanto que os instrumentos agudos executam, em conjunto, uma variação até finalizar.

## Santa Catarina Iha Desconhecida

Yvonne Jean

(Especial para “O ESTADO”)

N. R. — O que a ilustre Autora publicou em “O Estado”, desta Capital, em sua edição de 30 de maio p.p., data vênica, transcrevemos.

Estava passeando no cais do porto de Florianópolis. Barcos se balançavam nas águas tranquilas, um pequeno navio se preparava para sair em direção a Santos, Rolos de cordas, veleiros e o cheiro peculiar a todos os portos formavam um conjunto pitoresco que abria caminhos para as Pasargadas dos nossos sonhos. Nó quintal de uma das pequenas casas que beiram o cais, notei uma animação inabitual. Aproximei-me. Estranhos animais parados e grandes bonecos envergando roupas de cetim vermelho, amarelo, azul-rei e verde-esmeralda brilhavam no ambiente acinzentado do fim da tarde chuvosa Fiz. perguntas.

— Estão preparando o Boi-de-Mamão desta noite!

E. foi no meio das mulheres e filhas dos pescadores, que davam o último retoque às fantasias, costurando e limpando vestidos, que travei, pela primeira vez, conhecimento com os personagens de um dos mais belos autos populares tradicionais que se possam ver: o boi-de-mamão.

Conheci o boi: sobre uma armação de madeira estendem um pano branco com remendos de cor. Colocam os chifres de um animal morto sobre a cabeça de boi. O “brincador”, que se esconderá, à noite, na armação, observará o público através do buraco aberto no pano e poderá, assim, atirar-se sobre os espectadores, assustá-los e dar-lhes chifradas sem jamais machucá-los.

Conheci também a Bernuncia — espécie de crocodilo estilizado, imenso, que abre sua enorme boca e engole crianças — a Maricota, mulher-gigante que dança sem parar, balançando as tranças loiras e a bósinha, e a filha da Maricota, com seu nenê que a Bernúncia come; e a cabrinha, e o peão montado no seu cavalinho, e o Vaqueiro, chamado em alguns lugares de “chamador” e em outros de Pai Mateus. Conheci outros personagens, ainda, que despertaram grande vontade de ver todos esses protagonistas integrados nos seus papeis.

Tive a oportunidade poucos dias mais tarde, pois na época que vai de Natal ao Carnaval, Bois-de-Mamão se formam ao acaso das noites,

oferecendo a população um espetáculo deslumbrante de alegria e espírito. Ao contrário de tantos autos populares que cansam pela repetição constante das melodias e danças, o boi-de-mamão possui uma vitalidade extraordinária: cenas rápidas, verdadeiros "flashes" se sucedem rapidamente, contando uma história.

O boi, que é, evidentemente, o personagem principal, pula, dança, atira-se sobre os presentes, fica louco. O Vaqueiro, que é chefe do bando, tenta acalmá-lo, conversa com ele. O boi dá chifradas, fica doente, morre. Chega o doutor, que tenta ressuscitá-lo. Os remédios de nada adiantam. No auto ao qual assisti, em Florianópolis, oferecido pelos "Unidos da Vila", estivadores que moram no Saco dos Limões e tiraram o primeiro prêmio no Carnaval de 1954, o médico desistiu das tentativas científicas e resolveu fazer uns "passes". Estes, naturalmente, deram certo! O boi ressuscitou, mais doído do que dantes. O peão montado no cavaleiro tentou laçá-lo. Surgiram os outros personagens, um após o outro. As crianças atiravam-se para perto da Bernúncia, que as engolia.

Encantadas da vida, elas apreciam após se terem arrastado pelo "corpo" da Bernúncia comprida.

Tudo isto em meio à maior alegria, com exibição de roupas vistosas, de côres muito vivas, danças movimentadas e muito ritmadas, cantos lindos e improvisações que seguem sempre o arcabouço temático de base mas nas quais o repentista faz alusões à atualidade.

O repentista da noite é um velho muito conhecido em Florianópolis. Disseram-me que é o melhor e, realmente, as quadrinhas eram cheias de humor e poesia. O ritmo, a alegria, a sinceridade tanto me empolgaram que comecei a dançar, naturalmente com os espectadores, que viraram todos participantes. As danças, os cantos e o enrêdo transformaram o auto num verdadeiro espetáculo teatral empolgante.

O público aproximava-se sempre mais do boi, que pulava com violência, atirando-se sobre os curiosos com uma pontaria magnífica assustava todos. Uns tentavam fugir, mas o boi era mais rápido. Entretanto, sempre conseguia evitar os olhos ou o nariz, no último momento, negando o resto entre os dois chifres, sem machucar ninguém.

O enrêdo chegou ao fim. Os protagonistas, pararam para descansar, comer uns docinhos, beber café e aguardente, na primeira das casas em que eram esperados naquela noite. Beberam com uma rapidez incrível e... recomeçaram a dançar. Com o mesmo entusiasmo, contaram, novamente, a história. E depois foram para outra casa, e outra ainda, e outras ruas, pois se aparecem nas casas que os chamaram e onde recebem um presente que os ajudará a comprar novas roupas e a enfrentar as despesas, fazem questão de dançar e cantar para o grande público para todos aqueles que enchem as ruas e praças, à espera do espetáculo.

É um espetáculo lindo, sadio, alegre, que empolga. É um espetáculo típico, diferente do Bumba-meu-Boi, muito conhecido. Faz parte da vida e das tradições catarinenses.

Conversei com os estivadores. Explicaram-me a história, para que a compreendesse melhor.

Mais tarde, ia conhecer, ao acaso de conversas com o folclorista Valter Piazza, algumas letras que colheu no Estado. Letras como esta:

\* \* \*

Meu boi lavrado

— Ó lindo boi! (estas três palavras se repetem após cada verso)

Percure o dono da casa

Vamos ve onde está.

Meu senhor, dono de casa  
Nos quereis dar a licença  
Para o nosso boi lavrado  
Brincar em sua presença?

\* \* \*

Brinca, brinca, meu boi  
Em meio dêste salão  
Percura o dono da casa  
Que êle é o patrão...

\* \* \*

E outras quadrinhas descrevem os acontecimentos: a morte, a cura, a chegada do cavaleiro que o laça, da Bernúncia e da Maricota, até a despedida:

\* \* \*

Estica o laço, cavalinho  
E vai puxando  
Para a estrada  
E vamos viajando".

\* \* \*

E recomeçam em outro lugar.

Geralmente as palavras "O linão boi" são repetidas continuamente e o Pai Mateus inventa novas aventuras, descreve melhor a beleza de seu boi, e canta, e canta até ficar esgotado.

Colhi muitas informações sobre o auto que faz parte da vida catarinense. As melhores me foram dadas por uma velha ceramista. Além dos cavalinhos, veadinhos e bichos fantásticos que molda, costuma esculpir todos os personagens de Boi-de-Mamão: o Boi, a Cabra, o Doutor, o Cavalinho, os Mascarados, etc. O conjunto é valioso para os folcloristas e encanta os visitantes que a procuram na sua casinha de São José. Uma casinha que descreverei na próxima reportagem, pois os protagonistas de Boi-de-Mamão que reproduz com grande fidelidade e os bichinhos que idealiza no barro fazem parte integrante do folclore que as rendeiras, as criveiras, os oleiros, os pescadores também se encarregam de manter vivo. Um folclore original, que não foi, até hoje, devidamente descrito e divulgado no resto do país.

## O III Congresso Brasileiro de Folclore

Convocado pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, realizou-se de 2 a 7 de julho p.p., em Salvador, Bahia, o III Congresso Brasileiro de Folclore.

A Diretoria do IBECC, tendo aprovado o Regulamento do certame, designou a sua Comissão Organizadora, que ficou assim constituída: Presidente — Renato Almeida; Secretário-Geral: José Calazans; Membros: Secretários-Gerais das Comissões Estaduais: Dr. Théo Brandão (Alagoas), Dr. Mário Ipiranga Monteiro (Amazonas), Doutora Henriqueta Galeno (Ceará), Prof. Guilherme dos Santos Neves (Espírito Santo), Profa. Gertrud Uhlmann Burlein (Estado do Rio), Srta. Regina Lacerda (Goiás), Dr. Armando Bordalo da Silva (Pará), Prof. Leon Rodrigues Francisco Clerot (Paraíba), Dr. Edgard Chalbaud Sampaio (Paraná), Dr. Césio Rigueira Costa (Pernambuco), Prof. Dan-

te de Laytano (Rio Grande do Sul), Dr. Veríssimo de Melo (Rio Grande do Norte), Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral (Santa Catarina), Prof. Rosini Tavares de Lima (São Paulo), Dr. Felte Bezerra (Sergipe), D. Oneyda Alvarenga, Prof. Luís da Câmara Cascudo, Prof. Joaquim Ribeiro, Prof. Edison Carneiro, Prof. Manuel Diégues Júnior, Prof. José Loureiro Fernandes, da Comissão Nacional de Folclore; Prof. José Silveira, Presidente do IBECC na Bahia; Dr. Magalhães Neto, Presidente do Instituto Histórico da Bahia; Prof. Pinto de Carvalho, da Academia de Letras da Bahia; Prof. Estácio de Lima, Prof. Otávio Tôrres, Prof. Fernando São Paulo, Prof. Frederico Edelweiss, Dr. Luís R. Almeida, Prof. Tales Azevedo, da Comissão Bahiana de Folclore; Dr. Ranulfo Oliveira, Presidente da Associação Bahiana de Imprensa; Dr. Afonso Rui, Secretário-Geral do Centro de Estudos Bahianos; D. Henriqueta Catarino, pelo Instituto Feminino da Bahia; Prof. Raimundo Mata, Superintendente da Difusão Cultural da Secretaria de Educação e Dr. Waldemar Angelim, da Diretoria Municipal de Turismo; Secretária-Executiva: Iracema de Lobo Bethlem.

O Professor José Calazans, Secretário-Geral da Comissão Bahiana de Folclore, organizou a Comissão Executiva que, sob a sua presidência, ficou assim organizada: Secretária-Geral: Dra. Hildegardes Viana; Membros: Srs. Luís Monteiro, Junot Silveira, José Lima, Paulo Jatobá, Albano Frederico Marinho, Edson Nunes, Antônio Monteiro, e Cid Teixeira.

A Comissão Catarinense de Folclore, tendo à frente o seu Secretário Geral, Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral, prestigiou os trabalhos do Congresso, onde foi representada por Doralécio Soares e fez presente ao aludido certame quatro mapas de folguedos populares catarinenses, desenhados no DEGC e organizados por Walter Piazza.

## O III CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE

Doralécio Soares

O terceiro Congresso Nacional de Folclore, realizado em Salvador, Bahia, reuniu folcloristas de todo o Brasil, para, congregados, traçarem e ditarem normas de proteção ao Artesanato e à Indústria Caseira Nacional, aos costumes e aos folguedos populares.

No salão nobre da Reitoria da Universidade da Bahia, em sessão solene foi instalado o III Congresso Brasileiro de Folclore. Presente S. Excia. o Governador Antônio Balbino, que proferiu brilhante discurso no encerramento da sessão.

O Ministro Paschoal Carlos Magno, representando o Snr. Presidente da República, comunicou aos congressistas, em nome do Snr. Presidente, ter sido criado pelo Ministro da Educação, um grupo de Trabalho que esboçará um plano nacional de proteção e defesa ao nosso Folclore. Desejando a todos folcloristas, reunidos em Salvador, êxito nos seus trabalhos, nome da Comissão Nacional, discursou o Ministro Dr. Renato Almeida, Secretário Geral da Comissão Nacional de Folclore e, pela Comissão Executiva, o Dr. José Calazans, Presidente do III Congresso, pelos congressistas, discursou o companheiro Prof. Guilherme Santos Neves, Secretário geral da Comissão Espiritosantense de Folclore.

No Instituto Histórico, foram organizados as Comissões de Trabalho, que ficaram assim constituídas: 1º Comissão de Artesanato, 2º Comissão de Folclore da Bahia, 3º Comissão de Folclore do Mar.

Além dos trabalhos das Comissões, foram realizadas quatro mêsas redondas constantes de "Proteção aos folguedos populares", sob a di-



reção do prof. Edison Carneiro; "Folclore e Ciências Sociais", supervisionada pelo prof. Tales de Azevedo; "Romanceiro Nacional" que teve a orientação dos professores Rossini Tavares de Lima e Guilherme Santos Neves. E, finalmente, a mesa redonda de "Linguagem Popular", dirigida pelo prof. Elpídio Pais, que teve a colaboração do prof. Buarque de Holanda Calvacanti, que fez brilhante exposição sobre o tema.

Ainda do programa do Congresso, constou a inauguração do Museu de Arte Popular, no Instituto Feminino, sendo recepcionados os congressistas pela Direção da novel Instituição Cultural, com o oferecimento de variadas iguarias da Cosinha Bahiana.

Na escola de Música da Bahia, foi realizada audição de Músicas Folclóricas e exibição de filmes regionais.

Ainda no Instituto Feminino da Bahia, foi levado a apresentação da dança regional "Maculêlé".

Do programa constou a visita à Basílica do Bonfim e a vários lugares pitorescos da Capital Bahiana.

A Prefeitura Municipal de Salvador homenageou os Congressistas com um almoço na Lagôa do Abaeté, onde foram apresentados vários números de Capoeiragem pelos membros do Centro de Cultura Física Regional de Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba) e por um grupo de mestres da Capoeira de Angola, demonstrações essas que receberam aplausos gerais dos Congressistas. As sessões plenárias do Congresso, que foram em número de duas, constaram de debates em torno dos trabalhos desenvolvidos pelas Comissões, com pedidos de vistas de teses aprovadas pelas Comissões, mas que, após discutidas pelo plenário, foram votadas a não inclusão nos anais do Congresso por não se enquadrarem perfeitamente no Temário. Não deixaram, entretanto, vários congressistas de se manifestarem contra certas votações, fazendo declaração de votos de protestos, destacando-se, entre eles, o escritor folclorista prof. Aires da Matta Machado, Presidente da Delegação de Minas Gerais e Dante de Layttano do Rio Grande do Sul, este último relator geral do Congresso e Presidente da Comissão de Folclore do Rio Grande do Sul.

xxx

## "DO ARTESANATO E A SUA PROTEÇÃO

### Rendas da Ilha de Santa Catarina

Foi a tese apresentada pelo delegado da Comissão de Folclore de Santa Catarina, autor desta crônica, que mereceu aprovação da Comissão de Artesanato e, na sessão plenária, foi apresentada uma indicação ao Governador de Santa Catarina, no sentido do seu atendimento, de acordo com a sugestão apresentada na tese do Congressista Catarinense.

xxx

Coube, ainda, ao representante de Santa Catarina, a Presidência da Segunda Comissão de Trabalhos "Folclore da Bahia", Comissão esta em que foram apresentados vinte trabalhos, sendo todos distribuídos e relatados, merecendo, a maioria, aprovação pela comissão, visto constituírem valiosas contribuições ao Folclore da Bahia.

xxx

Além da colaboração do representante catarinense na Segunda Comissão em que relatou três trabalhos, foi relator, também, da Tese "A Cerâmica Utilitária" de Cascavel (Ceará), da Comissão de Artesanato,

que mereceu aprovação, tendo, na sessão plenária, apresentado uma indicação recomendando o valioso trabalho a consideração do Governador do Estado do Ceará.

A Comissão Catarinense de Folclore enviou ao II Congresso, quatro mapas do Estado com o levantamento regional dos folguedos populares: Páu de Fita, Cacumbí, Vilão e Boi de Mamão. Mapas estes esmeradamente executados pelo Departamento de Cartografia e Geografia do Estado, com dados fornecidos pela Comissão Catarinense, e que na sua apresentação, na sessão plenária do Congresso, conquistaram fartos aplausos e votos de louvor e Comissão Catarinense de Folclore pelo trabalho que vem realizando sob a sábia orientação dos companheiros Osvaldo Rodrigues Cabral e Walter Piazza.

Ainda do programa constou audição de Toques de candomblé, no terreiro de Rufino, em homenagem aos congressistas, um espetáculo de toques de atabaques e orixás do culto afro-brasileiro, cuja apresentação dos toques foi pelo congressista bahiano Antônio Monteiro.

xxx

S. Excia. Governador Antônio Balbino homenageou os Congressistas na residência Governamental com um coquetel, em que estavam presentes várias personalidades da Sociedade Bahiana.

O encerramento, constou de uma homenagem póstuma aos folcloristas Antônio Viana e Anísio Melhor, discursando o Sr. Renato Sampaio e Dra. Hildegardes Viana e o Snr. Alexandre L. Bittencourt.

Foram homenageados, ainda, o prf. José Calazans, presidente do III Congresso Brasileiro de Folclore, cuja personalidade foi enaltecida pelo congressista Waldo Americano da Costa.

É de justiça destacar-se a valiosa contribuição da Prefeitura de Salvador que, pela sua Diretoria de Cultura, homenageou os Congressistas com uma série de obras publicadas em homenagem ao III Congresso de Folclore, das quais destacamos "Formação e Evolução Étnica da Cidade do Salvador", Tomos I e II, da autoria de Carlos B. Ott; "História da Independência da Bahia", de Braz do Amaral, "A Cidade do Salvador", de Alberto Silva.

xxx

A Universidade da Bahia, sob os auspícios da qual foi realizado o Congresso, fez publicar, também, valiosas obras em homenagem ao Congresso. Entre elas destacamos: "A Cerâmica Popular da Bahia", de autoria de C. J. da Costa Pereira, cuja apresentação gráfica e material reunidas, coloca esta obra entre as melhores na especialidade publicada no Brasil.

"O Folclore no Brasil", de autoria de Gastão de Bettencourt, é outra obra de valor intrínseco, também de publicação da Universidade, cujo esmêro na apresentação gráfica, diz bem do valor do trabalho organizado pelo escritor Gastão Bettencourt que, num retrospecto, envolve na sua obra o que de mais importante já se realizou em Folclore no Brasil e Portugal. Este entrelaçamento de cultura popular e erudita entre os dois povos irmãos, fez com que o autor rebuscasse o que de mais precioso havia na cultura popular brasileira e enfeixasse nessa valiosa obra "O Folclore no Brasil" que a Universidade da Bahia ofereceu aos Congressistas e, pelo Instituto do Livro, "Sabedoria Popular", de Edison Carneiro.

O Instituto de Economia e Finanças da Bahia, também fez publicar "Artesanato e Arte Popular", de autoria de C. J. da Costa Pereira. Nessa obra o autor reúne num documentário real e efetivo todo o

resultado de um trabalho edificante, num levantamento quase completo da valiosa indústria caseira do interior do Estado da Bahia. Focaliza tecelagem manual, sob os seus aspectos social e econômico, e maneira rudimentar como ainda continua na sua execução.

A Indústria de Artefatos de Couros que contribue grandemente para formação do Artesanato da região pelas variadas espécies de artigos fabricados por artezões locais, é um outro aspecto do valioso documentário de C. J. da Costa Pereira.

Sobre a indústria manual de metais, o autor não esconde o seu entusiasmo pelas mais variadas espécies de trabalhos Típicos, artisticamente trabalhados, muito embora continuem ainda em estado rudimentar e mesmo precário as suas oficinas.

"Cestaria e Trançados" é uma forma de arte-popular que o autor compara à cerâmica, concernente à área de difusão. Esteiras, balaos, cestas, chapéus de palhas, etc., são utensílios manuais faturados em qualquer zona rural, diz o autor. Com farta documentação fotográfica "Artesanato e Arte Popular" tem suas páginas ilustradas possibilitando o leitor acompanhar com minudência a documentário. E assim penetra no Vale de São Francisco, focalizando a Cerâmica nos seus vários aspectos, registrando, também, remanescentes de rendeiras e outros trabalhos de pequeno rendimento.

No recôncavo Bahiano, focaliza as Casas de Farinha, inclusive colhendo cantigas das Farinhadas.

Ao meu ver o trabalho do Snr. C. J. da Costa Pereira representa uma excepcional contribuição ao Governo do Estado da Bahia e foi do trabalho desse moço idealista ligado pelo seu espírito de Fraternidade e observação ao nosso homem do sertão que o Governador Antônio Balbino, funda o Instituto de Pesquisas e Treinamento do Artesanato, que será o ponto de partida experimental para que outros Estados da União, colham elementos para ampararem de modo objetivo tornando útil ao desenvolvimento do país essa população que mesmo relagada ao abandono procura sobreviver com seus próprios recursos.

## Museus de Folclore

### Plano de Organização do Museu de Folclore da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul

O Prof. Dante de Laytano, Secretário-Geral da Comissão Nacional de Folclore, do Rio Grande do Sul, no Congresso de Museus, que se realizou de 23 a 27 de julho de 1956, em Ouro-Preto, deu a conhecer os esforços da Comissão Nacional de Folclore, em favor dos museus de Folclore, referindo-se ao do Distrito Federal, organizado pela Biblioteca Municipal do Distrito Federal, em colaboração com a Comissão, e do projeto do Museu de Caruaru, idéia de José Condé e que a Comissão prestigia inteiramente.

Além disso, apresentou o plano do Museu Folclórico da Faculdade de Filosofia, da Universidade do Rio Grande do Sul, nas seguintes bases:

I — O Museu de Folclore funcionará agora numa fase apenas de organização, guardando-se no próprio Departamento Cultural, em armário próprio o material que se recolher;

II — O Museu de Folclore terá no novo edifício da Faculdade de Filosofia, lugar especial, que pode ser na mesma sala onde funcione o terceiro ano do curso de Geografia e História.

III — O Museu de Folclore, como organismo didático, ficará sob dependência direta da Cadeira de História do Brasil, tendo como con-

sultores os professores das cadeiras de: Antropologia; Etnografia do Brasil e Literatura do Brasil.

IV — O Museu de Folclore poderá manter-se em contato permanente com o Instituto de Belas Artes, através das cadeiras de: História da Arte; Folclore Musical; Escultura e Composição.

V — O Museu de Folclore terá, sob a presidência da cadeira de folclore, uma comissão especial, para fins administrativos e composta dos licenciados em geografia e história:

VI — As reuniões serão mensais, no Departamento Cultural.

Stela de Brito Bastos Ribeiro

Plínio Russomano

Sergio Franco.

## Homenagem Justa

O Governo Brasileiro vem de condecorar, no Grau de Cavaleiro, do Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, o insigne Professor Tobias Rosenberg, que, na Faculdade de Filosofia e Letras, da Universidade Nacional de Tucuman, chefia a secção de Etnografia Tradicional.

A Direção dêste Boletim congratula-se com o eminente antropólogo pela justa homenagem que lhe é prestada pelo Governo Brasileiro.



### O QUE DIZEM DE NÓS

O nosso festejado colaborador, Prof. Walter Spalding, na edição de 20 de maio de 1956, do jornal "Estado do Rio Grande", que se edita em Pôrto Alegre, assim se expressou a respeito de n. 22 do nosso Boletim:

"O desenvolvimento que tem tido os estudos folclóricos no Brasil. acentua-se dia a dia.

Entretanto, por mais incrível que pareça, não possuímos uma só revista nacional, especializada, para divulgação dos estudos folclóricos e para arquivar as pesquisas. Apenas a Comissão Nacional possui, mimeografado, os "documentos" que distribue mensalmente. Não fossem as publicações de algumas comissões estaduais, como a de São Paulo, que distribuiu durante dois anos e meio a bela e utilíssima revista "Folclore", a Comissão Espiritosantense que também publicou seu órgão oficial "Folclore", muito bem impresso e apresentado, e com matéria valiosa mas que, parece, desapareceu, e a Comissão Catarinense com seu grande Boletim, já de renome internacional, nada teríamos para as divulgações do que se faz nesse terreno em nosso país.

Ainda agora a Comissão Catarinense de Folclore, com ingentes esforços, conseguiu que reaparecesse, após um ano de silêncio, seu magnífico Boletim.

É, pois, com satisfação que recebemos o n. 22, ano VI, referente ao primeiro trimestre deste ano de 1956, do indispensável Boletim Catarinense, obra de um grupo de abnegados folcloristas da encantadora terra barriga-verde.

Dirigida presentemente por Walter F. Piazza, a revista catarinense da dinâmica Comissão de Folclore orientada por Osvaldo R. Cabral, está muito bem feita, repleta de material de primeira ordem.

No presente número, além de trabalhos sobre o folclore catarinense, aparecem outros, de diversos Estados do Brasil, de Portugal (Açores e Angola) e da Argentina.

Um número cheio, na realidade, que veio compensar a longa espera pelo seu reaparecimento. Parabéns, pois".

### NÓS E O MUNDO

Na sua coluna, sob a epígrafe acima, a distinta escritora conterrânea, sra. Maura de Senna Pereira, escreveu, na "Gazeta de Notícias", do Rio de Janeiro, interessante crônica, sobre os "pão-por-Deus", a propósito de artigo do nosso Diretor, Prof. Walter F. Piazza. que, tomamos a liberdade de transcrever.

"A excelente revista "Boletim da Comissão Catarinense de Folclore", publica, no seu último número, um interessantíssimo estudo sobre os "Pão-por-Deus", de autoria do professor Walter F. Piazza. Transcrevemos, a seguir, alguns trechos do trabalho do ilustre folclorista:

"A origem — É indiscutível a origem lusa dos "pão-por-Deus". E, hoje, tendo em vista os resultados apresentados pelo inquérito realizado por esta Comissão, com a valiosa e imprescindível colaboração do professorado catarinense, podemos afirmar, pela área de sua maior incidência, no nosso Estado, que é a de colonização lusitana.

A área — O "pão-por-Deus" é encontrado em todo o litoral catarinense, desde S. Francisco do Sul até Araranguá.

A sua penetração no interior é pequena. Assinala-se, entretanto a sua persistência nos mais longínquos rincões da terra catarinense, como seja Dionísio Cerqueira, nas lindes com a República Argentina.

Os tipos — Os "pão-por-Deus" são pedidos, formulados em versos escritos em corações, recortados no papel. Podem, também, ser desenhados ou fechados.

O tempo da distribuição — O tempo da distribuição do "pão-por-Deus" é, por excelência, a primavera: de setembro a novembro (finados).

A época da distribuição: a primavera, coincide com o florir do ipê, o que dá motivos, em Araranguá, que digam, ao verem a árvore florida:

— "Pão-por-Deus!"

Ao que o circunstante responde:

— "Pau nas costas!

Livre-nos Deus!"

Versos — Os "pão-por-Deus" são feitos em versos e exprimem um pedido. Vejamos, pois, alguns versos e as suas variantes. O maior número de variantes se apresentam encabeçadas pela expressão: "Lá vai meu coração".

Vejamos, pois, alguns versos deste tipo:

"Lá vai meu coração  
Já que eu não posso ir  
Vai levar lembranças minhas  
Pão-por-Deus vai lhe pedir".

\* \* \*

"Lá vai meu coração  
Atravessando mar e serras  
Vai pedindo o pão-por-Deus  
À linda flor desta terra".

\* \* \*

"Lá vai meu coração  
Entre cravos e cravinas  
Vai pedir o pão-por-Deus  
Aquela linda menina."

\* \* \*

"Lá vai meu coração  
Arrodeado de flor  
Vai pedir um pão-por-Deus  
A quem pode e tem valor."

\*  
\* \*

Do Prof. Victor A. Litter, ex-aluno e assistente do Prof. Imbelloni, recebeu a nossa Direção, a seguinte carta:

"CASTELAR (Buenos Aires), Abril 30 de 1956

Señor

Dr. Walter F. Piazza  
Diretor  
Comissão Catarinense de Falciare  
Casa de Sta. Catarina  
Rua Tenente Silveira, 69  
FLORIANÓPOLIS. Sta. Catarina, Brasil.  
De mi mayor consideración:

He tenido el inmenso placer de recibir el último número de vuestro "Boletín da Comissão Catarinense de Folclore" (Ano VI N° 22) que agregó a los anteriores de mi colección.

Al agradecerle, vayan mis mejores felicitaciones por la intensa, inteligente y valiosa labor de recoger las riquezas populares de vuestra patria y de publicar todo cuanto atañe al Folklore y al estudio de la sabiduría vernácula.

Demás estará significarle todo cuanto la ciencia le agradece desde ya y le deberá en el futuro, por cuanto todo investigador conoce y sabe lo lamentable que es la desaparición con el correr de los años de la riqueza popular e histórica de las tradiciones.

Es la suya una tarea gigantesca que merece el apoyo de todos los que se interesan en la ciencia de vuestro país y de toda América; por eso queda a vuestra disposición quien lo admira y se reitera a sus órdenes, saludándolo cordial y muy atentamente.

Victor A. Litter

# DO ARTESANATO E A SUA PROTEÇÃO

## RENDAS DA ILHA DE SANTA CATARINA

Doralécio Soares

### Da Comissão Catarinense de Folclore

Este trabalho, à guisa de tese, foi apresentado ao 3º Congresso Nacional de Folclore que se realizou em Salvador, Bahía, em julho de 1957.

#### 1º O TEMA

“RENDAS DA ILHA DE SANTA CATARINA”, é uma reunião dos vários tipos de rendas a que a classe das laboriosas rendeiras vem desde longos anos se dedicando; é uma prática de indústria caseira e, carinhosamente, transmitem seus ensinamentos de geração a geração.

Este é um trabalho regional executado com o fim de despertar as nossas autoridades públicas para esse agrupamento de pessoas, de posses econômicas limitadas, e que se dedicam a uma especialidade do artesanato nacional, infelizmente desprotegido, sem amparo oficial, e fadado, por isto mesmo, ao desaparecimento ou absorpção pela indústria mecânica que acompanha a evolução natural do progresso.

#### 2º AS RENDEIRAS

As rendeiras da Ilha de Santa Catarina, na sua maioria, descendem de Portugueses da Ilha dos Açores; tradicionalmente herdaram dos seus antepassados a arte de executar rendas que, ainda na época atual transmitem às gerações que surgem.

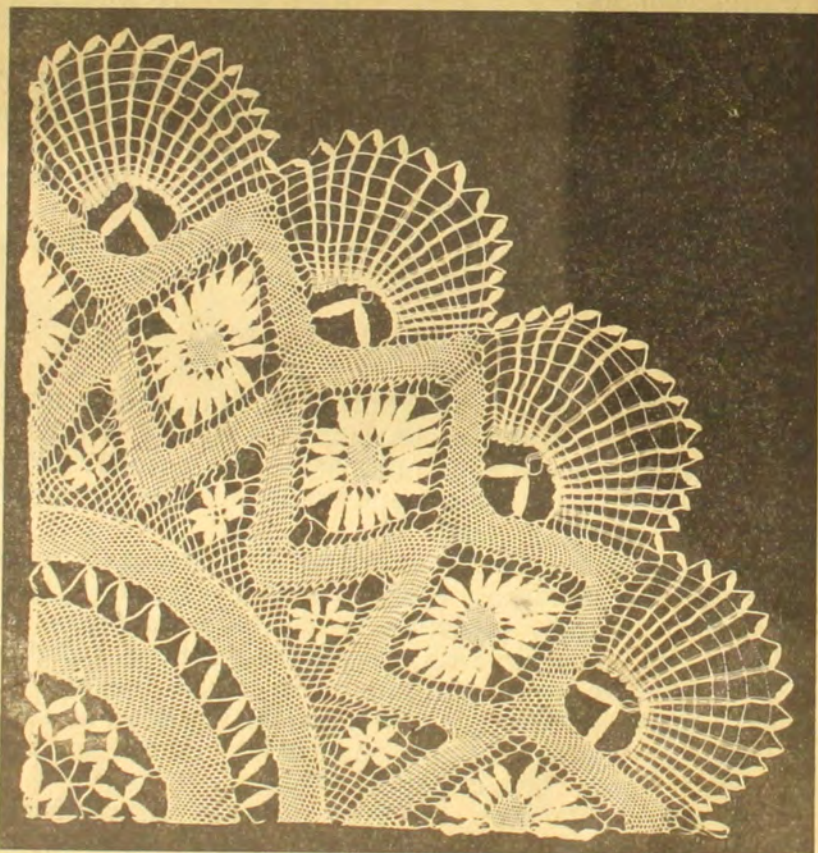
Na seqüência dos tipos de rendas focalizados no presente trabalho, apresentamos espécies cuja perfeição pode ser comparada às mais perfeitas rendas confeccionadas pelas mais renomadas mestras na arte de tecer rendas. Infelizmente, é um dos ramos do artesanato no Brasil que traz pouco rendimento às pessoas que a êle se dedica, visto que são torpemente explorados pelos intermediários e vendedoras que a mercadejam com elevada usura.

Se nós, folcloristas, responsáveis pela permanência da cultura do artesanato nacional, não elaborarmos um plano



de proteção à indústria caseira em geral, as gerações futuras perderão o éolo com as artes populares a nós ainda transmitidas pelos nossos antepassados. As rendas têm sido usadas, em tôdas as suas modalidades, desde os séculos passados até aos dias atuais. Reis, rainhas, nobres, ricos e pobres, e em tôdas as camadas sociais, usaram e ainda usam rendas. Na Ilha de Santa Catarina, onde se sitúa Florianópolis, Capital do Estado de Santa Catarina, nos seus recantos e em tôda a sua zona litorânea, se trabalha a “**RENDA DE ALMOFADA**” como um dos seus principais ramos de artesanato e que têm significativa importância na economia doméstica e mesmo social da população Catarinense.

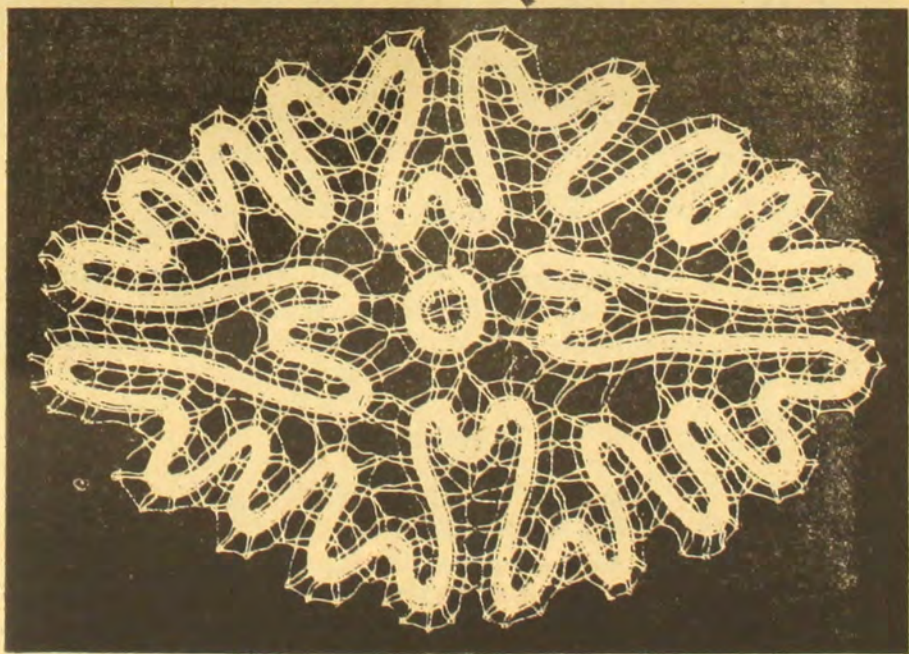
Famílias inteiras vivem quasi que exclusivamente do provento de quanto produzem no seu labor diário, tratando a



Renda “roda dois arcos”. Localidade de Rationes. As dimensões vão até 1 metro e meio. Delas fazem-se saias e vestidos inteiros



Renda "tramóia", em detalhe. Contém uma "estrela" com 11 pontas. Originária de Ribeirão da Ilha. Para executá-la as rendeiras usam 7 pares de bilros. Suas dimensões alcançam mais de 1,50 cms.



Renda "tramóia". Para fazê-la as rendeiras usam 14 bilros. Ribeirão da Ilha

feitura dos mais variados tipos de **RENDAS DE ALMOFADA** e seus derivados: os crivos, etc.

### 3º O APRENDIZADO

Na transmissão das lições do aprendizado as mães iniciam bem cedo as filhas e é comum ver crianças, já com quatro anos de idade, à frente das almofadas, manejarem, com rara facilidade, os bilros, num trabalho impressionante. E, assim, as crianças, já nos primeiros passos, se iniciam neste mistério que se vem transmitindo de mães a filhas, desde o Tempo Imperial.

### 4º AS ORIGENS

A cultuação deste ramo do artesanato foi trazido para a Ilha de Santa Catarina e orla marinha pelos portugueses e seus familiares, oriundos das Ilhas dos Açores, que se dedicavam à prática da pesca, sendo, portanto, na sua totalidade pescadores, os homens e as mulheres trabalhavam com rendas.

E, assim, constituindo tradição entre as famílias dos portugueses o cultivo desta indústria caseira ligada, por sua parte, à confecção das rês de pescar. Herdamos, pois, dos nossos antepassados, esta cultura popular que ainda hoje vai sendo transmitida aos nossos filhos. Infelizmente, no Brasil, a proteção ao Artesanato é assunto fora de cogitação, estando desta maneira fadado ao desaparecimento. Urge, pois a elaboração de um plano que venha ao encontro das necessidades de proteção a um grande número de famílias de poucos recursos que se dedicam a esta modalidade de indústria.

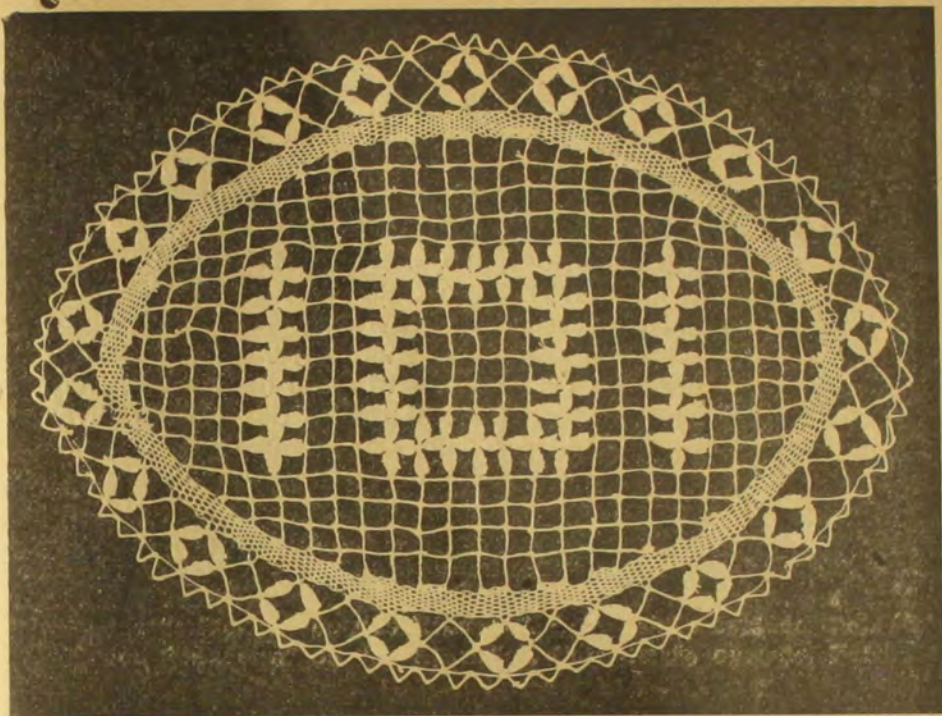
### 5º UM ESTUDO

Com este trabalho, trago o meu irrestrito apoio à proteção ao Artesanato Nacional em todos os seus aspectos. Apresentamos aqui o amparo à indústria caseira através do Cooperativismo, tomando por base as rendas e derivados.

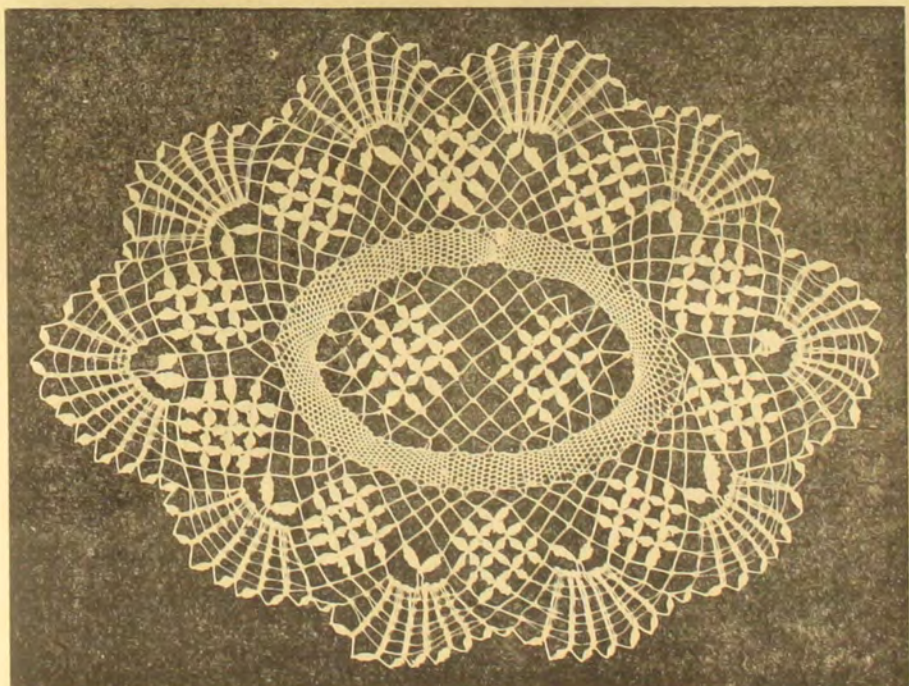
#### a) Cooperativas

#### CONSTITUIÇÃO DE COOPERATIVAS REGIONAIS

Poder-se-á tentar um sistema cooperativista, congregando todas as pessoas que se dedicam a confecção de rendas nas suas várias modalidades. Entretanto, considerando que para



Renda "mindeira" ou "do Ribeirão". Composição ovalada. Fabricada no Ribeirão da Ilha



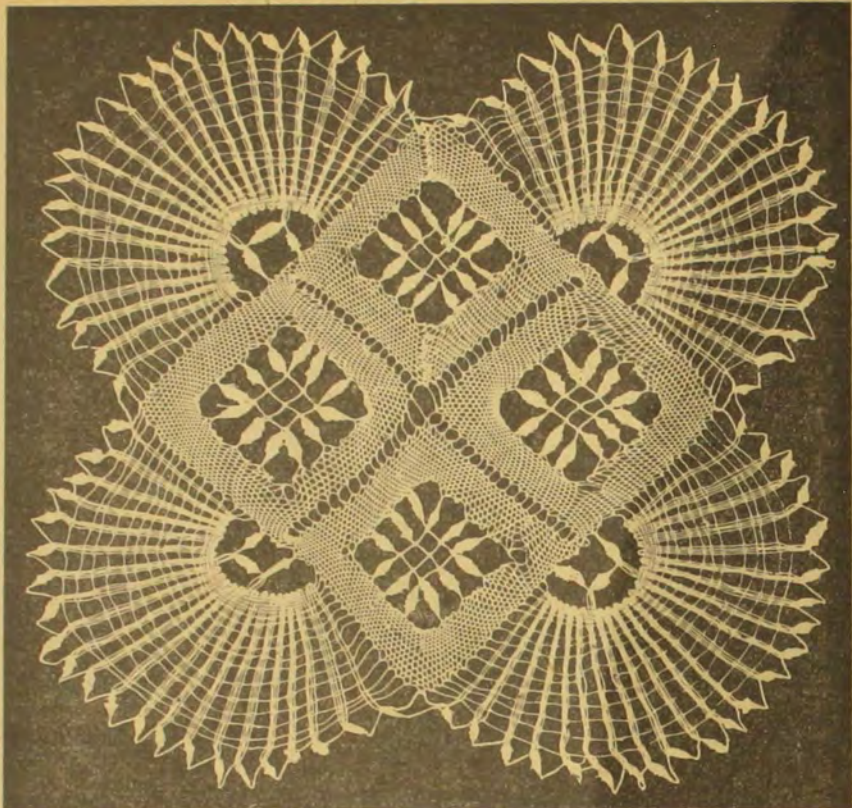
Renda "favo de abelha", originária de Sambaquí e localidades circunvizinhas. Dimensões variando entre 30 centímetros a 1 metro e meio de diâmetro. Os modelos mais bem aceitos e comumente confeccionados são os "ovais" e "redondos"



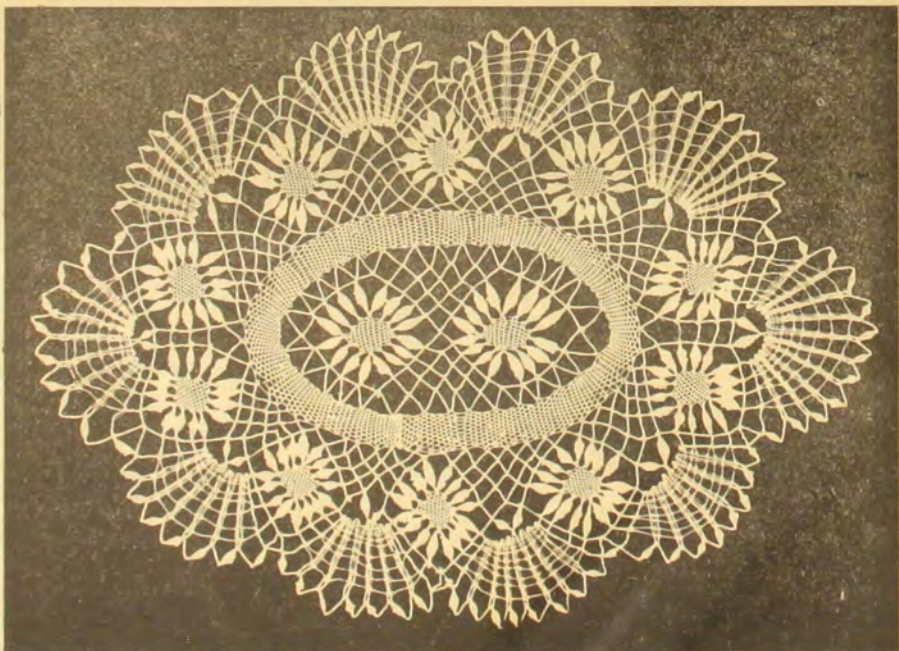
Aspecto social e econômico da mulher rendeira na Ilha de Santa Catarina. Fotografia tomada na localidade de Saco Grande, próximo da Capital



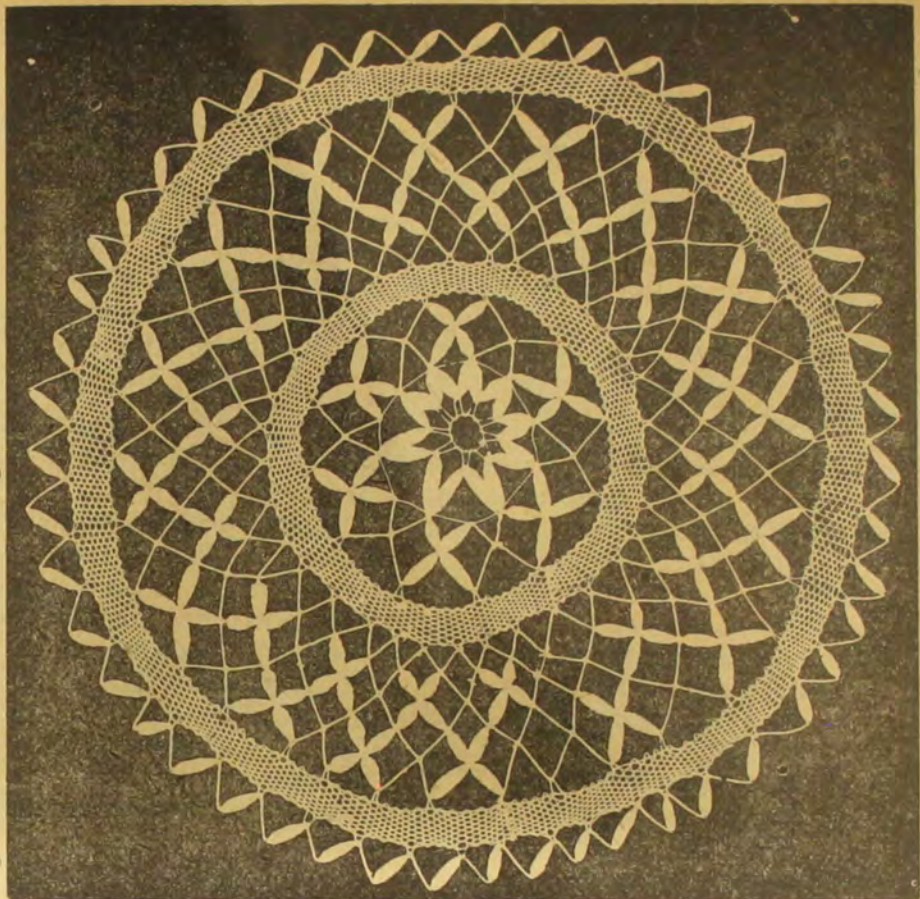
A mesma fotografia anterior, agora focalizando próximo, o estado de mau trato e vestimentas maltrapilhas das rendeiras, vítimas da exploração dos intermediários com o produto do seu artesanato.



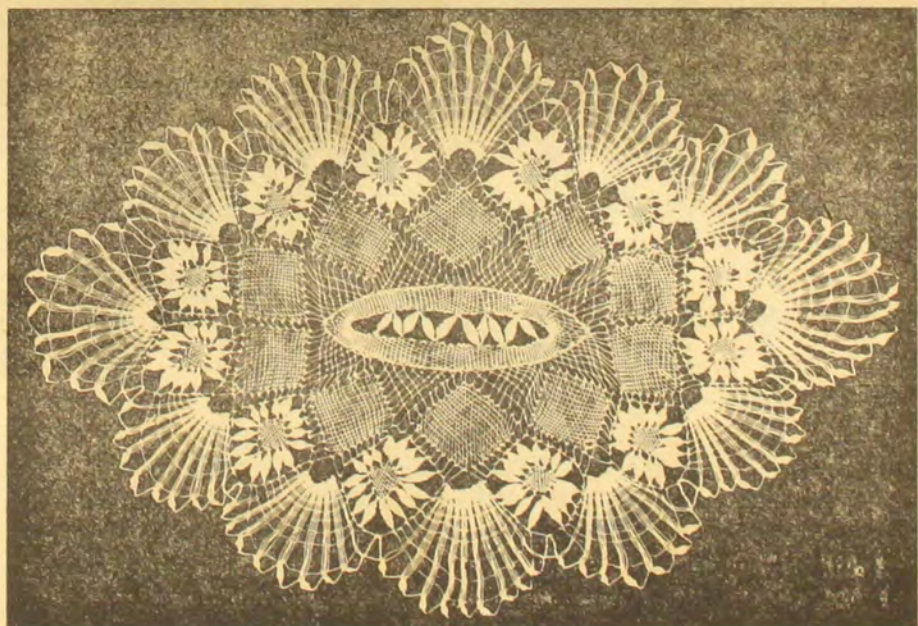
Renda "margarida do coração". Rationes. Dimensões de 50 cms. até 1 metro



Renda "margarida", "oval de concha", originária do lugar Sambaqui. Dimensões usuais de 30 cms. a 1 metro e meio. São feitas também em formato redondo



Renda "rodinha de arco", originária de Sambaquí. Dimensões usuais:  
20 a 60 centímetros de diâmetro



Renda "cocada". Originária de Santo Antônio. Dimensões até 1  
metro e mais

a formação de cooperativas é necessária a subscrição de quotas para a formação do Capital inicial e considerando que a situação econômica das pessoas que se dedicam a esse trabalho não permite dispender qualquer importância para ingressarem nas cooperativas como quotistas; e considerando, ainda, que o objetivo dessas cooperativas é proteger grupos de pessoas, na sua grande maioria incultas, e que só atentarão para a utilidade da Cooperativa quando dela usufruírem resultados; sugerimos que o Capital inicial das Cooperativas regionais seja fornecido a Título de empréstimo pelos Governos Estaduais, através, das suas Secretarias ligadas ao serviço rural. Essas Cooperativas terão os seus Estatutos próprios, de acordo com as leis que as regulam, devendo ser inscritas nas mesmas tôdas as pessoas que se dedicam a confecção de rendas e seus derivados, com fim lucrativo. Da diretoria deverão constar: um representante da Comissão Estadual de Folclore local, um representante do Comércio, outro da Indústria, indicados pelos respectivos órgãos de classe e outro da Instituição que emprestou o Capital.

#### **b) Resultado**

E, assim, as fabricantes de rendas e artigos correlatos terão um organismo que lhes protegerá a indústria caseira, fornecendo-lhes, além de recursos econômicos, aquisição do seu produto melhor remunerado e livre dos intermediários. As Cooperativas, além de manter postos de vendas nos centros consumidores, organizarão Escolas ambulantes, para, com maior facilidade, levar às famílias do interior, onde a maioria está localizada, instruções e assistência ao incremento da Indústria Caseira.

#### **c) Assistência Econômica e Social**

A assistência econômica e social ministrada pelas Cooperativas (íntegra dos Estatutos) representa uma parte importantíssima na vida dessas famílias, uma vez que são poucos os recursos da sua quasi totalidade. Os seus costumes sociais são de natureza ainda sem evolução sociológica grassando, em seu meio, o analfabetismo, responsável em grande parte, pela vida desconfortável em que vivem a maioria das famílias que se entregam a prática da indústria caseira.

#### **d) A função do intelectual**

Ao meu ver, cabe a nós, intelectuais, conhecedores da



maioria dos males que afligem e colocam o nosso artesanato em condições de inferioridade antes os vários países onde os seus governos, já despertos, dão o amparo merecido à indústria caseira, que representa fator importante na economia nacional, elaborarmos um plano que venha ao encontro das necessidades prementes do Artesanato Brasileiro, em tôdas as suas modalidades e práticas.

### e) Conclusão

Assim sendo, creio que, pelo sistema cooperativista, chegaremos ao ponto colimado colocando social e economicamente o trabalhador brasileiro, que se dedica às várias indústrias domésticas de valor tradicional, sob um protecionismo em que teríamos salvaguardados os nossos costumes históricos. Teríamos, também, o enriquecimento constante do nosso Artesanato e reabilitação das Artes-caseiras que se vêem forçadas a desaparecer com o incremento natural da evolução Industrial.

O Artesanato nacional é rico nas suas variedades, visto que colonizados que temos sido por povos vindos de todos os quadrantes do mundo, aqui temos, entre nós o que outros países não possuem em variedades.

Cumpre-nos portanto organizar meios em que possamos reunir as nossas artes populares sob um organismo que lhes dê forças para crescerem e se perpetuem através dos anos assim como nos chegaram dos nossos antepassados e, mais longe, dos seus ancestrais.

## DAS BASES DA COOPERATIVA

### (Ensaio de estudo)

No meu ver, a cooperativa das rendeiras, na Ilha de Santa Catarina, deve seguir o seguinte ritmo evolutivo:

**CAPITAL** (cedido por entidades Governamentais)  
então temos:

C = CAPITAL = 100%

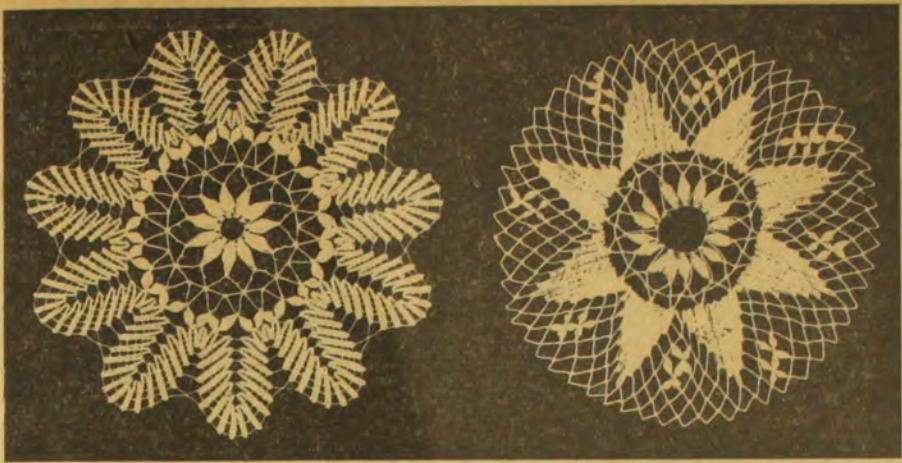
A = APLICAÇÃO = 50%

R = A RENDIMENTO = 30%

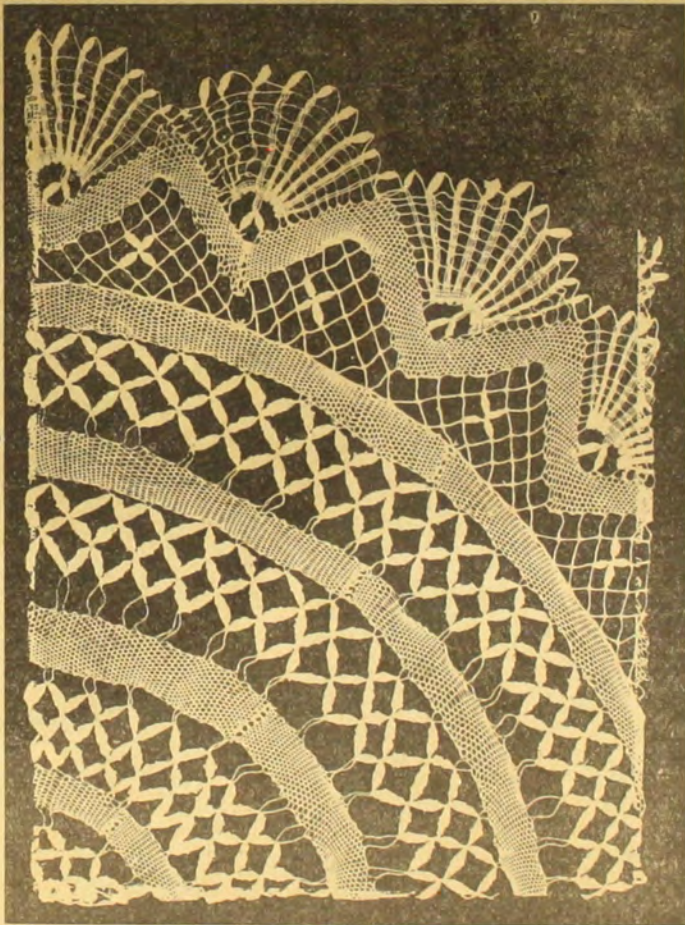
M = MANUTENÇÃO = 10%

P = PAGAMENTO — 10%

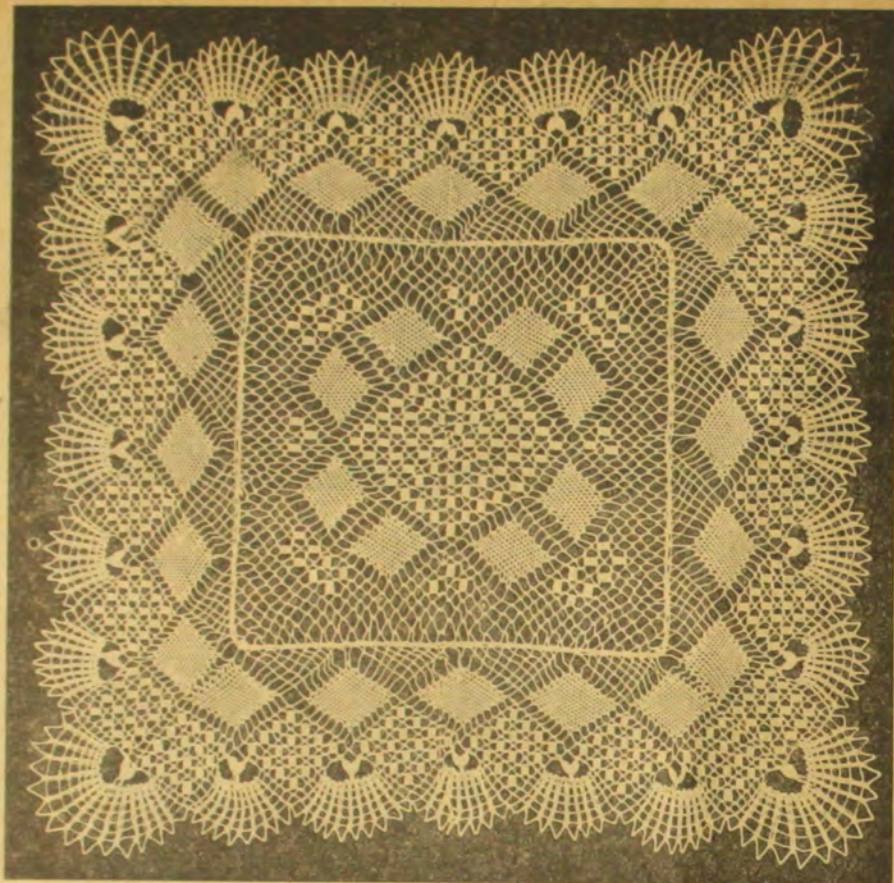
A — Cincoenta por cento do Capital seria aplicado ao mercado das rendas para aquisição de trabalhos dos associados para revenda.



Renda "estrêla", fabricada pelas rendeiras de Ribeirão da Ilha. Também as rendeiras do lugar Sambaquí se dedicam à fabricação desses tipos de renda



Detalhe da "renda de arco" com 4 faixas. Rationes. Fazem-se também até com 6 ou mais faixas. Do modelo são executados toalhas "redondas" e "ovais" com dimensões que vão até 1 metro e meio de diâmetro. Do mesmo tipo são confeccionados vestidos



Renda "imaruf". Originária da localidade de Santo Antônio. Dimensões superiores a 80 centímetros. Variam, contudo, de acôrdo com a vontade do executante. Do mesmo modelo são confeccionadas colchas para camas e toalhas de mesa



Renda "tramóia". Flagrante natural no interior da Ilha de Santa Catarina. Uma criança de pouca idade já trabalhando perfeitamente no artesanato herdado de seus familiares.

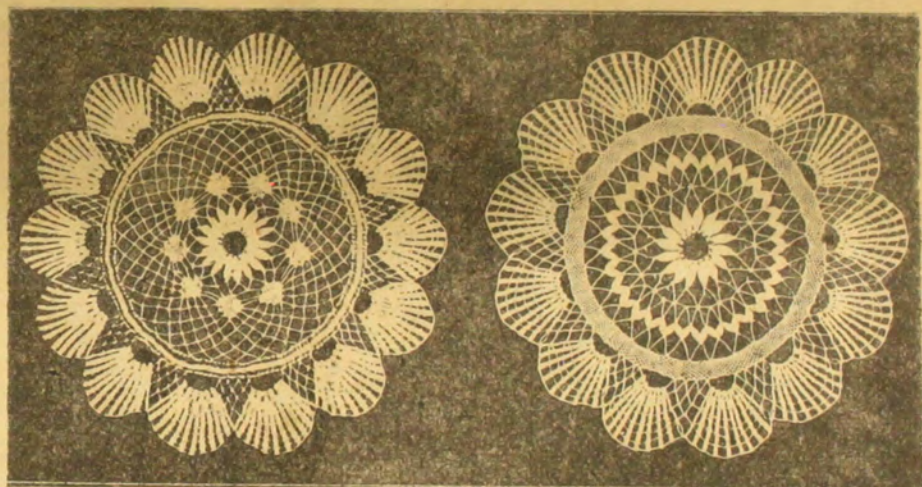
R — Trinta por cento seria posto a render juros bancários como fundo de reserva para futuras aquisições.

NOTA: O lucro de 20% sobre os 50% aplicados, provenientes da venda e mais os juros da parcela de rendimento (R) seriam somados ao elemento (A) Aplicação, aumentando a sua capacidade aquisitiva.

M — A manutenção, de 10% do Capital, seria gasto com serviços prestados de administração.

Este fundo de manutenção, seria recolhido depois das vendas da parcela (A), a partir do primeiro ano.

P — Dez por cento do Capital seria aplicado rigorosamente a render lucro para a liquidação do empréstimo geral.



Renda "tipo máquina" (ambas as gravuras), confeccionada em Ribeirão da Ilha, variando as suas dimensões de 30 a 80 centímetros de diâmetro

Re  
sõ  
vo

Re  
Cat

Pede-se permuta  
Pidesse canje  
We ask for exchange  
Si richiede lo scambio  
On demande l'échange  
Man bitet um Austausch  
Oni petas intersangon

DIRETOR:

Walter F. Piazza

CONSELHO DE REDAÇÃO:

Almiro Caldeira de Andrada  
Carlos da Costa Pereira  
Oswaldo F. de Melo (filho)  
Oswaldo R. Cabral  
Victor A. Peluso Jor.

ENDEREÇO:

Comissão Catarinense de Folclore

Casa de Sta. Catarina  
Rua Tenente Silveira, 69  
Caixa Postal, 301  
Florianópolis — Sta. Catarina  
Brasil

A capa dêste número foi desenhada pelo Prof. Aldo  
Nunes — Florianópolis.